

UMA TRAGÉDIA. UMA ESCOLHA. E UM RECOMEÇO.

Que bom você chegou

LIVRO 1

JODA BARBOSA



UMA TRAGÉDIA. UMA ESCOLHA. E UM RECOMEÇO

*Que bom
você chegou* LIVRO 1

JODA BARBOSA

Copyright © 2019 – Joda Barbosa

Capa: Dijeane Andrade
Diagramação: Veveta Miranda
Revisão: André Luiz Saldanha Neto

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Sumário

<u>Sinopse</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	
<u>Capítulo 31</u>	

[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Agradecimientos](#)



Sinopse



Elizabeth é uma doce menina, meiga, carinhosa com todos a sua volta, e se esforça para ser uma médica exímia. Sua vida amorosa nunca foi muito boa, namora o melhor amigo por conveniência, sabendo que amou verdadeiramente somente um homem na sua vida e não foi correspondida.

Seus dias são embalados pela dor de uma escolha malfeita há tempos, quando uma terrível tragédia acontece tirando seu mundo dos eixos, e o chão de seus pés.

Sem sua melhor amiga para todas as horas, ela se perde no mundo da amargura, e se enterra em trabalhos, com uma nova responsabilidade que ela não esperou e nem se programou, empurra com a barriga todos os problemas.

Até que reencontra Andrew, sua temível paixão do passado, que agora vai virar seu mundo completamente do avesso, fazer seu coração voltar a bater, só que dessa vez, de uma forma descompassada e completamente nova, e ela nunca mais vai querer sair dessa roda gigante de altos e baixos do amor.

Mas será que Elizabeth consegue lidar com seus traumas do passado, as dores e a responsabilidade do presente e ainda sim conciliar e viver um grande amor?



Prólogo



Sete anos atrás...

Ajeito a mochila em minhas costas e respiro fundo, tentando, em vão, me livrar da umidade que o meu suor deixa em meu corpo. Estou a caminho da casa de minha amiga, Natália. Aquela doida não sabe mais aonde procurar a parte de sua responsabilidade do trabalho. O problema é que eu usei a base para meu processo seletivo, e tenho que apresenta-lo no hospital depois de amanhã, completo e além do mais, sozinha.

Fui selecionada para trabalhar no hospital Santa Tereza há três meses como aprendiz. Logo quando entrei percebi que eles estavam abrindo vagas para estagiários de cursos técnicos, me interessei logo de cara e fiz a minha candidatura.

Paro de súbito em frente ao prédio enorme e chique, o porteiro já me conhece, foram inúmeras vezes que eu tive que vir aqui para essa finalidade, já que o irmão da Nathi não a deixa ficar saindo para casa de desconhecidos. Grande preocupação a minha, um babacão que se acha no direito de mandar em Deus e no mundo, presta atenção, né? Natalia é três anos mais velha do que eu, e está curtindo a vida. só entrou nesse curso para não dizer que não está fazendo nada, e o cara ainda a impede de vir na minha casa? Faça-me o favor! No entanto, como minha companheira de trabalho não tenho nada a reclamar, sempre assídua e mostrando responsabilidade pelo que está fazendo e levando em consideração a cabeça de outras pessoas que também estão no jogo, como por exemplo: a minha! Tirando o dia de hoje, completamente atípico, e fodido, sinto-me agradecida por sermos companheiras de trabalho, sem essa oportunidade eu e Nathi não teríamos nos envolvido tão bem, e criado uma amizade tão boa pra mim.

O elevador para na cobertura e eu ando em direção à porta, bato a campainha e espero, a madeira podia estalar, quase como todas as portas fazem, mas essa não é quando ela se mexe, sem nenhum aviso prévio, eu quase caio para trás ao ver quem a segura. Gemo internamente, desconfortável.

Que droga! Cara, ele podia vestir pelo menos uma blusa.

Andrew, ou o “rei da cocada branca” como preferir, abre um sorriso perfeito, os lábios carnudos e vermelhos se esticando em cima de seus dentes brancos. Pisco, como se fosse uma miragem, como todas as outras vezes, mas a criatura não desaparece, o que me faz arrumar a postura e pigarrear, enquanto seu olhar raivoso lambe meu corpo de cima a baixo.

Assim que ele acaba a inspeção solta um suspiro longo. Daqueles que podem te matar, mesmo assim mantendo um olho aberto para ver o que vem depois, sabe? Então.

— Natalia está lá em cima na biblioteca, te esperando.

Respondo de cabeça baixa, tão desconcertada em sua frente que a única palavra que consigo balbuciar sai arrastada, tamanha é a minha coragem de me perder em seus olhos azuis.

— Obrigada.

Entro em sua casa sem ser convidada, passando por baixo do seu braço, que ainda não saiu do batente da porta. Quando já estou no meio da escada ele me chama.

— Ei, Elizabeth! — Agarro o corrimão com minhas mãos trêmulas, em seguida olho para trás em expectativa. — Seu pai a deixa sair com tão pouca roupa assim? — Avalio meu traje, um body salmão frente única e short jeans. A confusão me faz prender os lábios entre os dentes, incerta do que responder. — Tanta pele branca a mostra é um pesadelo aos olhos.

Sinto-me esmagada e rejeitada, os olhos arregalados, assustados. Fico

com raiva, preferindo que de sua boca não saísse nada.

— Sinceramente Senhor Nunes, — a voz sai abafada pelos dentes cerrados — acho que isso não é da sua conta. — Seguro o corrimão mais forte do que antes, com medo de que o seu olhar me jogue daqui de cima.

Andrew não faz nada, continua me encarando da mesma forma. Engulo em seco, tomando coragem para subir o restante dos degraus.

Chego à biblioteca encontrando Nathalia praticamente de cabelo em pé, completamente apavorada, desorientada, em meio a papéis e livros. Lança-me um olhar desesperado ao me encontrar parada na porta do cômodo.

— Nossa, me perdoe, Liza! — Seus olhos estão arregalados. — Sinto que estraguei os planos da sua vida.

Era muito típico de Nathalia dramatizar a situação. *Talvez fosse de família.*

— Ei, calma Nathi! Vamos ter que fazer tudo de novo. — Jogo minha mochila em sua mesa, sem cerimônia. — E como é uma parte em que você elaborou mais, me ajuda aqui, juntas vamos fazer mais rápido. — Tento acalma-la, mas as palavras também servem para mim, eu podia pegar a faca de serrinha da cozinha e parti seu pescoço, mas ao invés disso, apenas sorrio e me sento ao seu lado.

Seguimos fazendo o trabalho até altas horas da noite, quando acabamos estou completamente morta, em frangalhos e não consigo ir embora.

Por insistência da Natalia ligo para meus pais e digo que vou dormir em sua casa, informando-lhes que amanhã iria embora bem cedo para o almoço de domingo. Ligo para Guilherme, meu namorado, informando a mesma coisa.

Já arrumadas para dormir, eu com um pijama totalmente curto da Nathi, a escuto dizer sobre seus romances, se é que pode se denominar assim, e crio coragem para falar de mim.

— Ah Nathi, o Gui ele é uma ótima pessoa, um romântico incurável. — penso em Guilherme e de como me sinto bem quando ele está por perto, protegendo-me. — Porém, não sinto que rola química para avançarmos, sabe? Eu sinto vontade de ir pra cama com ele, por que um dia eu sei que tem que acontecer. — *E espero que isso não alimente minha alma negra.* — Mas, o despertar daquela vontade louca... não chega!

Ou, tio Clóvis tinha razão e eu sou frígida demais para me ligar a isso

— Vai com calma nessas coisas, Liza, é um acontecimento muito grande e importante na vida de uma mulher que não dá pra voltar atrás.

— Luíza, minha prima, diz que é muito bom... que o medo não chega perto da sensação transcendental que uni os corpos. Mas, não consigo enxergar, sentir isso. — Na verdade, eu não entendo como Luíza pode ser tão resolvida assim, passando pelo que nós duas passamos. — Com o que vivi...

Paro de falar, me dando conta de que estou falando demais. Não posso me expor desse jeito, e muito menos Luiza.

— Pode falar, Liza, estou ouvindo.

Balanço minha cabeça, livrando-me desses pensamentos horrorosos que tendem a deixar meu humor azedo.

— Esquece, Nathi, eu só penso que quando me entregar, eu possa e mereça ter um orgasmo bom tanto quanto eu ouço as pessoas falando.

— E você vai amiga, vai ver... — Nathi sussurra, apertando minha mão na sua. Suas pálpebras pesadas evidenciam o seu cansaço.

Escuto a porta bater e me encolho. Não acho que seja um bandido em um prédio tão vigiado feito esse, porém detesto o desconhecido, o que me deixa vulnerável.

Não consigo dormir, olho o teto por bastante tempo, até que ouço a porta novamente se abrindo, fechando suavemente dessa vez. Fico escutando

o que se passa, minha audição aguçada. Soam palavras incompreendidas, duas vozes que eu não consigo distinguir. Entre os barulhos decifro gemidos, grossos e finos, sons molhados de beijos.

Entre tantos sentimentos junto ao cansaço, está a indignação. Custa-me a acreditar que Andrew trouxe uma mulher logo no dia que estou aqui.

Seria pedir demais que ele não se exibisse assim, mas é a casa dele, ou o seu motel.

Ouçoo passos na escada, e finalmente outra porta se abrindo. Essa bem mais perto.

Fico ansiosa, o coração bate muito rápido dentro do peito. Fecho meus olhos, mas sou incapaz de conseguir dormir.

Os sons se tornam cada vez mais expressivos, tão conhecidos como barulho de foda, não sei se fico mais vermelha de vergonha por estar escutando essas coisas tão íntimas, ou se meu rubor é de raiva pela tamanha falta de respeito. Poderia fazer isso pelo menos no quarto dele que fica do outro lado do corredor, mas não, pra pirraçar mais um pouco, como se soubesse da minha *fraqueza*, o filho de uma mãe escolhe bem o quarto ao lado, obrigando-me a ouvir essa sessão sonora de pornô.

Perco-me no tempo que fiquei escutando os gemidos, afagos e gritos de êxtase. Olho para Nathalia e não entendo como ela não acordou com essa barulheira toda, visto que o estrago foi tanto que eu podia jurar que os empregados também ouviram.

Silêncio. Respiro fundo e me aconchoo no colchão quente.

Gostaria de pensar em tudo, mas o que se fixa em minha mente é a vontade de estar naquele quarto. Fecho meus olhos e o imagino me beijando, tirando toda a marca que um dia esteve em meu corpo. Frustrada por me sentir daquele jeito por quem me detesta, eu me obrigo a dormir, conseguindo muito tempo depois.

Não vejo Nathalia no quarto quando acordo. Já se passaram quase sete horas, mas sinto como se um trator tivesse passado por cima de mim a noite inteira.

Entro no banheiro, faço a minha higiene e visto minhas próprias roupas. Abro a porta do quarto, a mochila nas costas, conferindo se não deixei nada para trás. A posição não me permite ver completamente o lado de fora

— Ah! — Arfo ao me virar, a mão no peito, onde o coração tremula a pele. — Você me assustou.

Andrew está escorado na parede em frente a porta do quarto, as mãos cruzadas em frente ao peito, sem camisa. O cabelo bagunçado pelo sono e uma bermuda de malhação, lhe dão um aspecto proibido.

De onde está vindo esse calor?

— Eu não queria te assustar. — Quase sussurra, chegando mais perto.

Hipnotizada pela sua voz rouca, eu fico impossibilitada de sair do lugar. Sinto como se estivéssemos em câmera lenta; seus braços descruzam, e as mãos me procurando param na minha nuca. *Jesus, que sensação que é essa?*

Sinto seus lábios nos meus antes de raciocinar onde seus movimentos estavam nos levando. Andrew me beija, arrancando-me o fôlego. Um beijo de cinema, de encontros românticos, muito melhor do que eu um dia ousei imaginar. Minhas mãos encontram os fios de cabelo em sua nuca e o puxo para mim, tentando pegar tudo que eu possa, e esquecendo-me do seu exibicionismo ontem. Suas mãos param em minha bunda, e com um pulo, eu estou em seu colo, escutando seu gemido. Minhas costas sentem o duro da parede atrás de mim, mas não tira minha concentração do ato. Eu mal consigo respirar.

Ficamos naquele elo só nosso durante muito tempo, tempo demais, fazendo-me perder em seus lábios. Até que algo se quebra e Andrew parece sair do transe e me solta bruscamente, se afastando, as pernas feito gelatinas

quase me fazem cair no chão.

Minha respiração é descompassada, enquanto eu o vejo me encarar com fúria, limpando a boca com força. Pergunto-me o que fiz de errado, corrijo-me ao beijo com total urgência. No entanto, sem me dar qualquer explicação, vira em seu próprio eixo e vai embora. Suas costas musculosas caçoando de mim.

Não me desferiu um *‘bom dia!’*, e nem um *‘como vai?’*. Me beijou como se não houvesse amanhã e foi embora. A única certeza que tenho agora, é que esse homem é bipolar, e nunca mais quero o ver novamente. Não pra cair nas garras dele, e ficar completamente desconcertada quando ele for embora, como fez exatamente agora.

Ele irá me destruir, e eu não posso deixar.



Capítulo 1

Atualmente...

— Vamos Liza, Por favor.

Viro de barriga para cima e encaro o teto, fingindo ser surda, enquanto meus pés batem um contra o outro, o barulho me distraíndo da voz suplicante de Giovana.

Irrita-me a sua insistência. Fecho meus olhos, impaciente.

Giovana cutuca meu pé.

— Elizabeth, estou falando com você, vai me ignorar, é?

— Argh, Giovana, que saco! Para de importunar. Já disse não estou afim.

— Claro, você nunca está. — Exclama — Sai dessa, Liza, já faz mais de quatro meses e você nada, só levanta para ir trabalhar.

— Consigo ficar assim por alguns alguns anos, Gio. — Sorrio fracamente, triste.

— Ah não, chega! Está na hora de dar a volta por cima. Se não pensa em você, faça por Sofia e por sua família.

Suas palavras me abalam. Inconsciente eu sinto que ela está certa, mas não quero admitir. Pensar em tudo me deixa nervosa, e fazer o que está me pedindo é praticamente impossível. Eu não quero seguir em frente, não quero

deixar Luíza e Diego para trás.

Olho para Giovana, suspirando. Eu quase posso ver o meu pai em sua fisionomia. A expressão em seu rosto de dezoito anos, lhe fazendo parecer mais velha do que os meus vinte e três.

Sempre fui a mais racional, pé no chão. Não me deixo influenciar por sonhos românticos, as vezes eu acho que meu coração mais parece uma pedra do que um órgão completamente mole, sangrento. Estava conhecendo um lado meu diferente nesses últimos meses, e não sei se estava gostando dessa nova fase.

Respirei fundo e não disse nada, apenas a encarei.

— Nossa Liza, é ano novo, vida nova, quero te ver bem. — Acompanho seus passos ao redor do quarto. Está quase entrando em desespero quando para e me nota a olhando. — Lembra quando saíamos as três, eu, você e a Lú? Você nunca se importou de levar a sua irmã caçula, pentelha para os lugares com você. — Senta na cama, e continua com seus olhinhos carentes. — Nós ainda estamos aqui Liza, somos sua família.

Tá bom!

Isso já tá passando da chantagem emocional, e virando um ultimato. Gio sabe que sempre vence, e o que eu posso fazer? Papai nunca a deixaria sair em pleno ano novo sozinha desse jeito.

Minha irmã mais nova é sonhadora a moda antiga, quer se casar, ter filhos, ser uma dona de casa perfeita. Enfim, tudo que eu não penso no momento, não é que eu não queira me casar, é que tanta coisa vem acontecendo que... não tem lugar para isso, simples assim.

Solto um suspiro, praticamente decretando derrota. Fecho meus olhos apertados, livrando-me da culpa de seguir em frente, passar esse ano sem meus primos. Olho novamente para Giovana, os olhos ardem pelas lágrimas que eu não deixarei cair.

— Aceito com uma condição, Gio. — Minha voz é baixa e comedida.

Giovana quica na cama, um sorriso esticado na face, enquanto os olhos brilham.

— Claro, qualquer condição, Liza. Você sabe que eu te amo, né?

Solto uma risada sarcástica.

— Pode parar de puxar saco, Gio. Vou ser direta. — Minha voz sai séria. Sorrio internamente, gostando da sensação de poder. — Não quero nenhum homem no nosso pé, muito menos esse seu Henri Castelli, que eu não sei nem de onde ele veio, muito menos pra onde ele vai com você. Será só nos duas, combinado?

Seu pretendente é a cara, foto cópia, do Henri Castelli. É um gato!

Não me leve a mal, eu nunca, em hipótese alguma, cobiçaria o meu futuro cunhado, mas menina, não sou cea... o cara é um pecado.

Os dois se conheceram no aniversário da Gio, há dois meses e desde então não se desgrudaram. E quando eu falo isso, quero dizer literalmente. Papai está a ponto de arrancar os cabelos por, segundo ele, o homem tem que assumir, e até agora, *neca tibiriba*. Mas, Giovana como a ótima namorada que é, já nos fez o grande favor de ficar babando na foto do clone do Henri pelo telefone e nos mostrando. Ela está completamente e irremediavelmente apaixonada pelo bonitão.

— Ah, mas... — Giovana fecha a boca, resignada. — Eu ia apresentar você a Alessandro, mas vou ligar pra ele e dizer que você quer passar um tempo comigo, e que vamos para um barzinho qualquer virar o ano novo.

Giovana me encara, enquanto eu tento processar suas palavras. O olhar se abaixa para as mãos enroscadas em seu colo, percebo então que toda a sua muralha de adulta está ruindo em um pequeno e reprimido gemido.

— Eu sabia que você estava com toda essa insistência por um motivo

maior do que eu. — Sento na cama, a feição indignada. — Na boa, esse discurso motivacional seu não colou.

Giovana me encara, indecisão passando pela sua feição.

— Não é isso, Liza... nossa... — Prende os cabelos atrás da orelha — Eu queria sim unir o útil ao agradável.

— Pois não vou. — Cruzo meus braços, contendo um sorriso. — Se não ligar e desmarcar, eu não vou.

— Tá falando sério, Liza? — Me encara como se tivesse nascido dois chifres em minha cabeça.

Solto um suspiro junto com uma risada abafada.

— Não, Gio. Desculpe-me estava brincando com você, só me vingando da sua chantagem emocional agora a pouco, sabe... estava querendo ver essa sua carinha de brava. — Falo brincando e tentando fazer charme.

Olho pra ela e não vejo nada, não sei se isso é um bom sinal, mas pelo menos as lágrimas contidas também não estão ali. Começo a ficar preocupada

— Ah vamos Giovana, não me deixe assim, você sabe como me sinto.

A encaro melancólica, mas nada adianta.

Minha irmã sai do quarto, os passos fortes. Coloco as mãos na cabeça, pensando seriamente que passei da sua linha de limite. *Que linha curta!* Quando foi que fiquei insensível assim? O Pensamento vem como uma bala em minha cabeça, quando ela retorna do mesmo jeito que saiu.

A encaro passar pela minha cama e parar ao meu lado.

— Se você acha que eu vou deixar de sair por causa dessa sua brincadeira de mau gosto, achou errado. — Seus olhos tem um brilho perverso, bate os pés no chão e segura um vestido acima dos seus ombros.

Espera aí.

— Olha como sou boazinha, te trouxe até um vestido. — Estende o pedaço de pano em frente ao meu rosto, virando duas vezes seguidas.

Não era um simples vestido, foi o que constatei da segunda vez que pude ver suas costas. O tecido era branco, frente única, com um decote discreto na frente e um bem generoso nas costas, transpassando correntes douradas, mas curto.

— Se você acha que eu vou colocar isso no corpo, está muito enganada. Minha bunda vai ficar extravagante demais aí dentro. É-é ... vulgar!

Giovana bufa, mas não perde a animação.

— Não me desanime mais, Liza. Tá parecendo mais uma virgem. — Fecha a expressão, mas só um pouco. — Olha, já estava até me esquecendo da raiva que você me fez esse tempo todo. Não mude isso, estou sendo compreensiva, seja você também e coloque esse vestido lindo que eu comprei de presente de natal pra você e vamos arrasar.

Aham, tá. Presente de natal atrasado em uma semana.

— Eu realmente não acredito em como você cresceu, aonde foi parar a menininha doce?

— Está aqui, irmãzinha, vai, por favor, já estamos atrasadas.

Sua voz e a expressão mais mansas que alguém na Terra pode fazer. Só ela que consegue essa façanha. Incrível!

Pego o vestido da mão dela e vou me trocar.

A próxima meia hora eu separo para me produzir. Preciso caprichar na maquiagem para aparentar alguma normalidade em meu rosto. Mesclo sobra preta e dourada, realçando a cor esverdeada dos meus olhos e um delineador bem forte, caprichei no rímel para meus cílios longos, e na boca um batom

nude combinando com meus Louboutins. O cabelo eu deixo natural mesmo, adoro o meu cabelo do jeito que eu vim ao mundo, mas dá muito trabalho; por isso eu o deixo liso da raiz, com cachos grossos nas pontas, que vão até o meio das costas.

Olho-me no espelho e estranhamente gosto do que vejo, sei que não sou uma modelo capa de revista, até por que o meu quadril é muito generoso, no entanto, me forço a ficar satisfeita com meu corpo, não tenho barriga e meus seios são... bonitos, nem grandes e nem pequenos, no tamanho ideal para não ficar pequenino e nem extravagante.

Uma motivação, há muito tempo não sentida, me consome.

Avisto Giovana entrando no quarto, incrível é como ela se parece com papai, enquanto eu sou a cara de mamãe, ela é morena, um bronzeamento natural, uma pele impecável de dar inveja e, extremamente bonita, com seus cabelos negros, seus olhos escuros e o corpo de parar o trânsito, o que só ajudou o caimento perfeito do vestido vermelho.

Sorrio quando a vejo, uma ponta de animação me atiçando.

— Vamos arrasar! — Ela diz, alegre.

Algumas coisas nunca mudam, e eu espero que nunca mudem mesmo, só de pensar...

Afasto esses pensamentos da minha cabeça, não quero tristezas hoje, vamos começar o ano com o pé direito, e sei, bem lá no fundo, que não é essa melancolia toda que Luíza esperava de mim.

Encontramos mamãe e papai brincando com Sofia na sala. Eles não são muito de comemorar ano novo, quase sempre ficam em casa, dizem que não querem esquecer nada do ano que passou, e que a virada do ano nada mais é que a continuidade da vida. Na verdade, eu nunca entendi como dois seres humanos podem não se importar com o ano novo, pra mim é um recomeço de tudo e sempre renovo meus votos. Não quero esquecer o ano que passou, até por que ele me trouxe o melhor presente que eu poderia ganhar, mas a dor

que ficou por trás, quero guardar dentro de um cofre com sete chave.

Dou um beijo em cada um, pegando minha princesa no colo, como de costume ela já abre um sorriso. Sofia é uma benção em nossas vidas e em momento nenhum me arrependo da minha decisão de cumprir o que eu havia prometido a Luiza, “*Em todo lugar protegerei nossa pequena*”, ao longo desses quase cinco meses minha missão foi tentar passar para essa pequena o tamanho amor que Luíza me ensinou a ter.

— Você gorduchinha, vai ficar com o vovô e a vovó hoje, brincar muito e dormir igual um anjinho. Amanhã mamãe promete que vai ficar o dia inteirinho bem grudadinha em você. — Dou beijos em seu pescoço e aperto sua barriguinha, fazendo cócegas.

Minha alegria é quando consigo arrancar uma gargalhada dessa mocinha. Olho para meus pais e vejo em seus olhos a alegria de passar a primeira noite deles sozinhos com a Sofia para que eu possa me divertir.

Na hora de desejar feliz ano novo sinto falta de Junior, e penso em ligar pra ele amanhã, pois agora deve estar se divertindo com Laís, sua noiva.

Com o coração apertado por deixar Sofia, eu e Giovana partimos rumo à famosa reinauguração da boate Kiss, no caminho o assunto preferido dela é o namorado, de tal forma que, quando eu o conhecer, já seremos íntimos.

— Liza você vai adorar o Alessandro, ele é super lindo e cativante e muito responsável. Trabalha no hotel do Andrew — Seus olhos brilham — Eles administram um hotel aqui, e tem também a boate. Não é demais?

Os movimentos são exagerados, assim como os elogios que ela direciona para o rapaz, o que me leva a pensar...

— Você está apaixonada, Gio?

Ela me olha com espanto, fazendo-me reconhecer o que irá sair da sua boca.

Respira fundo, me encarando.

— Liza, eu juro que eu não queria agora, mas aconteceu, sabe? Acho que me deixei levar, sei que ele gosta de mim, mas acho complicado.

— E o que é tão complicado que está afetando a sua felicidade, Gio? — Pego sua mão — Escuta, eu me sinto no dever de irmã mais velha em te falar isso: — Giovana revira os olhos, sorrindo. Prossigo — Se você está realmente apaixonada, vai à luta, antes se arrepender do que você fez, do que ficar lamentando o que não foi feito. Remoer o e “se” é a pior coisa que existe.

— Você fala como se já tivesse experimentado.

Levanto minhas sobrancelhas, a encarando, mordendo a língua para não confirmar.

— Estou curiosa para conhece-lo. Mas, por que ele ainda não foi lá em casa? — Mudo de assunto.

Seus olhos brilham, marejados.

— Falta de vontade dele não é. Já até discutimos por causa disso. — Revira os olhos. — Acontece que eu travo nessa hora, não sei o que fazer. Tenho medo de papai e Júnior o julgarem pelo meu ex... — Ok, é compreensível. — Vou te apresentar ele, por que você é minha amiga, e sei que vai me entender. Me apaixonei e não pedi, muito menos vi isso acontecendo. No começo eu mesma tinha receio e preconceito contra a nossa diferença de idade, mas você sabe, Liza, desde Edgar tenho medo de garotos da minha idade, eles nunca querem nada sério.

Olhando pra ela eu vejo o peso que tirou das costas ao falar a idade de Alessandro, e a confiança que deposita nesse relacionamento, assim como o medo de expô-lo e deixa-lo ameaçado com alguma atitude de nossa família.

— Gio, vou ser sincera, não vou te iludir quanto a atitude que papai e Junior vão ter, — até por que eu não sei o que pode vir daqueles dois — mas

posso te dizer que estou aqui com você, e que vou ficar do seu lado, por que eu sirvo pra isso e sempre te disse que nunca vou te desamparar, vou dar minha olhada técnica no... como o nome do Henri Castelli? — Brinco.

— Alessandro — Revira os olhos, sorrindo largo.

— Isso, Alessandro, — rimos juntas — e se eu gostar dele e das intenções dele com você, eu te ajudo, combinado?

— Ah, Liza, — Mexe a mão com desdém — Você realmente não existe, já fala como uma mãe. — Abre um sorriso de orelha a orelha — A decisão que tomou fez bem a você, sabia? Você está desempenhando um ótimo papel, e eu realmente estou orgulhosa de você.

Muda completamente o rumo da conversa, e eu por vez fico desconcertada, elogios de uma coisa que me foi imposta — não fui obrigada, eu tinha escolhas, mas optei pela melhor — é meio esquisito, nunca esperei um elogio desse vindo da Giovana, até por que eu nunca pensei em ser mãe.

Olho para fora da janela do carro, as luzes coloridas pintando minha pele.

Putá que pariu, que lugar incrível!

Sinto uma animação enorme tomando conta do meu corpo, salto do carro com um tremelico de pura adrenalina. Estou sentindo coisas boas dessa noite.

— É agora que eu digo que *te amo* e lhe agradeço por me tirar de casa?



Capítulo 2

Giovana apenas me observa com seus olhos doces enquanto saímos do taxi. A entrada da boate me faz quebrar o queixo completamente, isso se eu não enrolar a minha língua para colocar de volta na boca, por que ela foi parar bem na porta daquele palácio dançante. Tem duas labaredas, uma de cada lado da imensa porta de vidro, logo atrás delas duas cascatas de água em uma ilusão de ótica incrível, nos fazendo pensar que a água vai pra cima ao invés de ir pra baixo, se meu pai já não tivesse me explicado como isso funciona, eu com certeza teria caído de cara no vidro só pra ver como eles conseguiram desafiar a lei da gravidade.

Giovana me cutuca com o cotovelo enquanto eu fico completamente embasbacada com o lugar.

— Lindo, não é, Liza?

— Realmente Gio, coisa mais linda. Quero ver por dentro, e o conteúdo, eu quero me esbaldar!

Minha irmã me olha com a expressão confusa. Também pudera, eu não sou assim, posso contar o número de vezes em que pisei em uma boate, normalmente só iria para uma comemoração de aniversário de algum colega. Gui nunca foi muito adepto a multidões e eu ia logo atrás dele, como sempre fiz com as pessoas que eu amo.

— Então vamos, quero ver tudo iluminado. — Movimenta os braços, animada.

Entramos na boate e se meu queixo pudesse abrir mais, eu tenho a absoluta certeza de que o faria; o teto tinha vários jogos de luzes, refletindo

nas paredes brancas, dando uma impressão linda ao local. Do meu lado direito tinha um bar, todo em mármore preto; atrás cheio de espelhos e fechando o quadrado tinha uma estante cheia de bebidas, das caras as mais baratas. Nos cantos extremos a pista de dança tinha poucas e pequenas poltronas em couro branco (como se alguém quisesse sentar nesse lugar), no meio do salão a pista de dança, onde pessoas já arriscavam alguns passos com o ritmo pulsante da música eletrônica que já enchia o local de alegria. Em cima tinha uma espécie de área reservada com mesas de centro e vários banquinhos e, claro, o lugar do DJ com uma mesa enorme de som.

— Nossa, Giovana, que espetáculo de lugar. — Falei por cima da batida, me animando.

Em minha pouca experiência com boates, essa aqui é a melhor que eu coloquei meus pés, sem pensar duas vezes.

— É sim, uma designer de interiores trabalhou duro pra isso aqui, Andrew é pura exigência.

Ouvir esse nome pela segunda vez na mesma noite não é de Deus, me causa calafrios e me arrepia até os cílios. Olho pra ela a ponto de perguntar qual o sobrenome do dono, quando um gritinho histérico soa aos meus ouvidos apesar da música alta. Olho para o mesmo lado que Giovana e encontro um projeto de... bem, é melhor deixar quieto.

A garota vem em direção a minha irmã e a agarra pelo pescoço, fazendo-me sorrir pela forma como olhou a demonstração de afeto da menina.

— Giovana!! Que saudades de você, pensei que nunca iria chegar. Credo, como demorou. O Alessandro já estava a ponto de bala, até que o meu homem foi acalma-lo. — Sua voz era de gralha.

Devo estar invisível. *Ah Deus, me poupe dessas amiguinhas infantis da Giovana.*

— Oi, Carla! — Retribui seu cumprimento, pouco interessada, a

afastando pelos ombros. — É, Alessandro estava um pouco nervoso quando me ligou sim, mas pela reinauguração da boate, afinal de contas, ele também ajudou muito com o marketing. Atrasei alguns minutinhos pois estava esperando a minha irmã, você já conhece?

Giovana aponta pra mim, e pela primeira vez a moça me olha de cima a baixo trincando os lábios, dá um sorrisinho forçado e me cumprimenta com a maior falsidade que já vi estampada na cara de uma pessoa.

De imediato eu já me lembrei de todos os por quês de não ficar frequentando esses lugares.

— Prazer, querida, Carla D'larros.

Se apresenta e volta a falar com Giovana, sem ao menos esperar o meu retorno.

Faço uma careta para minha irmã, e aviso que vou pegar uma bebida. Sem saber o motivo, sinto uma bola no meu estômago. Essa menina não me desceu. Busco ter minha mente aberta, o importante pra mim sempre foi conhecer a pessoa por dentro e nunca julgar o seu exterior, que poderia simplesmente ser uma máscara muito bem colocada. Várias pessoas são assim, geralmente o exterior é uma armadura para proteger o interior. Afinal, cada um sabe a batalha que luta por dia. Dou uma risada sozinha, vivendo na pele a veracidade dos fatos.

Chego ao bar e tento chamar a atenção de um barman muito bonito, com um corpo que ninguém precisaria de máquina de lavar mais na vida. Seu sorriso ao me notar é estonteante.

— E você, moça bonita, vai beber o que? — Consigo ouvir por cima da música.

— Liza — Que merda de voz é essa? O que deu em mim para eu falar meu apelido eu não sei, mas tento concertar e melhorar a situação — Elizabeth.

Minha voz sai mais firme, ainda que rouca.

— Claro, Liza — Dá ênfase no apelido e me fita com aqueles poços negros — Qual bebida para começar a esquentar a noite?

O encanto acaba em questão de segundos, como sempre acontece. Eu nunca consigo ficar interessada em um homem mais de dois minutos. É frustrante.

— Quero dois Cranberry's por favor e uma água com gás.

Ainda com o sorriso o garçom se vira para pegar a bebida e eu consigo, pelas nuances da luz, os músculos de suas costas.

Avalio toda a pista de dança por cima dos meus ombros, notando Giovana vindo em minha direção, a expressão divertida.

— Nossa, que menina insuportável. — Bufa, revirando os olhos.

Sorrio, perguntando-me o por que ela dá trela ainda.

— Ela tem mais de dezoito anos?

Agradeço o garçom pelas bebidas com um sorriso, e entrego um copo a Gio.

Observo mais uma vez a boate e o movimento, que há essa hora já está muito mais denso do que a vinte minutos atrás.

— Não se deixe enganar pelos procedimentos que Carla já fez. Aquela ali, se bobear, tem idade pra ser nossa mãe. — Fala rindo, e caio na gargalhada. — Ah, e não se abale quando ela diz "*Meu homem*", não é nada disso. Ela só olhou com aquela cara pra gente por que você está linda e de arrebentar corações, te achou uma ameaça iminente e quis marcar território.

Mais uma vez ela ri, no entanto eu fico um pouco mais séria dessa vez.

— Giovana você não me trouxe aqui para um encontrozinho de casais

não, né?

— Claro que não, Elizabeth, que ideia. Andrew não é seu tipo, ele consegue ser pior do que Alessandro já foi antes de mim.

Bebo mais um gole da minha bebida e olho pra pista de dança, quero muito dançar e não mais me contenho puxando o braço da minha irmã comigo.

Na pista de dança toca freneticamente a música *Single Lady* de *Beyoncé*, e já entramos pegando o ritmo, jogando nossos corpos. Para não atrair atenção masculina dançamos juntas e não damos espaços para mais ninguém. Conseguimos nos mexer por duas músicas quando chega o tal clone do Henry Castelli atrás da minha irmã e a pega na cintura para dançar, na mesma hora sou trocada por músculos, beleza masculina e deslumbrantes olhos. Não me importo, adoro dançar, me tira o stress e me faz viajar... esquecer do mundo a minha volta.

Lembro-me de Gui, dando-me um aperto no coração. Tenho muitas saudades. Guilherme foi meu primeiro e único namorado, a pessoa que me fez amar ainda mais a medicina, meu melhor amigo e confidente. Não existe nada na minha vida que ele não saiba, contava tudo pra ele e pra Luíza, sempre fomos muito mais amigos do que amantes. A comprovação de que esse amor não passava de nada fraternal veio a partir dos nossos momentos de intimidade, se é que posso dizer assim, por que de íntimo não tinha nada, ele fazia amor, e eu simples e cruamente transava. Ele me fazia gozar, quase sempre claro, dando importância para o meu lado primeiro antes de qualquer êxtase da sua parte, e muito respeitoso, não lembro de uma vez que Gui ficou com cara amarrada quando eu não queria fazer nada, e olha que isso era muito mais frequente do que querer fazer alguma coisa. Contudo, eu ainda não sabia o amar como homem, sempre vi que faltava uma parte. Primeiro eu comecei a achar que estava faltando mais, depois eu queria uma coisa mais brutal que me desse um orgasmo de levar ao céu, e claro que isso não aconteceu, e daí em diante, eu acabei por concluir, o errado era eu e o que estava faltando estava em mim: amor de homem e mulher, que eu não sentia. Na verdade, eu não sabia o que era.

Enfim, hoje ele está sabe-se Deus onde. Depois de formado, já tínhamos entrado em crise relacional e ele fez a inscrição no Médicos sem fronteiras. Nossa última noite juntos foi em uma festa de despedida, estilo balada, regada a muita bebida, descontração e dança, todos os nossos amigos estavam presentes, um mês antes do fatídico acidente que mudou completamente a minha vida. Não sei se ele sabe do que aconteceu ainda, ele foi a quase sei meses e até hoje só recebi uma carta falando que tinha chegado bem e que nunca tinha visto nada mais horroroso que o lugar onde estava. Sua vontade era de sair abraçando cada ser e trazer pra casa. Gui sempre foi assim, um coração de ouro. Depois de então, eu não sei seu paradeiro, já mandei inúmeras cartas, vários e-mails, contando como estou, como tudo aconteceu, na verdade eu só consegui falar disso em carta para o Guilherme, sempre que o assunto vem em minha garganta ele volta queimando tudo como ácido úrico.

Gui tentou inúmeras vezes me convencer a ir com ele, até mesmo como residente, disse que me esperava e que lá moraríamos juntos, mas não tive coragem de deixar a minha família, meus amigos, eles são tudo pra mim. Hoje em dia, não é que eu me arrependa, mas sinto muita falta do colo que Guilherme me dava nas horas de tristezas, das noites em claro só jogando conversa fora, e das nossas brincadeiras. A forma como ele me entendia era única, o que me faz duvidar que encontrarei isso em outro alguém. As vezes eu acho que sou muito egoísta e pretenciosa, pois não deve existir no mundo um casal com tanta sintonia que seja bom de papo e sexo, se não, para que existiria amigos?

Paro de dançar quando levo um cutuque. Nem sei em qual música estávamos, o calor subia pelo meu corpo, molhando minha nuca, atijando os pelos do meu corpo. Eu estava quente, muito quente. De modo que eu fiquei completamente puta por me interromperem.

Abro os olhos e balanço a cabeça em negativa, não quero ninguém encostando em mim. O carinha entende e logo vai embora.

Olho para frente e o casalzinho mais apaixonado estão enroscados em uma espécie de dança, língua e desespero carnal. Eles exalam *Sex Appeal* pra

todos os lados. Nossa, estou com muito calor.

Chamo Giovana por cima do barulho da música e falo que vou beber algo. Ela mais que depressa sai puxando um Alessandro com sorriso de coringa. Chegamos ao bar e peço água, Giovana e Alessandro pedem o mesmo.

— Finalmente eu conheci a famosa Liza da Gio. — A voz de Alessandro sobressai por cima da música, atrás de Gio. Estica a mão e eu a aperto firme, ele sai de trás de Giovana e me puxa para si para um abraço forte e dois beijinhos na bochecha.

— Não sou da Giovana, mas sim, sou a Liza. E, você o famoso Henri Cas... eh digo, Alessandro?

Ele dá uma gargalhada gostosa me soltando e voltando a segurar a cintura da minha irmã, dando-lhe um beijo na bochecha ruborizada.

— Sério Gio, Henri Castelli?

— Claro que eu não disse isso, Alê, foi Elizabeth que inventou esse papo lá em casa, só por que minha mãe disse que você se parece com o ator.

— Ah, então você já falou de mim para sua família?

— Você sabe que sim.

— Falar eu não sei, mas que fica dando umas imensas babas na sua foto lá em casa, ela fica.

Os dois se olham, com a felicidade estampada em cada gesto. E eu quero muito que essa felicidade dure eternamente para os dois, por que ali, Alessandro já ganhou toda a minha simpatia, e quero que ele faça muito bem a minha irmã.

— Ei, vocês dois aí, podem parar com esse chamego por que eu não quero ficar de vela. E, você Alessandro, quero saber tintim por tintim quais

são as suas reais intenções com a minha irmã.

Falo sério e Giovana cai na gargalhada, enquanto o coitado do meu cunhado me olha de olhos arregalados, provavelmente pensando que ganhou mais uma inimiga para competir com os adversários que estão por vir.

— Liza está brincando, Amor. Ela tem o dom de ficar séria pra fazer pegadinha nos outros, não se borre todo. — Gio dá um tapinha em sua mão, sorrindo.

Alessandro olha pro meu rosto pra dar uma conferida, me encontra quase entrando em ebulição a ponto de rir e relaxa visivelmente sobre nossos olhos.

Discretamente eu olho meu relógio no pulso, mal enxergando as horas.

— Já vai dar meia noite, será que vai ter alguma coisa especial, Alessandro? — O encaro, em expectativa.

— Vai sim, vamos todos pegar lugar lá em cima antes que enche. O teto vai abrir e ficará só o vidro para vermos o show de fogos que Andrew contratou.

Todos nos encaminhamos para o andar de cima, a presença de Alessandro nos dando passo livre para a área reservada. A boate é enorme, toda trabalhada em vidros.

Alessandro se distancia, nos deixando em um ponto estratégico, quase ao meio do salão. Disse que iria buscar Andrew, enfurnado em seu escritório, resolvendo pendências de última hora.

— E aí Liza, gostou dele? — Gio pergunta, assim que o corpo de Alessandro some entre as pessoas.

— É lindo ver vocês juntos, Gio. Desejo felicidade, minha irmã.

— Estou realmente apaixonada. — Suspira.

Aceno em concordância, é bem perceptivo esse sentimento. Tomo um gole da água, ainda em minhas mãos, e avalio o segundo andar. É bastante espaçoso, algumas poltronas localizadas nas extremidades, parece que separa um ambiente do outro, como se fosse um camarote. Na ponta, a parede de contenção é de vidro, possibilitando uma ótima visão lá de baixo e de toda a cidade de Belo Horizonte. É lindo e iluminado.

— E então meninas, fiz muita falta?

Não noto quando Alessandro se aproxima, somente consigo visualizar seu corpo se enroscando atrás de Giovana.

— Você sempre faz falta, Alê. — Fala ela, o olhar apaixonado, lhe dando um beijo estalado. Ele retribui, o ato me deixa desconfortável.

— Drew, já está descendo para ficar conosco. — Informa. — Ele vai assistir aos fogos com a gente. Aquela Carla não dá, muito chata, não sei como ele aguenta.

Sinto-me mal somente em ouvir o nome dessa menina. Realmente não gostei dela.

Voltamos a conversar sobre assuntos banais quando sinto uma mão quente, firme em minha cintura. Diferente da última vez que espaneí o carinho só com o olhar, eu deixo que me toque, sentindo o movimento reconfortante. Viro minha cabeça para trás com um sorriso pra ver quem é o atrevido com as mãos gostosas, e pela terceira vez consecutiva, nessa noite, meu queixo bate no chão deslizando a língua.

Não é possível que esse é o Andrew amigo do Alessandro.

Putá merda!



Capítulo 3

— Oi, Linda! — Ele fala, o hálito mentolado fazendo cosquinhas em meu rosto. A voz rouca natural. Eu fico embasbacada.

A consciência mal assimilando que o Andrew da minha adolescência é o mesmo amigo de Alessandro, não pode ser possível que minha sorte esteja tão virada desse jeito. *De bunda para a lua*, literalmente.

Estica sua mão em minha direção e eu a pego, sentindo meu corpo se eletrizar. Encaro onde nossas peles estão unidas e arrepio, sentido uma conexão absurda tomar conta.

Cerro meu olhar, avaliando seu rosto, percebo que não mudou nada, aliás, melhorou e muito, esse cara está igual vinho. Seus cabelos negros da altura da nuca são meio rebeldes e ondulados, seus olhos de um azul tão profundo que parecem ver a sua alma e os seus segredos mais escondidos, o nariz reto e masculino, nada muito grande, e a boca... *Meu pai, que boca!* A mesma que me beijou, e se parece tão deliciosa como naquela época.

Esses anos todos eu venho tentando esquecer esse maldito beijo, busco me lembrar do seu jeito grosso, rude. As vezes em que fui maltratada e humilhada por nenhum outro motivo, se não ser mais nova, e muito inocente. Mas em todos esses anos essa boca sempre foi a minha fantasia. Largo sua mão mais depressa do que eu posso calcular, encarando sua feição se transformar em uma careta confusa.

— O gato comeu sua língua? — Sorri, sarcástico. — Qual o seu nome?

Ham? Meu nome?

Olho pra Giovana em expectativa, um aceno de sua cabeça me confirma que é mesmo o amigo do Alessandro. Percebo que agora me ferrei de vez, e pelo visto o melhor beijo da minha vida, não foi nada para ele. Por que o filho de uma mãe nem se lembra de mim.

— Elizabeth. — Clareio minha garganta. — E, você é?

Entro em seu jogo.

— Andrew — Balança a cabeça, olhando para Alessandro e Giovana, atrás da gente. – Vejo que essa beleza vem de família, hein Alê.

Mal posso acreditar que o cara continua mais cretino do que já era. Com essa conversa me lembro da última vez em que o vi, da forma como nos beijamos, o nosso contato que me causou fogo e revolta, prometendo-me que nunca mais o veria, para o meu próprio bem.

Quando dou por mim, Alessandro me olha, o semblante interrogativo. Não sei distinguir o que se passa em sua cabeça.

Giovana estala os dedos na minha frente.

— Liza, Alê te fez uma pergunta, você está aqui com a gente ainda?

— Claro que estou. É que com a música alta está difícil de escutar o que vocês estão falando. O que você disse, Alessandro?

— Alê. Pode me chamar de Alê, Liza. E depois a gente conversa, vai começar a contagem regressiva.

Assim que ele acaba de falar o DJ anuncia o show pirotécnico que terá do lado de fora da boate, no entanto, poderá ser visto da parte de cima da boate. *Que a família Kiss espera de coração que esse ano novo traga tudo de bom para todos os clientes.* E várias mais baboseiras, completamente programada só para as pessoas aqui presentes se sentirem amadas.

Olho para o lado e Andrew me come com os olhos, por um breve

momento tenho a impressão de que me reconheceu, pois vejo nele o mesmo olhar de raiva que via toda as vezes em que chegava perto de mim.

— 10, 9, 8, 7... — Começa a contagem, fazendo meu coração saltar no peito.

Balanço minha cabeça, tentando tirar da mente esse maldito pensamento. Olho novamente para cima.

O teto vai se abrindo mostrando uma noite linda, um céu estrelado, a magia da lua cheia ao canto só para tornar o espetáculo ainda mais bonito. A noite tem um mistério que nos enfeitiça. Respiro fundo, apertando meus punhos fechados, a dor me distraíndo da pressão que a presença de Andrew tem sobre mim.

— 3, 2, 1... FELIZ ANO NOVOO!!

Os fogos começam a clarear o céu, com um barulho retumbante. É muito lindo o cenário para o novo ano que acaba de chegar. A alegria me contagia e me faz esquecer pelo menos por um segundo, o olhar abrasador do Andrew ao meu lado e de todas as catástrofes que foi a minha vida até aqui, mas acima de tudo, esse ano.

Abraço a mim mesma, uma sensação nostálgica tomando conta do meu corpo, enquanto mais uma vez eu me forço a ser meu próprio pilar. Em seguida, faço meu ritual de sempre, agradecendo por estar aqui e aguentado mais um ano, que não foi fácil, se não o mais difícil de todos, ter a oportunidade de aprender mais coisas e podendo estar com quem eu amo. Acrescento Diego, Luíza e meus tios as minhas preces, rezando por suas almas. Peço para me tornar uma mãe digna de Sofia.

Viro-me pra Giovana e a vejo com lágrimas nos olhos, a chorona sempre deixa escapar algumas gotas, dou um longo abraço nela e desejo muito amor nesse ano novo. Abraço Alê, e o faço prometer que cuidará muito bem da minha irmã.

Ano novo, vida nova.

Gio e Alê vão dançar mais um pouco e eu resolvo descansar, sinto uma mão no meu ombro e somente pelo calor que exala já sei de quem se trata, vou me virando pronta pra dar uma bronca pela tal liberdade de ficar me tocando, quando ele me abraça e me deseja feliz ano novo. Fico estampada com tal atitude. *Ele me odeia, ou odiava.*

— É... — Fico desconcertada. — Feliz ano novo pra você também, Andrew. Muitas realizações. — Sou sucinta, pois não consigo fazer diferente quando me sinto acuada, como agora.

— Vai ser assim as suas felicitações de Ano Novo? Você é sempre tão formal desse jeito? — Pende a cabeça pouco para o lado, me observando.

— Não sou formal, Andrew, só não fico dando papo pra quem eu não conheço.

Me olha completamente espantado, mas logo se refaz e me puxa para si.

— Tem certeza? — Pergunta incerto, uma sombra de sarcasmo passa pelos seus olhos.

Coloco uma mão em seu peito, respirando fundo. Me afasto, no entanto, não consigo ir longe, sua mão segura a minha, firme. Seu contato é quente. Prendo a respiração por um momento.

— Você quem diz. — Alfineto. Uma sobrancelha levantada, atrevida. — Não te conheço.

— Então vem cá, que você vai me conhecer melhor. Bem melhor.

Eu não tenho tempo de falar, na verdade, eu não tenho tempo nem de pensar em nada para falar. Andrew me beija, e é como se eu tivesse novamente dezesseis anos. Era um beijo devorador, brutal, extremamente gostoso. No começo mostro certa relutância, fui pega de surpresa e não consigo me soltar, no instante seguinte eu já sinto certa familiaridade, como se fosse algo corriqueiro de meu dia a dia e acabo cedendo, sou uma fraca e

admito isso pra mim mesma, por que pra ele, jamais. É um momento que me dá uma nostalgia deliciosa, me faz lembrar cada detalhe, cada gosto e pegada que eu lutei tanto para esquecer durante todos esses anos, e agora vejo que não consegui, não mesmo. Enquanto aprecio os nossos movimentos, eu coloco a culpa da minha vulnerabilidade na carência de estar passando por um momento tão difícil sozinha, sem um alguém para me abrir verdadeiramente. Consigo relaxar com tal pensamento, iludindo-me.

— Vem vamos dançar, quero você agarrada em mim. — Diz, seus lábios ainda colados em minha boca, a sensação de engolir suas palavras me desconcertando.

Eu respiro fundo, sem perceber que Andrew é um furacão, levando tudo ao seu lado, e eu somente estou o seguindo.

Meu chão se abriu e eu fui abduzida por um Deus E.T. gostoso, que sabe muito bem o que fazer com a língua. *Deus, que língua!*

Ainda me encontro em estado de marionete quando Drew me leva pra pista e começa a se remexer comigo ao som dá música *Summer* de *Calvin Harris*. Estou meio perdida no espaço tempo, pois eu não consigo concluir nenhum pensamento assertivo.

“Quando eu te conheci no verão

Ao som das batidas do meu coração

Nós nos apaixonamos

A medida em que as flores se secaram

Poderíamos ficar juntos, querida

Enquanto o céu for azul

Você age com inocência agora

Mas você mentiu tão cedo

Quando eu te conheci no verão”

Entre nossos corpos não caberia uma folha de papel. Posso sentir todo o seu corpo colado ao meu, e não é a primeira vez que ele me rouba um beijo no meio da pista de dança enquanto a música toca. Eu só não consigo fazê-lo parar. E essa sensação de ser finalmente completa me preenche junto com a veracidade da letra da música me causando um tremor, que a muito não sentia.

Andrew se afasta minimamente, minha respiração rápida faz com que meus seios batem em seu diafragma. Me avalia, os olhos cerrados. Parece notar que algo não está certo. Nos leva para fora da pista de dança, e como tal, eu o sigo sem pestanejar. Eu preciso me afastar para pensar com clareza.

— O que você tem, está tudo bem? — Pergunta quando paramos em frente a uma porta de madeira escura, nos fundos da parte de cima da boate.

Não, você me agarrando está tirando a minha sanidade.

— Estou sim, Andrew. É que tem muito tempo que não danço assim.
— *Tempo demais, mais precisamente vinte e três anos.*

Ele não fala mais nada, e nem precisa. Abre um sorriso encantador, hipnotizando-me e eu me pergunto até que ponto todo aquele lance é um sonho, ou realidade. Então ele me beija e eu deixo me perder nesses lábios carnudos, avermelhados, e agora inchados de tanto contato com o meu. Parece que esse desejo de beija-lo não vai acabar nunca. Começa a brincar no final do decote das minhas costas, apertando a minha bunda, me encostando a parede, enfia a mão entre as minhas pernas encontrando a minha calcinha já encharcada de tanto tesão que sinto. *Meu Deus! O que está acontecendo? Eu nunca fui assim à minha vida inteira.*

Andrew é igual a um povo, está por toda parte e eu não consigo contê-

lo, nem sei se quero.

Gemo seu nome incoerente, já estou a ponto de gozar só por seu toque em cima do pequeno pedaço de renda. Iria ser o orgasmo mais rápido que uma mulher conseguiu atingir, eu tenho certeza. Seus dedos me alisam, no entanto, seu toque parece reconhecer com o tato o tecido e sua forma. De repente sinto a pressão do tecido em minha nádega, e um barulho de rasgo. O olho, embasbacado, incapaz de dizer algo, quando noto que Andrew partiu em dois a minha calcinha. Em duas partes!

Eu ainda não consigo acreditar quando ele pega o pedaço que ficou em sua mão e cheira, faz uma cara de cafajeste gostoso e a guarda no bolso. Não consigo raciocinar, meus movimentos ficam letárgicos, quando percebo ele já está com o polegar roçando o meu clitóris e o dedo médio brincando na minha entrada.

Estou louca ou morri de tesão. Se eu pensei que seu toque por cima da calcinha era maravilhoso, eu não sei o que dizer agora.

Abro as pernas, mal acreditando em meus movimentos, simplesmente me deixando levar.

— Huuum... toda molhadinha Liz, será que isso tudo é pra mim?

Deixo meu corpo mole e fraco ceder contra a porta, atrás de mim. Aperto seus ombros, o êxtase quase me possuindo inteira, os olhos lutando para ficarem abertos, enquanto seu polegar brinca naquele botão tão erótico. Arfo a ponto de gozar. Andrew me encara, sua expressão séria, desejosa. Lanço a cabeça para trás sentindo seus dedos me penetrando, e então me beija novamente, feroz. E eu caio do penhasco em queda livre, o penhasco que eu demorei tanto pra construir, Andrew em questão de minutos já destruiu.

Sinto todo o meu corpo tremer por dentro, minhas mãos ficam geladas, o ar parece que falta no cômodo. Mas, é uma sensação tão gostosa, não me lembro de já ter sentido algo assim na vida.

Retribuo seu beijo, me arrepiando inteira. Como a sua boca até a minha

consciência voltar, e me dar conta do que acaba de acontecer, enquanto a sensação de plenitude vai deixando meu corpo.

Meu Deus! Esse homem tira meus sentidos. Olho pra ele por debaixo dos cílios envergonhada, e vejo um olhar, uma expressão que eu tanto tentava esquecer, não é possível que ele se lembre de mim, né?

Tira as mãos de debaixo do meu vestido com bastante maestria, levando os dedos nos lábios e os chupando. *Acho que posso gozar novamente.*

— E, aí *Elizabeth*, teve o melhor orgasmo da sua vida? — Sua voz me remete há sete anos, por que é exatamente assim que eu me lembro de Andrew. Sua voz arrogante, sarcástica, o olhar penetrante me rasgando inteira.

Ele se lembra!

É o único pensamento coerente que consigo ter, como se tivesse me dado um soco na cara. Sinto-me machucada, motivo de graça e usada, como uma peça de pião bem-posta para dar um xeque mate no rei.

Eu não respondo por mim, acabo dando um tapa estalado em seu rosto. Andrew sempre se lembrou de quem eu era, ele só queria me ver, mais uma vez, cedendo aos seus toques e perdendo totalmente o meu controle, e eu como a burra que sou, acabei caindo no golpe de que o cara estava louco de excitação por mim. Mero engano. Um puta engano!

— Você é um idiota mesmo. — Engulo o choro, que vai descendo rasgando a minha garganta. A antiga mágoa ressurgindo. — Por que você me enganou? Por que me tratou como se fosse a primeira vez que tinha me visto? Pra me usar? Enganar? Pra eu cair igual a um patinho feio? Pois então conseguiu. — Empurro-o com as minhas mãos no seu peito. Seu corpo já não está tão firme junto ao meu, por esse motivo, eu consigo me afastar. — Faça-me um grande favor, não finge pra mim mais e some da minha frente. Você não passa de um egocêntrico que se alimenta de fraquezas. No entanto, eu não sou uma de suas putas sedentas pelo seu corpo.

Sou apenas do seu coração.

Saio pisando duro e tentando conter as lágrimas que insistem em querer descer dos meus olhos. Eu não acredito em como fui tão burra e deixei que ele me prendesse em seus braços novamente, dessa vez foi mais longe ainda. O mesmo olhar de nojo, de desprezo, e a mesma idiota fugindo para chorar. Só que dessa vez, para ficar sozinha.

A dor está me sufocando. Com a mão na boca, eu deixo escapar um soluço esganiçado. Que ótima virada de ano, voltando para os mesmos erros do passado.



Capítulo 4

Procuro a saída daquele lugar com os olhos embaçados pelas lágrimas que insistem em querer descer, tento ao máximo me segurar para não sair feito uma doida quebrando e batendo em tudo, minha vontade é de ver esse lugar em ruínas, assim como ele fez com meu coração. Pela segunda vez. E, eu não posso acreditar que eu me deixei levar desse jeito, já sou uma mulher, uma acadêmica e profissional respeitável, então simplesmente virei geleia na mão do Andrew. Onde foi parar o meu controle, a minha razão? Continuo andando de cabeça baixa até que alguém tromba em mim. Olho para cima, limpando uma lágrima que mais parece brasa descendo pelo meu rosto.

— Oi queridinha, está perdida? Acho que naquela porta ali diz: **SÓ FUNCIONÁRIO.**

Minha noite não poderia acabar pior do que já está. Sinceramente, um poço nunca é fundo o bastante que não podemos nos afundar ainda mais. Onde estava *Carlaranha* quando eu precisava dela para evitar uma desgraça? Quando o suposto homem dela veio pra cima de mim? Não estou com paciência nenhuma pra aturar criancice de mulher velha.

— Carla, não é? — Fico atenta, os olhos cerrados enquanto ela acena, perdendo a graça. — Vou fingir que sou sua amiga e te dar um conselho: vai cuidar do seu homem, pois eu acho que ele está aprontando por aí.

Então, perdendo toda a pose de boa samaritana, ela pega em meu braço, as unhas cumpridas ferindo levemente a minha pele.

— O que você fez com o Andrew, hein, sua vadia? Você não me engana. Eu não quero você perto dele, tá me ouvindo?

Que louca!

— Primeiro: não grita comigo, por que eu não sou qualquer uma, feito você. Nessa altura você deveria saber disso. Segundo: você tem que conhecer mais o que é “seu”, por que não foi o que eu fiz com ele, e sim o que ele fez comigo. Agora, já que estamos esclarecidas, solta o meu braço que eu não te dei intimidade pra me tocar dessa forma, não sei se essa sua doença é contagiosa.

Nem espero sua resposta, soltando-me do seu braço com um puxão brusco, praticamente corro em direção à porta. O som do meu coração batendo em meu peito, tão rápido como os meus saltos no chão.

O pensamento de que Andrew me igualou as suas piranhas me repugna, dessa vez ele foi longe demais. Preferiria mil vezes as patadas que me faziam sentir inferior, do que ter essas mãos em cima de mim, as mesmas mãos que tocam em qualquer mulher, de qualquer jeito.

Em contrariedade, só de pensar em seus toques eu já fico louca, mesmo sem ele estar dentro de mim eu já tive o melhor orgasmo da minha vida. De onde ele tirou aquela frase? Será que Nathalia contou a ele? Não, ela não faria algo assim, essa semelhança deve ser coisa da minha cabeça.

Consigo sair da área para funcionários e procuro um banheiro. Não posso aparecer assim, tão desconcertada na frente de Giovana, ela logo sacaria alguma coisa e eu não estou nem um pouco a fim de ficar explicando o passado e mistura-lo com o presente. Na verdade, não há presente, não tem lugar na minha vida para Andrew, ele foi passado e é lá que eu vou guarda-lo. Uma paixão platônica da adolescência. Não tem espaço para esses dramas na minha vida ultimamente.

O banheiro tem uma fila enorme, e eu levo o tempo, em que espero, pensando em o que a minha vida se tornou, não que esteja ruim e eu reclamando, mas não idealizei uma filha nos meus vinte e três anos. Já morava “sozinha”, fora da casa dos meus pais, com Diego e Luiza, quando tudo aconteceu. Meu tempo, apesar de corrido, era ótimo. Adorava as nossas brincadeiras, finais de semana e até os programas de casais que fazíamos.

Não disse que Diego também é meu primo? Pois é, romance familiar.

Voltando ao fatídico presente, nada se compara com o aperto que estou sentindo em meu peito, eu sei que vai parecer drama, esquisitice e obsessão, mas, só eu sei o quanto eu fiquei tentando apagar o cheiro, o beijo, o gosto e a beleza desse cara esses malditos sete anos e quando acho que consegui, o infeliz me faz lembrar de tudo de novo, pior do que um dia já foi, e dessa vez não tem Guilherme pra me ajudar, eu estou sozinha nessa.

Uso o tempo que fiquei no banheiro para me sintonizar e disfarçar minha feição de derrota. Depois que saio decido esperar um pouco mais, teria muito mais coisa para explicar caso saísse correndo de forma louca. Sento-me no bar para tomar mais uma bebida antes de ir rezando para não encontrar Andrew e nem Carla.

O ano já começou agitado e me trazendo memórias que quero muito esquecer. Meu foco agora é Sofia, meus estudos e trabalho, não posso colocar ninguém na frente e nem atrás dos meus planos, quero conquista-los e quem sabe um dia, depois disso tudo, eu ainda não ache um pai pra Sofia?

Passo pouco mais de meia hora sentada no banquinho, olhando o movimento da boate. Até que me canso e decido ir em busca de Giovana.

A encontro sentada, no fundo da boate, junto com Alessandro. Sua expressão derrotada, de quem está muito cansada.

— Gio, se importa se formos embora? — Olho para os dois, trocando o peso dos meus pés.

— Te procurei há uns quinze minutos e não te achei. — Vencou a testa, em confusão. — Acho que podemos ir embora sim, estou quebrada.

Fico olhando o novo caszinho apaixonado se despedir e tenho uma leve inveja. Se Andrew fosse menos cafajeste, galinha e pilantra poderíamos até um dia tentar alguma coisa. Meu Deus, o que eu estou pensando? Aquele ali se puder monta um harém e ainda não fica satisfeito. Sopro a nuvem de pensamentos errantes pra longe e me despeço de Alessandro, prometendo o

ver em breve.

A saída da boate parece um ponto de táxi, rápido já estamos a caminho de casa. Sinto-me aliviada. Encosto a cabeça no vidro do carro, vendo a cidade, quase amanhecendo, passando pela minha frente.

— Você não vai dormir agora não, né? Pode desembuchar e me conta tudo que aconteceu.

Ai, meu Deus!

— Tudo o que, Giovana? — Falo, me fazendo de boba, a voz cansada.

— Jura, Elizabeth? Você acha mesmo que vai conseguir me enganar igual quando eu era criança? — Sua voz soa um pouco mais alta. — Esses olhos viram muito bem esse traseiro rebolando com o Drew na pista, e aquele beijo que me tirou até o fôlego?

Como se ela não tivesse o Henri Castelli em sua cola.

— Não tenho nada pra falar, Gio.

Sinceramente, eu não sei para que irmãos mais novos tem que crescer, quando a Giovana era mais nova, nessas horas era só dar um doce pra ela, que ela esquecia até que dia do mês nós estávamos. Infelizmente, não vai acontecer isso nesse momento de questionamento, então tento ao máximo possível me fazer de desinteressada, pra ver se acaba essa conversa que não me agrada. Se eu pudesse esquecer completamente o dia de hoje, seria um grande feito.

— Nadinha mesmo? Nem se o cara beija bem, se dança legal, se a pegada é boa? — A olho com pouca paciência, encontrando seu rosto em uma careta confusa.

— Giovana eu não sou Júri pra ficar dando notas para o desempenho do cara, foi só um beijo e uma dança, um momento de descontração que não vai voltar a se repetir, é isso! — Respiro fundo, olhando-a demoradamente. —

Não foi você mesmo que quis que eu saísse da fossa? Pois então, eu me descontraí, a noite foi boa, mas, tudo não passou de um beijo. — Ela não desviou o olhar e deu o assunto por encerrado como eu pensei que faria, Giovana ficou me encarando demoradamente, séria, depois de um longo tempo balançou a cabeça, sorrindo levemente.

— Nossa, que frieza. — Foi sarcástica, eu tive vontade de dizer que frio foi a única coisa que não senti, mas percebi que ela já sabia do fato. — É assim mesmo quando a gente sabe que está ferrada.

Não disse, *tá aí!* A pessoa já está entendendo demais a gente, e eu perdendo a chance de sair ilesa.

— Não tem por que ficar mexida, Gio, eu sei que não cabe um parceiro na minha vida no momento. — Abaixo o tom de voz, tanto pela minha grosseria com minha irmã que não tem nada ver, quanto por eu estar realmente remoendo a chance de um talvez.

Giovana não fala mais nada, e seguimos viagem em silencio, que para mim foi confortável, não queria ficar falando do assunto.



Acordo no outro dia depois da dez, estalando todo o meu corpo, eu penso em quanto tempo não durmo tanto assim.

Faço minha higiene e vou direto pra cozinha, de onde sai um cheiro irresistível de panetone. Chego ao cômodo e já avisto Sofia em sua cadeirinha de brincar, mexendo em todos os controles possíveis, e fazendo um som que só mamãe aguenta logo ao amanhecer.

Jesus, parece que minha cabeça vai explodir.

— Oi, gorduchinha da mamãe. Como você passou a noite? Comportou direitinho com a vovó e o vovô?

Pego Sofia no colo, dando beijinhos em todo seu rostinho. Ela é toda risonha, e como não podia ser diferente, ela acaba caindo na gargalhada. Essa menininha acorda com um bom humor de dar inveja. É tão contagiante, que eu quase não sinto o martelo batendo em meu crânio.

— Essa gorduchinha dormiu muito bem, dona Elizabeth, não se esqueça que eu fui mãe de três e tive uma de coração. — Me repreende em tom de brincadeira, mas sei que ela sente por mim e também por ela, pois se tem uma coisa que aprendi depois que entendi Sofia como minha filha, é que dor do filho é triplicada na mãe.

— Ô mãe, me desculpa! Não quis te ofender, é que não queria dar trabalho. E Nada de choradeira hoje, por que é um ano novo e eu quero esquecer as tristezas. — Balanço minha cabeça tentando tirar os pensamentos ruins. Olho para Sofia que continua sorrindo, como um anjinho. Tão inconsciente do que acontece a sua volta.

— Eu disse que estaria com você, minha querida. Eu só me preocupo, tão nova e com tantas responsabilidades nas costas, carregando o peso e a mágoa do mundo. Você precisa se soltar, Liza, tirar esse peso, falar do assunto, voltar a viver a vida, meu amor. A Luíza não iria gostar de ver você enfurnada dentro de casa.

Logo cedo, no primeiro dia do ano, um assunto tão sério. Fecho meus olhos por um momento, apreciando o contato das mãozinhas de Sofia em meu rosto, enquanto penso em tudo. Todos falam a mesma coisa, só que eu não consigo ser o que era antes, uma parte de mim morreu no carro e outra foi dilacerada na sala de cirurgia, não sei conviver com essa dor, eu não quero aprender. Já passei por muitos problemas que meus pais nem sonham e me saí deles como uma profissional. Mas, a perda sempre foi algo muito difícil pra mim, eu não entendo o porquê as pessoas boas morrem cedo, tanta gente no mundo pior pra ir, como o padrasto de Luíza, Clóvis, e a minha própria tia Roseli, que depois de todas as denúncias de maus tratos feitas, sumiram no mundo e nunca mais ouvimos falar deles.

— Mãe, é ano novo — falo com uma empolgação que não sinto. — e

logo cedo um assunto tão... — respiro fundo, sorrindo — Vamos, não quero falar de coisas tristes. Eu prometi seguir em frente, só preciso do meu tempo. Não se preocupe comigo.

Não consigo evitar o pensamento de quem eu estou querendo convencer, minha mãe ou eu. Suspiro, cansada.

— E cadê meu beijo de ano novo? Poxa tô esperando, até meu panetone eu já senti o cheiro do quarto.

— Você é uma peça, Elizabeth. Entra ano, e sai ano, você continua a mesma, sempre achando que vai me distrair com suas conversinhas fiadas. Contudo, vou deixar passar por ser ano novo, mas sou sua mãe e te conheço mais que você mesmo.

Assinto, por que não tem nenhuma outra alternativa.

— Aonde está Giovana e o Papai? Quero ligar logo para o Junior, tô morrendo de saudades daquele *mundico*.

Sempre adoramos colocar apelidos estranhos e carinhosos em quem amamos, e Junior é o que mais pega no nosso pé. Claro que ele odeia a palavra esquisita feita especialmente pra ele, em uma noite que ele chegou todo sujo da obra que foi visitar com papai, parecia muito um mendigo.

Ele, hoje, está rodando a área sudeste e fazendo projetos para papai e sua empresa de engenharia, que já cresceu com o nome Rennó. Junior é formado em Eng. De Produção Civil e Laís, sua noiva, é arquiteta, os dois combinam igual queijo com doce de leite. Conheceram-se no primeiro ano da faculdade em uma matéria em comum. Foi amor à primeira vista. A primeira mulher que Júnior trouxe em casa.

— Foi ali na padaria, minha filha, buscar o nosso café da manhã. Levantamos há pouco também, não foi só a senhorita que foi expulsa da cama. — Seu olhar é significativo e meu rosto se encolhe em uma feição indignada.

— Sinceramente eu não quero saber de todos os detalhes da virada de ano de vocês dois, mãe.

Nós duas gargalhamos, junto com Sofia que pula em meu colo, dando gritinhos. É tão engraçado como eu já á sinto minha.

Meu final de semana passou como sempre. Como estou de férias da faculdade, não estudo muito. Fico mais família, Sofia, ligações para Junior e cartas e e-mails para Gui.

Giovana, surpreendentemente, foi liberada para ir à boate Kiss novamente sem a minha presença dessa vez, tornando a minha vida muito mais fácil. Levando em conta que eu não venceria ao seu pedido e não sobreviveria a mais um ataque de Andrew. Não sei o que era mais difícil negar.

No domingo fazemos todos um passeio para o parque de Inhotim em Brumadinho, já fui lá diversas vezes e sempre fico encantada com as obras do lugar. Aproveitamos muito o momento família, que me fez esquecer os problemas, sofrimentos, e tristezas que não me dão paz. A família sempre vai te dar apoio, e é com eles que você pode contar pra tudo, por que nunca irão te recriminar e olhar com nojo, devido a algumas atitudes infelizes que faz ao decorrer da vida.



Na segunda eu acordo disposta e pronta pra começar o ano com o pé direito, pelo menos no serviço. Trabalho no Hospital Santa Dorotéia desde antes de formar em meu curso, entrei como menor aprendiz nos meus dezesseis anos, me tornei estagiária aos dezessete e fiquei com essa função até os meus dezoito anos. Sempre cumprindo com minhas responsabilidades dentro da fundação. Quando completei a maior idade eu fui secretária da assistente da gerente clínica, que era o cargo mais alto abaixo do diretor clinico hospitalar. Hoje eu sou a gerente, e minhas funções vão de planilhas até leitos, produção, comida e etc.

Adoro o meu serviço, mas como todo meio é para um fim, entrei nessa quando tive a certeza de que queria fazer medicina, e fiz o curso para estudantes de ensino médio para ficar mais perto da área da saúde. Ser médica foi um sonho, porém nunca quis ser vangloriada por depender de desgraças alheias para sobreviver, meio irônico uma médica falando isso, não é? Pois é, pura verdade, nunca quis ser clínica, por que nunca me passou pela cabeça ficar numa sala esperando uma pessoa com algum machucado ou patologias para eu atender e fazer o meu “milagre”. Aplaudo de pé os médicos clínicos de urgência e emergência, mas para mim não serve.

O mais irônico é que eu nem precisei viver em um hospital para saber qual residência fazer, o acidente de Luíza me deu uma nova razão de sobrevivência: Sofia! Eu vi dia e noite os obstetras e pediatras tentando salvar duas pessoas sobreviventes de um acidente entre um carro e uma carreta na BR 040 que teve três vítimas fatais e uma em estado grave. Infelizmente Luíza não aguentou depois de quatro dias após parto. Seu corpo chocou, entrando em coma e nunca mais saiu, levando apenas três dias para ter sepsia e assim por diante, parando todos seus órgãos. Ela parecia estar apenas esperando Sofia vir com saúde, para que ela pudesse dar adeus.

Eu quero ser uma médica de verdadeiros milagres, trazer ao mundo luz, esperanças, salvamentos de casamento, de amizade, de amor eterno. E, foi quando eu vi o chorinho de Sofia e o sofrimento que Luíza estava passando para trazer ela ao mundo por amor, que eu vi. O meu destino seria a obstetrícia.

Chego cumprimentando todos no hospital como de costume. Na porta da minha sala está minha assistente Estela, um poço de delicadeza, meio cômoda com a situação profissional em que se encontra em seus vinte e oito anos, para ela está tudo muito bem, não tem muito ambição, não que seja da minha conta, mas ela tem futuro e eu fico pegando no pé dela todos os dias.

— Bom dia, Estela, tudo bem com você?

— Bom dia, Liza, estou ótima. Como passou de virada?

— Foi muito bom. Deu para descansar bastante. E então, já olhou

alguns cursos para fazer esse ano? O mundo é de quem sonha e faz. Não se esqueça.

Sempre tem que ter a primeira fígada do ano. Sorrio por dentro, entrando na minha sala escutando seus saltos batendo no chão logo atrás de mim.

— Do jeito que fala, Liza, parece que você nem quer me ver pela frente, desejando que eu saia logo da sua vida.

Coloco minha bolsa em cima da mesa, ligo o computador e a encaro.

— Não, Ester, vejo que você tem futuro, mas só com curso técnico você não vai pra frente, pode até não ser mandada embora, mas vai ficar estagnada no mesmo lugar para o resto da vida. Todas as pessoas precisam ter ambições boas, para crescer, ser alguém.

Eu quero você no meu lugar, bobinha.

— Eu sei. Tô tentando. Sabe que te amo, né? Não desiste de mim.

Estela, ou Ester como é seu apelido, é um anjo na minha vida, uma das poucas pessoas no hospital que eu me permito ter intimidade. Sou a chefe imediato de muitas pessoas aqui dentro, e muitas delas estão aqui há muito tempo, me viram desde o começo, como aprendiz, e se eu der asa, eles montam em cima e perde completamente o respeito, e é aí que a coisa desanda de vez.

— Claro que eu nunca vou desistir de você. Agora vamos lá começar a trabalhar, quero ver a minha agenda essa semana. E, por favor, não se esqueça de fechar a minha agenda pela manhã a partir de fevereiro, que é quando minhas aulas começam.

Estou no meu último ano da faculdade e quando olho pra trás, não acredito que cheguei tão longe. Estudo em uma faculdade particular com bolsa de cinquenta por cento. Não queria faculdade federal, na verdade nem tentei, tomaria muito do meu tempo e eu não poderia continuar trabalhando.

Não comecei a minha residência ainda, mas o Dr. Marco, atual diretor clínico já me leva para fazer visitas e até já atendi pessoas no pronto atendimento junto a ele. Esse ano, vamos focar mais na área Obstétrica, que será a minha especialidade e vou conhecer o meu mentor aqui no hospital, que me dará dicas e maldades práticas.

— Tudo bem, chefinha, preparando a agenda, os recados e a xícara de café fumegante em dois tempos. — Seu sorriso faz com que eu me sinta mais tranquila.

Rio, balançando a minha cabeça em concordância. Logo depois enfio a cara no serviço, que tem me servido de terapia.

Estou estudando todas as minhas tarefas do mês de janeiro quando alguém bate em minha porta e entra Dr. Marco, logo a minha frente eu consigo visualizar Ester assustada, sussurrando.

— O Dr. Marco, pediu para você tomar um café com ele. Eu esqueci de falar com você.

Olho para ela de cara feia.

— Só para constar, eu escutei o seu sussurro, Estela. — Dr. Marco diz, encarando-me divertido. — Posso entrar, Liza? — Minha secretária revira os olhos.

— Claro, pode sim, Marco. A Estela já estava de saída, só estávamos passando algumas coisas antes de começar o dia.

— Na verdade vim te convidar para tomar café, mas já vi que você já está tomando. Então, para não perder a viagem, vamos tomar um suco e lanchar antes de começar o dia?

Como uma resposta imediata, meu estômago ronca.

— Vamos sim. — Junto minhas pastas e a agenda em um canto da mesa. — Estela, quando eu voltar à gente continua tá?

— Sim senhora. — Assente. — Bom dia, Dr. Marco!

— Bom dia, Estela!

Sáímos em direção à lanchonete no outro lado do hospital. Dr. Marco é um homem experiente e bem enxuto, muito novo para responsabilidades que carrega, tendo no máximo quarenta anos. Um exemplo de homem ao qual eu quero seguir. Que meu pai não me ouça, claro.

Nos acomodamos em uma mesa do lado de fora, sentindo a brisa fresquinha que bate em nossos rostos. Logo fazemos nossos pedidos.

— Então, alguma novidade nesse feriado?

— Ah, o de sempre. Nada de muito novo. Fui em uma boate com a Gio no ano novo, e o natal passei com a família em Rio Novo. — Encolho os ombros. Olhando para os lados, eu me pergunto qual a finalidade dessa pergunta.

— E o planejamento para o ano? Está animada com a carreira que escolheu?

— Obstetrícia é o meu sonho, Marco. Animada é uma palavra um tanto quanto muito pequena para descrever o sentimento que me toma. — Abro um sorriso, finalmente confortável com a situação. — Já escolheu quem vai me orientar?

— Sim! Você terá uma reunião amanhã. Chama-se Dr. Raimundo, um dos melhores de Minas Gerais. — Balança a cabeça, sorrindo levemente. — Não estou tão animado quanto você para essa residência.

— Hum? Por que não? — Será que fiz algo de errado?

— Não estou preparado para perder a minha amiga e melhor funcionária, Liza. Por mais que não falemos nisso, eu sinto.

— Ham...

Fico sem palavras, como sempre, quando tocamos nesse assunto. É meio como um tabu, algo que nunca alcançamos enquanto conversamos, até esse momento. Ele sabe que minha vida não se resume em um escritório de hospital, fazendo planilhas médicas e participando com ideias inovadoras, da reunião mensal do conselho. Meu planejamento de carreira vai além, quero meu consultório e o hospital, por mais que me doa, está apenas sendo o local onde eu farei meus partos. Mesmo tendo a consciência disso, meu peito aperta.

— Temos muito tempo pela frente ainda, Marco. Podemos pensar em uma estratégia. — Consigo falar depois de um tempo.

— Acho que você está deixando muita coisa para depois, minha querida. — Sua voz sai amigavelmente.

— Não entendi.

Marco respira fundo, soltando o ar devagarzinho pelo nariz. Enquanto espera a garçonete colocar nosso lanche em cima da mesa e sair, voltando para trás do balcão. Dou uma mordida em meu pão de queijo e o olho, atenciosa.

— Olha Liza, não quero entrar na sua vida, longe de mim. Mas, como seu amigo, — Ele espera que eu confirme, e eu aceno com a cabeça em concordância, por que ao longo dos anos Marco se tornou realmente meu amigo. — Sinto-me no direito de falar. De um tempo pra cá, você está muito na terra do nada, falando e fazendo coisas que vão além da sua função. Não planeja futuro e tão pouco concentra no seu presente.

— Mas, isso tem atrapalhado o funcionamento do hospital? Estou deixando a desejar? — Pergunto, incerta.

Marco sorri, como se ele pudesse me ver quebrando em sua frente. Eu não me sinto diferente.

— Claro que não, Liza. Você sabe da excelente profissional que é. Pelo contrário, você se enfiou de corpo e alma no trabalho e não dá chance de

ninguém chegar perto. Falo com você como amigo, por que como superior, você está exemplar e eu não tenho nada a reclamar. — Da um sorriso de canto de boca, e acrescenta: — Há não ser que você forme esse ano e já pegue a minha vaga, aí vou ficar muito bravo com você.

Tenta amenizar o clima denso que se instalou no ar. Eu sempre fujo dos assuntos, mas uma hora eles batem na porta e já entram sem nos dar a chance de manda-los embora.

— Como se eu pudesse pegar a vaga do dono do hospital. — Dou uma pequena gargalhada, mas ela não sai tão natural quanto eu pensei. — O trabalho tem sido uma terapia pra mim. Nunca lidei muito bem com perdas, mas sei que vou superar. Quando sofro, me fecho para o mundo mesmo, fico na minha, quero sentir a minha dor. No entanto, um dia acaba.

Tudo nessa vida passa.

Marco dá uma gargalhada gostosa de ser ouvida, colocando a mão sobre a minha em um gesto bastante afetuoso.

— Pensei que seu rostinho lindo me faria perder o conceito com o conselho. — Encolhe os ombros.

Nós dois sorrimos, sei que com Marco posso contar, temos um sentimento fraternal um com o outro, e nossas brincadeiras não são regadas a malícia. Essa amizade foi construída em cima de muitos sacrifícios que tive que fazer para conquistar o seu respeito e o merecimento pelo cargo. Sem contar que tem Cal também, seu marido.

Tento parar de rir tomando um gole do meu suco. Sinto que sou observada quando meus pelos da nuca se arrepiam. Fecho meus olhos, pensando que o *timing* realmente é perfeito. Seco as lágrimas que desceram por causa das risadas notando que minha mão treme, bem no momento em que escuto uma voz forte atrás de mim.

— Olha o que os ventos me trouxeram?



Capítulo 5

Abaixo meu olhar, respirando fundo, tentando fazer com que o rubor que queima o meu rosto seja visível para as pessoas, enquanto eu espero que sua voz não me afete do jeito que faz. Finalmente tomo coragem e olho para Marco e percebo que ele não está entendendo nada. Procuro dentro de mim um sentimento que não seja esse desejo desenfreado de sair daqui nos braços dele, mas é em vão. O coração bate forte, quase sai pela boca.

— Liza, o que está acontecendo? Por que você ficou branca desse jeito?
— Sua mão pousa sobre a minha, desviando rapidamente o olhar do meu rosto, conferindo Andrew atrás de mim.

— Não acontece nada, tirando suas mãos de cima dela. Ela está comigo. — A voz de Andrew é rígida, nervosa.

Era só o que me faltava, já não basta me usar do jeito que fez, tem que me fazer passar vergonha na frente do meu chefe. *Inferno*, aonde meu coração foi amarrar o jegue? A raiva que eu esperei surgir me tona por completa. Levanto da cadeira, encarando seu rosto ruborizado, quase sento novamente na cadeira, ele está muito perto. *Droga!*

— Eu vou falar somente uma vez: — respiro fundo. — Não sou propriedade de ninguém, e você está me desrespeitando e desrespeitando o Dr. Marco.

A minha voz sai baixa, na intenção de que só ele a ouça. Não quero que os tumultos da minha vida pessoal cheguem ao meu lado profissional.

— Eu que estou te desrespeitando? Ele te chamou de linda, as mãos em cima de você, um velhote! — Sinto seu hálito bater em meu rosto enquanto

fala. — Eu pensei que você era diferente das demais. — Pelo seu tamanho, nem com meu salto eu consigo alcançar, de forma que seu nariz bate no final da minha testa.

— O que eu faço ou não da minha vida, não é da sua conta. Você está fazendo parecer como se eu fosse alguma coisa sua. E, eu já te falei: some da minha vida, evapora. — Minha respiração é descompassada, quando tudo que eu queria era adquirir o poder de viver sem respiração, dessa forma eu não sentiria o perfume completamente inebriante que ele usa.

Andrew me olha com espanto. Abalada demais para permanecer o encarando, eu me viro para Marco, seu rosto completamente confuso por meu diálogo sussurrado com Andrew, ao qual ele não entendeu nada. Resolvo pelo menos apresenta-los, não quero confronto nenhum.

— Dr. Marco, esse é um conhecido, irmão de uma amiga: Andrew. Nos reencontramos há pouco tempo.

— Ah claro, prazer Andrew eu sou Dr. Marco, trabalho com a Liza há tempos, é uma ótima garota. — Marco age como se nada estivesse acontecendo, e eu agradeço aos céus por isso, pelo menos ele tem a civilização que falta em Andrew.

— É sim, eu sei. — Andrew fala baixo, com o maxilar cerrado, apertando a mão do Marco friamente.

Não entendo essa reação dele, ele acha que por ter me colocado contra uma parede e me feito gozar, delicioso, esplendoroso, inigualável e espetacularmente, pode ditar o que faço e o que eu não faço da minha vida? *Me poupe!*

Arrepio com a lembrança que tenho daquela noite, mas mantenho a compostura, Andrew nunca pode saber que simplesmente a sua proximidade me afeta desse jeito.

— Então ... — Chamo sua atenção para o meu rosto novamente. Ele não se manca que tem que ir embora? — Eu estava em uma conversa com o

Dr. Marco.

Preciso encontrar o meu juízo perfeito. Preciso de Andrew longe.

— Liz, eu posso conversar com você ali no canto? — Diz, carrancudo, sem mover um pé. Foi uma pergunta, mas eu tenho certeza que se eu recusar, ele dará um show.

Por que ele simplesmente não pode ir embora e me deixar em paz? Minha vida já estava toda atrapalhada sem ele, com ele vira uma roda gigante, misturado com problemas.

— Marco, espera só um momento? Vou falar com o Andrew e já volto.

— Claro, minha querida, pode ficar à vontade. Já vou andando por que tenho muitas coisas hoje pra fazer, mas nos encontramos para um almoço ou um café da tarde, pode ser?

— Tudo bem! Me desculpe, Marco. — Abaixo a cabeça olhando para minha mão, morrendo de vergonha de deixa-lo plantado vendo uma briga que não é dele, e agora dispensa-lo assim.

— Fica tranquila, garota. — Então ele olha para Andrew, um sorriso satisfeito desliza por sobre seus dentes. Da um aceno rápido — Você demorou para chegar. — Não espera nenhuma resposta e vai embora.

— O que ele quis dizer? Por que eu demorei para chegar?

Balanço a cabeça, confusa. A careta toma minha feição até eu me dar conta de que Andrew ainda está em minha frente.

— Eu não sei. — Sussurro, encarando-o de volta. — Acho que não precisamos mais ir para o *canto*. — Aponto para a cadeira onde Marco estava sentado. — Senta.

Minha raiva já assumiu níveis desproporcionais e não sei do que sou capaz se ele falar mais alguma coisa estúpida. Não vou o deixar acabar com o

que construí, não na minha carreira. É tudo que eu consegui por mim mesma, minha carreira é o que eu sou.

O encaro, a cólera transpassando pelo meu olho. Vejo sua fisionomia pegando a cadeira de frente e a colocando do meu lado. Andrew é o homem mais lindo que eu já pude colocar meus olhos um dia, e ele sabe aproveitar isso muito bem, usando roupas que ressaltam sua beleza.

Tento olhar para seus olhos quando o vejo sentado, ao meu lado, o rosto e o corpo virados em minha direção. Ele tem uma péssima mania de ficar perto demais, e eu não consigo respirar sem ficar louca.

— Não tenho o dia inteiro, Andrew, fala o que você quer além de me mat...

Não, ele não me interrompeu com um beijo, não foi isso dessa vez, são as suas mãos que fizeram o estrago. Uma está em minha nuca, os movimentos letárgicos, atíçando-me, enquanto a outra segura com firmeza a minha cintura.

Fecho meus olhos, mole. Uma quentura gostosa tomando o meu peito.

Sinto seus lábios se encontrando com os meus, instintivamente eu abro minha boca e o recebo. A língua é quente e entra explorando os lugares. *Isso é pecado de tantas maneiras.* Mas, é uma sensação tão boa, tão bem-vinda nessa turbulência de emoções em que estou vivendo, que eu o abraço, aprofundando o contato.

Andrew me puxa para si como se não fosse o suficiente a distância em que a gente se encontra, sou receptiva a sua aproximação, enroscando minhas mãos atíçando os seus cabelos na altura da nuca, as unhas raspando sua pele. Andrew geme em minha boca, e eu engulo sua voz, adorando essa sensação de poder que o ato me traz. Puxo seu rosto e afundo ainda mais a minha língua em sua boca, se é que isso é possível. Eu nunca experimentei um beijo tão bom em toda a minha vida. Morri e não estou sabendo.

Quando Andrew para de me beijar, meu coração está a mil por hora e

nem meus olhos eu consigo abrir, quero só eternizar esse gosto de chocolate com menta do seu hálito, em minha boca. Sinto sua testa na minha, e sua respiração acelerada.

— Por que você está fazendo isso? — Indaga. — Posso saber o cacete do motivo pra você seguir essa vida?

Ham?

Abro meus olhos, indignada, e paro de tentar recuperar a respiração a prendendo de vez. Afasto-me de seu corpo.

— Andrew, me fala que o que você disse não tem nada a ver com o que eu estou pensando. — Tento controlar a raiva dentro de mim e a dor que me dilacera.

Isso foi um tremendo chute no estômago.

— Eu não entendo qual o motivo... não engulo o fato de que outros podem te ter.

Arregalo meus olhos, espantada.

— Não, Andrew...

— Eu quero ter você, e eu faço qualquer coisa. — Encara-me, procurando meus braços e os segurando, com firmeza.

É fato que a cada dia, ele afunda um buraquinho a mais no meu coração todo remendado. Mas, dessa vez ele fez um rombo, me comparar a uma garota de programa é a gota d'água, preciso esquecer, deixar de ter essa maldita esperança.

— Até pagar? — Sussurro.

Um fio de esperança me eletriza quando olho para seu rosto e sua expressão está mortificada, sem o brilho que estava há pouco.

— Se isso for necessário, quanto você cobrar. — Passa a língua nos lábios, tira as mãos de mim e abaixa a cabeça.

Abro a minha mão e meço-a para ir com toda força parar em seu rosto, na minha frente. Mas, paro no meio do caminho, e não é pelo seu olhar confuso e quase arrependido, mas sim, por entender que ele não merece isso de mim, nem a raiva que estou sentindo é digna de ser sentida por causa dele. Muito menos a tristeza que dói.

— Nem isso você merece, Andrew — Olho para minha mão no meio do caminho, derrotada. — Quem você acha que sou? Qualquer uma que você encontra na rua e paga um vintão? — Seco com força a lágrima que escorre em meu rosto. Consigo ver apenas um lampejo de constrangimento no rosto de Andrew. — Não que seja da sua maldita conta, Andrew, mas eu faço medicina, é meu último ano na faculdade, e não estou e nem posso estar para brincadeiras. Então novamente eu te peço, some da vida e para de estragar tudo que você toca em mim. — *Principalmente o meu coração.*

— Mas... eu o ouvi falando. Ele tocou em você! — Passa as mãos no rosto, ignorando o meu pedido outra vez. — Me desculpe se entendi errado, Liz. Mas, aquele cara estava praticamente te comendo com os olhos, e depois ele disse que trabalha com você. Eu não sei o que passou na droga da minha cabeça, está bem? Você me deixa nervoso pra caralho. — Segura novamente meus braços, aproximando-me dele. — Tive uma pequena amostra do que eu posso ter e agora eu quero tudo, não vou deixar você sair sem antes me dar. Eu sinto que é meu desde que eu bati novamente os meus olhos em você.

Eu estou ouvindo direito ou o cara surtou geral? Não tô acreditando no que estou ouvindo. O que deu nele, pra se sentir no direito de agir assim?

Começo a rir desenfreadamente, sem me preocupar com nada, nem com as pessoas vendo o espetáculo de gargalhadas que dou nesse momento. Deixo todas as emoções que ele me causou saírem na gargalhada. Curvo meu corpo e coloco a mão na minha barriga, rindo histericamente. Sim, era totalmente de nervoso.

Seco as lágrimas que escaparam dos meus olhos e tento me controlar

para essas mesmas não virarem um choro descontrolado. O olho, um falso sorriso estampado no rosto.

— Primeiro “Drew”, meu nome é Elizabeth, e só os mais íntimos me chamam de Liza, e não Liz. Mas, não é o seu caso. Segundo o que é meu é meu e de ninguém mais, não é seu e nunca vai ser. Você é muito prepotente mesmo, né? Sai beijando e enfiando o dedo aonde não é convidado e ainda tem a capacidade de reivindicar uma coisa que você praticamente levou a força?

Ele sorri, sarcástico.

— A força, Liz. Sério? Quando eu toquei em você e estava toda melada não foi isso que aparentou ser a força. Você quis, e teve um orgasmo alucinante, que deu gosto de ver. — Lambe os lábios e coloca a mão no queixo como se estivesse pensando. — Sabe, minha vontade foi de chupar seu gozo todinho, lambe até você perder o juízo.

Sabe àquela hora em que não sabe onde está, quem é você e o que fizeram com o seu eu? Pois então, há minha hora é essa, e estou mais perdida que cega em tiroteio, se ele gostou tanto do que fizemos, ou seja, do que ele fez e eu senti, por que me olhou daquele jeito, me afastando na primeira oportunidade? Não vou ser usada novamente, o intuito dele é só me levar pra cama, e isso eu não vou deixar, não vai acontecer e meu controle tem que voltar, essa palhaçada precisa acabar agora. Andrew poderia me arruinar.

— Acho que você está tão velho, senhor Andrew, que não percebeu que aquilo era lubrificação hormonal de cada mulher, meu intuito era somente te usar, e consegui. Tive um orgasmo *muxuruco*, o que não me permitiu passar a virada do ano em branco. — Abaixando o meu tom de voz, inclino meu corpo e termino de falar em seu ouvido. — Sabe como é, ne? Se não fizer no começo do ano, fica na seca.

A reação dele é hilária: um vinco na testa e um bico nos lábios. Pela segunda vez me desmancho em gargalhadas.

— Tá achando que sou moleque, Elizabeth? — Cerra os olhos,

avaliando-me — Não vem você pensando que vai fugir de mim, por que não vai, eu já disse e repito: você vai ser minha. — puxa-me pela cintura e prende seu corpo ao meu. Minha crise de gargalhadas, bem... ela foi pro *beleleu* e nesse exato momento sou uma pessoa extremamente ofegante.

Recomponho-me e tento responder a altura.

— Ham ham, — balanço minha cabeça, desesperada. — não vai acontecer, Andrew Nunes. Você pode ter qualquer mulher na sua cama, vai buscar uma de suas vadias e me deixe em paz. Eu não sou um desafio. Cá entre nós Andrew, pode admitir que você perdeu, não é de hoje que eu te conheço, e já sei o suficiente para não me deixar levar pelos seus caprichos e ser descartada na manhã seguinte. Me esquece! — *Pelo amor de Deus!*

Olho para sua boca, onde repousa um sorriso cínico que me deixa louca.

— É isso aí, eu posso ter qualquer mulher na minha cama, e sinceramente não sei o porquê o meu tesão está extremamente grande pra ter você. Mas, entenda isso, se eu quero Elizabeth Rennó, eu consigo.

Dá-me um pequeno beijo, desgrudando-me de seu corpo logo em seguida. Segura-me até que eu esteja firme, encostada na cadeira, o que é extremamente difícil. Assim que consigo me concentrar não vejo Andrew na minha frente mais, ele simplesmente foi embora. Sem olhar pra traz, com aquela arrogância e o charme exalando sensualidade por onde passa.

Esse cara sabe o efeito que tem em mim, e eu ainda o deixo montar e fazer o que quer. Preciso recuperar as minhas atitudes sensatas e pensar com a cabeça, não posso deixar o meu louco tesão desenfreado falar mais alto. Se ele está vindo para luta, eu vou pra guerra. E eu não lido muito bem com perdas, já falei isso, não é? Bem, meu nome é Elizabeth Rennó e eu nunca entrei pra perder.

Não vai ser a primeira vez, Baby.



Capítulo 6

Chego à minha sala e tento me afundar nas tarefas acumuladas que ficaram do feriado, mas a cada nano segundo me pego pensando em como Andrew tem a capacidade de me amolecer. Sempre fui uma pessoa centrada, e depois de crescida eu nunca dei chance para o azar brincar comigo. Quando o conheci eu era nova, e ingênua, não sabia o efeito que ele teria em mim se caso passássemos de certa linha arbitrária. Mas, hoje eu sei no que pode dar, e no que posso esperar, e francamente eu quero isso. Fugir pra que? Eu quero me entregar, preciso me distrair, tirar o foco do imenso buraco negro em que está o meu coração. E depois de tanto pensar a manhã inteira eu decido que vou à luta.

É fato que eu não gosto de perdas, mas uma vez na vida você tem que aceitar que quando se perde também se ganha, e no meu caso vou ganhar um homem lindo e gostoso por pelo menos duas noites, por que é claro, não sou como as outras para ser descartada na manhã seguinte, e nem vou. Mas antes de eu me render aos seus encantos sexuais, vou o fazer ficar doido, praticamente subindo pelas paredes, e aí então, vou ter o seu melhor desempenho e os meus melhores orgasmos. É isso aí, não está errado, realmente falei no plural, quero ter muito mais de um. Mas enquanto isso, ele não precisa saber que vou me render.

Depois de decidir de fato o que vou fazer, me sinto até mais leve e mais centrada para realizar os meus trabalhos, e em um piscar de olhos já passa de uma hora da tarde e meu estomago está a ponto de combate, já que fiquei a base de café a manha toda. Resolvo então, ligar para Marco e ver se a proposta do almoço ainda está de pé. Com a avalanche Andrew nem tivemos tempo de conversar.

Telefone para Ester e a peço para me transferir para Marco.

— Oi, Marco, muito serviço?

— Estou aqui com papéis e mais papéis até a cabeça, é injusto um médico ter que lidar com isso. Não fui feito para o escritório.

Acaba de falar rindo.

— Olha, olha, Marco, eu estou prestes a fazer as duas coisas. Tô pensando que levo jeito, viu! — Nos dois rimos. — Então, estou ligando pra perguntar sobre o almoço, será que ainda está de pé?

— Esta sim, estou sem almoçar até agora. Vamos?

— Te encontro na portaria.

O almoço com Marco corre tranquilamente, conversamos sobre diversos assuntos, e com ele tenho a leveza de falar, não fico me policiando, por que dele posso até ouvir um conselho, mas me repreender não será capaz, vejo muita sinceridade no seu olhar, e o respeito como se fosse meu próprio pai.

Mas como tudo que é bom, dura pouco, Marco não se deu por satisfeito sobre a minha pequena explicação sobre Andrew. E não sei o que está na minha cabeça que quando eu vi, já tinha falado mais do que deveria até.

— É complicado, eu e Andrew nos conhecemos há muito tempo, sempre fui apaixonada por ele na adolescência. Em contrapartida, por ser mais velho que eu praticamente dez anos, ele sempre me menosprezou, acho que isso pesava muito. Não adiantava o que eu fazia, nada estava bom e sempre era recriminada. Até que um dia eu parei de fazer – Omito que o motivo que me fez parar de importar foi o tal beijo avassalador de molhar calcinha no corredor – Na época eu estava começando com o Gui, deixei ir e passei todos esses anos. Agora que Guilherme viajou a trabalho, estou solteira novamente e reencontrei Andrew na noite de Ano Novo. Rolou um beijo e uma dança. Agora ele quer um mais, e não sei se estou disposta a

confiar depois de tudo, pra mim, como o conheço, é só uma artimanha para me usar.

Paro para respirar e olho para Marco, com medo de ver qualquer coisa que vai me machucar se sair da sua boca. Ele pigarreia e fala:

— Liza, vou falar com você buscando lá no fundo a minha visão de homem. — Brinca. Por que de homem, Marco só tem o corpo. — Eu não o conheço, mas pelo que vi, o cara *tá* louco por você. E, você é a única que não percebeu isso ainda. Ele estava com um ciúme desenfreado de um coroa — aponta para si mesmo — pegar na sua mão, garota. — Ri, olhando pra minha cara, quebrando o clima. — Um conselho que te dou: não vou falar pra você sair por aí e fazer o que todas essas meninas fazem, não vai fazer bem pra você. Mas Liza, sai, diverte, vai viver, deixa as pessoas se aproximarem de você e esquece o medo de perdê-las, ou o medo que você tem delas partirem seu coração e você ter que remenda-lo mais uma vez. — Pega na minha mão e me olha com carinho — A vida, minha querida, sempre vai lhe fazer sofrer, mais cabe a você ficar sentada chorando ou levantar e viver.

Marco faz parecer tão fácil, como se meu coração já não fosse completamente remendado.

— Eu não queria ter feito você passar vergonha, Marco.

Enxugo meus olhos e tento rir um pouco, mas sai mais como uma careta.

— Não faça isso, Elizabeth, eu conheço você desde que tinha quinze anos; eu fiz a sua entrevista e vi o tanto de garra que teve para batalhar e chegar aonde está, e mais do que nunca agora quero ver você feliz, por que eu vi o tanto que sofreu. Pelo modo que falou, está precisando muito conversar. Senta com algumas amigas, joga conversa fora, rir, conta piadas engraçadas, Liza, por que essas que você conta Guria, se vivesse disso, estaria raquítica de tanto passar fome.

E com essas brincadeiras o almoço vai começando a retomar as proporções descontraídas em que estava. Eu adoro o Marco, ele me faz sentir

leve, e com ele sempre posso ser verdadeira. Ele seria um belo exemplar de conquistador, se um dia no seu passado ele não resolvesse virar homossexual.



Pela primeira vez, em não sei quanto tempo em que minha vida está de cabeça pra baixo, eu me sinto feliz, solta, leve, com visão em um futuro bom, que eu possa realizar todos os meus sonhos, mesmo que nem todas as pessoas que eu esperava estejam presentes, eu realmente quero me abrir novamente para o mundo.

Termino o meu dia, com a expressão mais feliz que eu poderia colocar, às vezes o bom vem do lado de fora, você só precisa ser otimista e esperar. E é isso que vou fazer, Andrew vai dar as caras novamente e dessa vez, eu não vou me render aos seus encantos, como ele mesmo disse, quando ele quer ele consegue, só que quando eu quero, eu também consigo. Lutar contra isso só cansaria para o final eu me render do mesmo jeito.

Chego em casa morrendo de saudades da minha pequena. Quando eu estou com ela eu esqueço o mundo, e lembro só dessa conexão que Luíza e Diego me deixou. Minha mãe me ajuda muito, ela que fica com Sofia pra eu trabalhar e estudar, e é por esse e outros motivos que eu tive que voltar pra minha antiga casa, foi à decisão no momento mais sábia que tomei, sem minha família no momento em que eu mais precisei, eu não sei o que seria da minha vida.

Entrando na cozinha eu já sinto um cheiro divino de massa e queijo, eu realmente não sei como eu e Giovana não somos uma bola ambulante, não engordamos de ruim, só pode.

— Oi, mãe! Huum, que cheirinho gostoso. Tô com muita fome

Dou beijo em seu rosto. Distraída, coloco o dedo na panela.

— Ah, Elizabeth, vai lavar essa mão. — Ralha comigo.

— Pode nem comer nessa casa mais.

Lavo minhas mãos e volto pra pegar a minha princesa.

— Oi, minha bonequinha! Que saudades a mamãe ficou de você. Se pudesse te levava para todos os lugares.

Hoje ela está linda, e já preparada para o jantar. Com um vestidinho rodado de manguinhas bufantes rosa. Ela com toda certeza é a minha perdição.

— Quer ajuda, mãe? — Pergunto com Sofia no colo.

— Não, minha filha, não quero nada quebrado ou queimado na minha cozinha.

Com essa eu saio, pegando a mamadeira pronta de Sofia em cima da bancada, sem nem olhar para trás. Poxa, *tá* certo que eu não sei cozinhar, mas ficar caçoando assim de mim, não vale. Lembra quando eu disse que não tinha sonhos de me casar e toda pompa que uma menina da minha idade com certeza tem? Pois é, nunca me interessei nem por cozinha, e mamãe *tá* certa, quebro e queimo tudo que eu coloco a minha mão. Não sei como essas pessoas cozinham tão bem e não acontece nenhuma catástrofe na cozinha.

Sento no tapete felpudo da sala de TV e fico assistindo alguns desenhos com Sossô. Mas, logo ela perde a paciência, está prestes a completar seus cinco meses e os dentinhos já estão começando a apontar, uma coisinha para os bebes que incomodam demais e nesse momento se eu deixar, ela quer morder até a orelha da Tica, nossa cachorra.

Perco-me em pensamentos, brincando com Sofia, ela é tão calma. Um jeito raro de se ver, muito precoce, diga-se de passagem, mas muito carinhosa, pelos pequenos gestos percebemos que ela é atenciosa. Quando eu chego do serviço ela logo quer colo, mas não por ser uma criança birrenta que só fica no colo, mas por querer atenção, carinho, beijinhos, e antes mesmo que eu possa matar a saudade, ela já quer sair do meu colo e brincar independente como ela só.

Ainda estou brincando com Sofia quando Papai e Giovana chegam. Giovana ainda não decidiu qual carreira seguir, por isso fica andando com papai pra cima e pra baixo, sendo sua assistente, que na verdade só assiste aos homens bonitos encorpados pelo exercício braçal que fazem diariamente, “*uma perdição*” usando palavras da própria.

Quando me vê, já esbugalha os olhos, percebo que ela quer me contar uma coisa. E como curiosa que sou, me levanto e caminho em sua direção para saber o que é.

— Muitas apreciações hoje, Gio?

— Deus me livre, mas quem me dera. — Responde indiferente. — Não vejo ninguém mais na minha frente, parece que estou com uma viseira e só enxergo Alessandro, Alessandro...

Solto uma gargalhada pelo seu jeito extrovertido de falar e todos nos olham, inclusive papai, que acabou de chegar na sala.

— Oi, Pai, trabalhou muito?

Dou, também, um beijo em seu rosto.

— Estou aprendendo a delegar as minhas funções para outras pessoas que estão chegando agora.

Levanta as sobrancelhas para Giovana, que ri enquanto fica vermelha. A esperança para o papai é a última que morre, e ele sonha em ver uma das filhas com aquele capacete de EPI horroroso na cabeça. E eu de EPI, no máximo que irei usar, será aquela toquinha que segura o cabelo na hora da cirurgia, o que no caso não deixa de ser horroroso.

— Preciso conversar com você Liza, é sério. — Sussurra, quando ninguém percebe.

— Pode falar, Gio, o que aconteceu?

— Não pode ser aqui. — Olha para todos os lados e para bem aonde mamãe está com papai.

Ela vai me confessar um crime, é?

Eu logo entendendo que deve se referir a Alessandro. Pego Sofia no chão da sala e subo para meu quarto, usando a desculpa que irei trocar de roupa.

Com Sofia na cama, ao lado de Giovana, eu começo a tirar a minha roupa. A indago, não me aguentando mais de curiosidade.

— Fala logo, Giovana, não podemos demorar.

— O Alessandro pediu o seu telefone.

Na hora eu congelo no lugar, e não sei o que pensar. O que ele pretende com o meu telefone? Nem nos conhecemos direito.

— O que ele quer com o meu telefone?

— Isso que eu não sei, Liza. Ele me disse que queria conversar com você e conhecer mais a nossa família por uma pessoa que está do lado de fora do nosso relacionamento, pra ele saber o que se pode esperar do jantar aqui em casa. Mas essa história não me convenceu.

E na hora que a boca dela se fecha eu tenho uma súbita certeza.

Faço uma careta. Não gosto de menino de recados.

— Mas ele vai jantar aqui quando, Gio?

Tento mudar um pouco o rumo que a minha mente vai levando, não é que eu queira esconder esse *trelelé* dela, mas é que não quero ter a esperança de que ele vai me ligar e entrar em contato comigo, apesar de ser inevitável e o coração já começar a bater mais rápido. Pode ter sido realmente Alessandro, e eu irei alimentar caraminholas.

— Vamos jantar, meninas. — Grita mamãe, lá de baixo.

— Já vamos, mãe. — Giovana grita de volta, segurando as mãos de Sofia, brincando. — Não sei, Liza, estou pensando em daqui a umas duas semanas, o que acha?

— Acho legal. Mas, por que você está triste desse jeito, Giovana? O cara está querendo dar um passo adiante, conhecer a sua família.

— Eu não sei, Elizabeth, tem uma coisa dentro de mim que fala que ele pediu seu telefone não foi pra isso. Eu estou com medo. — Sua voz é angustiada, colocando a mão livre no peito. — Não sei, parece que ele está me escondendo alguma coisa, Liza.

— Não fica assim, vamos esperar pra ver, quem sabe não é isso mesmo?

— É o único jeito. — Respira fundo. — Você acha que é isso? Fala a verdade pra mim Liza, quero a sua opinião.

Não é como se ele quisesse meu telefone para dar em cima de mim, né?

Eu não quero mentir pra ela sobre isso, queria manter esse flerte com Andrew em segredo por agora, mas sinto a necessidade de falar.

— Não Gio, eu não acho que seja isso. Mas o que eu acho não tem nada a ver com vocês dois.

— Como assim, meu namorado pede o telefone da minha irmã e não tem nada a ver conosco?

— E não tem. Tem a ver com Andrew. Mas depois conversamos sobre isso, por que senão mamãe vai surtar lá embaixo.

Levanto Sofia da cama e praticamente forço Giovana pra sala de jantar comigo, quando mamãe dá mais um berro para descermos. Começamos a rir pela minha adivinhação e ela me puxa pelo braço já entendendo o que eu não

quero explicar por agora.

— Vou dormir no seu quarto hoje e vou até levar pipoca. Já vi que esse caso dá cinema.

Começa a cantar em voz alta e passando a mão em frente de seu rosto parecendo que está apreciando um letreiro de filme em Hollywood.

*Nossa história vai virar cinema
E a gente vai passar em Hollywood,
mas se ninguém gostar
não tem problema
Meu bem um grande amor
não há quem mude!*

(Coisa de cinema – Claudinho e Bochecha)

Começo a andar mais rápido na direção dela e a danada começa a correr em disparada descendo as escadas, por que sabe que se ficasse, pelo menos, um beliscão ela iria tomar.

— Sua tia não tem medo da retaliação, gorducha. Está vendo? —
Converso com Sofia, me vendo sozinha no corredor que leva para a escada.

Não tem absolutamente nenhuma chance dessa música virar uma trilha sonora minha e de Andrew. Mas, puta que pariu! Como eu queria que fosse verdade.



Capítulo 7



O jantar transcorre da mesma maneira de sempre, muito barulho, brincadeiras, um sempre pegando no pé do outro. E é nessas horas que eu morro de saudades de Júnior, sempre fui muito apegada a minha família, ninguém pode mexer com meus irmãos, dois seres humanos que podem ser tanto a minha fortaleza, como a minha fraqueza. Sempre nos identificamos muito. Fui criada em um âmbito em que a família é o seu alicerce, pessoas com quem você sempre pode contar. Pessoas vem e vão, a sua família é a constante no meio disso.

— Pai, quando que o Júnior volta?

Pergunto, cortando o assunto que estava rondando a mesa, enquanto tento distrair Sofia que está em sua cadeirinha brincando.

— Provavelmente ele estará aqui para o carnaval — Diz. Depois olha pra todos na mesa em expectativa, como se lembrasse de alguma coisa — Falando em carnaval, você vai desfilar esse ano em Rio Novo, Liza?

Para o garfo no meio do caminho, e meus olhos ficam marejados. Tento disfarçar para meus pais não notarem que qualquer coisa que lembra Luiza e Diego me despedaça um pouco mais. Ela era muito mais que prima pra mim, e o amor que eu sinto por ela, vai além de qualquer explicação. Apesar de ser mais velha do que eu quase um ano, eu não conseguia me livrar da sensação de que tinha que cuidar e proteger ela. Deve ser por esse sentimento que tive, que ela me deixou a guarda da Sofia.

— Bom pai, não sei, acredito que não.

Tento soar indiferente, para uma coisa que eu sempre tive muito

entusiasmo em fazer, eu amo o carnaval, e desde que eu me entendo por gente vou para Rio Novo e faço as benditas marchinhas de carnaval com um grupo de amigos. Mas esse ano em específico, não estou tão empolgada quanto deveria.

— Mas você vai pra fazenda com a gente, certo?

— É bem... tenho que ver a escala no hospital. Não sei!

— Ah, sim. Você vai, Elizabeth. — Minha mãe fala, firme, porém a voz soa calma.

Cerro meus dentes, detestando a forma imposta que as coisas estão tomando. Todos fazem silêncio na mesa.

Encaro minha mãe.

— Talvez eu não me sinta confortável. — Admito, também calma.

— Talvez isso seja uma desculpa para se afastar.

— Mas, mãe...

— Chega, Elizabeth! Você tem que querer... — Meu pai me corta.

— Não é uma questão de escolha, pai. — Engulo minha própria saliva que desce rasgando.

— Eu não aguento mais essa indecisão, essa tristeza. Para com isso, minha filha, nós estamos aqui e não morremos naquele maldito acidente. — Aponta para todos na mesa. Eu posso ver isso. — Eu sei que pra você está sendo difícil, para todos nós também. Mas, com essas suas atitudes você está entristecendo todo mundo que preocupa com você. Para de fingir que está tudo bem e meter a cara no trabalho, chega de fugir das coisas que vocês duas faziam juntas, ela sempre vai continuar com você, Liza, em seu coração. Mas NÓS estamos aqui por você minha filha, e você está nos afastando. — Sua voz é calma e acolhedora, com o intuito de me acalantar e consegue.

Fico em silêncio, as batidas do meu coração em meu ouvido quase me ensurdecendo.

Meu pai suspira, aliviado por falar. Eu também fico aliviada que ele tenha colocado suas expectativas para fora, não que eu possa realiza-las, meu jeito de sofrer é diferente do que eles querem, no entanto, desde o acidente, todos vem me tratando como se eu fosse de vidro, e qualquer coisinha eu quebraria. Bom saber que não estava assim mais.

Não sei quanto tempo depois, eu sinto seus braços ao meu redor. Eu não consigo falar nada, e ele agora tão pouco. Só me abraça e deixa as lágrimas caírem junto comigo, eu nunca me despedacei desse jeito na frente dos meus pais, desde nova eu sempre soube que para não vê-los sofrendo eu teria que segurar a minha tristeza pra mim, e não contar a eles, por que não à jeito, filho sofrendo, pai sofre junto, e os motivos das minhas tristezas na época, não valeria a pena contar.

— Eu não quero ver vocês sofrendo pela minha dor. Mas eu não posso deixar de me lembrar da Lu a cada coisa que eu faço, eu fico com tudo guardado pra mim e tento fugir do que me traz lembranças dela, mas ao mesmo tempo eu não quero esquece-la nunca. É tão confuso, e dói tanto.

— Sofia está muito novinha para você entender, Liza. Mas um filho não consegue esconder seus sentimentos dos próprios pais. — Alisa meus cabelos, todos nos encaram, até Sofia para o que está fazendo e nos observa, os olhos como os de Luíza, como para me lembrar que ela sempre estará presente. — A dor precisa ser sentida, por que ela um dia nos consome.

Não sei quanto tempo eu fiquei abraçando o meu pai e deixando as lágrimas caírem, sei que aquele colo que me acolheu, chorou junto comigo, sofreu da minha dor. Olho pra minha mãe já mais calma, e ela me dá um sorriso tranquilizador e é nessa hora que eu tenho certeza que tudo um dia ficará bem, sempre fica.

Não quero continuar sofrendo assim, sei que a saudade pra sempre vai ficar, mas o sofrimento é opção. Agora que já chorei minhas lágrimas, quero viver, aproveitar do que ficou de bom dentro de mim, depois de todas as

cicatrizes. Essa com certeza se mexida é a que mais doerá, mas eu tenho que ser forte por mim e pela minha família, já está na hora de superar. Tenho uma filha agora, e mesmo que meu cérebro não tenha se programado para o ato, é a minha realidade agora.

Olho para os lados e só agora percebo que Giovana saiu à francesa com a Sofia no colo. E é tão lindo ver as duas juntas. Recomponho-me, respirando fundo, e sinalizo para meu pai que estou bem.

— Obrigada, papai! Eu te amo!

E é claro que nessa hora os olhos dele mais uma vez se enchem desse líquido salgado ao qual chamamos de lágrima, efeito do corpo para demonstrar tanto sofrimento como felicidade, nos mostrando como a linha entre os dois sentimentos é tênue. Para você sofrer, só basta estar feliz.

— Eu também, minha filha, te amo demais! Não quero te ver assim de cabeça baixa mais. E olha, é um intimado. Está prestando atenção? — Balanço a cabeça, confirmando com um sorriso triste no rosto. — Você pode até não desfilar no carnaval, mas você vai para a fazenda conosco. É tradição, lembra? E tradição de família a gente não quebra. — Franze a testa, fazendo aparecer pequenas rugas ao lado de seus olhos.

— Não pai, tradição a gente não quebra. E, eu não quero quebrar. — Faço sinal de desdém com a mão, e seco as lágrimas.

Rimos juntos enquanto eu percebo que, realmente, estou precisando daqueles momentos, sinto falta de todos os meus amigos, da minha vida, da alegria que eu sentia mesmo com as lembranças de Clóvis ficando na superfície. Eu quero, sim, ser feliz e me divertir.

Todos retomam os seus lugares e eu agradeço a Giovana por ter tirado a Sofia de perto do lado “explosivo” de papai. É até engraçado falar algo assim, quem o conhece do lado de fora gargalharia, com certeza, da minha cara ao me ouvir dizer que papai explodiu comigo. Logo eu, que ele nunca briga. É eu sei, sou muito filhinha de papai, gosto disso. Porém eu nunca gostei de chamar a atenção para o meu lado, e sempre fiz tudo que me destinavam.

Todos retomamos ao silêncio, porém, dessa vez uma paz se estende no local, é reconfortante. Pego Giovana me olhando de canto de olho. Está escrito em sua testa o quanto ela está ficando curiosa para eu falar sobre Andrew, diferente de mim, que não estou muito empolgada para tal revelação, não sou acostumada a ficar falando da minha vida amorosa, ainda mais para minha irmã caçula. Na verdade, eu nunca tive muito que contar, diferente de agora.

Olho pra ela e rio da careta que vai desabrochando no seu rosto.

— Ei, pare de rir. — Sussurra. Bate em minha costela levemente com seu cotovelo. — Não aguento mais comer nada, pessoal. Estava muito boa a comida, mãe. Como sempre.

— Obrigada, querida! — Mamãe sorri, enquanto papai segura sua mão com delicadeza, repetindo a afirmação de Gio.

Aproveitando do momento de distração de mamãe e papai, Giovana me chama.

— Você vai desembuchar tudo pra mim, Elizabeth, eu estou roendo as unhas aqui já. Em plena urticária.

Caímos na gargalhada, e a sobremesa segue leve, diferente do jantar.



Coloco Sofia, adormecida, em seu berço e vou tomar meu banho. Depois de um dia exaustivo como esse, eu só quero deitar na minha cama e apagar, esquecer que todo mundo tirou o dia para puxar as minhas rédeas, *Ei Liza, levanta esse astral*. Como se fosse fácil. Mas pelo bem, pelo que parece da humanidade que me cerca, eu vou parar de me mascarar e me policiar para viver a vida.

Quando estou contemplando a plenitude de entrar debaixo do cobertor e praticamente hibernar, chega Giovana com cara de sapeca carregando uma

bandeja de pipoca e, ainda por cima, dois copos de refrigerante.

— Aqui, pega esse pote e me ajuda com isso.

— Menina, você não tem fundo, não?

— Promessa é dívida. E, eu me lembro de que traria uma bacia de pipoca para escutar a sua história com o Andrew. — Faz uma caretinha de indignação em silêncio, que dura pouco – Logo o Andrew, Liza? Não é que eu não goste dele, ele é um cara muito legal e amigo do Alessandro. Mas, ele é muito vamos dizer assim... solto no mundo.

Paro para pensar no que ela está falando, e isso não afeta tanto a minha empolgação quanto eu achei que faria. O fato que não me deixa desistir é o inverso que Giovana está falando. Não quero compromisso, quero deixa-lo louco e depois ter duas noites inesquecíveis com o *Boy Magia* dos meus sonhos de adolescência. Estou em pleno torpor quando eu respondo.

— Primeiro, eu não me lembro de prometer nada. Segundo, Andrew e eu é como tequila em uma noite de balada. Só dá certo de vez em quando, para tomar aquele porre e experimentar.

Giovana enrugando o nariz e se afasta um pouco. Caio na gargalhada enquanto ela faz uma careta que não chega aos seus olhos, que estão mais risonhos do que indignados.

— Fico feliz de você estar começando a se alegrar um pouco mais. Receio que seja por causa de Andrew? — Balanço a cabeça negando, enquanto pego um punhado de pipoca. — Vamos lá, Liza! Solta um pouco, vai. Estou no escuro aqui.

Enche a mão de pipoca e dou um grande gole no refrigerante gelado. Da vontade de rir da sua cara de expectativa para ouvir a grande história.

— Está bem, vamos lá! Eu conheço o Andrew de tempos atrás. Lembra-se da Natália, né? A minha amiga do cursinho que eu fiz.

— Hum, lembro. A que está na Europa! Ham, continua, o que tem ela?

— Então, ela é irmã do Andrew. — Abaixo a cabeça e olho minhas unhas. — Sabe? Aqueeee Andrew.

Quando olho para Gio, ela está surpresa e não esconde. Abre a boca e quase tenho que fecha-la, pois seu queixo se encontra no chão. Então, acima de qualquer ideia minha, ela lembra da minha grande paixãozinha de adolescente.

— Meu Deus, o melhor amigo do meu namorado é a paixão da minha irmã na adolescência. — fica pensativa, levemente confusa. Posso ouvir a engrenagem dos seus pensamentos. — Tá, mas por que ele fingiu não te reconhecer na boate? Não entendi.

— Essa parte eu também não entendi. Fiquei completamente atônita quando eu vi que o Andrew amigo do Alessandro e o Andrew irmão da Nathi eram a mesma pessoa. Tinha sete anos que não o via, e não mudou muito, continua impassível do mesmo jeito.

— Espera aí, tudo bem você não saber que era ele e ficar assustada, mas ele já tinha visto uma foto sua no meu celular. Uma foto sua e minha que estava mostrando para o Alessandro quando ele estava perto. — Sua expressão é de quem acabou de descobrir um enigma — É isso, o filho de uma mãe já sabia que era você e fingiu não te conhecer, só para te afetar. Que filho da puta! Não conhecia esse lado dele.

— Pensando por esse lado, dá até pra imaginar o porquê ele fez isso.

— Não compreendi o que você está falando. Quero saber tudo que aconteceu na boate. Aliás, não só na boate, mas naquele dia que você chegou em casa chorando e jurou que nunca mais voltaria naquela casa. Quero saber tudo.

Bufo, já irritada pelo seu interrogatório. Porém falo, mais pra tirar o peso das minhas costas, do que para sanar essa sua curiosidade desenfreada.

— Giovana, na boate aconteceu um beijo nos bastidores e aquela dança que você viu. — Omito pra ela a parte do orgasmo, por que eu posso ter chegado longe em me abrir, mas contar isso pra minha irmã são outros quinhentos. — E anos atrás, não tem nada pra contar. Eu era louca com ele, que me menosprezava, típico dos casinhos de amor. Mas, ao contrário das historinhas, ele não se apaixonou por mim. Não sei o que deu nele, que em uma noite, quando eu estava lá, levou uma piranha que não sabia transar no mudo pra dentro daquela casa, mais especificamente do lado do quarto que eu e Nathi estávamos dividindo, só para eu ter o prazer de escutar tudo o que ele fazia e o que não fazia com a mulher. E, depois, no outro dia, me deu um beijo de tirar o fôlego não fazendo mais nada. Desde esse dia eu o não vejo mais, e nem procuro saber notícias. Andrew sabia que eu era apaixonada com ele, não tem outra explicação.

Evito olhar para Gio, com a cabeça baixa, foco minha atenção em enrolar a ponta do lençol em meu dedo, um pouco arrependida por ter falado tanta coisa. Mas, aliviada por compartilhar essa parte do meu passado.

— Meu Deus! — Subo meus olhos, a atenção cravada em seu rosto, com o olhar longe, atrás de mim, compreensivo. — Claro, tudo se encaixa. Como eu não pensei nisso antes, eu não sei. — Bate na cabeça, dando um sorriso brincalhão. Seus olhos procuram os meus. — O coitado do cara está com excitação reprimida têm sete anos. E, pediu ao Alessandro para conseguir seu número para ele.

Grande descoberta, Sherlock!

Dá uma gargalhada, alta. Até que meu telefone toca em algum canto do quarto. Não me preocupo em responder para procurar de onde veio o barulho. Pode ser algo importante do hospital. O acho em cima do criado, ao lado da cama. Desbloqueio a tela percebendo o número desconhecido. Abro a mensagem, um frio na barriga me faz ter uma noção certa de quem seja.

Andrew: *“É hora do banho. Seria um bom momento para eu dizer que sou ótimo em lavar as costas?”*

Começo a rir, sem pensar, e já digito uma resposta

Liza: *“Hum! Receio que não. Lavar as costas irá te tornar um previsível. E, de mais a mais não seria um lugar apropriado para o momento.”*

Giovana curiosa como ela só, corre para o meu lado para ver quem é.

— Ai, meu Deus! É ele, não é? — Confirmo com a cabeça, sorrindo. — E o que você disse? Que baita tesão ele está em você, Elizabeth.

Jogo o travesseiro nela, constrangida. Cadê a minha menininha que nem sabia o que era transa? Penso enquanto recebo outro toque do telefone indicando mais uma mensagem.

Andrew: *“Previsível eu seria se, na primeira oportunidade, eu já tivesse te levado pra cama, te deixado louca e te feito minha.”*

Wool, o cara é realmente direto.

Viro-me para Giovana com olhar suplicante, eu nunca flertei desse jeito pelo telefone, não tenho a mínima ideia do que responder.

— O que você quer fazer, Liza?

Outra mensagem chega, sem que ao menos eu possa responder.

Andrew: *“Estou sendo o cavalheiro. As suas costas seria apenas o começo. Minhas mãos são hábeis e gananciosas, posso fazê-las trabalharem ao seu prazer a noite inteira, sem cansar.”*

— Em relação ao flerte, descarado, dele? — Ela acena concordando, ainda olhando para o meu telefone. — Bem, eu quero deixa-lo louco pensando que eu não vou ceder, e depois quero ter os melhores orgasmos da minha vida.

Então ela me olhar e sorri.

— Já vi que você levou ao pé da letra o que andamos dizendo pra você

se abrir.

— Ai, credo, Giovana. — Começamos a rir do seu trocadilho quando o toque nos interrompe mais uma vez. *Jesus! Ele não vai cansar.*

Andrew: *“Pelo que parece, perdi o banho. Bebê dorme cedo e já está na cama, o que é ótimo por sinal. Posso te dar muito mais atenção.”*

Giovana pega o celular da minha mão, e eu fico só na expectativa esperando a besteira que ela vai fazer.

Liza: *“Hum, hum. Não se engane, gostosão! Eu ainda estou na minha banheira, relaxada pensando em como você pode me satisfazer bem aqui, em um pontinho doce que eu tenho, e iria te deixar louco.”*

Olho estupefata para mensagem que Giovana acabou de mandar por mim, e droga em menos de um minuto ele já respondeu.

Andrew: *“Posso lambê-lo todo, assim como você.”*

— Deus! — Exclamo ao ver a sua nova resposta.

Liza: *“Posso retribuir o favor se o senhor fizer um bom trabalho. Espero por uma certificação a altura do que estou disposta a dar.”*

— Meu Deus do céu, Giovana... devolve esse celular!

— O que é, Liza? Tá parecendo mais uma velha. — Olho sua expressão embasbacada. Não sou velha, só que... — Você nunca falou putaria pelo telefone? — Balanço minha cabeça em negativa, ainda confusa. — Bem, para tudo tem uma primeira vez. — Olha para o telefone em sua mão que toca novamente.

Andrew: *“Argh! Você venceu, quero muito te comer. Estou duro, muito, muito duro e quase gozando nas calças de tanto tesão. Tem noção do que você fez?”*

Giovana continua com suas travessuras como se fosse eu, e realmente

começo a me animar. Acho que ninguém nunca me disse, assim, na lata, que queria me comer.

Liza: *“Sério? Já? Apressado você, nem estou molhadinha ainda. Mas, que pena a bebê aqui não poder ficar pra ver o show do Sr. Pau Duro, ela tem que estar na cama, pra levantar cedo e ir trabalhar.”*

Começo a rir pelo fora que Giovana deu nele, e percebo que estou aprendendo muito com a minha irmã mais nova, quem diria? O mundo dá muitas voltas.

Outro bipe.

Andrew: *“Sua filha de uma mãe. Vou fazer você me pagar. Escuta o que eu estou te dizendo: você vai perceber que é minha quando o meu pau duro, meter fundo em você. GOSTOSA!”*

Sorrindo, vendo a última mensagem, ela bloqueia o telefone e me devolve.

— E agora Giovana, o que eu faço?

Sua cara é de satisfação e orgulho.

— Relaxa, Liza, ele vai implorar pra te levar pra cama. Não responda se ele te mandar mais alguma mensagem. Lembre-se que você quer deixa-lo louco. — Faz uma pausa, ponderando o que vai falar — Liza, não cria expectativas de mais não, Andrew não é disso. E você precisa se divertir e não sofrer mais ainda. Promete?

Não posso evitar o gosto amargo que vem na minha boca depois dessa declaração, não que eu tenha esperança com aquele cafajeste, mas é que esse diálogo me deu ânimo, vida, uma coisa que não sentia há muito tempo e não sei explicar. Por fim, tento acalmar Giovana, disfarçando que não quero nada mais que ele. Confirmo com a cabeça, dispersando os pensamentos que me deram um balde de água fria.

Já debaixo dos meus cobertores com meus pensamentos recebo mais uma mensagem.

Andrew: *“Sua pilantra, agora estamos kits, acabei de ter um dos orgasmos mais deliciosos da minha vida usando apenas a minha mão, só pensando em você. Fico louco só de imaginar meu pau dentro dessa bocetinha apertadinha sua. Boa noite, MINHA delícia.”*

Pronto, não precisa de mais nada para eu dormir quente como o inferno e com um baita sorriso de coringa no rosto, ainda que morta de vergonha pelo que foi falado e pela intimidade trocada.



Capítulo 8

Acordo no outro dia, ainda mais disposta a enfrentar todas as controvérsias da minha vida e ser feliz. Na verdade, eu me contentaria com um homem moreno, olhos azuis, um corpo atlético, me beijando toda. Mas, por hora, a certeza de que eu o estou afetando é muito bem-vinda para a minha humilde razão aceitar que eu ainda, apesar dos pesares, estou bem.

Pena que a minha alegria durou pouco. Logo na garagem de casa, meu carro não pega. Bato a chave novamente e nem o barulho do motor eu ouço. Encosto a testa no volante, mal podendo acreditar que isso está acontecendo logo hoje. Tenho uma reunião com meu futuro mentor de obstetrícia do hospital em menos de uma hora. *Mil vezes droga!* Saio do carro frustrada, chuto a roda de Joe e o xingo internamente. *Mais prestativo, Joe, mais prestativo!*

Corro de volta pra dentro de casa e chamo meu pai, não suportando a ideia de transporte coletivo, aquela lata de sardinha disfarçada de ônibus.

Entro em casa esbaforida, morrendo de medo de perder mais uma carona pra atravessar a cidade. O hospital não é nada perto, eu ando de um polo a outro de Belo Horizonte.

— Mãe, meu pai já saiu? — Pergunto minha mãe quando a vejo na cozinha.

— Não, minha filha. A Giovana atrasou e seu pai está esperando-a. — Responde com a voz calma, continuando a mexer no fogão.

Santa Giovana, depois de tantas desenroscadas que a livreí, ela dá uma dentro comigo. Mesmo que esse dentro comigo, seja um fora para papai. Ele

detesta atrasos. Como eu. Corro novamente, dessa vez em direção ao quarto da Giovana. Encontro meu pai no meio do caminho.

— Pai, me dá uma carona? Parece que o lindo do Joe não quer trabalhar hoje — Já falei que meu carrinho lindo tem nome? Meu lindo Siena vermelho se chama Joe, meu eterno companheiro. Ou nem tanto assim, hoje está mais para traíra. — E estou atrasada para uma reunião que teria com o meu futuro mentor.

A agonia toma conta da minha fala. Antes que papai responda, olho para o meu relógio de pulso, já passa das oito e preciso estar lá as nove em ponto. Troco o peso de uma perna para outra enquanto papai me olha desconcertado pelo atraso da Giovana.

— Claro, se sua irmã parar de lambrecar a cara com essas coisas. Sinceramente, acho que ela está pensando que vai a uma festa de formatura. — Coça a cabeça, uma careta em seu rosto.

Giovana sai do banheiro com uma calça jeans, uma regatinha simples e botinas no pé. O rosto é um contraste perfeito de suas roupas.

— Maquiagem, pai! Repete comigo, m-a-q-u-i-a-g-e-m. — Balança levemente a cabeça, sorrindo. — Já estou pronta. Podemos ir?

Começo a rir esquecendo completamente a minha raiva com Joe.

— Vamos lá, ô chefe de obra; por que eu já estou atrasada. — Brinco.

Papai ri e olha pra Giovana.

— Está vendo, pai, eu disse que as pessoas ririam de mim com esse trem no pé. — Aponta para os pés inconformada.

— Para com isso, Gio, você fica linda de qualquer jeito.

Papai a bajula, tentando amenizar o clima.

— Eu não sei por que você não me deixa ir igual a Liza.

Olho-me toda, percebendo a grande diferença entre nós duas. Eu estou com uma blusa de seda marrom e saia lápis bege clara aberta até na altura da coxa, para completar eu coloquei um Scarpin nude, combinando com a minha bolsa. Nos cabelos eu preendi e fiz um coque mais frouxo, só para não ter cachos errantes na hora da reunião. Fiz uma maquiagem leve e um batom mais neutro. Não gosto muito de ficar me embelezando para ir trabalhar, e sim gosto de ir profissional e funcional, nada que vá me atrapalhar durante o dia.

— Eu não acredito, Giovana — Se vira para Giovana e a fita, rindo. — Eu já te expliquei milhares de vezes que se você quiser continuar comigo vai ter que ser assim. — Aponta para sua roupa de cima a baixo. — Não quero você com um salto em um campo de obras caindo de cara no chão e por consequência, quebrando alguma perna. Obra embargada por não conformidade é a última coisa que desejo.

— Nossos trabalhos são bem diferentes, Gio. Mas confesso que se fosse para escolher, ficaria com o seu, é bem mais confortável. — Ajeito a bolsa no ombro. — Agora, vamos embora?

Todos nós saímos, e vem uma Giovana emburrada atrás de mim.

— Vai ter volta, viu? — Diz emburrada fazendo todos rirem.

No carro, o telefone da Giovana não para de bipar, não é possível que tão cedo desse jeito já tenha gente babando de amores pelo telefone, sorrio.

Chego ao serviço exatamente quinze minutos antes da reunião, papai realmente voou. Tenho que ser aprovada por esse mentor, é um dos melhores obstetras do hospital.

— Bom dia, Ester! — Entro em minha sala. Deixando minha bolsa, eu pego somente as minhas anotações. — Tchau, Ester! Já irei a reunião. Qualquer coisa anota o recado e depois me passa.

— Vai lá, Liza, boa sorte! Essa residência já é sua.

Na verdade, ainda não é uma residência, eu só vou fazer algumas rondas com o obstetra quando nossos horários baterem, cortesia que o Marco planejou pra mim. Mas, eu prefiro não corrigir, por que de certa forma, vai contar muita experiência junto com a minha residência.

Chego à sala de reuniões e o Marco está de pé, conversando com um senhor bem mais velho e de cabelo grisalho, quando me vê abre um sorriso amplo e se apresenta como Dr. Raimundo. Logo o cumprimento com formalidades, nervosa pela apresentação.

Agora, mais do que nunca, eu preciso ser uma profissional, e o nome desse professor como mentor no meu currículo será um pulo para o meu consultório de sucesso. Já até me imagino com muitas mães de barrigões na fila de espera.

Marco me tira dos meus devaneios, com a primeira pergunta.

— Elizabeth, você tem certeza que é essa residência que você quer fazer?

Penso por um momento, e sempre acontece à mesma coisa, desde que eu coloquei essa ideia de obstetrícia na cabeça, não me imagino como nada mais, a não ser obstetra. Eu não teria outra resposta para dar, se não a mais sincera.

— Claro, já tenho essa certeza há muito tempo. Ela só foi confirmada há pouco, mas não tenho nenhuma dúvida.

Dr. Raimundo pega a deixa e começa a falar, as sobrancelhas levantadas, causando rugas em sua testa.

— Bem, Elizabeth, garanto que fiquei surpreso pela sua sinceridade e convicção na hora de expressar sua vontade. Vejo que será uma profissional exímia e que eu terei orgulho de orientar. — Tem um sorriso calmo e sincero no rosto.

Não acredito no que meus ouvidos captaram, ele realmente disse que

vai me orientar para o meu trabalho, a minha residência? Olho com um sorriso de coringa que se espalha em meu rosto para Marco, que devolve o olhar orgulhoso, admirado. Não me contenho de alegria ao constatar que meu sonho está virando realidade.

Depois de tanto esforço meu sonho vai virar real.

— Obrigada pela oportunidade, Dr. Raimundo. Garanto que darei o melhor de mim e pretendo não decepcionar o senhor. — Mordo o lábio para tentar conter as lágrimas que estão prestes a descer. Não ter controle de nada era horrível, então quando eu consegui meu primeiro emprego e tive certeza da medicina, com minha vida se encaminhando e o controle em minhas mãos, tive certeza que minhas escolhas e o meu destino só dependia de mim. A felicidade que estou sentindo é surreal.

— Ah, vamos parar com essas formalidades, certo? Seu apelido é Liza, não é? Assim que todos te chamam? — Franze o cenho e estica a mão pra mim.

Fico embasbacada com a forma que ele lida com toda a situação tensa que está ao redor. Quero dizer, a minha forma tensa em sua frente.

Olho para Marco incerta de confiar na informalidade do Dr. Raimundo e logo ele me manda relaxar, que está tudo bem.

— É sim, Dr. Raimundo, muitos têm essa liberdade aqui dentro comigo. — Pego na sua mão em um aperto firme.

— Pois então, me chame de Raimundo, nada de doutor. Estamos falando de igual para igual aqui, não é mesmo? Vamos pura e simplesmente compartilhar experiências.

— Claro, espero muito compartilhar as informações com o senh... hum, digo você, Raimundo.

Começamos a rir pelo meu desconcerto, e notando o meu desconforto Marco toma a frente e pergunta sobre os cronogramas.

— Então Raimundo, como você sabe, o nosso pequeno prodígio aqui está ocupando o cargo de gerente clínica. — Me abraça de lado, passando a mão por cima do meu ombro. — O que claro, demanda muito do tempo dela, sem contar que ela vai entrar no último ano da faculdade agora, o que nós dois sabemos como é corrido e desgastante.

Raimundo concorda com a cabeça. Volta seus olhos para os meus.

— Elizabeth, você já teve algum contato com pacientes? — Pergunta Raimundo olhando para mim em expectativa.

— Já sim, fiz muitas rondas clínicas com o Marco, já fiquei um pouco no pronto atendimento. Nunca sozinha é claro, mas resumindo, já vi de tudo um pouco aqui dentro.

Mostro a sinceridade, lembrando-me dos meus muitos momentos com Marco. Me dá uma nostalgia boa ao pensar que tem muito tempo que entrei, e que aqui é o solo completamente sólido do alicerce da minha carreira.



Volto para a minha sala radiante tendo Ester logo atrás querendo saber dos detalhes. Conto tudo, minha empolgação é demais para ficar guardado apenas para mim esse relato.

— Fico muito feliz por você, Liza. Só de olhar a alegria em seu rosto dá gosto. Espero que você sempre continue assim, seguindo a trilha para os seus sonhos. — Me elogia com tanto afinho que fico vermelha. — Agora que a minha chefe vai se ausentar bastante, tenho muita coisa pra fazer, sabe? Então não posso ficar de brincadeira no expediente. — Bate os cílios, rindo cinicamente.

E logo quando vou dar mais um sermão pré-programado nela, ela se apressa em falar e andar em direção da porta.

— Ah, e obrigada pela insistência. Fiz a minha matrícula no curso de

auditoria hospitalar. — Sai correndo da sala, batendo a porta atrás de si.

Meu Deus, o que é isso?

Não entendo a vergonha dela por um ato tão independente. Tudo que fiz foi incentiva-la a um assunto que já estava em funcionamento na cabecinha dela, eu só o deixei ativado para que ela não perca essa vontade. Mas por fim, paro de pensar e fico feliz que ela tenha tomado tal atitude.

Fecho a minha caixinha de pensamentos quando o bipe do meu celular preenche o lugar, e penso que pode ser meu pai para ver que horas poderá vir me pegar.

Quando pego no telefone constato que já são quase meio dia, e nem o café direito eu tomei. A minha empolgação realmente me alimentou.

Abro a mensagem e não contenho o sorriso que vai surgindo em minha face. Esse cara sabe realmente me tirar do sério, em todos os sentidos.

Andrew: *“Ir para o trabalho sem carro foi para me ajudar a ter uma desculpa para te ver? Adiantou muito o meu lado, sabia?”.*

Hum...

Liza: *“Eu deveria mesmo era perguntar como que você sabe de todas essas informações. Devo turbinar Joe contra perseguição? Pena que no momento ele se encontra impossibilitado”*

A sala fica em silêncio, sua resposta, que antes era imediata, não chega, deixando-me apreensiva. Até que o bip do telefone ressoa no ar, fazendo-me soltar a respiração.

Andrew: *“Ham? Isso é uma brincadeira, certo? Quem é Joe e por que ele estaria impossibilitado? Devo alerta-lá que não compartilho?”*

Caio na gargalhada sozinha em minha sala, quando vejo que meu plano está dando certo. Mas, ainda não quero esclarecer esse pequeno

mal-entendido para ele. O que só resulta em mais conversa fiada.

Temos alguém possessivo aqui. Interessante.

Liza: *“Um amigo que me traz todos os dias. No entanto, o senhor ainda não respondeu a minha pergunta.”*

E mais que depressa uma resposta chega, me assuntando.

Andrew: *“Eu vou ter uma conversinha com esse tal de Joe, acho que você ainda não entendeu o meu aviso.”*

Dou uma gargalhada com gosto, logo me contendo. Resolvo usar a tática da indiferença, se ele quer conversar com um carro, que converse. Eu é que não vou impedir. O descarado é tão cara de pau que por um beijo e um orgasmo ele acha que pode controlar a minha vida.

Tento esquecer o último texto durante o resto da manhã, mas não tem jeito, o safado fica martelando na minha cabeça nas horas mais inconvenientes. Peço para Stella trazer o meu almoço e fico trancada na minha sala, fazendo mais um planejamento para o mês de fevereiro, gosto de olhar escalas e plantões muito tempo antes para não dar nenhum erro depois. Médicos e enfermeiras tem o poder de matar o pai, internar a mãe, ou acidentar o tio nas vésperas de feriado.

Quando eu finalmente começo a conseguir colocar pelo menos um pano quente em cima da minha mente e esquecer o maldito do Andrew, eis que ele ressurgue das cinzas.

Andrew: *“Eu descobri por um amigo, que descobriu pela namorada, você sabe como que são essas coisas de rádio, não é, senhorita?”*

Uma onda de fúria me invade, será que ele só vai ficar procurando saber da minha vida por meio de terceiros? Poxa, o Alessandro não sabe nada de mim, e agora vai ficar sabendo detalhes devido à linguaruda da minha irmã e esse infeliz curioso do Andrew.

Passo muito tempo ponderando se repondo ou não. Quando decido, desbloqueio a tela em cima de uma mensagem muito desaforada.

Andrew: *“Agora dá pra você responder, ou vai continuar me ignorando como fez o dia todo?”*

Reviro os olhos.

Liza: *“Não sei se vou responder, senhor. Essa sua resposta não me agradou, detesto menino de recadinho, se quer saber, me pergunta: PESSOALMENTE”.*

Agora sim, acho que fui longe demais. Chamar o cara de menino de recado foi o fim da picada e me arrependo quase que instantaneamente, porém a mensagem já foi e não tem volta. Vamos aguentar as consequências, e torcer para que elas sejam doces venenos.

Andrew: *“Que horas você sai desse hospital?”*

Eu li a mensagem direito? Não acredito que ele está me perguntando isso. Será que ele acha que pode me pegar e comer assim? Bem, é isso mesmo que eu quero que ele faça, mas quero que ele fique louco primeiro e isso ainda, porém, não aconteceu. É como uma vingança do passado.

Liza: *“Não acho que isso seja da sua conta.”*

Cutuco ainda mais a onça com a minha vara curtinha e fina, relembrando da mesma e última frase que eu disse pra ele anos atrás.

Outro bipe.

Andrew: *“Vai agir igual a uma menina de 17 anos? Pois bem, estou indo aí para ficar na porta dessa porra de hospital, e não vou embora enquanto você não sair. Para que eu posso te perguntar PESSOALMENTE tudo que eu queira saber de você”.*

Meu Deus, não é que o infeliz sabe mandar? Droga, deveria ter trazido

outra calcinha, essa que estou, só com essa conversa, já está encharcada. Mas bem, eu quero muito isso. Não era diversão e descontração que eu estava querendo? Pois bem, estou tendo.

Decido ligar para meu pai e avisar que chegarei atrasada em casa e que não precisa vir me pegar. Ele entende e eu logo respondo a mensagem do estressadinho gostoso.

Liza: “*Estou te esperando, Sr. Pau Duro. Te esperando quente e fervendo.*”



Capítulo 9

Depois da última mensagem que respondi, não recebi mais nenhuma. E isso me deixou em uma agonia imensa. Dispensei a carona com o meu pai, para o Andrew não vir? É uma puta de uma sacanagem!

Adiei ao máximo a minha saída do hospital, a hora de ir embora já tinha passado fazia tempo, e eu sentada na mesma cadeira olhando o celular que estava em minhas mãos, esperando-o tocar e me dar algum sinal de que não fiz papel de palhaça e que realmente ele estava lá fora me esperando. Sinceramente, não sei o que deu em minha cabeça para acreditar em suas palavras, do jeito que ele era, isso foi apenas mais uma piadinha pra contabilizar no seu caderninho de *“Massacrando a Liza”*. Que ódio!

Quando marca 18h40min não me aguento mais, tomo coragem para tomar um transporte coletivo e saio para deixar de evitar o inevitável. De qualquer jeito se eu sair daqui a duas horas ou agora ele não vai estar lá mesmo, certo?

Errado. Muito errado. E, pela primeira vez, meu coração palpita em resposta ao errado. Tá certo, tem um tempinho que ele falta sair pela boca ao apenas mencionar ou pensar no nome de Andrew.

Assim que eu saio do hospital eu vejo um carro bastante caro, mas não é qualquer carro que vemos em concessionárias da Cristiano Machado, o bastardo tem uma maldita BMW X6 M, preta, a mais nova da categoria. Que show! A visão só é estragada, quando o meu sorriso gigantesco morre por ver uma *mocréia* encostada na linda e perfeita lataria, abrindo sua boca em um sorriso para Andrew, e me parece que esse está muito entretido na conversa, por que nem notou que eu já saí.

Paro e fico olhando o ponto onde estão. Quando ele parece que vai olhar para saída do hospital, começo a andar em disparada para o final da rua. Essa cena deprimente, me faz lembrar da loira, descarada e peituda da boate, a *Carlaranha*. Um pensamento me bate me deixando momentaneamente tonta, Droga! Ele já tem alguém. Como sou tonta. Como pude me esquecer disso.

— Ei, Liz, espera! — Não paro de andar, e muito menos olho para trás para ouvir o que ele grita. — Ou Liz, que merda! — Pragueja.

Paro os meus passos e me viro, o vejo praticamente correndo em minha direção, a *mocréia* em questão, esquecida e fora de vista. Eu realmente paro para olhar sobre seu ombro antes de me virar novamente e seguir meu caminho. Ele continua gritando e eu apertando mais o meu passo. Parece que isso não é suficiente para aquele poste, que logo, logo avança em cima de mim, segurando meus braços.

— Eu disse pra você me esperar, Elizabeth! Você é sempre assim, não escuta ninguém? — fala com urgência, tentando conter a raiva que emana de seus poros, se tornando palpável entre nós dois.

Minhas borboletas no estômago voltam e eu não sinto mais a minhas pernas. Eu quis entrar nesse jogo de gato e rato, ressalto ainda que entrei para sair perdendo, por que a idiota queria ganhar orgasmos. Mas agora, com ele na minha frente, eu não sei se vou aguentar a dor da perda para ter ele. Entende a confusão? Pois é, nem eu estou entendendo.

— Se você não estivesse comendo aquela lá com os olhos, quem sabe eu não poderia ouvir você? — Praticamente cuspo em sua direção.

Não penso nas consequências. Estou na porta do hospital aonde trabalho e sem me importar nadinha com a minha reputação.

Tento puxar meus braços de seu aperto, mas é em vão, não consigo mover uma palha do músculo que aperta meu cotovelo.

— Você está me machucando, Andrew.

Minha voz sai embargada. Mas, não por dor do aperto ou algo assim, mas pelo vexame que ele está me fazendo passar novamente, agora perto do meu serviço, onde qualquer pessoa pode me ver, estou à mercê de falatórios, logo eu que nunca gostei de fofoca no meu ambiente profissional. Droga, esse lugar é praticamente a minha segunda casa.

— Me desculpe, Liz! Mas, você me tira do sério. — Larga o meu braço, em seguida passa a mão no rosto — Eu não estava comendo aquela mulher com o olho, ela é uma amiga de faculdade que me viu te esperando na rua e veio me cumprimentar, nem pra cama nós já fomos.

Às vezes a dureza e sinceridade de Andrew para falar as coisas, me assustava. E, é por esse motivo que comecei fugindo, não quero ser mais um número na sua lista. A força do desejo que sinto por ele me assusta a níveis inimagináveis, uma vez que eu tiver aquilo só pra mim, eu sei, me conheço o bastante para saber que jamais vou querer largar.

— O que você está fazendo aqui, Andrew? — Tento deixar minha raiva longe do meu tom de voz, que saiu baixo.

Ele abre um sorriso cínico e me responde.

— Como assim: O que eu estou fazendo aqui? — Balança, incrédulo, a cabeça. — Você ouviu uma palavra do que eu disse? Eu estou aqui tem três horas te esperando. Vim pra cá exatamente na hora da sua última mensagem falando que estava me esperando. — Aponta para o relógio e me encara.

— Aquilo foi um jogo, Andrew, eu não acreditei muito que você cairia. — Que desdém da porra. Encolho meus ombros, incerta do que fazer ou falar, com medo de fazer papel de idiota.

— Jogo? — Pergunta cético, depois bufa. — Bem, pra mim não foi um jogo. Você vai comigo.

Era só o que me faltava, uma pessoa que não tem noção nenhuma das coisas. Será que ele parou para pensar no que pode nos dar esse rolo? (se é que podemos dizer assim). Só tivemos beijos praticamente à força. Claro, por

que quando eu cedi ele já tinha me pegado, e está aí o sentido da força. Não dá pra resistir ao Andrew.

— E posso saber pra onde eu vou com você? — Levanto minhas sobancelhas de forma interrogativa, cruzo meus braços.

— Digamos que seria uma surpresa. Você está com fome? — Muda o rumo da conversa, deixando minha mente a ponto de explodir em confusão.

Penso antes de responder qualquer coisa, observando seus olhos semicerrados pra mim com expectativa.

— Olha Andrew, pra mim já deu. Esse nosso jogo de gato e rato não vai dar em nada e você sabe disso. A única coisa que você quer é me levar pra cama, mas isso você não vai conseguir. Eu até pensei que poderia, mas... — Respiro fundo, contendo o que vou falar. — Vamos deixar as coisas como estão. A brincadeira acabou, mas você já tem até a sua "*dona*" pra saciar todos os seus desejos. Eu não quero e nem vou entrar pra sua listinha de mulheres somente comestíveis. — Tento me desviar de seu corpo, em vão.

Andrew fica quieto por um momento. Sinto-me aliviada e ao mesmo tempo dilacerada. Olho seu rosto, tão lindo. Aquilo tudo poderia ser diferente se existisse apenas uma reciprocidade. O que, óbvio, não há! Além do desejo, claro. Quase reviro meus olhos para a ironia.

— Me deixa passar? — Peço. Mordo os lábios para abafar as lágrimas.

Em um impulso, Andrew segura meus braços, fazendo com que tudo se desande dentro de mim.

— Que porra é essa de dona? — pergunta.

Da vontade de rir. Não é possível que agora irei ter que explicar que quem namora uma pessoa está fadada a ser fiel a ela, como dois e dois são quatro. Cara de pau!

— Não finge de besta, Andrew, estou falando da sua namoradinha, a

Carla. Ela foi bem taxativa, para que eu não chegasse perto do "*homem dela*". — Faça aspas com a mão e o encaro. Um sorriso fraco, sínico, se desenha em meu rosto

— Ela falou o que? — balança a cabeça, incrédulo. — Eu nem fico com essa mulher mais, ela que não sai do meu pé.

— Mas mesmo assim e...

Não consigo acabar de falar. Ele me dá um beijo casto, leve, macio e demorado. Age como se fôssemos algo a mais que conhecidos e me olha de um jeito reconfortante. Puta que pariu! Como que ele consegue colocar tudo no lugar com apenas um beijo? Um mínimo beijo.

— Shi — Coloca o dedo em meus lábios. — Ela não é absolutamente nada minha e nem nunca foi. Eu sei que você pensa que a minha finalidade é te levar pra cama, por que o meu desejo por você é extremamente irreconhecível pra mim, atinge níveis estratosféricos. Mas... — Para pra pensar um pouco, a boca em uma linha fina, estudando meu rosto. — Vamos, você nem respondeu a minha pergunta, está com fome? — Torna a pegar minha mão beijando-a.

Eu posso negar a isso? Minha vontade de tê-lo reacende a níveis recordes. Me sinto uma trouxa por estar prestes a ceder novamente aos seus efeitos galanteadores.

— Estou, estou muito faminta. Recebi certas mensagens hoje à tarde que me tiraram o apetite. — Olho para nossas mãos unidas e cruzo nossos dedos.

— Não creio! Que negligência — Revira os olhos. — Vamos lá. Vou recompensa-la por essa tremenda gafe.

— Ele não é muito um cavaleiro.

Rimos juntos quebrando o clima que se instalou.

O grande problema é que quando eu estou com ele, eu me esqueço de qualquer coisa. E isso, nem por um momento pode ser bom. No final sei que vou me dar mal. Mas para me dar mal eu preciso me deixar levar, e eu quero realmente esse meio termo. Chega! Não quero mais pensar nesse mal.

Como se fosse me provar o contrário, Andrew abre a porta do passageiro do carro, fechando-a assim que entro. Reparo no interior do carro e me surpreendo. *Uau!* Esse carro pode ficar sempre mais bonito. O painel é de acabamento amadeirado e o banco de couro bege, completamente lindo e espaçoso. Um sonho de consumo. O meu sonho de consumo.

Entramos na Avenida Raja Gabaglia. O silêncio que se instala chega a ser barulhento e começa a me incomodar.

— Para onde estamos indo? — Quebro o silêncio, tentando puxar uma conversa.

Andrew desvia sua atenção do trânsito, perdendo um momento observando meu rosto, antes de voltar com os olhos para a estrada.

— É uma surpresa. — Responde, apenas.

Faço uma careta indignada.

— Ah!

— Não gosta de surpresas?

— Não é isso, é que... — Suspiro, resolvendo soltar toda a insegurança que eu tenho de sua surpresa. — As pessoas que não me conhecem direito, não tendem a acertar ao me surpreender.

Vejo a forma como suas sobrancelhas se espetam para cima em uma expressão divertida.

— Bem, espero que nos conheçamos mais daqui pra frente. No entanto, eu também espero que você goste da surpresa de hoje. — Sua resposta me

deixa aflita, apesar de ser proferida em tom leve e ameno.

Ficamos em silêncio, que apesar de me sufocar pela sua presença, é agradável pelo mesmo motivo. Andrew me coloca em dois polos completamente diferentes em questão de segundos. De muita raiva, eu vou para desejar-lo sem que eu possa piscar os olhos.

— Podemos conversar? — Encaro seu rosto, esperando a continuidade e me perguntando se conversar não é o que estávamos fazendo. Sorrio, apesar de perceber que seu humor declinou um pouco, e o sorriso já não é mais visto. Incomodada eu olho pela janela, notando a aurora boreal que se espalha.

— Pode falar. — Solto, quando Andrew não emenda o assunto.

— Você me deve uma resposta. — Sua voz é seca.

Viro meu rosto, notando as mãos apertadas no volante, o maxilar trincado.

— Não sei do que você está falando. — Tento parecer calma, e confortável.

— Quem é Joe, Elizabeth?

Voltei a ser Elizabeth? Bem, ele tem um sério problema de bipolaridade. Volto a olhá-lo, um sorriso malicioso.

— Você sabe que não temos nada pra eu ficar te dando satisfação, certo? — Espero uma reação. Bem, posso ser má de vez em quando.

Paramos em um sinal de cruzamento. Ele olha pra mim, agora com seu sorriso cretino estampado, porém ainda vejo resquício de raiva em seu rosto. Sua mão serpenteia até a abertura da minha saia.

— Eu posso ser muito persuasivo com o que quero, Liz. — Desce e sobe a mão em minha coxa, provocando leves sensações de arrepio.

Liz? Meu Deus! Eu não disse que era bipolar?

Que fique longe dos ouvidos dele, mas eu gostei do apelido carinhoso, único.

— Sim, você pode. Mas, isso não irá tirar a importância de sua existência.

Joe pra mim tem um valor inestimável e sofro com o dia que acontecerá a sua despedida.

Não sinto mais sua mão em minha coxa.

— Que porra é essa? Quem é esse cara, Liz?

O sinal abre, tirando sua atenção de mim. Solto a respiração, nervosa com a sua reação. Não esperava o ataque, sua voz angustiada como saiu. O nervosismo do dia cai como uma luva em meu corpo. As sensações dúbias que eu passei o dia todo me fazendo ter um ataque de risadas espalhafatosas.

— Posso saber o que é tão engraçado? — Olha pra mim rapidamente, voltando sua atenção para estrada.

Seu rosto fica ainda mais lindo sério, o vinco que forma em sua testa da vontade de morder, seus lábios carnudos indignados, me tirando do sério. Imagino minha língua passando por toda a sua extensão, mordendo e chupando.

Respiro fundo, contendo a risada antes que ela vire um montante de lágrimas.

— Você, Andrew. Você é a coisa mais engraçada. — Encontro minha voz.

No fundo eu gostaria de dizer outra coisa.

— Fico feliz que virei o bobo da corte, Liz. Mas, agora, por gentileza, linda, tem como você me falar quem é esse tal cara? — Coloca novamente a

mão em minhas coxas, e não passa despercebido por mim que ele está tentando me persuadir.

— É o meu carro, Andrew. Você está pirando por que tem um raio de um Siena no seu caminho. — Deixo um sorriso amenizar meu tom.

— O seu carro? — levanta as suas duas sobrancelhas, completamente surpreso.

— Sim, o meu carro. — Levanto as mãos para o céu, ainda rindo. — Satisfeito?

— Que não seja nenhum homem? — Respira parecendo estar aliviado. Me olha brincalhão quando para o carro mais uma vez em um sinal. — Claro que estou satisfeito. Quem gostaria de ir preso por matar um sujeito? — Arqueia a sobrancelha, divertido.

Dou um tapa em seu ombro, meu sorriso partindo para uma risada que se acaba com a sensação de seus lábios nos meus e a mão, possessivamente, em minha nuca. Me beija carinhosamente, os lábios molhados moldando os meus.

Se afasta rápido demais.

— Diria que com um baita de um tesão também. — Não faz nenhum trabalho para esconder a ereção que sobressai em sua calça, enquanto arranca com o carro.

Sorrio, deliciada com sua sinceridade. Ele parece tão menino assim, tão lindo!



Entramos no estacionamento do *Mc Donald's* no mangabeiras. Andrew dirige, calado, até a fila de *Drive Thru*, me surpreendendo completamente. Não que eu não goste, eu amo um bom *Big Tast*, no entanto, nunca

imaginaria que Andrew seria um homem de Fast Food.

Dois carros passam, até que chega nossa vez.

— Qual você vai querer, Liz? — Aperta minha coxa, de onde suas mãos não saíram em nenhum momento.

— Ah sim, claro! Eu gosto muito de Mc Donal'd.

— Você não gosta de Fast Food? — Me interrompe fazendo uma careta, os olhos arregalados, assustados.

Contenho a minha risada, mas um sorriso passa fácil.

— Eu vou querer um *Big Tast*.

— Cacete! O maior de todos, hein!

Olha-me de um jeito cúmplice, os olhos enrugados nas pontas, ao sorrir. Faz o pedido não tirando os olhos de mim, percorrendo, pela primeira vez hoje, meu corpo de cima a baixo. Sinto que ele pode ver tudo que está dentro de mim, o que lutei para massacrar. Livro-me dos pensamentos angustiantes, tomando a chance para fazer o mesmo enquanto nosso pedido não é entregue. Ele está – como sempre – lindo, e super comestível com um terno preto em risca de giz aberto, uma blusa de linho branca por dentro, aberta até na altura do tórax, e uma gravata frouxa. Podia lambê-lo todo.

Passo a língua pelos lábios, repondo a umidade que se perdeu pela minha rápida respiração.

Encontro com seu olhar, percebendo o fogo e a luxúria por trás de seus olhos. As irritantes borboletas, novamente, começam a bater suas asinhas insistentes no meu estômago. Mal sinal.

— Senhor, o pedido de vocês.

O som de nossa respiração chega a ser erótico.

— Senhor?

A atendente nos tira do nosso transe particular, praticamente gritando na orelha do Andrew e nos assustando. Nosso olhar é quebrado quando ele tem que pegar nosso lanche e me passa, logo em seguida. Bonito! Entro em desespero com aquilo no meu colo.

— Peço desculpas por não ser nada melhor, linda. Alguém me propôs um desafio e eu tive que pensar rápido.

— Ah, e você é homem de soluções rápidas, eu presumo.

Sua cabeça cai um pouco para o lado, o sorriso de cafajeste fácil nos lábios.

— Segura firme, Liz. Já, já chegamos. — Coloca o carro em movimento.

Me dá um olhar compreensivo, percebendo o meu desespero iminente por ter medo que aqueles sucos e molhos caíssem e manchassem toda a minha roupa.

Depois de mais ou menos cinco minutos de trânsito, chegamos a um portão. Andrew conversa com o porteiro e conseguimos passar. Não sei por que, mas tive a nítida impressão de que ali não poderia subir carros. Principalmente pelo seu sorriso orgulhoso, imagino que já deve conhecer o sujeito.

Estaciona o carro com maestria, suavemente.

— Pronto, chegamos. Vamos que ainda dá tempo de ver o pôr do sol.
— Pega as coisas em cima do meu colo, sorrindo ao notar que não derramou nada.

Ham? Eu ouvi direito? O pôr do sol? Que merda mais romântica que é essa de ficar vendo pôr do sol? O pensamento de que ele possa estar se apaixonando não me passa despercebido. Já estou ficando louca!

Sentamos em um banquinho em uma área que mais parece um deck todo de madeira, eu simplesmente não sei como morei aqui a minha vida inteira e nunca vim aqui.

— Como é o nome desse lugar, Andrew? — Digo olhando para frente, para a imensidão de prédios, casas, plantações, piscinas. E o mais lindo de todos o céu, azul, meio alaranjado ainda pelo horário de verão.

— Aqui é o mirante de Belo Horizonte. Você nunca veio? — Nego com a cabeça, admirada demais para falar qualquer coisa. — É um pecado.

— Sim, com certeza!

— Lindo, não é? — Segura a minha mão, delicadamente.

— É sim, a visão é maravilhosa. — Olho para seu rosto que tem um sorriso enorme.

A tensão se instala, deixando-me sem graça. A conexão que exalávamos eu nunca tive com ninguém, e me desconcerta. Começo a pegar as coisas, tirando o sanduíche de dentro do saco em modo automático. Dou uma mordida em meu *big tast*, respirando enquanto contemplo, pela enésima vez a vista.

— Não vai comer? — Pergunto. Passo a língua pelos lábios, retirando o resquício de molho da pele. Os olhos de Andrew parecem abrasadores ao encarar o ato.

— Pretendo. — Paro com o sanduíche no meio do caminho para a boca, batendo em seu ombro com o meu e estranhamente achando divertido o seu flerte, que até ontem, para mim, era descarado e vulgar.

O tempo passa e o silêncio se dissolve junto com a tensão e sua gargalhada. Conversamos sobre tudo e sobre nada. Amenidades, do dia a dia, até que eu o conto, rindo feito uma besta, do episódio da Carla na Kiss.

— Ignora. — Revira os olhos e balança a cabeça.

Encolho os ombros, espantando o desconforto. Não tenho muita coisa a fazer.

Como previsto, eu não consigo comer tudo e Andrew me ajuda.

— Acho que ficou um pouco de molho aqui. — Aponta para a minha boca.

Fixa seu olhar no meu, parecendo, novamente, enxergar tudo que tem dentro de mim. Sinto suas mãos segurando a minha nuca, puxando-me para si. Lambe meus lábios, sedutor. Abro a boca buscando ar, então ele me beija com desenvoltura e doçura, explorando cada canto da minha boca. Suspiro em seus lábios, sentindo sua língua conhecer todos os recintos. Passa a mão pelos meus cabelos e não sei aonde foi parar o sanduiche em que estava comendo, nada mais me interessa, a não ser ele ali, e aquele momento. Desce uma mão, lentamente, pelo meu braço, até minha cintura apertando-a. Quase me coloca em seu colo. Seguro seus ombros, querendo-o para mim não aceitando nenhum tipo de espaço entre nós. Fico louca com a forma que aquela língua trabalha em minha boca, me arrepio de pensar nela em outros lugares do meu corpo, com toda certeza será a minha ruína e perdição.

O tempo passa, são minutos que parecem segundos quando o beijo se dissolve e ele se afasta, encostando sua testa na minha. Da um longo e profundo suspiro, um sorriso doce, sincero e alegre nos lábios.

— O que raios você está fazendo comigo, Liz? — O encaro por entre os raios solares. — Parece mais uma feiticeira!



Capítulo 10

Olho para seu rosto lindo e juvenil, que com apenas um sorriso poderia despertar o interesse de qualquer mulher, mas nesse momento está comigo, e me permito ficar feliz, não estou mendigando a atenção de ninguém, mas tudo que eu sonhei está bem na minha frente. Eu não seria louca de negar isso.

Fico completamente sem palavras, não sei o que fazer e nem como agir diante de uma pergunta como essa. Devido ao seu sorriso eu acho que estou fazendo uma coisa boa com ele, mas e se não for? E se tudo for por água abaixo antes mesmo de começar? Me perco nas minhas próprias inseguranças. *Inferno!* Olho para baixo, minhas mãos estão suando.

Levanta esse olhar, Elizabeth, não seja a boba de sete anos atrás.

Andrew encaixa a mão em meu queixo, levantando minha cabeça. Seu olhar me prende, e largo de mão todos os meus pensamentos de porquês. Encaro aquela boca deliciosa, com lábios muito apetitosos, que agora estão inchados de tanto me beijar.

Dessa vez sou eu quem toma a iniciativa e o beijo com desespero, pra ele entender que o sentimento é mutuo, e eu não pretendo muda-lo. Acho que Andrew fica sem saber o que fazer, pois depois de longos e agonizantes minutos é que ele tira a mão do meu rosto e vai passando pela lateral do meu corpo até chegar a minha cintura, ganhando o controle sobre minha ação. Viro geleia completamente sob seu toque. As borboletas no meu estômago sacodem até demais as suas asinhas, me dando uma sensação ótima de ansiedade e de estar viva.

Paro o beijo devagar. Ao olhar para seu semblante percebo que ainda está com os olhos fechados, e uma feição de satisfação. Passa a língua nos lábios, o movimento me atíçando ainda mais.

— Caralho, você é muito gostosa! Tem noção disso? — Abre os olhos.

Fico vermelha, não sei para onde olhar. Encaro para minhas mãos, incertas, repousadas em sua barriga.

— Você tem mania de não responder as minhas perguntas, Liz.

— Pensei que o beijo seria suficiente como resposta.

— Nada disso, eu quero palavras. Eu adoro ouvir o som da sua voz.

Abro um sorriso sem graça, querendo aquele som rouco e sexy todo dia, antes de dormir.

— O que quer que esteja acontecendo com você, Andrew, o sentimento é mutuo.

Seu semblante é de satisfação. Meu Deus, como ele é lindo! Então me abraça e fica olhando a vista comigo, nosso silêncio agora é tranquilizante para ambos. O que está acontecendo da minha parte é uma resposta ao que já estava guardado dentro de mim há tempos, estou me libertando, revelando o que nunca revelei a ninguém. Me sinto mais leve, mesmo que eu saiba que isso vai acabar, e não é de uma forma muito boa. Só o pensamento em si, me faz tremer.

— Está sentindo frio, linda? — Alisa um pouco minhas costas, o que é reconfortante.

— Está ventando um pouquinho.

Olho para o céu, que antes estava todo iluminado por uma aurora boreal, e agora vejo estrelas, literalmente. Sinto a mão de Andrew no meu ombro e logo mais o peso do seu casaco. É tão cheiroso e acolhedor, se

pudesse ficaria assim pra sempre. Mas tudo que é bom dura pouco, me dou conta de que tenho que ir embora. Esses pensamentos me deixaram um pouco melancólica. Preciso de distância para conseguir discernir o que estamos vivendo. A diferença entre um romance e um sentimento carnal.

— Já está tarde, Andrew. Preciso ir embora. — Junto minhas coisas, agora propositalmente evitando o seu olhar. — Você me leva?

— Mas já? — Levanta meu queixo com sua mão.

— Eu tenho que voltar pra casa, tenho muitas coisas para organizar para amanhã. Bem, já deveria estar tudo pronto. — Consigo dizer sem vacilar, o que é um bom sinal até agora.

Com cara de poucos amigos, ele me olha e vai se levantando. Não sei o que deu nele. Por um acaso achou que ficaríamos aqui a noite toda, e que eu não teria casa, família e nem nada? Penso em Sofia. Com Andrew deixei de pensar muito nela. Sinto-me culpada por isso, aliás, ela é e sempre vai ser a minha prioridade, não posso deixar isso ficar acontecendo. Que idiota que eu sou!

Andamos afastados, completamente diferentes de como chegamos. Isso me irrita, será que ele não pode ser normal nem por um segundo? Sempre que damos um passo à frente ele dá três para trás, aparentando ainda o ogro que era.

Anda rápido à minha frente, um passo longo de cada vez, tornando ainda mais difícil de acompanhar com meus saltos.

— Andrew, se você já tiver um compromisso não precisa me levar em casa, eu pego um transporte. — Coloco minha bolsa no ombro, encarando a sua nuca.

— Eu vou te levar, Elizabeth. Estamos indo para o carro, está vendo? — Diminui um pouco o passo, dando-me uma mal olhada.

Eita, Elizabeth volta da lua!

Sinto-me deslocada e com muita raiva. O sentimento é extremista, maior do que eu podia sequer imaginar. Quando estamos juntos vivemos de um polo a outro, não dá pra entender.

— Eu posso muito bem pegar o transporte, Andrew. Ou você acha que vou morrer só por estar dentro de um ônibus? — Digo meio alterada, bato minhas mãos na perna devido a impaciência, e empaco no lugar.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Andrew para completamente e me olha. Seu olhar frustrado é afirmado pelo movimento de suas mãos esfregando o rosto. Dou um passo para trás quando ele começa a vir, determinado, em minha direção. Pega-me pelo braço, colocando-me dentro do carro. Que mania irritante, de ficar apertando o meu cotovelo.

— Ei! meu braço vai ficar roxo, seu ogro. Não tem noção da sua força não?

Esfrego o local dolorido.

Ele me olha enquanto senta no banco do motorista. Seu rosto assustado e perdido. Cansado.

— Eu te machuquei? — Pega no meu braço, agora com delicadeza. — Desculpe-me, Liz, eu não queria. Eu perco a cabeça todas as vezes que você me desafia, eu simplesmente não sei o que está acontecendo comigo.

Passa as mãos no rosto e olha pra cima, dando longas e profundas respirações. Volta seu olhar para mim me encontrando com os olhos marejados e assustados.

— Me desculpa! Eu não consigo controlar o que está acontecendo... — Balança a cabeça, confuso. — Só, só me desculpa, eu juro que não sou assim o tempo todo.

Sorri. Um sorriso sem graça de canto de boca. Como um interruptor sou desligada da minha raiva e do susto que ele me deu. Entrego-me ao seu sorriso e ao seu humor completamente bipolar. Rindo junto a ele.

— Assim espero.

Acabo de falar com seu rosto colado ao meu, sua boca a milímetros da minha e seu olhar cravado em mim, atencioso a todas as minhas expressões.

— Você fica ainda mais linda quando sorri. Melhor ainda quando esse sorriso pertence a mim. Eu sou a porra de um fodido sortudo. — Seu sorriso contagiante me deixa desarmada.

Aproxima-se mais, beijando-me. Esse é completamente diferente de todos os beijos que ele me deu hoje, tornando-o o vencedor. Enrosca uma mão em meu cabelo e me segura firme no lugar enquanto explora ainda mais a minha boca. Sua outra mão vai descendo até chegar em minha cintura, onde me puxa para cima no intuito de não encontrar nenhuma resistência em apertar a minha bunda. Esse homem tem uma tara com bunda, ou pelo menos com a minha. Eu amo isso, me deixa louca.

Passo as minhas mãos por cima da blusa em seu peito, abdômen, exploro-o até suas costas, seus músculos prevalecendo sob a camisa. Andrew tira o seu paletó de mim, não perdendo tempo, e ao invés de sentir frio, me sinto quente, e molhada. Não fico para trás, puxo sua camisa de dentro da calça, enfio minha mão por baixo dela e sinto sua pele quente, causando-me diversos arrepios.

Sua mão, frenética, sobe até a altura dos meus seios, passando pela costura da minha blusa de seda. Seu movimento pedindo permissão para cruzar a linha. Sem pensar muito, eu dou um gemido em resposta. Lentamente, de um modo carinhoso, os botões da minha blusa são abertos. Então eu sinto sua mão quente atravessar o meu sutiã. *Jesus Cristo! Estou hiperventilando.* Vou desbravando seu corpo, o toque chegando até sua perna, encontrando, sedenta, sua ereção dura feito pedra. Nós gememos juntos, deslocamos um pouco nossos lábios, buscando ar. Andrew beija meu queixo, bochecha, chupa meu pescoço e depois contorna a minha orelha com sua língua.

— Caralho, Liz! Você vai ser a minha perdição. — Sua voz é abafada pela minha pele, rouca de tanto tesão.

Me perco mais uma vez, e se fosse possível estaria flutuando, por que não sinto meus pés. Me beija de nobo, não perdemos o fôlego nunca e sempre buscamos e queremos mais. Sua perna para no meio das minhas coxas pressionando o meu sexo, e eu falto gozar daquele jeito. Suas mãos, agora as duas em meu seio, beliscam o mamilo.

Nessa hora, por um breve momento de lucidez, eu me lembro do quão louco eu o quero. Sinto-me como se estivesse saindo do meu transe no espaço sideral.

Tiro, devagar, minha mão, desejosa, de sua ereção. Paro de pressionar o meu sexo em suas coxas, por que sinceramente eu não quero gozar com os dedos do cara no meu mamilo e o meu sexo em sua perna. Isso está completamente fora de cogitação. Paro de beija-ló. Devagar vou me afastando. Andrew, com relutância, entende o significado. Respiro fundo, retendo o ar nos meus pulmões. Abotoo calmamente a minha blusa.

— Andrew, é melhor a gente ir. — Digo com a cabeça ainda abaixada.

— Eu fiz alguma coisa que você não gostou? — Pergunta baixo, a voz demonstrando confusão.

Tomo coragem e o encaro, percebendo a sua atenção focada ainda em meu decote.

Coço a garganta para chamar sua atenção. Demoro a encontrar palavras, quero explicar que foi bom, mas não quero deixa-lo convencido, isso não seria bom pra mim. Mas parece que a demora não foi positiva para o meu lado também, de qualquer jeito. Andrew perde a pose confusa, olha pra mim com a cara de sínico fazendo-me corar.

— Não, pelo que parece, nós dois gostamos muito. Mas eu realmente preciso ir embora. — Aliso minhas pernas querendo me passar um pouco de conforto.

Confirma em um balançar de cabeça.

— Coloque o cinto. — Diz seco.

— Eu moro mais para o lado de confins, tá? — Falo enquanto coloco o meu cinto.

— Eu sei onde você mora, Elizabeth. — Arranca o carro, cantando pneu.

Elizabeth novamente. Reviro meus olhos. A paciência de Andrew é mais curta que o pênis de japonês, é inacreditável. E, parece que isso é contagioso, pois a minha paciência está indo para o raio que o parta.

No meio do caminho, depois de longos momentos de silêncio, minha língua resolve dar o ar da graça.

— Olha, não dá pra ficar meia hora perto de você sem estressar. Seu humor muda mais que o tempo aqui. Não dá pra te entender. Afinal você me trouxe aqui pra que? Você acha que eu poderia ficar completamente nua e transar com você nesse carro até perder a visão? — Cruzo os braços sobre meu peito, e olho para fora na janela. É decepcionante pelo menos achar que eu poderia fazer isso.

Nada me responde e seguimos pela Avenida Afonso Pena. O silêncio dentro do carro começa a me incomodar, e tenho o atrevimento de ligar o rádio. A música da Pink soa nos alto falantes. Não podendo me conter, começo a cantar junto.

Maltratada, deslocada, mal compreendida

Sabichona, tá tudo bem

Mas isso não me parou

Errada, sempre em dúvida

Subestimada, olha ainda estou por aqui

Querido, querido, por favor

Nunca nunca se sinta

Como se fosse menos do que perfeito pra caramba

(Fubcking Perfect – Pink)

Por mais que o tapado que está ao meu lado seja um grosso, arrogante, prepotente e completamente egocêntrico, eu acho e sempre o achei perfeito pra mim. E, por mais que eu não queira, eu nos comparo com a música.

Olho pra ele e vejo o fantasma de um sorriso. Sim, ele entendeu! Estou virando completamente bipolar junto a Andrew. As vezes isso não seja ruim, talvez, me faça entender a cabeça desse maluco.

Chegamos em frente de casa e eu mal posso esperar para estar longe dele, e de toda carga emocional que carregamos juntos. É um sentimento tão contraditório que eu me sinto melancólica, apesar de nosso “*passeio*” ter sido turbulento, eu gostei. Foi a primeira vez desde que nos conhecemos que ficamos mais de duas horas juntos, sozinhos. Eu, realmente, fiquei alegre por isso, não que eu esteja feliz por estar alegre, dada as circunstâncias, entende? Argh, que confusão!

Andrew para o carro, descendo em seguida, sem me dar a chance de descer primeiro, chega ao meu lado onde a porta foi aberta por mim.

— Como você gosta de me desafiar, garota. — Tem um sorriso no rosto.

— Ah! qual é, Andrew? Você acha que por algum momento vou perder o costume de uma vida? — Saio do carro, mas continuo o encarando.

Meu melhor sorriso está estampado no rosto quando me viro de costas, andando na esperança de que ele pegue a deixa e vai embora antes que papai saia de casa e me veja de agarro no portão. Papai é uma pessoa muito calma, sempre no controle, é só não mexer com as filhas dele. Às vezes eu até entendo o medo que Giovana tem com o Alê, ele pode ser muito irracional as vezes.

Minha cintura é cercada pela sua mão, enquanto me puxa para o seu corpo. Encosto a bunda em sua ereção. Deus, será que aquilo não abaixa nunca?

— Você está se esquecendo do meu beijo, Linda? — Cheira meu pescoço. O gesto faz com que eu me arrepie.

Um movimento de sua mão e eu estou de frente ao seu rosto. Fecho meus olhos, já sentindo-me familiarizada com a sua audácia de toda vez me beijar. Não poderia, mas estou completamente familiarizada com seus toques, trejeitos, beijos e muitos beijos que ele me dá.

Se afasta. Cambaleio um pouco para trás com o distanciamento.

— Gostosa do Caralho!

— Você tem a boca muito suja, senhor Andrew Nunes. — Passo a língua nos lábios aproveitando o ultimo resquício de seu gosto.

Inclina o corpo levemente para frente, seus lábios fazendo cócegas em meu ouvido.

— Você não viu nada ainda da minha boca suja Liz, vou te mostrar isso e muito mais quando você só souber gritar o meu nome na minha cama. — Sussurra.

Minha calcinha pode sair do meu corpo e ir direto para o cesto de lixo. Não posso me despedir por baixo, tento achar uma tática rápida, e sem pensar duas vezes acabo fazendo.

Pegando em sua ereção e a apertando, fico na ponta dos pés além do meu salto alto e sussurro em seu ouvido.

— Acho que isso só está em seus sonhos, garotão. Não vai acontecer.

Solto sua ereção, olho no seu olho e saio deixando um Andrew todo embasbacado, de boca aberta pela minha ousadia. Rebolo o máximo que

consigo, sexy sem ser vulgar. Olho para trás e o encontro do mesmo jeito que o deixei, sopro um beijo. Abro o portão de casa.

— Yes, ponto pra mim! Isso! — Falo pra mim mesma, na segurança do meu quintal.

Céus! Ele certamente vai ser minha ruína.



Capítulo 11



Deitada na minha cama, fico pensando em todos os acontecimentos do meu dia. Tive quantidades igualmente exatas de todos os sentimentos possíveis, um misto de alegria, ansiedade, melancolia, tristeza, ódio, paixão e tesão. Ah, sim! Acho que paixão se sobrepõe um pouquinho. Vivi em poucas horas todas as emoções em que é esperado de mim para o mês todo, isso, se não for para o ano. Tá bom, fui meio exagerada, falei agora como uma meteorologista quando dá a notícia de que choveu mais em um dia do que o esperado para o mês inteiro, ilógico como em quase todas as chuvas eles falam isso, não é?

Cheguei em casa, depois da minha pequena travessura com Andrew, radiante, com uma expressão de contentamento escancarada no rosto, praticamente saltitante. E é claro, e mero engano meu, que eu conseguiria enganar alguém. Não passou despercebido para ninguém a minha alegria, e como os curiosos da minha família são, logo foram me interrogando e perguntando tudo sobre meu dia, comecei a divagar, nem eu mesma sabia explicar o porquê de tanta felicidade.

— Elizabeth, para de divagar! Queremos saber sobre o seu mentor. — Curto, sorriso aberto e completamente direto.

Quando eu pensei em todos esses sentimentos vividos em um único dia, eu logo os liguei a que ou a quem? Isso mesmo, Andrew Nunes. Mas, é claro e obvio, que a minha vida não gira em torno dele, longe disso. Tenho família, um emprego, uma faculdade, carreira, e além de tudo: uma filha linda para criar e dedicar. Porém, ele me fez esquecer completamente a minha reunião de mais cedo, a do meu mentor, com isso eu não me lembrava de falar com os meus pais do tal assunto, que gerou tanta ansiedade em todos. Droga!

Como eu pude me deixar ser tão tapada para me esquecer disso?

— Poxa, pai, estragou a surpresa, hein? Estava guardando para o final.
— Falo com os olhos esbugalhados, e um sorriso nervoso nos lábios.

Foi inevitável, todos começaram a rir, Ufa! eu me safei de mais uma, para os meus pais claro, estavam tão empolgados com a minha possível “residência” precoce, que nem ligaram que tinha uma coisa errada, porém isso não valeu para Giovana ao meu lado com um sorriso cúmplice no rosto. Logo ela percebeu que sim, eu tinha um sentimento incrível de felicidade dentro de mim por aquela pequena conquista, entre tantas outras que vou ter que fazer, mas, tinha uma outra questão, pequena, mínima, quase insignificante, que embrulhava meu estômago e fazia meus neurônios virarem miolos. Eu podia apostar como dois e dois são quatro que ela sabia descaradamente da minha escapulida.

— Você não me engana. — Cerra os olhos, pronunciando as palavras sem som.

Papai se levanta da cadeira disposto a pegar um champanhe para o brinde. Para eles e para mim, é uma conquista e tanto. Ele mal sabe, mas hoje está me safando de mais uma sem ao menos saber. Resolvo ignorar a indagação da Gio e me jogar na felicidade com meus pais. Brindamos e começamos a jantar. Mais falamos do que comemos, porém o que vale é o apoio e a felicidade que meus pais, minha família, ficam ao me ver feliz.

Sento na cama, sentindo um vazio. Penso em mandar um e-mail para Gui, a alegria em poder compartilhar tamanha notícia me deixou super empolgada. Sinto tanta a sua falta. Essa falta de notícia é agonizante. Seus pais também não têm o seu paradeiro e todos ficamos muito aflitos a espera de notícias. Tudo que sabemos é que ele está em uma base sem comunicação, mas bem. Enquanto eles não entregam o seu corpo, acreditamos nesse discurso.

Levanto da cama e abro meu notebook, fico tamborilando com a minha mão no mouse, olhando para a tela de início, uma foto minha, do Gui, Luíza e Diego, eu e Diego colocamos a mão por sobre a barriga da Lu que está

radiante, um sorriso sincero no rosto.

Corto meus pensamentos quando vejo a minha caixa de e-mail, mais que depressa eu clico nela para poder esquecer um pouco esse dia que foi tão feliz para todos. Parece errado quando eu posso me permitir sentir isso e ninguém mais pode. Eles não podem mais.

De: Elizabeth Rennó

Para: Guilherme Fontes

Assunto: Desnaturado

Eu simplesmente não acredito, que até hoje você não recebeu nenhum dos nossos e-mails, cartas, pombo correio, ou seja lá o que for que chega aonde você está, Guilherme. Estamos todos muito preocupados com você, eu nunca vi amigo mais desnaturado.

Apesar de tudo, tenho uma ótima notícia pra te dar. É isso mesmo que você está pensando: Consegui aquele mentor que tanto te falei, estou radiante com a notícia, Gui. Eu queria tanto que você estivesse aqui para me dar um abraço e dizer que depois de tudo com essa notícia maravilhosa, as coisas vão melhorar.

Mande notícias, Gui, eu sinto muito sua falta. Queria que você estivesse aqui comigo, sinto saudades do seu cheiro, do seu colo, de tudo seu.

Volta pra casa.

Beijo, Amo você!

Com Guilherme eu sou sempre assim, começo brava e acabo amolecendo. Ele sempre me desarma, mesmo sem a sua presença. Penso naqueles olhos castanhos tão expressivos que me enxerga tão bem. O que eu

escrevi no e-mail não é mentira, eu sinto falta dele, principalmente nesse momento de alegria misturado com tristeza. Nessas horas não me refiro ao Andrew. Eu e Guilherme desde novos sonhávamos juntos em ser médico, é claro que com ele já estava um sonho mais um pouco concretizado, sendo ele cinco anos mais velho do que eu. Então essa alegria é nada mais justa do que compartilhar com ele, que foi quem mais me incentivou a tudo.

Assim que acabo de clicar em enviar, a porta do meu quarto é aberta. Giovana espreita entre a fresta.

— Oi Liza, podemos conversar? — Pergunta receosa.

Dou um sorriso enquanto penso o quanto conhecemos uma a outra. Porém, vejo em seu olhar que não está aqui só para me perguntar o motivo da minha felicidade.

— Claro Gio, entra. — Ergo as minhas sobrancelhas surpresa com a sua cautela.

Giovana é do tipo que já chega entrando, não sei se essa mudança repentina é Alessandro ou se ela realmente está cautelosa com algo, mas logo comigo?

Ela entra, senta na minha cama e fica brincando com um pelo imaginário que sobressai do lençol. Não olha em minha direção e muito menos inicia algum diálogo. Bufo pelo seu senso de distração.

— Fala logo Giovana, desembucha.

Giovana sempre dramatiza, focando no problema. O ponto é só achar o porquê e resolver, simples não? O fato é que nem sempre é tão simples como falar.

— Eu marquei o jantar do Alê aqui em casa para semana que vem. — Despeja tudo em um único fôlego.

Quando fala, vejo um fantasma de um sorriso em seu rosto. Mas, não

era para ela estar radiante? Finalmente papai vai conhecer Alessandro e tirar todas as suas conclusões precipitadas.

— Que legal, Giovana, papai vai poder tirar todos os preconceitos que tem do Alê. Mas agora me explica, por que essa carinha de triste? — Abaixo minha cabeça para ficar bem na altura de seus olhos que estão para baixo.

Ela me olha com lágrimas nos olhos.

— Ai Liza, porque tudo é tão difícil? Eu não falei com papai que o Alê é mais velho até que Junior, tenho tanto medo de ele não aceitar o nosso namoro. E estou realmente amando, Liza. — Desmancha em lágrimas na minha frente.

Deita no meu colo, fungando. Faço carinho em seu cabelo e olho aquele semblante de sofrimento. Estou confusa aqui, não me lembro de ter ficado assim quando apresentei o Guilherme ao papai como meu namorado. Tudo bem que eles já se conheciam, Guilherme era praticamente da família, mas isso não tira a responsabilidade de ser o primeiro namorado, não é? Papai até custou a aceitar, até que ele viu que era a minha vida e principalmente a minha felicidade que estava em questão. Quando ele admitiu isso pra si mesmo, deixou e parou com a implicância. É impossível acreditar que papai colocaria o orgulho e o preconceito na frente dos bois, e da felicidade de Giovana.

— Está menstruada, Giovana? — Quase sussurrei.

— Sim. — Respondeu no mesmo tom, os olhos ainda baixos. Eu já tinha entendido tudo.

— Bom, vamos tentar seguir o caminho da razão; você pensou em ao menos um segundo que papai vai deixar o orgulho e o preconceito dele passarem por cima da sua felicidade? — Olho pra ela — Claro que ele vai ficar assustado de ver que ele é consideravelmente mais velho, mas isso não o vai impedir de abrir os olhos para enxergar o que está dentro dos corações de vocês dois, que está na cara para quem quiser ver: Amor. Vocês estão completamente apaixonados e é incrível de ver — Enxugando as lágrimas,

ela começa a rir e agora sou eu que estou completamente perdida de novo. A fito esperando alguma resposta depois do seu ataque de riso.

— Ele disse que me ama. — sussurra.

Pronto, essa única frase é capaz de me fazer entender tudo que está acontecendo com Giovana: Nervosismo, alegria, ansiedade. Puta merda, ela está tendo sinais de grávida aqui. E ainda por cima menstruada. Era muitas emoções para somente uma pessoa.

— Isso é caso de alegria, sua tonta. — Dou um leve tapa em sua cabeça. — Deixa de ser boba, Giovana. Vamos fazer o maior jantar e o mais gostoso que ele já comeu. — Abro meus braços e o sorriso realmente feliz pela minha irmã.

— Acho melhor a gente deixar isso com a mamãe, eu não quero ficar fedendo a gordura para o meu namorado. E, já você Liza, bem, digamos que eu não queira que ele coma nada queimado e com resquícios de vidro e metal. — Meu sorriso murcha e meus braços caem.

Que abusada, eu aqui tentando ajudar, levantar sua moral, e ela simplesmente massacra os meus dotes culinários inexistentes. Bato em seu ombro.

— Ei, não precisa massacrar. — A empurro do meu colo.

Começamos a rir e combinar tudo o que mamãe poderia fazer. Claro que eu fiquei só nos pratos, Giovana foi mais ao fundo, como decoração, toalha de mesa e trezentas mil e quatorze pompas. Parecia que iria vir o presidente da república em nossa casa. Um tremendo exagero.

Conversamos sobre tudo, nunca me canso de olhar pra Giovana e perceber como os assuntos dela estão cada vez mais parecidos com os meus, e ao mesmo tempo lembro-me daquela menininha de doze anos que ficava me enchendo para ir jogar, nadar, ou fazer qualquer tipo de coisa com ela. Não seria exagero contar que se eu a chamasse para limpar o canil, ela viria de bom agrado. Meu Deus, ela está tão crescida!

Perco-me em meus próprios pensamentos, não sei onde foi parar a conversa, minhas respostas são mecânicas, até que uma frase me chama a atenção e me tira das minhas nostalgias.

— Liza, o Alê vai vir aqui e vai ver a Sofia. Eu não falei nada com ele, mas ele pode falar com o Andrew.

Fico sem entender o propósito dessa frase.

— Não entendi, Gio, o que tem a ver uma coisa com a outra? — Finjo de desentendida.

— É obvio, Liza, o Alessandro vai descobrir que você tem uma filha. E se você já não tiver falado com o Andrew sobre o assunto ele pode contar e acabar com o relacionamento de vocês.

Ham? Eu ouvi aqui a palavra relacionamento, produção? Preciso fazer testes de audiometria, parece que não estou ouvindo direito.

— É o que, Giovana? Você por um acaso ficou doida? Desde quando você associa a palavra relacionamento, a mim e ao Andrew? Isso está fora de cogitação. — Faço um sinal com os braços para enfatizar o que acabo de dizer. Ela definitivamente só pode estar doida.

Me olha desconfiada e prossegue com seu delírio.

— Eu associo a vocês desde quando eu acho que ele está de quatro por você. — Faz uma pausa, esperando-me falar alguma coisa, mas nesse momento não ousa nem abrir minha boca, não quero falar mais do que ela já sabe, e eu não sei do que ela sabe. Droga de tagarelice masculina! — E me explica, Elizabeth: como que está fora de cogitação se ele ficou te esperando na porta do hospital por quase três horas e vocês ainda passaram o final da tarde juntos?

Oi?

Tudo bem que ela poderia achar que ele está caidinho por mim, mas eu

nunca, em um milhão de anos, poderia achar que ela ficou sabendo que ele me esperou. Puta merda! E depois falam que a mulher é que são as fofoqueiras e mexeriqueiras, esses homens estão saindo piores que encomenda. Não disse que ela sabia de alguma coisa?

— Ele me esperou por que quis, não fui eu que pedi. — Tento soar indiferente.

Giovana dá um tapinha no meu ombro, um sorriso sacana no rosto.

— Aham! Conta outra, Liza! — aumenta o sorriso, cúmplice. — De mais a mais, eu sei que você mandou uma mensagem para ele. — completa.

Daqui a pouco ela fala dos amassos dentro do carro.

— Foi só um joguinho. — Continuo na mesma expressão desinteressada. Porém, agora estou assustada pelo tanto que ela já sabe. — Me diz aqui, ô senhora sabichona: que mais detalhes você sabe?

— Então, é aí que você entra. Não sei pra onde vocês foram. — Faz cara de amuada.

Cara de pau!

— Ah, então quer dizer que é assim? Veio só para averiguar a situação? — Franzo a sobancelha. — Bela irmã você é, hein, Giovana!

— Para de drama que você sabe que te amo. — Pisca os cílios, uma expressão inofensiva no rosto.

— Claro que ama. Vou comprar um óleo de peroba pra você passar nessa sua cara de madeira.

Gargalhamos e não tem outro jeito, ela já sabe praticamente da minha tarde toda com Andrew, eu contar mais um mero pedaço insignificante de pra onde ele me levou, aquele lugar romântico, agradável, uma vista maravilhosa, com toda certeza não vai fazer a menor diferença devido aos conteúdos que

ela já sabe, não é?

Acabo contando pra onde fomos e até o que comemos. Quando vi, já tinha soltado tudo. Falo pelos cotovelos. Não sabia o quão leve eu poderia me sentir se compartilhasse à tarde agradável que passei com Andrew, com alguém. Chego até comentar um pouquinho dos nossos amassos dentro do carro. Claro que eu não passei a linha do ridículo, afinal de contas ela ainda é a minha irmã mais nova. Chego a quase me beliscar para ver se estou sonhando, ou se aquele cenário paradisíaco realmente aconteceu.

Com um suspiro completamente fora de contexto, retorno minha atenção para Gio. Tento decifrar seus olhos cerrados, e a expressão fechada, sem conseguir.

— Mirante do Mangabeiras? — Aceno, agora incerta se fiz ou não certo de contar. — Eu não acredito que Andrew teve a coragem de te levar para aquele lugar. — Tem uma fúria indescritível no olhar.

Oi? Para o mundo que eu quero descer!

Fico completamente sem entender o motivo de tanto nervosismo dela. Até a pouco, ela estava de bem com Andrew, mas agora já se virou do avesso, completamente contra.

— Ham? — é tudo que sou capaz de dizer.

— Você tem alguma noção do que representa aquele lugar, Liza?

Gente, que preocupação que é essa?

— O mirante? — ela aquiesce — Não, só vi o que constatei: um lugar muito bonito e romântico. Mas não estávamos ligados no romantismo.

— Óbvio que ele não estava ligado no romance. Aquilo era um matadouro. — A olho confusa, sem ter a mínima noção do que ela está falando. Matadouro de boi? E qual o problema? — Nossa senhora, Elizabeth! Com você tem que ser tudo bem explícito. Os homens levavam as meninas

ali simplesmente para ter um ato carnal de puro prazer, para comê-las e depois descartá-las. Sexo puro, suado e sem vergonha e, sem importância nenhuma, dentro de um carro.

Sinto como se alguém tivesse dado um soco bem dado na boca do meu estômago, fazendo com que todas as borboletas que estavam ali, morressem. Um gosto amargo sobe na minha boca, e eu tento reprimir o soluço que vai subindo pela minha garganta, junto com as lágrimas ardendo meus olhos.

— Não sei o que você quer dizer com isso, Giovana. Nós somos dois adultos, com maturidade suficiente para sabermos aonde isso vai dar. — Tento mentir, engolindo seco.

— Ah, então é isso que você quer? Sentir prazer e nada mais? — Pergunta, sarcástica.

— Não sei por que o espanto, ontem mesmo eu te falei isso. — Olho minhas unhas, desviando de seus olhos. — Às vezes é disso que estou precisando para descarregar todas as minhas energias e seguir em frente. Por isso não vejo nenhuma importância ele saber ou não de Sofia, não é como se tivéssemos algum futuro juntos. — Encolho meus ombros, satisfeita com meu discurso, mas destroçada por dentro. É difícil eu separar a vontade do meu corpo, com o certo a se fazer.

O que disse foi sincero. O maior intuito de ir pra cama com Andrew é me satisfazer. Mas, mesmo assim, não consigo me livrar da sensação ruim de que estou me enganando e indo cada vez mais fundo nesse precipício. Sou a única a cavar minha própria cova.

Giovana me olha com um misto de incredulidade. Solta um longo suspiro. Não sei se isso é bom. Ela pega a minha mão na sua e olha nos meus olhos.

— Você sabe muito bem que não é só disso que você está precisando e, muito menos só isso que vocês dois estão vivendo. — Olha para nossas mãos juntas e a aperta — O Alê conhece o Andrew e ele nunca o viu ficar assim com ninguém, assim como eu te conheço. — Suspira. — Não sei pra que eu

fui te falar isso, sou uma tonta. Vou deixar você dormir.

Me dá um beijo na bochecha, enquanto fico em silêncio. Levanta da cama e caminha até a porta. Fico sem palavras, não sei o que está acontecendo comigo. Para pôr um momento e depois me olha.

— Esquece essa história de Matadouro que eu disse. Andrew pode pegar geral, mas não é do estilo de ficar desrespeitando, assim de graça, pessoas próximas. — Abre a porta e fica com metade do corpo dentro e o outro fora. — Principalmente você, algo ainda me diz que isso vai render, e muito, pano pra manga.

Eu não sou uma pessoa próxima.

Giovana sai me deixando ainda mais confusa do que quando entrou. Por que sempre a conversa começa com ela e termina comigo? Giovana está aprendendo a me levar com facilidade demais.

Ouçó o bip do meu telefone e até imagino de quem seja.

Andrew: *“Dei motivos suficientes para você pensar em mim no banho hoje, Liz?”*

Não sinto raiva, mas o gosto amargo ainda está na minha boca, degradando tudo que sobe para tentar responde-lo. Eu sei que ele pode ter me levado lá só por causa da vista que realmente é linda, mas a familiaridade que Andrew tem com mulheres me faz ter um, ou os dois, pés para trás. A insegurança, tão conhecida me corrói por dentro. Não sei o que esperar da sua experiência, eu sempre estou em desvantagem. O que pega e retorce os meus neurônios nessa hora é a raiva que vi em seu olhar quando o neguei. Não posso acreditar que ele me levou só pra isso, me expondo de tal maneira.

Não respondo a mensagem, não tenho cabeça. Nesse momento eu só quero dormir e esquecer que existe o mundo. Ponho a cabeça no travesseiro e busco me perder na fantasia de beijos doces e carinhosos. Mas, nem em meus sonhos consigo esquecer Andrew. O fato é que ele me faz esquecer o mundo a minha volta em questão de segundos, mas o mundo todo não consegue me

fazer esquece-lo.



Capítulo 12



Tive uma noite péssima, rolei de um lado para o outro na cama e nada de cair nos braços do *Morfeu*. Sofia também pareceu entender a minha insônia e decidiu me fazer companhia. Quando finalmente conseguimos pregar o olho, sonhei com olhos penetrantes azuis claros, cabelos negros ondulados e completamente bagunçados, em uma redoma de vidro inalcançável lotada de mulheres em volta. Vale ressaltar que as mulheres estavam em uma luta pra ver quem o alcançava.

Que sonho idiota!

Como se já não bastasse Andrew me atormentar quando estou acordada e vivendo, (ou pelo menos tentando viver), ele ainda me azucrina a noite. Não dá pra imaginar uma coisa dessas. Esse homem tem que sair de uma vez por todas do meu sistema, da minha pele, minha cabeça. Merda! Ele tem que sair de mim de uma vez por todas.

Pego carona com meu pai novamente, que me avisou que o *Joe* foi para oficina e não tem nem a previsão de volta. O que só contribuiu para o meu estado de humor belíssimo logo pela manhã. Inferno!

Sigo o caminho todo em silêncio, meu pai parece notar a minha distancia, mas por incrível que pareça, hoje ele não liga ao acidente e resolve respeitar meu espaço. Olho pelas janelas, ver as casas sempre me distraiu, as pessoas com suas vidas lá fora, tão diferente, mas ao mesmo tempo tão igual a minha.

Como de costume chego ao hospital tentando me mascarar. No fim acabo fazendo mesmo é caretas por onde passo. Ester já me conhece depois

de anos juntas, e só me cumprimenta, entendendo que não estou em um dos meus melhores dias.

Logo quando sento em minha cadeira e jogo praticamente a minha bolsa na mesa, vem um bip irritante do meu celular me assustando, dou um pulo da cadeira, com o ato falto joga-lo pela janela. Reviro meus olhos quando vejo o nome de Andrew na tela. *Argh!*

Andrew: *“Bom dia, linda! Que horas podemos nos ver hoje?”*

E é claro que isso só fez melhorar o meu estado de humor completamente azedo e mofado. Meu cérebro me manda dizer um grande, astuto, gritante, sonoro “*NUNCA*”, perguntar o que ele tem que não consegue controlar.

Mas, a roda não gira assim, certo? Quem eu estou tentando enganar? Minhas entranhas se apertam só de pensar que ele quer me ver novamente, minhas borboletas ressuscitam, dançando lambada dentro de mim. Minha vontade, aquela inconsequente, sem pensar com a razão, sabem? Então, é mandar um “*agora*”, que já estou morrendo de saudades, e que quero o sentir, por que só o cheiro dele irá me acalmar.

Porém, não sou idiota. Estou longe de passar por uma boba apaixonada.

Eu disse apaixonada?

Não sou ilusória de ficar negando pra mim o que eu acabei constatando na ótima noite sem dormir. Pensamentos borbulhavam em minha mente, meus olhos insistiam em se fechar. Mas, o cérebro não parava de matracar com o coração. É isso mesmo, eu estou completamente e irremediavelmente me apaixonando pelo Andrew. *Novamente*. É uma calamidade pública! Outra coisa que eu demorei em descobrir, mas por fim me veio à mente é que um raio não cai no mesmo lugar duas vezes, contudo, eu jamais o esqueci, como eu poderia? Lembra-se do meu dedo podre para escolher homens? Acho que nessa parte da minha vida todo mundo deve saber que Guilherme foi afortunado. Pensando por esse lado, não teve Guilherme, Andrew nunca precisou batalhar com ninguém, meu coração é, e sempre foi dele, o egoísta

não deixou espaço para outro alguém. Cretino!

Retiro o que eu disse sobre Guilherme, sempre tive dedo podre mesmo. E continuo tendo.

O fato é que agora estou mais confusa do que na noite anterior. Não que essa confusão se dê por eu estar pensando em conquistar o inconquistável, – ercebeu a terrível coincidência com o inalcançável do sonho? – Andrew, galanteador, Nunes. Mas sim por ver que as intenções dele são exatamente essas. Fazer-me apaixonar. E tudo isso, pra que? Pra me descartar e mandar embora? Não sou tão nova e nem mais tão inocente como eu era, sei que ele me deseja tanto quanto eu o desejo. *E, como eu o desejo!* Mas, para ele para por aí, o que infelizmente não é meu caso.

O que não quer dizer que vou desistir de ficar com ele. Pois, se eu já estou apaixonada e de qualquer jeito com a sua distância eu vou sofrer, que sofra direito então, afunda o pé na lama. Já coloquei há muito tempo na minha mente que não nascemos para ficar juntos, aquele ar de casalzinho apaixonado que o cara a respeita e a trata como donzela, só existe em filmes. Fomos feitos para experimentar um ao outro, mas nada de felizes para sempre. Até por que agora não posso ter mais nenhum tipo de responsabilidade, minha cabeça está super cheia e eu preciso foca-la só no que realmente é preciso. Basicamente aquela teoria da bagagem que não se usa a gente joga fora. Pois é, estou seguindo-a.

Acabo por me decidir com um sorriso nos lábios responde-lo dessa vez, mas não vou parar com meu joguinho. Se isso o está atiçando, Baby, que continuemos.

Liza: *“Depende. Seria para que? Não tenho muito tempo.”*

Não preciso esperar muito. Se eu quero uma resposta de imediato, é só cutucar a fera.

Andrew: *“Acho que você está precisando de um relaxamento. Quer algumas dicas?”*

Meu Deus, ele é impossível. Começo a rir sem ter motivos evidentes.

Tá vendo só?! Ledo engano meu de pensar que só o seu cheiro melhoraria o meu humor.

Liza: *“Posso pensar em algumas coisas. Pagar a conta da minha loja de lingerie seria um começo.”*

E assim que eu envio me assusto. Pai de misericórdia, como que eu mandei isso? O efeito dopante que ele tem em mim já está me tirando os eixos. Pior do que qualquer bebida que eu poderia tomar, Andrew me deixa tonta.

Meu rosto cora ao ouvir o bip novamente.

Andrew: *“Só se você me deixar acompanhá-la e fazer um desfile exclusivamente para mim.”*

Até aonde esse joguinho de sedução por mensagem vai levar? Se for pra falar descaradamente, que seja então. Aproveitando que não estou vendo o rosto dele, mando uma desaforada.

Liza: *“Só o desfile? Ah, que decepção! E pensei que você fosse um pouco mais fundo para curar a minha tensão, Andrew.”*

Se meu rosto corou pela mensagem anterior, por essa ele virou um pimentão jogado em um mar de lavas em chamas.

Andrew: *“Pode apostar que vou, todo no fundo.”*

Liza: *“Tenho uma outra questão em que preciso de sua ajuda.”*

Andrew: *“Sou todo ouvidos!”*

Liza: *“Tensão. Você cura?”*

Andrew: *“Jesus Cristo, Liz! Não me faça desperdiçar porra quando eu quero meter fundo em você.”*

Arregalo meus olhos com sua resposta, o tesão queimando-me ainda mais por dentro. Sem saber o que falar, Andrew manda mais uma.

Andrew: *“Louca, eu vou deixar você muito louca. Não vou curar seu tesão, vou aumenta-lo e fazer você dependente do prazer que eu irei te proporcionar!”*

Tenho que parar com isso por agora, por que já estou me imaginando esparramada em cima da mesa fantasiando Andrew em cima de mim. Estou tão louca, que o vibrador do celular vai servir de consolos e meus dedos... bem, meus dedos iriam ter que servir. Faríamos um louco e selvagem sexo virtual. Deus! aquilo estava me matando, mas eu não queria uma coisa incompleta. Sou daquelas que gosta de sentir, de ser tocada. Não de simplesmente ficar imaginando. Bom, na verdade eu acho que gosto disso. Minhas fantasias com Andrew estão indo longe demais, preciso me acalmar para minhas expectativas não me decepcionarem.

Um sorriso surge em meus lábios quando percebo que com Andrew temos que dar a corda e depois puxar. Está na hora do seu tombo, puxo a corda com força.

Liza: *“Bip! Tempo acabou. Trabalhando”*

Minha resposta é curta e grossa, não posso deixar evidente a minha ânsia pelo corpo dele. E pelo coração, diga-se de passagem, bem de passagem. *Não Elizabeth, não pense nisso!* Livro-me desses pensamentos quando mais um bip, que se tornou novamente irritante, me tira do transe.

Andrew: *“Pensei que estava prestes a aliviar a sua tensão.”*

Meus dedos coçam para responder, apesar de não saber o que falar. Resolvo então por ignorar a sua mensagem. Decido trabalhar e mais uma vez me afundar no que sei fazer de melhor, ou pelo menos tentar.

Quando estou quase me concentrando e tirando da minha cabeça aquelas mãos quase calejadas e gostosas, outro bip ensurdecador se faz presente.

Andrew: *“Ficamos no vácuo!”*

Ficamos? Como assim, ficamos? Existe mais alguém nesse joguinho sujo dele? Como um interruptor, a consciência é ligada, fazendo-me corar por perceber o motivo do plural em “Ficamos”.

Outra mensagem.

Andrew: *“Você é uma provocadora gostosa do caralho que torra os meus neurônios, depois foge da raia.”*

Parece que aquela coragem repentina, se esvaiu. Fico sem palavras novamente, com uma vontade absurda de responder. Novamente o ignoro. Dessa vez coloco o telefone no silencioso e o tranco dentro da gaveta da mesa. E realmente caio de cabeça no trabalho. Apesar dos meus pensamentos errantes tomarem outros lugares e outras quedas. Patético!

Ligo para Estela.

— Ester, traz a agenda e um café pra gente começar o dia, por favor!

Cinco minutos depois, Estela entre na minha sala, com uma xícara enorme de café fumegante nas mãos. Delícia! Tudo que mais preciso nesse momento.

— Já se livrou do bichinho azedo que estava infiltrado em você logo mais cedo? — Ergue as duas sobrancelhas e deposita meu café em cima da mesa.

Que abusada! É inevitável não rir.

— Você sabe que eu ainda sou a sua chefe, né? — Pegó a caneca e tomo um gole, a temperatura do café desce queimando a minha garganta, me reconfortando.

Caímos na gargalhada e no trabalho também.



Finalmente, por meio de insistência absurda, eu consigo me concentrar nas minhas planilhas. Não é fácil, mas minha cabeça já acha que vivi uma ilusão mais cedo. O telefone ficou dentro da gaveta e de lá não saiu mais, claro que eu dava uma olhada sempre que sentia meu peito apertar por não poder ficar conversando com Andrew, mas isso logo passava.

Nesse momento me encontro em paz e serena. Já quase passa do horário do almoço, parece que tem um *Hulck* no meu estômago. Decido sair para aproveitar um pouco do ar lá fora. Pego meu celular e o jogo dentro da bolsa controlando mais uma vez, a minha vontade de vê-lo.

Abro a porta da minha sala

— Ester? Vamos almoçar hoje? vai ser por minha conta.

Pego o exato momento em que ela se vira na cadeira em minha direção.

— Toda vez que chegar mal-humorada você vai ficar assim depois? — Pega sua bolsa, sorrindo.

— Não sei! Se você estiver com saudades da mal-humorada, podemos requisita-la novamente. — Coloco as mãos na cintura, fingindo mágoa.

— Não, Deus me livre! — Faz sinal de desdém com as mãos e pisca para mim.

Seguimos a pé mesmo rumo ao restaurante japonês mais próximo. Eu amo comida japonesa! Chegamos ao restaurante nos sentamos e fazemos o nosso pedido.

Eu não saio muito de casa, e quando isso acontece não é como aconteceu na boate, é sempre um lugar mais tranquilo, um barzinho com no máximo músicas ao vivo. Já saí com Ester algumas vezes, e digamos que fora do serviço ela se solta mais. Nos damos bem e conversamos sobre diversos

assuntos. Ester é solteira como eu, mas não liga muito pra isso. Romântica convicta acha que o príncipe um dia cairá do céu.

Em um momento ela se retira para ir ao banheiro e eu por não me aguentar mais, respiro fundo e tiro o bendito celular da bolsa e constato que foram quase cinquenta mensagens não lidas. Meu Deus, alguém deve ter morrido.

Abro as mensagens agora, preocupada, que falta de senso desligar o celular. Fico abismada quando vejo o remetente. Uma onda de ansiedade me invade. Algumas, vale ressaltar que são consideravelmente poucas perto das cinquenta, são de amigos meus desejando bom dia, correntes de amor, de alegria, amizade e um tanto de baboseira, respondo a todos rápido e vou as mensagens de Andrew.

Andrew: *“Vai ignorar?”*

Andrew: *“Por que você fez isso?”*

Andrew: *“Porra Elizabeth, você só deve ser bipolar.”*

Eu sou bipolar? Que prepotente!

Andrew: *“Eu já disse pra você que eu detesto ser ignorado?”*

Me canso de ficar lendo tudo, rolo à tela e só vejo a última.

Andrew: *“Você está me preocupando, pode pelo menos ter a decência de me responder?”*

Mas que cara impaciente, ele acha que eu vivo em função de responder seus flertes. Apenas respondo que estou viva. Quero desfrutar do meu almoço e não quero interrupções. Assim que vou colocar o telefone na bolsa, ele vibra e mais uma vez minha curiosidade vence o meu bom senso.

Andrew: *“Monossilábica”*

Reviro os olhos com tamanha impaciência, eu acho que quando as

pessoas não têm nada o que dizer elas simplesmente têm que ficar caladas. No caso da mensagem, simplesmente não responder. Não é tão difícil assim.

Deixo-o imaginar o que quiser. Do jeito que a imaginação dele é forte, perigoso daqui a pouco ligar para o IML. Um calafrio passa pela minha coluna e trato de expulsar o pensamento desagradável para longe.

Mais que idiota, quem ele pensa que é?

— Sou o cara que está mexendo com seu sistema assim como você está mexendo com o meu maldito cérebro.

Ergo minha cabeça, o meu olhar se encontra com o rosto de Andrew, maxilar duro, os olhos cerrados. Eu definitivamente não acredito nisso! O que é agora? Será que pensei alto? Droga! Que mania.

— A diferença é que eu não estou ignorando isso. — Arqueia as sobrancelhas, puxando a cadeira de Ester para se sentar.

— Você está me seguindo agora? — Mostro impaciência, minha voz elevada.

Com a maior calma do mundo, pega minha nuca com firmeza e delicadeza, dando-me um beijo casto nos lábios.

— Oi, pra você também, Liz, estava com saudades da textura dos seus lábios, do seu cheiro... — Arranha a garganta e me olha de cima a baixo. — Você ficou muito gostosa nessa roupa.

Olhando-o eu começo a tremer, as mãos suadas. Escondo-as debaixo da mesa tentando disfarçar.

— O que você faz aqui, Andrew? — Cerro meus olhos, prestando atenção nas suas atitudes.

Olho para os lados procurando Ester, perguntando-me porquê ela está demorando tanto.

— Você perdeu alguma coisa, ou alguém, Elizabeth? — Andrew me interroga. Giro minha cabeça ao seu encontro, percebendo-o com os olhos cerrados. Apoia os cotovelos na mesa e sua cabeça nas mãos.

— Estou procurando... — Começo a falar, mas paro, estupefata. — Ah, quer saber, não é da sua conta. — Me viro novamente para ver se alguma alma divina me abençoa e Ester chega logo, se bem que eu não quero que ela me veja com Andrew.

Argh! Que pensamentos contraditórios.

— Tudo que você faz eu quero saber, Liz. — Ao ouvir o som da sua voz, fico curiosa para decifrar sua feição, de olhos magoados.

Pelo menos ele tem a decência de ficar envergonhado, ou será que minha interpretação foi errada?

— Você não me respondeu, Andrew, o que faz aqui? — Suspiro.

Me sentindo derrotada, desisto de lutar contra a força de seu olhar que me chama sempre, me cativa. E é incrível todas as vezes que eu o olho, o percebo ainda mais bonito. Sua camisa social azul escura, sem gravatas e o paletó um pouco aberto na altura do peito, a calça social preta se encaixa tão bem nele. Deus, como ele é maravilhoso!

— Eu vim almoçar, não é óbvio? A maior coincidência foi te encontrar.

A cada palavra que sai da sua boca é um sopro de esperança para o meu coração. Apoio os cotovelos na mesa e as mãos no rosto, imitando sua posição. Solto um longo suspiro, por um momento achando seu ato engraçado.

— Sim, e os porcos tosem. O que você quer, Andrew? — Sou taxativa quando quero mesmo uma resposta, mesmo que para isso ela me *estrucida*, fazendo com que meu encanto suma, evapore, desapareça da face da Terra.

— Você só me faz perguntas óbvias, Liz. — Passa a língua nos lábios e

me devora com o olhar. — Quero te levar pra cama. — Direto, curto. Não é grosso, mas mesmo assim dói ouvir.

Sim, era exatamente isso que ele esperava de mim ontem. Não devo ser boa o suficiente para ser levada pelo menos a um motel. Reprimos uma risada sarcástica enquanto sinto uma dor no peito incalculável. Lembrando-me das palavras de Clóvis. Pensar que ele queria somente sexo, é completamente diferente de ouvir de seus lábios. A nossa proximidade não é saudável, e muito menos amigável. Não preciso de nenhum gatilho para minha dor, ela já arde sozinha.

— Pensei que ontem, dentro de um carro no “matadouro” você se contentaria. — Olho novamente para os lados e volto meu olhar para o seu rosto a tempo de ver Andrew, pela primeira vez, sumir a cor de seu rosto. Seus olhos arregalados de susto.

— Do que você está falando? — Franze as sobrancelhas e me encara confuso.

— Do que eu estou falando? — Bufo. — Sério que agora você vai fingir de besta? Eu sei muito bem que as pessoas levavam as outras lá em cima só para fazerem um lanchinho rápido. Me impressiona você pensar que conseguiria isso de mim. — Um tom de desprezo sai da minha voz.

Sua expressão é indecifrável, apesar de séria, não sei o que se passa em sua cabeça. Posso ouvir as engrenagens daqui. Depois de um momento em silêncio, me avaliando, um sorriso no canto da boca surge, me fazendo ficar ainda mais nervosa.

— Do que você está rindo? — Pergunto desconcertada.

— Do seu jeito, brava.

Cara de pau!

— Por que você me levou lá em cima? — Essa pergunta ficou rondando a minha mente a noite toda.

— Outra pergunta óbvia Liz, que decepcionante. — Balança a cabeça de um lado para o outro. — tsc tsc tsc.

É claro, seria demais esperar que ele sentisse o que eu também senti.

— Me comer, é isso? Dentro de um carro, pra quem quer que passasse ver? — Bato a mão na mesa, cerrando meus olhos. Deixo transparecer a decepção e mágoa na minha voz.

Acho que ele percebe a tensão e fica menos cínico. Porém, a mentira não vai curar a ferida que ele sempre abre em mim.

— É claro que não, você acha que eu faria isso com você? Com a gente?

— É, eu acho! Estávamos dentro do carro, você quase me despiu, onde teríamos ido se eu não tivesse te parado? Você faz com tantas outras, por que comigo seria diferente, não é Andrew? Sou só mais uma. A pirralha que você sempre desprezou.

— Por que com você é ... — Gesticula, perdendo as palavras. Sua boca em uma linha fina evidencia os olhos brilhando de um jeito magoado olhando para as mãos. — Se fosse com outras eu até não me importaria, mas com você não. — Passa a mão no rosto e me encara seriamente. — Pensei que você fosse inteligente o bastante para ver que é obvio. Está bem na sua cara, Liz.

As palavras de Giovana me vêm a cabeça. “*Alê nunca viu o Andrew assim com ninguém.*” Não consigo concentrar e me fazer acreditar no que ele diz. Gosto de agir pela razão, e nessas horas quando o fogo bate, meu cérebro já está programado. Não quero ter esperanças.

— Então eu devo ser uma burra, Andrew; por que eu não acredito em uma única palavra sua. — As palavras machucam ao sair.

O tempo parece parar enquanto sua expressão muda. É como se eu tivesse o dado um tapa na cara. Aquele olhar vai me perseguir durante muito

e muito tempo.

— Então você deve ser uma tremenda de uma burra, Elizabeth! — Olha de um lado para o outro, as mãos cerradas em cima da mesa. Fixa o olhar em mim novamente. Parece que tomou uma decisão. — E eu não quero me envolver com uma burra. Jogo a toalha. Eu desisto. Fica com a sua razão.

Levanta e sai, sem olhar para trás mais uma vez. Sei que ele está afetado, essa é só uma maneira dele fugir. E me fazer perder o chão consequentemente. Ele tem razão, eu sou uma burra! Mas, eu não consigo ser diferente, tentei por anos e já desisti.



Capítulo 13

Não sei realmente quanto tempo eu fiquei com a cabeça abaixada ali naquela mesa pensando na vida, o que merda eu estava fazendo, e por que o Andrew ficou tão sentido comigo. Vi em seus olhos quando disse não acreditar em suas palavras. Poxa, o cara que vira pra mulher e evidencia que quer leva-la pra cama, geralmente não fica sentido quando ela fala que não acredita em uma só palavra que sai da boca dele, quando o próprio diz as coisas completamente ao contrário, certo? Com Andrew isso se torna totalmente errado. Ele não ficou só sentido, ele deixou aquelas malditas palavras saírem da boca dele. “*Eu desisto*”. Como assim? Agora que eu estava me empolgando, me divertindo, acreditando e essas parafernálias todas, ele simplesmente desiste? Que tipo de pessoa é essa que na primeira dificuldade desiste? Levando em conta que ele é o tipo de pessoa que tem tudo na mão fácil demais, num piscar de olhos já tem uma piranha o rondando é até um pouco compreensível, o que me leva a crer que eu peguei pesado.

Porra nenhuma, ele precisa entender que nem sempre tudo é assim, eu não sou assim!

Meu Deus, o que eu estou pensando? Ao mesmo tempo em que ele tem o melhor de mim, ele lida também com o pior, nunca fui assim. Estou a ponto de subir nas paredes por aquele homem, quase rasgando minha cavidade retal com a unha (para não falar outra coisa), simplesmente por que saíram aquelas palavras da boca dele “*eu desisto*”. Argh, que raiva! Por que ele desistiu? Que palavra medíocre, não existe no meu vocabulário.

Perco meu olhar em um casal ao longe. A companhia um para o outro parece tão relaxante e prazerosa, pelo olhar dos dois se vê que se amam,

terrivelmente apaixonados um com o outro. Por que minha vida não podia ser mais fácil? Eu estou cansada de ser forte, de tentar entender tudo por si só, de ser sozinha, sem ninguém para conversar. Estou no meu limite, ficando louca. Jesus, também pudera, eu não consigo correlacionar o Andrew irmão da Nathália, com o Andrew que me quer agora.

Longos minutos se passam e meu olhar está tão vidrado no casal, que eu não vejo quando Estela senta na minha frente, esbaforida e toda vermelha.

— Droga Liza, você não notou a minha ausência, não? — Sua voz irritada ganha minha atenção.

Olho para ela com surpresa, não entendendo o que se passa.

— Onde você estava, Ester? — Pergunto incrédula.

Ela bufa, soprando seus cabelos da franja que já estavam caindo no olho.

— Boa pergunta, Liza. Teve um cretino que me trancou naquela droga de banheiro e ninguém, simplesmente ninguém, foi me ajudar. — Gesticula com a mão, generalizando o espaço todo, mas principalmente a mim. — Eu gritei, esperneei, chorei, mas ninguém me ouviu. — Deus! Ela realmente está brava.

Não aguento mais a sua dramatização e começo a rir. Sério, ela está com um semblante de quem correu uma maratona. Toda suada, com cabelo grudado no pescoço e as roupas amarrotadas.

— Ei, de que você está rindo? Não foi você quem ficou presa naquele banheiro. — Aponta o dedo para mim e cerra os olhos.

Tá certo, tudo bem, ela está certa! Estou rindo de boba, para aliviar a minha tensão. Mas o fato é que eu preferiria mil vezes ter ficado trancada naquele banheiro e ter um homem no meu pé, ainda, do que escutar aquelas palavras. “*Eu desisto*”. Com certeza vou ter pesadelos com Andrew sussurrando isso no meu ouvido a noite.

— Me desculpe, Ester! O que aconteceu? Explica com calma.

Tento achar um equilíbrio para não desabar em cima dela, não sei se quero convencer a ela ou a mim. Por que é fato concretizado, sempre que caio na gargalhada por besteira, aliviar a dor, as lágrimas veem em seguida, e muito mais fortes pelo fato de terem sido represadas pela minha falsa euforia.

— Eu te deixei aqui, e fui ao banheiro. — Respira fundo. — Quando eu estava dentro da cabine individual eu ouvi um barulho de chave. Mas, nem liguei. Pensei que seria uma pessoa entrando ou saindo, sei lá. Quando já estava no espelho retocando a minha maquiagem eu escutei novamente o barulho, mas dessa vez a chave rodava. Eu fui tentar sair e não conseguia, estava trancado. Daí eu fiquei lá esgoelando, por que nem a droga do telefone eu tinha levado para te ligar. — Pega o telefone em cima da mesa e aponta para mim. — E depois de longos quarenta e sete minutos, apareceu a alma caridosa de um funcionário e abriu a porta pra mim. A cretina foi tanto que até colocou a plaquinha de interditado que estava em outra porta. — Repousa o cotovelo em cima da mesa e pede o garçom uma água.

A olho de queixo caído, e um único “cretino” me vem à mente: Andrew. Por que ele faz essas coisas? Que ser estranho. Estranho e lindo. *Para de pensar nisso, Elizabeth, ele desistiu de você, droga!*

— Desculpa mesmo, Ester. Um colega meu veio e sentou aqui, ficamos conversando e não notei que já tinha passado tanto tempo. — Tento achar uma explicação para minha falta de atenção com ela.

Omito a parte que esse “amigo” é o Andrew, a cretina que fez isso com ela.

— Não tem problema. Vamos voltar.

Decido não prolongar essa conversa, o que eu fiz não vai ter desculpas, Ester está magoada e com razão a menina sumiu por um longo tempo e eu não notei por que estava com aquela avalanche. Que ódio!



Já tem mais de meia hora que eu voltei do almoço e não consigo me concentrar, alguma coisa muito errada deve estar acontecendo comigo.

Eu não consigo acreditar até agora que Andrew pode descer tão baixo em suas investidas, trancar a pobre coitada da Ester no banheiro foi demais. Rio com meus próprios pensamentos, se não fosse uma pessoa tão próxima a mim eu realmente estaria achando muito engraçado, a cara que ela fez quando se sentou à mesa foi impagável. Fico gargalhando sozinha na minha sala, e não mais me importando se alguém irá ouvir. Até onde ele vai para conseguir o que quer?

Paro subitamente quando lembro de suas palavras “*Eu não vou me envolver com uma mulher burra. Cansei. Jogo a toalha.*” E logo as que vem depois cortando com canivete meu coração “*Eu desisto*”.

As lágrimas que foram represadas pela minha euforia voltam mais fortes, rompendo as barreiras da minha indiferença. Não consigo me controlar e choro de soluçar.

Será que fui mesmo muito burra em não acreditar nele? Será que eu sou mesmo diferente das outras?

Deus! Eu não posso e nem consigo ficar assim tão inconstante mais. Às vezes ele esteja certo, estou me tornando uma complicada bipolar. Em uma hora eu estou bem, e na outra me desfaço em lágrimas. Não posso suportar a dor de perder o que até agora eu não tive.

Hoje definitivamente não dá pra trabalhar, e isso não contribui em nada para o meu humor. Fico ainda mais possessa quando não consigo me concentrar em nada que faço. Detesto me sentir impotente no meu serviço. Pego o telefone e ligo para o único número que eu pensei no momento. O telefone chama cinco malditas vezes para melhorar a minha ansiedade, até que Carlos, para a minha salvação, atende.

— Cal, sou eu, a Liza. Podemos pegar à tarde hoje? — Reprimo um soluço, mordendo o lábio.

— Oi, Liza, claro que podemos, minha princesa. O que está acontecendo pra você querer fazer aulas na hora do expediente?

— Só cabeça cheia mesmo. Encontramo-nos no lugar marcado?

— Sim; te espero no lugar de sempre, princesa.

Carlos é um amor, é o marido de Marco. Desde que eu entrei no hospital eu faço aulas de dança com ele exclusivamente. Antes fazia em uma academia, mas quando eu pus os meus olhos nele em uma festa do hospital, foi amor à primeira vista e eu logo o intimei para fazer aulas comigo. Digamos que está dando certo até agora, me serve como terapia. Desde que aconteceu o acidente ele tem se tornado cada vez mais carinhoso e compreensivo com os meus horários, sempre que eu o ligo de última hora tem uma vaga. Porém, a agenda dele não é vazia, ele faz isso por amizade. Como eu falei, ele é um amor.

Pego minha bolsa e olho meu celular na esperança de que Andrew tenha tentado entrar em contato comigo. Para minha infelicidade, não tem nada. Uma lágrima cai, tentando abrir espaço para o restante desaguar. Rápido expulso esse sentimento e saio da sala.

— Ester, já vou embora. Qualquer coisa me liga, vou estar com o celular ligado. Se perguntarem eu estava passando mal, e volto amanhã. Ok?
— Digo andando em direção a saída.

— Claro, Liza. — Me responde, sinto seu olhar me encarando até quando desapareço. Também pudera, nesses dias estou à flor da pele, não sou assim, muito menos de ficar saindo cedo do serviço.

Quando já estou próximo à saída encontro Marco. Sempre com seu sorriso iluminador, chegando no momento certo.

— Oi, querida, como você está? — Me dá um beijo na bochecha,

avaliando-me — E o bonitão lá, rendeu? — Abre um sorriso malicioso.

Que? Esbugalho os olhos de susto. Será que está tão na minha cara assim o que está acontecendo? Como um letreiro escrito “*Elizabeth sofre de amores por Andrew*”.

— Oi Marco, estou bem! — Retribuo o abraço. — Mais que bonitão? Não entendi. — Desconverso, fingindo indiferença. As vezes dá certo.

— Não me faça de bobo, querida. Digo e repito, eu só quero que você seja feliz. Não precisa me dizer nada, mas pelo brilho que a gente encontra em seus olhos nesse momento, já vimos que alguma coisa dentro desse coraçõzinho mudou. — Aponta o dedo em meu coração, e eu me derreto toda. — Agora, você não me parece muito bem, o brilho no seu olhar continua, porém, mesmo que ofuscado. — Arredamos para uma enfermeira passar por nós.

— Vou me encontrar com Carlos agora. Teremos à tarde para descontraír. — Mudo de assunto, essa conversa não está me deixando nada confortável.

Um sorriso enorme brota nos lábios de Marco. Um é louco pelo outro. É perceptível toda vez que tocamos no nome de Cal perto de Marco pelo brilho apaixonado em seus olhos.

— Vai mesmo, querida. Fala para o meu Bofe delícia que eu mandei um beijo pra ele. — Sussurra em meu ouvido para ninguém ouvir.

É de causar inveja o relacionamento de ambos. É difícil encontrar em casais de hoje em dia tamanha sintonia, até mesmo os héteros, muitos não chegam aos pés da cumplicidade que Carlos e Marco tem um com o outro.

Despedimo-nos e quando chego na rua me dou conta de que estou sem carro. Detesto ficar sem carro. Porcaria de Joe, *manézão*, me deixou na mão.

Sigo até a casa deles, já que é pertinho arrisco de ir a pé, esses saltos que não vão ajudar, mas tudo pela dança e o relaxamento que ela me

proporciona, quando danço esqueço até que existo.

Chego na casa, onde eles montaram o estúdio, esbaforida, parecendo que corri quilômetros e mais quilômetros. Logo avisto Carlos e corro para abraça-lo. Como sempre o seu abraço é receptivo e um pouco teatral, sempre me pegando e me rodando. Ele diz que o melhor passo da nossa música é quando ele me roda, por que é quando eu me jogo por completo, me deixo ser levada e seduzida. No meu dia-a-dia não deixo muitas pessoas tomarem as rédeas por mim, foi a única forma de me reerguer. E é nisso que eu tenho que mudar um pouco, é difícil entender que está tudo bem eu depender das pessoas emocionalmente.

— Que saudades de você, Princesa! — Beija minha bochecha e me encara.

Esse apelido devidamente ridículo (mas que eu amo) veio do nosso primeiro encontro. Estava com um vestido estilo princesa mesmo, e a partir do momento em que fomos apresentados, ele nunca falou o meu nome, só Princesa.

— Muitos trabalhos, Cal. Minha rotina está pesada.

Apesar dele sempre abrir espaço pra mim em sua agenda, vim aqui depois do acidente umas quatro ou cinco vezes apenas. Antes, eu costumava vir mais ou menos uma ou duas vezes na semana, quando não era mais.

— Eu não acredito que aquele filho de uma mãe do Marco está pegando pesado com você.

Seu tom de voz é firme, mas por dentro sei que está pronto para se abrir em uma gargalhada, e só de imaginar isso eu já começo a rir, a risada do Cal não tem igual, se ele começa a rir em um ambiente vocês podem ter certeza, todos vão rir juntos, nem sempre pela piada, mas pela gargalhada dele.

— Não, Cal, Marco é bonzinho. — Dou um leve tapa em seu braço. — Vamos lá, me conte, como está a adaptação de vocês com o Vitor?

Vitor é um menininho de quatro anos, e desde os seus dois anos, Marco e Cal estão tentando adota-lo, como existe muita burocracia para isso acontecer, Vitor tinha que ficar um pouco aqui e um pouco lá, entre lares provisórios e a própria casa do Marco e Cal. Agora que a adoção já está quase saindo, Vitor começou a morar efetivamente na casa deles.

— Nada com o que reclamar, Princesa. Vitor é um amor e eu e Marco estamos completamente apaixonados.

O olhar que ele me dá é de pura satisfação. Eu sei muito bem o que eles passaram para ter o Vitor em casa, posso dizer que os dois são excelentes pais, e sem levar em conta que Vitor é doido com eles, é lindo ver.

Sigo para o banheiro e me troco. Decido mandar uma mensagem para meu pai informando onde estou e o horário que vou sair, pra ele me pegar aqui.

Mais uma vez constato que o telefone está completamente sem nenhum sinal de Andrew. Isso me dá um aperto sem tamanho no coração. Não é possível que ele esteja mesmo desistindo, ou até mesmo já ter desistido. Livro-me desses pensamentos tristes e resolvo dançar, sempre funciona para mim.

Uma vez que já estou pronta, me encontro com Cal no meio do tablado e começamos os nossos passos de aquecimento.

Esse momento pra mim é sublime, sempre consegui resolver todos os meus problemas aqui. Concentro-me só na música e deixo ela me levar a lugares distantes aonde não existe Andrew nem a turbulência pela qual minha vida tem passado ultimamente.

— *The time of my life*, Cal. Hoje eu vim inspirada. — Clichê e brega? É, eu não nego!

— Claro, minha princesa. Vamos ver se você ainda domina.

Essa música é perfeita pra mim. Não sou de sonhar em me casar e nem

fico pensando muito nisso. Mas, eventualmente, um dia eu vou me entregar de corpo e alma para alguém e conseqüentemente iremos nos casar. Não é assim todo ato mecânico? Paquerar, namorar, noivar e casar? Quando esse dia, por fim chegar, quero dançar essa música com o meu parceiro, por que eu quero sentir o que essa música transmite. Eu quero estar vivendo o melhor momento da minha vida.

Concentro-me ao máximo e por fim consigo, danço a mesma música umas três vezes só para me certificar de que nunca a esquecerei, e então me dou por satisfeita. As coreografias não ficaram das melhores, mas na última dança consegui até fazer o salto, que é muito difícil, tem que ter muita confiança no seu parceiro de dança. E além disso, tem que ter equilíbrio sobre o seu corpo fora do comum. E isso vamos combinar, nem sempre acontece comigo, foram raras as vezes em que consegui saltar com segurança, mas a total ainda não foi adquirida por mim.

Essa é a única coreografia que eu realmente fiz questão de aprender. A tirei do filme *Dirty Dancing*, e desde então se tornou a minha preferida.

O resto da tarde, passamos dançando. Hoje eu não quero pensar, quero desanuviar a minha mente. Deixo minha mente vagar até lindos olhos azuis de piscinas marítimas. É claro que eu não consegui esquecer ele, mas pelo menos eu consegui não me sentir aflita ao lembrar-me de todas as suas últimas palavras.

O tempo que passei dançando cheguei à conclusão de que o Andrew desistiu, mas eu não. E ainda estou empenhada em fazê-lo meu, por pelo menos duas noites, isso aí, nem na qualidade eu desisti. Com isso minha mente fica mais leve, e me sinto melhor. A dança sempre me ajuda no que eu preciso.

Viva a música!

Papai chega bem mais tarde quando eu estou completamente exausta e nem mais um passinho eu consigo dar. O meu cansaço me ajuda, dando-me um efeito de tranquilizantes.

Conversamos sobre coisas banais no caminho, a orientação vocacional da Gio, que pende mais para o lado da arquitetura. Formando mais um na família de construtores civis, só eu que me sobro com essa história toda. Rio dos meus próprios pensamentos, me identificando com o Patinho feio, uma comparação muito infeliz, pois meus pais sempre me apoiam e me acompanham em tudo.

Chegamos em casa e é o mesmo alvoroço. Cheiro bom de comida novinha, a Sofia brincando na sua cadeirinha, mamãe cantando extrovertida, e a TV ligada na *Pepa*. Inacreditável como mamãe não fica com dores de cabeça com tanto barulho.

Depois de uma longa conversa sobre os motivos e os por quês eu fui dançar hoje, todos se cansam e confessam estar morrendo de fome.

Comemos como uma família civilizada, mas o motivo da civilização está no sabor da comida da mamãe, ninguém tem a coragem de falar um “A” nessa hora tão sagrada de apreciação.

Nossos dias são muitos corridos, apesar de mamãe não sair de casa ela trabalha e muito. Ela tem um pequeno atelier que é formado em frente ao escritório do papai, cada um de um lado do quintal. Minha mãe é uma costureira de mão cheia.

Devido à correria do dia-a-dia, sempre reservamos a janta para se fazer em família, assim como os almoços de domingo. Sempre ficamos juntos e colocamos o papo em dia.

No meio dos meus devaneios percebo um início de uma discussão se formando.

— Mas pai, ele vem aqui semana que vem. Vamos só à boate, não vou dormir fora, poxa.

— Você não vai sozinha, Giovana. Já disse. Enquanto eu não olhar esse garoto de perto e ter uma boa impressão, você não vai ficar andando por aí com ele.

Giovana não responde mais nada. Todas nós respeitamos muito meu pai, mas tem certas horas que ele exagera e muito. Reviro os olhos ao olhar de reprovação de papai e de decepção da Gio.

Tenho uma súbita ideia. Quer coisa melhor do que provocar o dono da boate? Fazendo ele provar do próprio veneno, e ainda de quebra o fazer entender do ele realmente está desistindo?

— Eu vou com a Gio, pai. Assim podemos ir? — Sigo com a minha cabeça baixa olhando para a comida.

O silêncio reina. Não sei o que eu falei de tão errado, ou de tão surpreso. Até a Sofia parou de brincar com seu brinquedo e ficou me olhando fazendo gracinha. *Que linda, minha menina.*

Olho para o lado e vejo que todos os três pares de olhos ainda estão em mim. Vai ver que eu estou ficando mais em casa e amargurada do que eu realmente pensei. Mamãe coça a garganta como para chamar a atenção e papai dá um sorrisinho de lado, como se estivesse satisfeito. Olhando de esguelha para minha mãe que agora também está com um sorriso fraco estampado no rosto.

— Não quero nenhuma das duas amanhecendo na rua. Estão me ouvindo, senhoritas? — Tenta manter o tom de pai bravo, mas não consegue.

Giovana não se aguenta e logo começa a se contorcer e sussurra um obrigado para mim. Mal sabe ela que dessa vez não envolveu caridade nenhuma, e nem compaixão para com ela. Envolveu puramente o meu desejo carnal de provar aquele homem o que ele está perdendo. É a minha última chance, não tenho nem noção de como vou fazer isso, mas eu tenho que conseguir. *Eu vou conseguir!*



Capítulo 14

Vou dormir super empolgada. O cansaço do dia me faz dormir de repente, simplesmente apago, e por incrível que pareça, essa noite não tenho sonhos e nem pesadelos.

Acordo na quinta com um ânimo novo. Não ousou nem pegar no meu celular para não me deixar triste, apesar de dar certa melancolia por saber que Drew não me mandou nada. Eu sinto. Deixo essa história de lado um pouco, preciso me concentrar no trabalho, ou pelo menos tentar.

O dia, como esperado, voa, uma reunião com os conselheiros do hospital na parte da manhã que rendeu e muito, várias dúvidas foram esclarecidas, sendo assim, andando com vários projetos, o que me deixou muito feliz e realizada, a maioria deles são de minha autoria.

Na reunião da tarde, ou digamos que na hora do almoço, decidimos a data que será feita a auditoria do hospital, um primeiro ensaio em primeiro momento, para depois ser a definitiva. Buscamos o certificado de qualidade ISO 9001, para isso precisamos melhorar a nossa organização, gasto e benefícios. Principalmente a segurança no trabalho, equipe médica, de enfermagem, limpeza e afins, usando sempre os EPI's (Equipamento de segurança Interna). Foi decidido também a empresa que nos prestará consultoria.

Enfim, minha vida que já estava bagunçada, vai virar ainda mais de cabeça pra baixo nessa montanha russa, volta da faculdade no meu último ano, com a auditoria do hospital. Ótimo! Mas não me deixo abalar por esses pensamentos, pelo menos esse fim de semana vai ter que ser produtivo para minha vida social.

Com tudo concluído, sinto-me feliz e aliviada pelas reuniões de sucesso. Para comemorar marco mais um horário com Cal. Quero extravasar essa energia, por mais que eu esteja cansada não vou conseguir ir pra casa e esperar o dia terminar.



Porque que quando você está pronta para dormir e se desligar do mundo, sua mente insiste em trabalhar e ficar divagando por lugares desconhecidos?

Aproveito minhas horas de insônia e já programo o que vestir, calçar, penteado no cabelo, maquiagem e tudo o mais. Quero estar linda e sedutora para atacar a fera.

Quero que todos na boate parem o que estão fazendo para olhar pra mim, e principalmente ele, Andrew Nunes, perceba o que está perdendo ou desistindo, seja lá a palavra que ele usou.

Depois de muito pensar, três copos de leite quente e por fim um suco de maracujá, resolvo deitar novamente e tentar dormir, a última vez que olhei no relógio já passava das 02h 30min.

Apesar de não completar nem cinco horas de sono direito, acordo revigorada e pronta para colocar o meu plano em dia. Chego ao hospital com o humor e o espírito quase igual ao do dia anterior, porém, dentro de mim se instalou um sentimento prazeroso e doce: esperança. E, eu vou guardá-la comigo até conseguir a concretização de tudo que estou almejando: Andrew e orgasmos.

Já na minha sala, ligo e marco tudo que tenho direito, tenho que me sentir bem e relaxada hoje; salão, unha, cabelo, massagem, depilação, sobrancelha e tudo que vem no pacote.

Enfio minha cara no trabalho para esquecer da ansiedade que borbulha dentro de mim com a espera e os pensamentos de que irei vê-lo hoje,

novamente.

Não pretendo deixa-lo chegar à linha de chegada hoje, mas quero muito que ele compita e pelo menos saiba a posição de largada. É só mais um passo, um meio, para se conseguir o fim, com sucesso. Orgasmos e mais orgasmos.

Meus neurônios devem ser atualmente alimentados e banhados por uma quantidade absurda de esperma, não é possível, só penso nisso o tempo todo e a toda hora do dia. Só de lembrar aquele sorriso, até a falha que aquele maldito tem nos dentes, dando um efeito menor em seu canino é atraente demais, me faz derreter e molhar a calcinha. E por falar nessa peça íntima tão provocadora, tenho a minha primeira, brilhante, ideia da noite.

Sinto-me maléfica, maldosa, libertina e sexy. Não me sinto assim a muito temp... *ops*, vamos à correção, nunca me senti assim. Particularmente estou adorando, está devolvendo o brilho dos meus olhos, a alegria para todos a minha volta, dando cor a minha vida. Sinto-me viva, e isso misturado com o sentimento doce da esperança, me deixa eufórica.

Passa a hora do almoço e eu nem vejo, visto que eu não saí para nada hoje, Ester chega com um copo com suco estupidamente gelado e um sanduiche natural que só de olhar meu estômago já dá um grito de ópera, que chega até aos ouvidos de Ester.

— Opa! — Arregala os olhos. — Liza, você não pode ficar tanto tempo sem comer desse jeito. Você vai sumir. — Aponta para o meu corpo com uma pitada de humor em sua voz, seu olhar divertido.

Com essa até eu me sinto bem. Dou uma mordida em meu sanduíche, extasiada.

— Que sumir que nada, Ester! Tenho quadril demais para diminuir antes de sumir. — Digo de boca cheia.

Nós duas desabamos a rir.

Ela se senta comigo e juntas comemos os sanduíches e fofocamos sobre

os médicos. Hoje está inquieta, balançando o pé em sinal de nervosismo. Seu olhar distante.

— Liza você não vai acreditar, sabe aquele médico que sempre aparece com o jaleco meio amarelado, com um olhar esquisito? — Para de comer e limpa a boca.

Sei de quem era está falando. Dr. Luciano, pediatra, a sina dela. O cara não é o melhor médico que esse hospital já viu, mas nunca chegamos a um número suficiente de reclamações para mandarmos o plano tira-lo daqui. Mas até lá, a Estela vai ter que atura-lo muito ainda.

— Sei. O que ele aprontou dessa vez? — Não dou muita importância, ele sempre dá cantadas ruins na Estela.

— Ele chegou aqui com um papo de que queria ver a planilha do mês. O que no caso é muito estranho, todos tem uma cópia do mesmo. — Fala, parece que acabou de se dar conta do óbvio. Rio e escuto com atenção o que vem a seguir. — Enfim, ele na hora se agachou e deu uma cafungada, meu Deus que cafungada — Seus olhos brilham —, na hora eu pensei até que ele estava gripado. Juro, Liza, não entendi o que ele queria. Aí do nada, ele falou assim: — assume uma postura mais masculinizada superengraçada. — *“Nossa, Estela, além de ter um nome viciante como a cerveja, você tem um cheiro de bala que me desconcerta.”*

Meu Deus, estou viva para ver Ester de homem!

Rio até não poder mais, lágrimas saem dos meus olhos só de imaginar o tal Dr. falando que Ester tem cheiro de bala e nome de cerveja. Minha barriga dói muito, mas não consigo parar de rir.

— Ai, Ester, eu não acredito. Isso era pra ser uma cantada? — Coloco uma mão no meu estômago e a outra limpando as lágrimas que escapuliram dos olhos.

— Ei, não fale assim. Foi ridícula sim eu sei, mas eu levei como uma. Não estou em posição de ficar chutando os baldes assim. — Sua voz sai

amuada, fazendo bico.

Paro de rir com dificuldade e a olho, apesar das minhas vistas estarem embaçadas pelas lágrimas do meu momento gargalhadas, vejo seus olhos brilhando, e um sorrisinho de canto de boca se formando. Não acredito!

— Você sabe que podemos acusa-lo de assédio, não é Estela? — Falo receosa, só para conferir o que estou pensando. Seu sorriso murcha e seus olhos perdem o brilho de agora a pouco.

Batata.

— Ah, para Elizabeth, não é para tanto, foi apenas uma brincadeira da parte dele. Afinal de contas, o que tem a sua secretária ter nome de cerveja e cheiro de bala? — Encolhe os ombros, fingindo indiferença. A falha evidente em sua voz.

Fico pensando em como eu não percebi isso antes. Agora, parando para notar, percebo que Estela sempre vem mais arrumada nos dias de plantões do Dr. Luciano, mais cheirosa e até com uma maquiagem mais forte. Eu devo estar com a minha cabeça no meu próprio umbigo, como nunca notei o obvio?

— Você gosta dele! — Acuso. Quero ver se ela tem a cara de pau de negar.

— Ele faz isso com você também? — Responde com uma pergunta. Olhos esbugalhados, dentes maltratando o lábio inferior.

Eu nunca vi o Dr. Luciano se engraçando para o lado de ninguém. Na verdade, eu nunca o vi se engraçando, somente Ester que sempre me fala das suas frases e cantadas ridículas.

— Claro que não, pelo que sei ele pega é só no seu pé. — Aponto para ela, franzindo minhas sobrancelhas. Eu hein!

Um alívio toma conta do seu semblante, e os seus ombros

imediatamente se abaixam livres da tensão que se encontravam a espera dessa resposta. Longe de toda graça que anteriormente eu tinha, a encaro esperando pela sua resposta a minha pergunta.

— Liza, sei que ele não é um dos homens mais lindos do mundo. Mas as suas cantadas ridículas me fazem rir. E eu gosto da expressão que ele faz quando eu sorrio — Fala pensadora, o que me faz rir, pela sua felicidade. — Ele me chamou para sair e eu aceitei. — Fala mais rápido que eu possa acompanhar, em um fio de voz.

Quando percebo estou a abraçando. Não por misericórdia ou pena. Mas um sentimento de plena felicidade me invade e eu fico realmente muito contente em saber que estou enchendo a cabeça dela para coisas novas, e que está dando certo.

— Graças aos céus, você me ouviu. — Jogo a mão para cima, fingindo um agradecimento divino.

Ela chora.

Chora? Nesse momento vejo que não sou a única que sofro de transtorno bipolar. Eu que estou sensível demais, ou é que a vida está ficando mais colorida e muito mais bonita? Eu adoro esse sentimento. Alegria. Pelo menos eu espero que as suas lágrimas sejam de felicidade.

Assim que Estela vai embora da minha sala, me afundo novamente no que quer que esteja em minha mesa. As horas passam como uma lebre ao ponto de chegada, para pegar a sua maldita bandeira quadriculada. Bendita bandeira.

Quando dou por mim tenho que sair para ir me embelezar.

— Tchauzinho, Ester, bom passeio. — Aceno para ela com a minha mão, mandando um beijo.

Quando olho pra frente, sou parada por um homem de jaleco amarelado de olhos castanhos penetrantes. Ele realmente não é feio.

— Dr. Luciano, que surpresa o senhor aqui.

Falo com a maior cara de pau, louca pra rir. Antes que ele possa responder pisco para Estela e sigo em disparada para saída.

Chego ao salão com cinco minutos de atraso, logo sou atendida e desde então sou passada de mãos em mãos até perder de vista.

Nesse momento já sofri fazendo sobrancelha, unha, e depilação por que é sempre bom estar em dia, para qualquer eventualidade, agora estou extremamente relaxada nas mãos de Kelly, uma mulher já vivida, aparenta ter seus quarenta e poucos ou trinta e muitos, muito bem cuidada e com umas mãos de ouro, que todo mundo pede a Deus.

Saio do salão me sentindo outra pessoa. Hoje me permito ousar, não posso pegar um transporte público neste momento de puro êxtase, para não me estressar. Pego um taxi, uma fortuna até lá em casa, mas uma fortuna que será bem paga.

Converso com Giovana pelo *whatsapp*, e a pergunto com que roupa ela vai. No meio da conversa ela me manda uma foto levantando o cabelo dizendo que é pra eu chegar rápido por que ela está desesperada a procura de algum vestido que preste. Rio da foto em que ela tirou.

E sem querer (querendo) entro nas conversas que tive com Andrew. É a primeira vez em que pego no meu celular desde antes de ontem, uma nostalgia me bate quando relembro de cada momento, até a travessura de Giovana que o fez gozar na mão. Rio alto com essa lembrança, o taxista me olha de canto de olho, aceno para ele sem me importar se me acha louca ou não, e tenho uma excelente ideia.

Liza: *“Por que as pessoas ao invés de discutirem, não aproveitam o calor do momento para fazerem coisas mais úteis, como suar, ficar molhado (em todas as partes) e ai, meu Deus...!”*

Eu tentei ali soar como um gemido, não sei se deu certo, mas resolvi deixar minhas inibições de lado e usar o que ele mesmo usa. Antes que eu

morra de vergonha e meu rosto fique vermelho igual a um tomate denunciando o que eu acabei de fazer, guardo o telefone na bolsa e não espero resposta, ainda mais quando eu pego um vislumbre de que Andrew está online. Meu Deus, meu coração não aguenta.

Chego em casa e converso com todos, como de rotina brinco com Sofia, o que só faz o meu estado de espírito e o meu humor melhorarem e subirem para o nível máximo da escala Richter. Amo minha família!

Corro para o quarto e já vejo Giovana enrolada na toalha em busca de uma roupa decente, causando uma cena hilária, tamanha a sua expressão de desespero sempre exagerada. A ajudo escolher um vestido vermelho com decote em V um pouco ousado, soltinho nas pernas e uma sandália preta. Para completar ela faz um rabo de cavalo com um topete que fica lindo. Na verdade, eu não entendo essa neura toda da Giovana para se arrumar, tudo que ela coloca fica extremamente bonito, a beleza dela já ascende por onde passa.

Com ela praticamente pronta, só faltando colocar o vestido e fazer a maquiagem, vou para o meu quarto tomar uma ducha. Desde a minha noite mal dormida de ontem eu já sei o que vou usar, sou bem prática.

Escolhi um vestido colado até na cintura, preto, cheio de rendas branca, mais comportado na frente e com um decote que chega perto da minha bunda nas costas, um vestido que deixa fluir a imaginação, com mangas três quartos em rendas. Nos pés uso uma sandália aberta de tiras, nos tons branco e preto. O cabelo eu deixo como estar, caindo nas minhas costas em cachos ondulantes realçando o novo corte que eu fiz hoje. Meu look ganhou um pequeno detalhe, sem lingerie, fazendo-me corar só de imaginar como Andrew irá reagir.

Duas horas depois eu e Giovana estamos dentro do taxi a caminho da boate Kiss. Não me passou despercebido que eu evitei a qualquer custo a minha bolsa, peguei só o telefone corporativo e a carteira, o resto eu não quis nem olhar. Não quero perder essa sensação gostosa que estou com ela, caso a mensagem de resposta seja negativa ou até mesmo que não tenha

nenhuma mensagem. Detesto também ser ignorada.

Estou com uma empolgação fora do normal, muitas borboletas se agitam no meu estômago. Não me lembro de ter ficado assim pelo simples fato de sair. Sou uma jovem de vinte e três anos em busca da felicidade, pode ser ela momentânea, mas hoje quero ser eu e nada mais, sem responsabilidades e sofrimento.

Chegamos à boate pouco tempo depois. Passamos na frente de todos, sobre vaías e até assovios, chegamos à entrada e rápido estamos dentro.

No interior a música já pulsa e a pista de dança já está lotada. Pessoas estão se beijando e dançando como se não houvesse amanhã. Me pego balançando os quadris ao ritmo da música eletrizante, antes mesmo de qualquer reivindicação da Giovana já estamos na pista de dança ao som de *Avicii – Hey Brother*, o Dj muda levemente a versão original a colocando um pouco remixada. A boate continua a mesma, aquele mesmo toque lascivo e afrodisíaco que nos faz mais leve.

Deixo liberar minha energia e danço como se o meu mundo fosse desmoronar. Deixo a música levar tudo de ruim. Eu e Giovana nos esbaldamos, dançamos mais umas três ou quatro músicas até que Alê chega, e mais uma vez sou trocada.

Sinto muita sede, mas não quero parar de dançar. Olho para cima jogando meus braços para o alto e me deparo com um casal que me chama a atenção. *Epa!* Um casal não. Andrew e Carla estão lá em cima na área Vip, juntos. Ele está com a mão em sua cintura, colado nela, falando alguma coisa em seu ouvido que a faz rir. E ela, com sua bunda de anorexia, roça nele, como se fosse fazer algum tipo de sexo ali mesmo. Ódio sobe, da pontinha do meu mindinho do pé até o meu último fio de cabelo

Olho para Giovana que já está olhando pra mim com a cara de pena. Argh, eu detesto essa cara! Não sei o que eu vim fazer aqui atrás desse maluco, isso não podia prestar. Ele não presta, por que isso iria me surpreender? Mas o fato é que surpreendeu e me tirou aquele gosto doce que estava em minha boca, só de voltar a encontra-lo e poder beijar aqueles lábios

macios, que agora, nesse maldito exato momento, estão no pescoço da *Carlaranha*. Papel idiota que fiz. Mais idiota ainda foi acreditar que esse cretino me falava a verdade quando disse que não ficava com essa mulher. Eu poderia estragar seu nariz perfeito nesse exato momento, mas me controlo. Respiro fundo e paro de dançar.

Faço sinal para Giovana ficar tranquila e vou para o bar. Se o tal sedutor não pode me esquentar essa noite, conheço uma coisa que vai me fazer ir às alturas com apenas alguns goles. A tequila.

Procuro o garçom gostoso que me atendeu no outro dia, para minha infelicidade e a do meu ego, eu não o encontro. Peço para outro lindo lá mesmo e fico esperando, a primeira desce rasgando e queima meu estomago, peço outra e quando vou tomar escuto uma voz grossa ao pé do meu ouvido.

— De novo aqui sozinha, delícia?

Tomo um susto quando o tal garçom se materializa na minha frente, muito gostoso por sinal. De calças jeans escuras, uma camisa de linho branca aberta até um pouco acima do abdômen, cabelos arrepiados com gel, e botas. Pecaminosamente bonito e, arrasador.

Bom, penso que se Andrew está jogando, eu também posso jogar do mesmo jogo que ele.

Abro um sorriso malicioso que floresce só de pensar.

Estou mesmo brincando com fogo!

— É, como dizem: melhor sozinha do que mal acompanhada. — Tomo o restante da minha tequila e peço outra.

Ele ri da minha insinuação de flerte.

— Bem, se a senhorita ... — Não acredito que ele esqueceu meu nome. Reviro meus olhos e respondo com a voz mais doce que consigo.

— Elizabeth — dou um sorriso sedutor.

Arqueia uma sobrancelha avaliando-me de cima a baixo, solta um “*uau*” baixinho, mas que chegou em meu ouvido causando tremeliques no meu corpo. Quando volta a me encarar de novo eu permaneço sorrindo.

— Então, se a delícia da Liza deixar, posso ser uma ótima companhia.
— Meu nome sai puxado de um jeito malicioso.

Peraí! Se ele sabia até meu apelido, por que perguntou meu nome?

Se fosse há outro tempo eu até levaria isso a sério, mas agora meu único intuito é provocar. Na verdade, são todos iguais, qual diferença irá fazer dançar com esse e aquele outro, gostoso, lindo, tesão? Nenhuma, não é? Engano meu, mas quem não tem cão, caça com gato. E que gatinho viu.

— Claro, ótima companhia! — Pego seu rosto e beijo sua bochecha. — Qual o seu nome, desculpa? — Meu pedido de desculpas só saiu para charme, pelo jeito resultou. Seu rosto cora. Cora mesmo? Alguém já viu um homem hoje em dia corando? Que fofo!

— Pedro. — Retribui o meu beijo e fica me encarando.

Depois de vários momentos, que me desconcerta, pega na minha mão e me leva pra pista de dança, um pouco mais afastado do casal grude. Porém, daqui onde estamos dançando, dá pra ver direitinho eles se entrosando até muito bem para quem não tem nenhum tipo de relacionamento. Giovana ainda não me viu, e tomara que fique assim durante muito tempo. Não quero esparro, quero esquecer que Andrew existe.

Olho para cima e o vejo conversando com Alê, escanceando todo o lugar com os olhos. Chego até a me encolher para o maldito não me ver, na certa, Alessandro está lá em cima avisando de que eu estou aqui, maldito fofoqueiro. Porém, Andrew não chega a me ver, logo um sorriso brota em seus lábios e a dança com aquela mocreia é iniciada novamente, de um jeito completamente vulgar.

Se Alessandro realmente disse que eu estava aqui, esse filho da puta está fazendo isso para que eu o veja se engraçando. Mas isso não vai ficar assim. Puxo Pedro para ainda mais perto de mim, grudando seu corpo no meu, fazendo da nossa dança inocente uma coisa luxuriosa.

Pedro dança de um jeito gostoso, conquistador. Mas, não é o corpo que com tão pouco tempo eu estou acostumada, se eu não estivesse com a cabeça tão cheia eu até poderia levar esse flerte mais adiante. A euforia de pagar na mesma moeda vai passando, assim como umas duas músicas, me pego pensando nele. Por que mentiu? Toda hora olho pra cima pra ver se esse cafajeste me viu, ou se estou fazendo isso em vão.

Calvin harris e Alesso – under control tocam nos autos falantes da boate, um ritmo pulsante. Pedro me cola mais em seu corpo me fazendo seguir seus movimentos. Sinto uma comichão em meu pescoço que não foi causado por Pedro. Não podendo evitar, olho para cima e vejo Andrew e seu olhar de ódio pra cima de mim. Sua dança com aquela mocreia foi interrompida, parece que ele parou assim que me viu, nem seus movimentos voltaram para o normal. Ela nota o que aconteceu e segue seu olhar, me vendo dançando ainda mais colada em Pedro, se é que isso é possível. Com seus olhos em mim, sinto que estou dançando para ele, perco-me nas sensações que só o seu olhar causa.

Viro-me de costas para Pedro, entrelaço minhas mãos em seu pescoço e sigo seu ritmo, ele suspira e distribui beijos em minha clavícula e pescoço. A música não condiz com o meu espírito, eu estou tudo, menos no controle. Nunca me imaginei fazendo isso para provocar um homem.

Rebolo mais uma vez em Pedro e ele geme, e em um puxão me vira de frente, me pega pela nuca, olha nos meus olhos de um jeito penetrante, cola meus lábios nos seus que estão macios e com gosto de cereja, e me beija. Sou pega desprevenida. Mas, Santo Deus! Que boca, que língua, que... que... malditas lembranças de Andrew, não consigo não comparar. O beijo dele, do Andrew, é bem mais gostoso. Contradizendo com a minha vontade e pensamento, prossigo apertando o corpo de Pedro no meu só por ele estar olhando, deixo-me levar ao ritmo da música e do beijo de Pedro.

O beijo dele é ótimo, seria maravilhoso se eu não tivesse uma lembrança vívida das mãos quase calejadas, dos olhos marítimos e do beijo molhado de um certo alguém. O Pedro não é o errado, não é o ruim, Andrew que é o maldito e fez macumba para me fazer só lembrar dele, do seu toque e beijo, só pode!

Sinto um empurrão em meu cotovelo e já posso prever quem me tira dos lábios grossos e gostosos de Pedro. Mais rápido que eu possa pensar ou imaginar, o punho de Andrew acerta o queixo do coitado. Não consigo me libertar do sentimento de culpa por usá-lo. Coloco minhas mãos na boca espantada com a brutalidade desse ogro.

— Calma ai, Andrew! — Coloca a mão no queixo e olha para Andrew, embasbacado. — Não sabia que ela era uma das suas. — Sua cabeça vira de mim para Andrew, que nesse momento está bufando, o rosto vermelho de raiva. O que? Uma das. No plural. Ouvi direito? Que nojo!

— Não interessa. — Passa a mão no rosto. — Você está demitido. — Seu jeito é firme, duro, assumindo uma postura que eu nunca tinha visto.

Olho espantada para a dureza daquele homem que está na minha frente, minha culpa é esmagadora, com minha raiva só consigo culpar Andrew por tudo que está acontecendo. Que infantil, foi só um beijo, ele acha que é quem?

— Andrew, você não pode fazer isso com todo mundo que chegar perto da Liza, cara. Ela é adulta e sabe muito bem se cuidar. — Meus olhos vão para trás de Andrew, onde Alessandro está o segurando apertado, contendo sua raiva.

— Ela me disse que estava sozinha. — Pedro soa indignado.

Estou o tempo todo parada, paralisei no tempo, mas vendo a tamanha injustiça não consigo me segurar, tenho que tentar pelo menos defender o rapaz, afinal de contas ele foi usado, me sinto péssima.

— Que grande babaca você é! — Grito com Andrew. — Descontar a

sua raiva em quem não tem nada a ver, é covardia. Vai o dispensar porquê? — Coloco meu cabelo atrás da orelha em um gesto nervoso — Me enfrente, fui eu que o quis. — Projeto minha raiva para Andrew, pronunciando as palavras com nojo evidente em minha voz.

— Vai embora agora, Pedro! — Olha pra mim enquanto fala. Pela primeira vez desde que chegou aqui presta atenção em mim, porém, não parece me ver realmente, seus olhos só estão carregando ódio. — Volta na segunda e vamos conversar. — Olha para Pedro um pouco mais calmo, mas ainda dá pra ver sua raiva emanando de seus poros.

Pedro me encara, seu olhar querendo saber se tudo está bem. Me admira saber que ele não é um bundão que saia correndo. Dou um aceno de cabeça, um sorriso contido. E assim ele segue para porta, sem falar nada, a cabeça baixa. Andrew volta seu olhar pra mim, olhando-me de cima a baixo. Tomo a deixa para olha-lo e vejo que coisa mais linda Deus fez, sendo extremamente desigual aos outros simples humanos.

— Me solta, Alessandro. Pedro já foi embora, porra! — Balança seu braço para se desvencilhar de Alessandro, mas sem sucesso.

— Parou com o barraco, Andrew? O dono da boate brigando aos socos com um garçom por causa de uma criança. Ela sabe se cui... — Sério mesmo que essa menina está aqui ainda?

— Cala a sua maldita boca, Carla, suma da minha frente. — Andrew grita com o projeto de piranha. Todo mundo o olha. — Mas que porra, Alessandro, já disse para me soltar. — Dessa vez consegue se desvencilhar.

Observamos aquela mocreia ir embora bufando e resmungando sobre o que não vai ficar assim. Um arrepio sobe a minha coluna, realmente ela foi embora fácil demais.

Quando volto meu olhar vejo um poste parado bem na minha frente, Andrew. Droga, agora a fúria foi toda direcionada a mim. Puxa-me pela cintura e cola nossos corpos.

— Você! — Fala, ainda alterado, mas sussurrado, me fazendo tremer toda só ao som daquela voz, misturada com a sua respiração ofegante. — Parou de me deixar louco e de joguinhos, agora!



Capítulo 15



Sabe o que é mais irônico? Eu só segui os seus jogos. Interessante como a recíproca nem sempre é verdadeira. No entanto, essa proximidade dele me angustia, ao mesmo tempo em que ele está tão perto, está também muito longe, posso sentir sua respiração batendo na ponta do meu nariz, quero sentir sua boca na minha, mas parece que essa não é a intenção dele, acho que isso seria só pra me deixar doida. Esse filho da mãe sabe o efeito que tem em mim e usa isso completamente a seu favor.

Perto dele não sinto nada, estamos em uma boate repleta de gente, conversas, drinks, músicas eletrizantes alta e nada, absolutamente nada, me faz tirar o meu olhar do dele. Não ouço músicas, conversas, nada. Ele me fascina, me hipnotiza, me tem na palma da sua mão, meu corpo não reage, quero olhar para outros lugares, fugir dessa intensidade, mas não consigo desviar meu olhar do seu, simples assim.

— É dançar o que você quer, Liz?

Ele fala, sua voz sussurrada, respiração ofegante, arrastando o apelido que é exclusividade dele, maliciosamente. Olha em meu olho, porém, vai descendo até a minha boca e sua mão aperta ainda mais a minha cintura, passa a língua nos lábios e parece travado, lutando contra uma batalha interna.

Não consigo nem articular as palavras direito. Não querendo passar vergonha por tentar falar e sair só um gemido incoerente, apenas aquiesço com minha cabeça, eu realmente quero dançar com ele, com seu corpo colado ao meu.

Andrew solta um longo suspiro, e passa suas duas mãos por minhas costas nuas causando-me arrepios involuntários, colando ainda mais seu corpo ao meu.

— Então dança comigo, faça tudo comigo. — Sussurra em meu ouvido.

Soa uma suplica, seus olhos faíscam analisando as minhas feições, sua boca abre apenas um pouco e ele suga o ar com força, como para se controlar. Novamente não encontrando palavras, estou hipnotizada, passo minhas mãos por seu pescoço, ele ergue a sobancelha e me leva ao seu ritmo, a música que continua pulsante e só agora eu reparei, quando caio de bunda na realidade de Andrew Nunes, que me aperta em seus braços.

— Você está ainda mais linda. Jesus, você é uma visão. Mal posso culpar qualquer um por te olhar.

Deixo-me levar junto, fecho meus olhos e só sinto seus movimentos, sua respiração e seu corpo que é deliciosamente chamativo, forte na medida certa, me levando a loucura, seus braços são grossos ao ponto de alargar um pouco a manga de sua camisa, deixando-o com um aspecto irresistível, igual ao seu tórax, todo lindo, perfeito. Seu aperto é macio, convidativo e completamente delicioso. Meu corpo nunca se esqueceu do seu, por mais que a minha mente procurava esquecer, meu coração, em várias ocasiões, buscou sentir o que eu já havia sentindo de uma maneira mágica, assim como estou sentindo agora, completa, com uma dose de satisfação transbordante, como se eu estivesse no meu lugar certo, meu lar, minha força.

Por um momento eu me deixo pensar que é tudo rosa e colorido, como meu coração acha ao estar do seu lado.

Dançamos mais algumas músicas, eu não saí do meu transe até agora, portanto nenhuma palavra saiu da minha boca, não quero parecer que estou afetada, apesar de estar, não quero falar entre gemidos. Não tirei os olhos dos seus, nem para olhar para os lados, não sei quem nos cerca ou quem já foi.

— Quer tomar alguma coisa? — Sopra em meu ouvido.

Fico dividida. Não quero parar a proximidade que a gente tem, mas também não quero que ele pense que estou desesperada, então decido que tomar alguma coisa vai me fazer bem, preciso encontrar novamente a minha razão. Sei que se eu falar vamos brigar, não aguentamos ficar muito perto um do outro sem sair faíscas. Aquiesço novamente, não conseguindo articular nenhuma palavra.

Chegamos ao bar, dessa vez não preciso de nada que me esquente, preciso de agora uma coisa que me esfrie, e principalmente para me deixar lúcida. Sinto-me avoada, mas não acho que seja por causa das doses de tequila, mas sim pela proximidade de Andrew que não me deixa pensar direito. Ele é pior que o álcool, Jesus! Peço uma água gasosa com limão, e ele pede o mesmo.

Andrew vira pra mim e fica me encarando, estamos muito distantes em comparação ao que estávamos agora a pouco, ao que parece ele pensa como eu, chega mais perto e me enlaça em seus braços, não tirando seus olhos dos meus. Queria que ele sentisse o mesmo fascínio que eu sinto ao olhar em seus lindos olhos azuis marítimos.

— Por que você está tão calada? — Põe uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Fala comigo. — Me dá um selinho, olhando-me com a testa franzida.

Pensei que ele ficaria com raiva, estúpido e inalcançável depois da minha dança com Pedro, mas pelo contrário, ele ficou doce, carinhoso, atencioso e até mesmo apreensivo, o que me faz pensar que ele assemelha a minha distração com o seu entrosamento com aquele projeto de piranha. Ou talvez seja pela sua disputa de mijo desigual com Pedro. O que no meu pensar é bom, ele ainda não notou o transe que eu entro toda vez que ele chega perto.

— Não sei, Andrew, talvez seja pela sua demonstração pública de virilidade. — Coloco a mão no queixo e finjo pensar. — Ou, talvez seja pelo seu concurso de quem mija mais longe com o Pedro? — Cuspo as palavras não conseguindo segura-las. Acho que quando estávamos dançando imersos

em meu transe era bom, afinal.

Ele tomba sua cabeça para o lado, confuso, e até mesmo assustado. Acho muito engraçado que até a sua careta fica linda, mas está longe de mim, deixá-lo descobrir isso, então eu trato logo de reprimir o riso e ficar séria, não quero que ele ache que minha raiva já passou, apesar de só com a sua companhia me deixou em um estado de espírito elevadíssimo. Isso é uma merda!

— Me desculpa por Carla, Liz. — Passa a mão no rosto e me encara — Mas, não me faça sentir culpado por aquele babaca, ele estava querendo te comer no meio da pista. — Seus olhos faíscam só por lembrar da minha pequena exibição.

— Andrew, e daí? — O pergunto querendo uma resposta. Porém ele não dá essa graça. — E daí, se eu deixasse ele me comer no meio da pista? Eu não tenho dono e da última vez que olhei a minha carteira de motorista, eu era maior de idade e independente. — Bebo um gole da minha água e acrescento mais uma coisinha em sua raiva. — Faço o que eu quero.

Andrew intensifica sua careta, fica inquieto e me aperta ainda mais em seus braços, como para provar o seu ponto. O ponto eu ainda não sei.

— Elizabeth, quantas vezes eu vou ter que dizer que você é minha? Isso não entrou ainda na sua cabeça?

Oi? Eu ouvi direito? Que cretino! Como que ele tem coragem de falar uma coisa dessas comigo depois de me deixar arrasada com aquela sua palavrinha mágica “*desisto*”. Que idiota, fiquei remoendo e remoendo aquilo durante dois dias esperando notícias dele, e nada.

— Não, Andrew, você não é meu dono, não é dono do mundo. Nem sequer um dia pensou em me fazer sua, tudo que você quer é provar um ponto que eu te desejo a séculos. Além do mais, se assim for, eu estico-me a ter a mesma cortesia que a sua. Não quero você com a Carla.

Quando vejo o que acabei de dizer já é tarde. Estou com os olhos

esbugalhados. Não disse que se abrisse a minha boca íamos acabar brigando? Dito e feito. Pior que isso, dei asas para a sua imaginação fluir para lugares aonde nem eu mesma quero ir mais. *Que ele não pense demais, que ele não pense demais.* Fecho meus olhos e faço minha oração silenciosa.

— Que tolice é essa que... — Para de falar e olha pra mim incerto e com fúria, passa a mão no rosto, olha de um lado para o outro, bufa e volta a me encarar. — Vem, é melhor a gente voltar a dançar. — Pega a minha mão.

Travo no mesmo lugar, o encarando, confusa.

— Você não queria que eu falasse? Por que está agindo assim?

— Claro, mas perceber que perdemos praticamente sete anos de nossa vida? — Pronto, agora que ferrou com a minha cabeça mesmo. — Vamos pra pista de dança, Liz. Eu realmente posso te comer aqui, se ficarmos desse jeito.

Dessa vez ele consegue me arrastar junto a ele.

Eu fiquei completamente confusa, alguém pode me dizer o que acabou de acontecer aqui?

Já na pista de dança, Andrew me leva, mas dessa vez não tem mais a atenção e o carinho de antes. Tocamo-nos com desejo, desenvoltura, necessidade e aflição. Da minha parte eu tenho medo que esse momento acabe e mais uma vez eu acorde no meu quarto, sozinha no silêncio da noite, e para completar toda suada.

Sua mão sobe e desce pelo meu corpo, me viro de costas para ele, assim como eu fiz com Pedro. Enrosco minhas mãos em seu pescoço e puxo levemente o seu cabelo que está encostando na nuca, faço uma falsa pressão, e prossigo descendo com meu corpo rebolando, roçando no seu. Apesar da música alta consigo ouvir todos os seus sons. Andrew suspira, soltando um pequeno gemido, rouco, delicioso, refletindo como música para os meus ouvidos, me tornando ainda mais devassa. Perco-me na sensação de deixa-lo doido, quando já descí seu corpo todo de costas, viro-me de frente para ele,

querendo ver seu rosto. E vou subindo, tocando em todos os lugares do seu corpo que eu posso tocar, me deliciando com a sensação, dou uma leve escapulida na minha mão e ela vai parar bem entre as suas pernas, dou um aperto significativo e acabo de subir olhando pra seu rosto, notando seus olhos esbugalhados e lotados de luxuria.

Andrew cola seu corpo ao meu, passando a mão por todo o meu corpo, não perde o ritmo da música que toca nos autofalantes, *Nine Inch Nails - Closer* remixada, refletindo o nosso desejo de nos enterrar um no outro. Quando volta a posição normal me encara ofegante, um sorriso de canto de boca se formando maliciosamente, sinto sua ereção batendo em minha barriga. Não me aguento de desejo e tenho certeza que se estivesse com uma peça mínima de calcinha, ela poderia, nesse momento, ser jogada longe pelo estado decadente e úmido em que ela iria se encontrar.

— Eu não estou acreditando, Liz. — Rosna de uma forma sexy beijando e dando uma leve mordida no lóbulo da minha orelha, com as mãos possessivamente espalmadas na minha bunda, impulsionando-me para cima.

— Gostou da surpresa? — Pergunto maliciosa, respirando ofegante o mesmo ar que o seu.

— Foi pra mim? — Morde o ponto atrás da minha orelha. — Diga, Liz!

— Sim! — É a única coisa que eu consigo dizer.

Andrew respira fundo e solta o ar com toda força.

— Sim, vou ser um filho da puta de um sortudo.

— Se você é um sortudo eu não sei, mas pra que eu iria colocar calcinha se ela ficaria molhada só de te olhar? — *Ponto pra mim!*

Nunca em mil anos da minha vida eu iria acreditar que essas palavras saíam da minha boca um dia, mas com Andrew é assim, me sinto liberta e ousada para falar o que vier na minha cabeça, sendo palavras chulas ou não. Mas, é obvio que o fato de estar falando em seu ouvido e não olhando

diretamente em seus olhos, tem um efeito muito mais encorajador.

— Sua safada. — Sua voz contém um sorriso. O tremor que causa em minha orelha, só me deixa ainda mais insana.

Andrew segura as laterais do meu rosto, e não diz nada. Seu olhar é repleto de desejo. Desce seus braços para os meus. O aperto tem uma necessidade carnal, uma urgência. Quebra nosso contato quando sai novamente me arrastando. Entendo completamente pra onde me leva, e eu não posso pará-lo, quero isso tanto quanto ele ou até mais, a tensão sexual que nos envolve chega a ser palpável. Meu Deus, vou ter ele só pra mim!

Cortando a nossa magia escuto a voz, alterada devido a música, da minha irmã logo atrás de nós.

— Liza, Drew. — Olho para trás, a encontrando. — Onde vocês estavam? — Franze o cenho. Sério isso, produção? Bem na hora? O universo não conspira ao nosso lado. Droga!

Andrew olha-me e dá uma bufada discreta. *É, eu te entendo, tenho que suporta-la esse tempo todo.* Reviro meus olhos a olhando em seguida.

— Estávamos dançando, Giovana. — Tento parecer impassível, mas a minha voz demonstra impaciência.

— Pra onde vocês vão agora? — Com as mãos na cintura, ela parece desconfiada.

Antes que eu possa responder, Alessandro chega perto e a abraça por trás, trazendo um sorriso em seu rosto, e por consequência, pela boba que sou, meu sorriso reflete o dela. Ela ali cortando meu barato e eu aqui feliz por ela estar sorrindo.

Alê olha de mim para Andrew e nossas mãos entrelaçadas, fixa o olhar em seu amigo. Olho para Andrew e para Alessandro percebendo que os dois estão trocando um diálogo sem palavras, só deles, com o olhar. Alessandro pisca e beija a bochecha da sua namorada.

Olha para Giovana que me encara com os olhos bem abertos conferindo a minha expressão. Não é possível que ela esteja pensando que Andrew está fazendo alguma coisa contra a minha vontade.

— Você não me respondeu, Elizabeth. — Diz.

Ah qual é Giovana, logo agora que vou receber meu prêmio de consolação? Pirralha!

— Estamos indo no meu escritório para conversarmos melhor, Gio. — Fala Andrew com toda a paciência do mundo, antes mesmo que eu possa sequer abrir a boca.

— É sério, Liza? — Abaixa o tom de voz, mas ainda se faz audível, varrendo todo o meu rosto com seus olhos.

Antes mesmo que eu possa responder, Andrew aperta sua mão na minha, como se me dissesse para deixar com ele.

— Claro que é sério, Giovana! O que você pensa que eu vou fazer? — Andrew a repreende.

Giovana desvia seus olhos de mim e olha para Andrew magoada.

— É, Giovana, é sério. — Suspiro e a encaro. Pai, porque? Acho que o papel teria que ser invertido, não?

Gio retorna seu olhar para mim e um sorriso de canto de boca escorrega por cima dos seus dentes. Pisco para ela e me viro para Andrew. Temos que sair daqui antes que ela pense em mais alguma coisa pra falar.

— Pra onde você iria me levar mesmo? — Sussurro, divertida.

Não dá nem tempo de acenar, e Andrew já está levando-me entre os corredores, rumo a sua sala. Rindo de seu comportamento, o sigo.

Chegamos à mesma porta em que eu estava há poucos dias atrás. As borboletas no meu estômago se embaralham. Andrew me olha pedindo

permissão, e de bom agrado eu me ofereço para abrir a porta.

Assim que entro em seu escritório tenho um vislumbre do que ele faz com isso daqui, escuto atrás de mim a chave rodando na fechadura. Estamos trancados.

No canto a primeira coisa que vejo é um imenso sofá cama na cor Champagne, mais ao lado, um pouco distante do sofá, tem uma mesa de escritório, com algumas fotos. Chego perto e noto que todas são de família, algumas da sua família junta há muito tempo atrás, outra dos seus pais sozinhos, da Nathalia também sozinha e uma acompanhada por Andrew, e uma outra bem lá no canto, quase escondida encostada na parede, só dá pra ver se sentar na cadeira, e como curiosa que sou, me abaixo para ver o que tem naquele porta retrato e me espanto ao notar que tem uma foto minha e da Nathalia, nós duas juntas abraçadas à beira da piscina da cobertura de Andrew, rindo para a foto sem preocupação nenhuma.

Olho para Andrew para perguntar o porquê de logo aquela foto estar ali. Mas, perco a respiração com sua presença perto demais, me sufocando. Meus olhos percorrem das suas pernas, até seu rosto. Endireito minha postura e o encaro, as pálpebras pesadas. É o suficiente para Andrew me tomar em seus braços, beijando minha boca. Com urgência, fome, necessidade. No começo fico assustada pela velocidade de seus movimentos, mas logo me deixo levar pela familiaridade de seus toques urgentes.

Ele brinca com a língua em minha boca e eu suspiro de contentamento. Não posso acreditar que isso esteja acontecendo. Sem tirar seus lábios dos meus, joga tudo da mesa no chão com um único puxão. Desce a mão em minhas pernas suspendendo-as por trás em suas costas. Meu sexo encontra com aquela rocha dura e se possível, fiquei ainda mais molhada. Senta-me em sua mesa e levanta o meu vestido até a minha cintura. Puxa a gaveta e tira dois pacotes de camisinha lá de dentro, jogando-os em cima da mesa.

Sobe suas mãos por minhas costas e chega até o meu cabelo, o puxa e se desvencilha da minha boca que já sente sua falta, como se fosse uma parte dela.

— Eu esperei tempo demais, Liz. Hoje eu quero você gritando e gemendo somente o meu nome. — Sua respiração é descompassada, mas não é como se Andrew estivesse cansado, ele parece... coberto de luxúria.

Não consigo responder nada, sinto que fiquei muda, falar só me faria perder tempo. Tempo esse que eu poderia estar beijando Andrew, como faço agora. Sinto gosto de sangue e não me preocupo em saber quem se machucou, não quero nunca parar esse beijo.

Sua outra mão, que estava até agora em minha cintura, desce por fora da minha coxa, e sobe por dentro, para no meio do caminho e eu resmungo de insatisfação. Quero logo o sentir em mim. Ele sorri ainda com a sua boca na minha.

— Drew, por favor. — Não é possível que nessa altura do campeonato ele vai me deixar assim.

Acaba de subir a mão, encontrando facilmente o meu clitóris e brincando com ele. Gemo em apreciação e faço movimentos para aumentar o seu atrito.

— Você não vai aguentar andar amanhã, Liz. — Olha pra baixo e ri. — Sua boceta linda e gostosa, vai lembrar e nunca se esquecer, quem é o dono dela, mesmo que você seja inconsequente e não faça questão de se dar conta. — Continua seus movimentos deliciosamente insistentes.

Cravo minhas unhas em seus braços, a cabeça para trás, o corpo mole em cima da mesa. Fecho meus olhos, um sorriso rasgando meu rosto. Abro ainda mais minhas pernas, mal conseguindo me conter parada, no entanto, sinto que se eu mexer, movimentar o mínimo possível, eu possa acordar em minha cama, sozinha.

Preciso pelo menos gozar antes de acordar.

— Você é a visão do paraíso.

Abro meus olhos, a mão seguindo todo o caminho até sua nuca. Brinco

com seus fios de cabelo, puxando sua cabeça em minha direção. No entanto, a invés de me beijar, Andrew lambe meu pescoço, chupando aquele espaço entre a clavícula e o pescoço.

Sem avisar, penetra dois dedos dentro de mim, e estoca forte, mas não bruto. É como se ele conseguisse atingir o meu útero com esse movimento.

Não consigo me compreender, em questão de segundos eu estou a beira do precipício, pronto para me deixar em queda livre. O abraço e enterro meu rosto na curva do seu pescoço, sentindo seu cheiro afrodisíaco e másculo.

Quando sinto que vou me despedaçar em mil pedacinhos só para Andrew reconstruir, ele tira seus dedos de mim, os chupa. Retribuo seu olhar com o os olhos esbugalhados e uma vontade imensa de tê-lo dentro de mim.

— Sua boceta tem um gosto incrível! — Aprecia. Um sorriso de cafajeste no rosto. Fico alucinada. — Quero que você goze no meu pau. — Tira meu cabelo do rosto, encarando meus olhos.

A íris de Andrew é muito negra e está enorme, deixando somente uma linha fina azul em volta. Como um gato em caça. É lindo!

Sem tirar os olhos dos meus, retira sua camisa, mostrando seu peitoral musculoso e seus braços másculos, sua barriga com um leve tanquinho, mais parecendo a sombra dos gominhos. Desafivela o cinto e tira a calça, ficando com sua cueca boxer vermelha de tirar o folego. Prendo meus lábios entre os dentes e não desvio o olhar, desconfiada de que tudo irá caber em mim. Andrew levanta a minha saia e olha por debaixo, eu não consigo nem pensar no que é vergonha, não sei de mais nada, só o quero dentro de mim agora. Mexo querendo aplacar o tesão que sinto entre as pernas, as fechando. Mas, Andrew as segura aberta, dando bastante atenção a minha parte debaixo.

— Você é linda como eu sonhei. — a voz é de fascínio.

Não me ligo para sua frase. Pego o involucro da camisinha e o corto, o barulho chama a atenção de Andrew, que levanta a cabeça, me olhando de um jeito safado. *Meu Deus, posso gozar só com essa cara!*

Tiro a camisinha lá de dentro e o chamo com o dedo, mesmo que não esteja completamente afastado, ele tira sua cueca e se aproxima mais. Fico perdida no tamanho, na beleza, na masculinidade, Andrew é todo másculo e só de olhar não há quem duvide. Vai tudo entrar em mim. *Oh meu Deus!*

— A camisinha, Linda. — Chama minha atenção, divertido. A mão segura seu pau, subindo e descendo levemente por toda a sua extensão. Estou fascinada. — Liz, eu quero muito entrar em você.

Recupero do meu transe, subo meu olhar, encontrando seu rosto. Dou uma risada, nervosa. É muito mais do que eu esperava, mas Andrew sempre me surpreende. Sento na mesa, passando minhas pernas atrás de suas costas, eu o prendo, ou assim eu penso. Andrew pega meu rosto, as mãos na lateral, puxa-me para junto de si. Coloco a camisinha nele, fazendo carícias, beijando-o lentamente. Afasto-me lentamente e vejo sua expressão, de olhos fechados e mordendo o lábio. Desce suas mãos, segurando forte a minha cintura, deita-me na mesa, avaliando-me, olha para a renda do meu vestido, fazendo uma careta.

— Não vai dar tempo nem de tirar esse vestido.

Com uma única estocada o sinto dentro de mim, por inteiro, sorrio em satisfação e quase gozo pela felicidade que há muito tempo esperava e não sentia.

— Enrosca suas pernas em minha cintura e senta, quero sentir você. Por inteira. — Ordena, sua voz linda e rouca não me dando outra opção.

Um arrepio percorre toda a minha espinha.

O atrito que o movimento causa no meu sexo me faz delirar. Jogo a cabeça para trás quando ele começa a se movimentar e beija meu pescoço, meu ombro, meu ouvido. Gememos juntos em apreciação.

— Porra, Liz! Você vai estrangular meu pau. Essa boceta é apertada demais — Diz entre grunhidos. Nada consigo responder, somente me concentro em sentir. O coração descompassado, batendo forte.

Andrew ganha um ritmo mais acelerado, indo cada vez mais fundo. Enrosco minhas mãos em seu pescoço, abraçando-o.

Não aguento mais e todas as frustrações que passamos ao longo da semana se descarregam em mim, ele acelera o movimento e eu caio do abismo sem fim que Andrew me joga, grito alto pela liberação de êxtase que meu corpo está recebendo. Fico atordoadada, eu nunca tinha experimentado algo desse jeito, ou tão rápido assim.

— Isso, Linda! Goza gostoso, sua delícia. — Fala ofegante. — Goza gostoso no meu pau.

Por mais que eu esteja quase desfalecendo, Andrew não para seu ritmo rápido. Passa a mão forte pelas minhas costas, sustentando meu corpo, segura o meu cabelo na nuca dando um puxão, seus lábios encontrando os meus no caminho. Não sei como ele consegue, por que em nenhum momento ele diminuiu o ritmo. Seu beijo continuava bom, maravilhoso, me fazendo ir ao céu.

Passo as unhas em suas costas, ouvindo, com satisfação, Andrew grunhir em meu ouvido, viril e completamente sedutor.

Se afasta, as mãos forçando, delicadamente, meu corpo conta a mesa. O encaro com fascínio, abrindo minhas pernas, os pés apoiados em cada extremidade. Desce o olhar por todo meu corpo, enfiando forte dentro de mim. Consigo ver sua expressão contorcida, encarando nossos sexos antes de fechar meus olhos em apreciação. As mãos, suadas, segurando a mesa.

Senti o aperto de seus dedos em minha coxa, e imaginei a marca que seus dedos fariam na carne branca.

— Drew... — Consigo dizer. Chupo uma respiração forte, sentindo meu peito sem ar. — Por favor!

Já consigo sentir um novo orgasmo se construindo. Consigo sentir toda a pressão no meu corpo.

— Você vai gozar de novo.

Abro os olhos, o encarando; é todo lindo e safado. Vejo seu vinco na testa toda suada, os fios de cabelo grudados.

Desce a mão, subindo o meu vestido em seguida. Chega com o dedo entre minhas pernas, colocando meu clitóris entre seus dedos, brincando, fazendo com que eu contorça debaixo do seu corpo, sob seus olhares atentos.

— Você é tão receptiva, toda linda. Goza mais uma vez! — Aumenta o seu timbre de voz, ficando ainda mais rouca. — Agora!

Fico confusa com o seu jeito, no entanto, eu não consigo pensar muito, por que o meu corpo o obedece de imediato. Seu corpo desce em minha direção, pesando-me em cima da mesa. Contorço debaixo de seu peso, sentindo seu cheiro a cada sugada de ar que dou.

Os dedos ainda eram frenéticos no meu clitóris. Minha vista escura, a entorpecência me levando a apertar ainda mais seu pau dentro de mim.

— Droga! — Pragueja, abaixando a sua cabeça.

Sinto seu pau pulsando dentro de mim e caio em mais um orgasmo violento.

— Andrew... isso é tão bom!

Gozo junto com ele, caindo com força, com vontade, na imensa escuridão que estou me afundando. Meus dedos dos pés se contorcem dentro da sandália, posicionada em cima da sua bunda.

Andrew afunda sua cabeça entre meus seios e seus movimentos se tornam mais lentos e demorados, até que cessam de vez. Escuto sua respiração e, me sinto satisfeita, completa. Estou feliz, eu realmente consegui o que eu queria. O sexo que imaginei com ele é muito pouco comparado ao que tivemos.

Acaricio os seus cabelos molhados, minhas mãos bastante trêmulas, enquanto ele me olha sorrindo, ainda dentro de mim. Perco-me naquela visão, e desejo aquilo por todos os dias. *Estou fodida!*



Capítulo 16

Apesar de meu cabelo ter virado um ninho de guacho alaranjado, e de estar uma bagunça ambulante, eu ainda estava de roupas, e continuava hipnotizada pelo sorriso de Andrew.

— Você é muito cheirosa — Escuto-o dizendo e logo mais abaixando a cabeça, cheirando entre os meus seios. — É perfeita. — Deita a cabeça novamente dando um suspiro lindo. Começo a fazer carinho em sua cabeça, sem perceber.

Eu não sei dizer o que o meu coração virou depois daquilo, está em frangalhos, ou em pedaços. Apesar de ter sido algo novo, não quer dizer que ele compartilha do mesmo sentimento que eu, e se fosse há outros tempos, em outra época, uma pequena fagulha de esperança estaria se infiltrando dentro do meu peito e me fazendo agarra-la com unhas e dentes para nunca mais deixar Andrew ir embora. Esse pensamento me assusta. Eu não consigo me apegar o bastante para depois perder mais um em minha vida.

Porém, não sou mais nenhuma menina, ou adolescente que acha que um sexo bem feito é uma declaração de amor. Homem quando transa legal e está com tesão, ele te pede até em casamento. E é por essa razão que eu não permito me deixar levar pela ilusão de que um dia ele poderá me amar. Não posso jogar pra cima dele uma carga emocional que é só minha, muito menos colocar uma pessoa na vida da Sofia sem ter a certeza de que ela permanecerá, causando sofrimento pela possível partida. Tenho que dar e ter prioridades, um romance nessa altura do campeonato não seria uma boa ideia.

— Você está muito calada, estou com saudades da sua língua afiada. — Andrew fala divertido, me atijando, ainda de cabeça baixa não olha em meus

olhos. Gostaria de saber se tem algum problema com eles.

Minha mão cai do seu lado, quando ele levanta a cabeça e me encara com as sobrancelhas arqueadas. O olhar centrado todo charmoso direcionado a mim, acho que esperando alguma resposta. Não consigo articular nada na minha cabeça que não seja ele, lindo, gostoso, perfeito, conquistador e sexo, muito sexo. Andrew estava nu em cima de mim, não é como se pudesse me culpar por meus neurônios não conseguirem pensar com clareza.

— Estava aqui pensando, sabe? — Olho para o teto, distraída. — Qual a razão de você estar tão quieto assim. Sinceramente Andrew, — volto meu olhar para o dele intenso. — Cadê a resistência? Ainda estou de roupas.

Ele solta uma gargalhada, um som gostoso, alegre, sincero e que me contagia. Olha pra mim, as duas piscinas nos olhos, brilhando.

— Eu pensei que agora eu era o Drew. — Brinca, talvez ele goste do que fazemos quando grito *Drew*. — Vamos resolver o seu problema, não é?

Levanta de cima do meu corpo e imediatamente eu sinto a sua falta. Meu corpo treme quando o sinto deslizar para fora ainda me encarando, me sinto vazia, como se estivesse faltando uma peça no meu grande quebra cabeça, uma peça que Andrew preenche fácil e corretamente, não sobrando e nem faltando lacunas.

Ao perceber o meu tremor, sorri, é safado, sacana e me deixa ainda mais quente, molhada e devassa. Quero que ele me pegue e me jogue contra a parede, que me coma até esquecer que existe mundo e vida, vivermos de sexo, até que não seria nada mal, porém eu acho que essa pressa não está em seus planos.

— Levanta. — Estende a mão para me ajudar. Ele não me pede, é como uma ordem.

Alguém pode me explicar, por favor, o porquê dessa mania irritante de ordenar e eu obedecer super excitada?

Encaro Andrew com luxúria, que me olha de cima abaixo sem pestanejar e muito menos disfarçar.

— Acho que você está muito devagar, Senhor Andrew Nunes. — Pegou um fio do meu cabelo brincando com ele entre o polegar e o indicador, olhando para seu rosto de forma desafiadora.

Eu e minha língua afiada, o que nos dá que não conseguimos controlar? O atíçar é mais forte que eu. O olho de cima a baixo contemplando seu corpo que me hipnotiza e atrai. Chego mais perto, não me contentando em só olhar, passo a mão por seu peito, seus braços e vou para costas, conhecendo cada pedaço do seu corpo que eu posso, subindo para seu rosto, olho em seus olhos e o puxo para mim.

Esse é aqueles beijos que a pessoa nunca na vida vai conseguir esquecer. Abre a minha boca com a sua e a invade com a língua, que roda explorando cada canto que ele pode. Suga minha língua, morde meu lábio inferior. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, não com necessidade, dessa vez sua mão é mais delicada e parece querer aproveitar cada milímetro do meu corpo, o conhecendo também.

Desgrudando seus lábios dos meus, passa a mão pela minha cintura e a desce em direção a barra do meu vestido. A pega e sobe o vestido lentamente sem tirar os olhos dos meus, tirando-o pela minha cabeça, passa a mão em todos os lugares possíveis. Andrew parece ser um homem que gosta muito de tato, eu não ligo para isso, me sinto bem, desejada. Olha-me pela primeira vez nua de cima a baixo, por incrível que pareça eu não sinto vergonha diante do seu olhar, sei que ele está gostando do que vê, quando a luxúria escorre pelo seu rosto. Isso ele não pode disfarçar, não há como negar.

Quero beija-lo de novo, não quero desgrudar meus lábios dos seus, não quero separar meu corpo do seu nunca mais. Antes de esperar qualquer reação, puxo novamente seus lábios para mim, só que dessa vez pulo em seu colo e passo minhas pernas por trás enroscando nossos corpos nus juntos, formando a mais perfeita sincronia. Parecem que eles foram feitos para estarem unidos.

Com uma mão ele segura a minha bunda e a outra enrola no meu cabelo o puxando para trás, fazendo minha cabeça tombar dando-lhe acesso ao meu pescoço.

— Você é linda demais. — Fala entre beijos, e mordidas no meu pescoço. — Eu vou te comer até você não se lembrar do seu próprio nome, somente o meu. Quero que você se lembre amanhã que eu estive em seu corpo e te fiz minha, e só minha. — Da mais um puxão, olhando em meus olhos, um jeito penetrante de quem não gosta de ser contrariado. — Por que é isso que você quer, não é Liz? Ser a minha puta da noite. — Beija-me novamente com grosseria, como para provar seu ponto.

Como essas palavras tão sujas e chulas me deixam tremendo? Nunca imaginei ser chamada de puta e simplesmente gostar, gostar não, eu simplesmente adorei. O fato é que tudo que está vindo do Andrew é uma nova experiência que tem me atizado cada vez mais.

Não consigo articular nenhuma frase afiada para jogar pra cima dele e responder a altura. Ele não parece se importar com o meu transe, achando até graça pelo meu desconcerto em falar.

— Linda! — Como ele pode mudar o tom de voz e até o olhar em questão de segundos?

Começa a andar comigo em direção ao sofá, encostado na parede oposta. Diferente de todos os gestos que fez até agora, me coloca com delicadeza no móvel. Seus lábios novamente encostam-se à minha pele, que formiga com o contato, vai descendo do meu pescoço para o meu colo distribuindo beijos escaldantes. Tira a mão que estava em minha cintura e sobe em direção ao meu seio, pega meu mamilo entre o indicador e o polegar e olha para mim, a feição safada. É imediato, assim que seus dedos encostam-se ao meu mamilo arquejo e me sinto mole, tento fechar as minhas pernas para ver se com o atrito melhora a eletricidade, mas de nada adianta, Andrew percebendo o meu desconforto, tira as mãos da minha bunda e abre ainda mais as minhas pernas alisando-me, chegando perto do meu sexo, mas não tocando, me causando aflição pela sua negação.

Sua boca começa a trilha em que tinha parado. Meu Deus, eu não vou aguentar a tortura.

Pega o outro mamilo com o dente, e logo o cobre com os lábios, suga como se dependesse de sua vida pra isso, enquanto o outro ele continua girando com o polegar e o indicador.

— Drew, Por favor.... — Imploro, articulando gemidos incoerentes.

Posso gozar só dele colocar suas mãos em um lugar certo, quente e molhado, que ele está evitando. Mexo minha pélvis para tentar entrar em contato com alguma coisa, mas é em vão. Andrew é implacável, e não me deixa ter atrito com nada, continuando a sua tortura. Mordisca meu mamilo me levando a loucura, passa sua mão no interior da minha coxa, seus dedos finalmente encontram o meu doce lugar preferido. Meu clitóris começa a pulsar ao toque habilidoso dos seus dedos, não me controlo e mexo minha pélvis de encontro ao seu dedo, e a sensação maravilhosa da construção de um orgasmo se instala em mim novamente, me fazendo tremer e suar.

— Vai Drew, continua... assim... me deixa gozar! — Sinto-me aliviada, pronta para gozar.

Em um súbito, não sinto mais seus dedos e sua boca paira sobre a minha, com os olhos fechados eu só sinto a sua respiração batendo em meus lábios. Como assim? Por que ele parou? Abro os olhos e o encaro confusa, a respiração ofegante.

— É bom isso, Elizabeth? — Brinca mais uma vez com meu clitóris, não deixando a chama morrer. — É bom ficar atijando e caindo fora? — Retira seus dedos por completo de mim, fazendo-me sentir vazia. — É bom ficar nessa constante agonia de querer e não poder? — Rosna, os lábios encostando aos meus enquanto fala.

Leva a mão que estava em mim a boca e chupa, com um sorriso de canalha no rosto.

O que? Levanto minha cabeça do sofá para olha-lo melhor, como ele

tem a coragem de fazer isso? Como ele pode ser tão insensível ao ponto de praticamente me castigar por não ter ido pra cama com ele logo quando eu o vi? Por incrível que pareça a minha raiva se sobressai e paro de sentir seu tormento, seus toques e carícias. Deixo de sentir o tesão quente que estava vindo com tudo em um orgasmo alucinante, tudo se tornou raiva e minha visão embaçada, por lágrimas contidas.

— Me solta— Minha voz entrega a mágoa. Tento empurra-lo, mas Andrew é muito mais forte, meus movimentos são em vão.

Ele por um momento me olha assustado, parecendo que falou mais do que devia, dando-me lugar, senta ao meu lado. Levanto o corpo e o encaro.

— Como você pode ser tão insensível? — Droga! Como sou uma idiota. — Você acha o que? — Abro um sorriso de nervosismo. — Que depois de sete malditos anos. Meus Deus, São sete anos! Eu iria pra cama com você de primeira? — Passo as minhas mãos trêmulas no cabelo e o encaro com raiva — Que o fogo que você acendeu em mim no passado ainda estaria aceso?

Andrew diferente de mim ainda está assustado, no entanto está calmo demais para o meu temperamento explosivo. Sou capaz, pela segunda vez na mesma noite, de pegar e estragar seu nariz, torcendo seu pescoço. Meu Deus! Esse cara me fez ter pensamentos homicidas.

— Tenho uma coisa pra te dizer, Drew. — Coloco as mãos na cintura, deixando bem proeminente meu corpo. Eu estou mesmo brigando pelada, com alguém mudo. — O fogo que você ascendeu, alguém muito mais importante, já apagou. — Sorrio maldosamente, vendo sua expressão se tornar raivosa e prossigo. — Como um bombeiro e sua enorme mangueira.

Ai merda! Xingo-me mentalmente. Eu e minha boca grande. Os olhos de Andrew ficam esbugalhados parecendo que vão pular para fora da órbita, mas rápido se recompõe, os cerrando. Como se estivesse furioso, levanta feito uma ave de rapina pronta para a caça, e vem em minha direção.

Fico ofegante, minhas pernas bambeiam, sei que é uma recaída do meu

corpo fraco, sempre me denunciando. Para bem em frente a mim e segura meus braços pelos cotovelos.

— O que você pensa que está falando? — Suas palavras são ditas com a boca quase colada na minha. Seu corpo está curvado, seu rosto da altura do meu. — Não vou apagar aquele fogo, Elizabeth. Vou ascender um novo e eu mesmo dessa vez vou tratar de apaga-lo.

Não sou eu a única afetada pela proximidade dos nossos corpos nus. Sua ereção bate em minha barriga e ele está ofegante tanto quanto eu. Tento me desvencilhar do seu corpo, mas é em vão.

— Cadê o seu bombeiro com a mangueira grande, hein? — Provoca. Posso sentir sua respiração em minha boca. — Por que, pelo jeito que você quase engoliu meu pau com os olhos, acredito que você não tenha visto e sentido em sua boceta uma mangueira tão grande assim.

— Seu maldi...

Não consigo acabar de completar a frase. Me interromper com um beijo já virou sua mania. No primeiro momento eu luto contra, mas é inevitável, o meu desejo leva a melhor, não consigo ter controle do meu próprio corpo perto de Andrew, isso me frustra. Deixo então sua língua acariciar a minha de um modo quase selvagem, mas com um toque de doçura.

Mais rápido do que possamos imaginar eu volto a posição de origem. Pulo em seu colo e passo minhas pernas ao redor do seu corpo, nunca parando o beijo, pego seu cabelo e o puxo em minha direção, não conseguindo ter o suficiente. Passo minha língua em sua boca a explorando e desejando sempre mais.

Andrew me encosta na parede, sua mão indo direto para o meu mamilo, brincando com ele, fazendo-me gemer em apreciação. Porra! Ele sabe o que faz.

— Você vai ser a minha perdição, garota!

Fala ofegante com a boca ainda na minha. Beija todo o meu rosto e enfia a língua na minha orelha. Seus dedos insistentes não param o trabalho no meu mamilo.

— Então se perde em mim. — Puxo seus cabelos para cima, a fim de ver seu rosto. — Dentro de mim agora, Drew!

Seus olhos brilham de desejo e luxúria. Ele rosna e me encosta ainda mais na parede, forçando ainda mais seu corpo no meu. Delícia!

— Segure firme. — Manda, fazendo-me babar.

De repente ele aparece com uma camisinha na mão. Oi? De onde, ele tirou essa camisinha? Penso, enquanto ele coloca na sua grande extensão, que até agora não teve o suficiente para abaixar. Não tenho muito tempo para pensar, logo ele se afasta e com uma estocada lenta e insistente me preenche fundo, gostoso. Fecho meus olhos e deixo minha cabeça se encostar na parede. O sinto lá dentro, enchendo-me e alargando.

— Rebola pra mim. — Sua voz rouca no meu ouvido, me deixa louca. A ponto de ebulição e como a fantoche que sou em suas mãos, tento rebolar da maneira que posso levando em conta que seu corpo me pressiona contra a parede. Com o movimento meus seios raspam em seu tórax, o movimento me faz perder o juízo, levando-me novamente para a beira do abismo.

Eu realmente vou ser incapaz de andar amanhã.

Começo a aperta-lo dentro de mim conforme vai chegando o meu orgasmo iminente.

— Você é minha, Liz! Minha gostosa, minha puta! — Puxa meu cabelo para trás e beija meu pescoço, com vontade.

— Nã-não deixa marca. — Andrew me olha, incerto do que dizer. — Por favor!

— Ah eu vou. — arregalo meus olhos, assustada. — Mas não vai ser

para manchar o seu lindo pescoço. — O sorriso em seus lábios é cínico, como se ele soubesse que já havia marcado meu coração, com uma mancha permanente que é incapaz de sair.

Aumenta o ritmo, segurando meu quadril no lugar, de forma que eu só consigo ansiar e sentir prazer com seus movimentos.

Abro minha boca, incapaz de respirar somente pelo nariz. Estava ficando exausta de gozar, mas nunca reclamaria, eu sentia que construía mais um, e me perguntei como é possível isso. Eu sempre achei que fosse mentira a mulher gozar mais de duas vezes em uma mesma noite, mas Andrew...

Percebendo minha perda de controle, Andrew me segura firme, abraçando-me ao seu corpo. Os mamilos raspando nos pelos de seu diafragma meu excitam e é a minha ruína.

— Goza, Liz! Goza pra mim e, prova que você é só minha. — Diz entre um beijo e outro no meu colo, pescoço e rosto. — Goza agora sua vadia linda. — Rosna ofegante de uma forma quase incoerente, nunca parando suas estocadas firmes.

Chega sua boca perto da minha e posso sentir sua respiração no meu nariz, olha dentro dos meus olhos como se fossem a sua salvação.

— Olha pra mim, eu quero ver quando você gozar pra mim, por mim. — Seus olhos como duas piscinas marítimas brilham de luxúria, tento manter meus olhos abertos, mas com meu orgasmo praticamente batendo na porta não os deixa focar por muito tempo, e os fecho. — Abra os olhos e veja quem vai apagar o seu fogo, o nosso fogo, Elizabeth. — Sua voz tem uma leve insegurança, mas quase imperceptível.

Abro meus olhos e vejo tudo refletido em seu olhar. E diante dessa magnitude de pensamento não consigo controlar mais, e gozo, pulando de parapente para o paraíso, com Andrew me esperando lá embaixo.

— Isso, vai Drew, mete gostoso!!! — Deito minha cabeça nos seus ombros e fico sentindo os efeitos do meu orgasmo. Suas investidas dentro de

mim me proporcionam um prazer prolongado, minha vista fica escura e me sinto entorpecida.

— Você é uma gostosa do caralho — Fala entre grunhidos e ofegações.
— Porra, Liz! Vou gozar gostoso nessa sua boceta apertadinha.

Beija-me metendo ainda mais fundo, seu beijo é carnal e urgente. Só consigo e posso retribuir. Para de me beijar no instante em que sinto seu pau pulsando dentro de mim, chegando ao orgasmo. Quando levanto meu rosto, o vejo me olhando com a expressão mais linda que Andrew já fez. Gozando por e para mim.

— Há tanto tempo eu queria te dar um prazer que é só seu, Liz! É tudo seu! Nossa, que delícia. — Sussurra.

Diminui as estocadas e afunda sua cabeça na curva do meu pescoço. Fecho os olhos, encosto minha cabeça na parede. Espero o peso das palavras do Andrew baterem em mim, mas é em vão, os traumas e a insegurança falam mais alto. Eu sei que nunca vou ter tudo dele. Mas como eu queria, queria ser toda dele e que ele compartilhasse isso comigo. Que fossemos literalmente um do outro.

Andrew me cheira e faz um som apreciativo. Comigo ainda em seu colo, passa a mão na minha bunda e me dá um tapa estalado.

— Ei, isso doeu. — Falo, mas sorrio ao mesmo tempo.

— Você não viu nada ainda. — Olha-me safado, mordendo o lábio inferior. Lindo! — Sua bunda é muito durinha, gostosa. Dá vontade de ficar apertando e mordendo.

Muitos anos de dança, baby!

— Só a bunda? — Faço cara de quem está decepcionada.

— Acho que todo o conjunto da obra ficou excelente. — Passa a mão na lateral do meu corpo, fazendo-me arrepiar sob seus toques.

— Pode deixar que vou falar com meu pai e minha mãe. — Digo divertida, o desentendimento de mais cedo esquecido.

Rimos juntos e ele caminha comigo, até o sofá. Senta, nunca me deixando fora do seu corpo, só me levanta para tirar a camisinha e volta a me sentar no seu colo, a amarra e embrulha em um lenço de papel, jogando na lixeira ao lado do sofá. Tomba sua cabeça para trás, apoiada no encosto do sofá. Com a posição, seu pescoço fica esticado, proporcionando seu cheiro amadeirado, delicioso.

Saio distribuindo beijos por todo seu pescoço e tórax, sinto seu membro mexendo no meu sexo e mais uma vez eu fico quente.

— Hum...!

Andrew fala com um sorriso bobo no rosto, ainda não abrindo os olhos.

— Huuum, o que? — Sigo ainda o beijando.

— Você é toda boa. — Suspira.

Não sei bem o que fazer depois do sexo. Com Guilherme era tudo diferente, não transávamos, fazíamos amor, e logo depois de nossos momentos ficávamos conversando amenidades, eu sempre no conforto de seus braços. Não parecia uma coisa forçada, e muito menos casual. Ele me tratava como se eu fosse uma boneca de porcelana prestes a quebrar. Com Andrew não está sendo diferente, mas não temos o mesmo tipo de relacionamento e não fazemos amor, o que me dá medo. É um terreno desconhecido pra mim, não tenho experiência com isso.

Deito minha cabeça em seu peito e ele começa a fazer carinhos em minhas costas. Uma curiosidade que estava há tempos me vem à cabeça, não consigo controlar o impulso de perguntar.

— Drew? — Chamo, meio insegura.

— Hum...

Sorrio.

— Por que você fingiu não me conhecer? — Pergunto com a cabeça ainda em seu peito, sentindo as batidas do seu coração aumentarem.

É instantâneo, seu corpo fica tenso, seus carinhos em minhas costas são interrompidos, e eu por vez, não ousa olhar em seus olhos.

Depois de um momento, com um beijo em minha cabeça, começa a falar.

— Sério que você quer saber isso?

Bem, não era a resposta que eu esperava.

— Por que não?

Andrew suspira antes de começar a falar.

— Então Liz, você era muito nova e eu não sabia se você iria se lembrar. — Retorna com seus carinhos em mim. — Não queria ficar fazendo papel de trouxa.

Ele só pode estar de brincadeira comigo. Só pode! Ou deve me achar muito idiota mesmo.

— E por que será que eu não acredito nisso?

— Não sei, só sei que é a verdade. — Bufa em irritação, me arrancando um sorriso.

— Confúcio diz: “*Só sei, que nada sei.*” — Engrosso a voz e começamos a rir. — Sério Drew, você quase filosofou agora. — Ele cai na gargalhada me levando junto. — Mas agora é sério, eu não me esqueci de você.

Descola seu corpo do meu, segurando meus braços encarando-me nos olhos.

— Não mesmo?

Sua voz sai rouca, em seus olhos eu vejo um sentimento desconhecido, esperança. Sacudo a cabeça me desvencilhando desses pensamentos errantes. Abro um sorriso de canto de boca, o mais sacana que eu consigo.

— Levando em conta o tanto que você tornava a minha vida difícil. — Beijo sua boca. — Nem se quisesse eu poderia esquecer.

Seu rosto iluminado se apaga com à proporção que as palavras saem da minha boca. Meu sorriso também murcha.

— Pensei que você se lembrasse de uma coisa melhor.

Bufa novamente, indignado dessa vez, deitando a cabeça no encosto do sofá. Ficamos em silêncio por longos minutos, escutando o nosso próprio pensamento. Até que eu, com minha curiosidade, e minha boca grande, acabo com a paz novamente.

— Por que você fazia aquilo? — Pergunto em um fio de voz, uma única respiração.

Sua resposta vem automática, mal a pergunta sai da minha boca, sua resposta afiada já me corta em pedacinhos.

— Por que você era malcriada, e errante.

Tomo uma grande lufada de ar e abro a boca para falar, porém Andrew simplesmente me corta.

— Não! Eu realmente não quero falar disso. — Seu rosto está sério enquanto fala, parecendo se lembrar de algo intragável do passado. Mas, se ilumina com um sorriso malicioso logo em seguida. — Estou pensando em uma coisa muito melhor para fazermos e passar o tempo.

Repentinamente me levanta do seu colo pela cintura. Pega-me, pela bunda, como se eu fosse um ser inanimado, jogando-me no sofá.

Definitivamente ele não me trata como se eu fosse uma boneca de porcelana. Mas, eu sinceramente, não ligo. Dou um gritinho de susto, meus olhos bem abertos para não perder nada. Seu pau já está excitado, e eu suspiro jogando minha cabeça para trás.

Andrew começa com sua trilha de beijos de onde parou, suga meu mamilo, brincando com a língua de um lado e do outro. Completamente insaciável. Estou com calor e minha pele deve estar toda vermelha de tesão e desejo.

Sua mão desce fazendo carinhos em minha barriga, passa direto do meu clitóris, indo para o interior das minhas coxas, passando pelo lado de fora, voltando pelo lado de dentro. Dessa vez encontrando meu clitóris e o dando um beliscão.

— Ai, Deus! — Arquejo em surpresa e prazer.

— Não é Deus, linda, sou eu. O seu Andrew!

As palavras ditas por ele com sua voz rouca me leva a loucura. Ele me beija demoradamente, gostoso. Desce a boca pelo meu pescoço, beija o lóbulo da minha orelha, fazendo-me arquejar. Trilha com sua língua o meu queixo, descendo pelo meu tórax, não dando nenhuma atenção ao meu mamilo, que fica sedento. Seus dedos me invadem e eu sinto que quero mais, muito mais. Eu sei o seu ponto de chegada, tanto quanto quero isso, eu tenho medo. Nunca fizeram isso em mim por prazer, com Guilherme nunca teve sexo oral e isso me deixava desconfortável.

Andrew parece perceber a minha inquietação e olha em minha direção. Não é possível que ele saiba.

— Keep calm, Liz. — Sorrindo, completa a frase. — Eu vou te dar o seu primeiro e melhor sexo oral.

Seu sorriso corta sua face de ponta a ponta, orgulhoso, não poderia ser mais lindo. Relaxo no controle das suas mãos e língua, que me invadem e eu tenho a melhor sensação do mundo. A língua de Andrew me chupando e

lambendo. Como uma coisa que me deu tanta repugnância, pode ser tão bom com Andrew?

— Fala que você é minha. — Sua voz sai abafada, a vibração me dando ainda mais prazer.

Tranco a minha boca para não falar nada e não me causar falsas esperanças. Na mesma hora Andrew enrijece.

— Diga que você é minha, Elizabeth! — Exige, entre uma lambida e outra.

Da pra controlar? Ai, meu Deus! Estou agora como um vulcão, vou explodir e enviar lavas para todo lugar, queimar tudo. Não quero que ele pare com isso, é a melhor sensação da minha vida. Mais rápido que eu posso controlar, as palavras saem da minha boca e caem em cheio nos ouvidos de Andrew.

— Sou sua, Andrew! Só sua! Agora, por favor... por favor Drew, me faça gozar! — Fecho meus olhos, mal reconhecendo as minhas palavras.

Em questão de segundos meu orgasmo, iminente por seus toques, vem de forma avassaladora. Agarro minhas mãos em seu cabelo e o puxo ainda mais em direção a minha boceta.

— Ai, merda! Isso Drew, vai chupa. — Empurro minha pélvis em sua direção, sentindo sua língua sugar todo o meu prazer.

Deus, ele pode muito bem estar se sufocando nesse momento, eu mal posso perceber, meus olhos revirando de prazer não me deixam enxergar, muito menos se ele está ficando roxo ou verde.

Vou me acalmando gradativamente. Demoro um pouco para recuperar a respiração e a fala. Abro meus olhos, Andrew está me encarando, apoiado em seus cotovelos com a boca a centímetros da minha.

— Porra!! — Fala lambendo os lábios, seus olhos penetrando os meus.

— Não pensei que o gosto direto da fonte fosse mais delicioso ainda. Quero te chupar gostoso, todos os dias.

Sinto um tremor percorrendo todo o meu corpo. Mas, sua língua aquecida com meu gosto, logo entra em contato com a minha. Perco-me na sensação de sentir o meu gosto pela boca de Andrew. Que é enfim, quente pra caralho.



Capítulo 17

Ouçó um barulho chato despertando-me. Abro meus olhos, mal reconhecendo o lugar. Aos poucos vou me situando, lembrando do escritório de Andrew. Estou deitada ainda no sofá, com metade do meu corpo nu em cima de Andrew. Não sei em que ponto da longa noite acabamos adormecendo, lembro-me de sua voz, soando rouca e doce em meus ouvidos, me fazendo sentir a oitava maravilha do mundo. Sinto seu coração retumbando de maneira forte e calma em meu ouvido, isso me traz uma sensação de conforto, de estar no lugar certo, que eu nunca tinha experimentado na vida. Diferente de todas as vezes em que me deitei com Gui, eu não senti nada referente ao meu passado, o estranho desconforto de saber que eu não era nada mais que uma fraude. Fui verdadeira, me entreguei aos meus desejos, aos desejos de Andrew, fui dele sem escrúpulos e vergonhas, porém, acima de tudo, fui minha. O pensamento me traz uma quentura gostosa no peito.

Nos encontramos em um emaranhado de pernas, braços e cabelos, meus por sinal, que se espalham por toda a extensão do seu peitoral. Sinto-me bem aqui e aconchegante, seu corpo para mim é melhor que um colchão de marca estrangeira.

Levanto a cabeça e olho o seu rosto, Andrew ainda está dormindo e seu semblante é calmo e relaxado, diferente daquele homem que irradia tensão por onde passa. Ele parece um menino agora, muito abaixo da sua idade. Puta merda, ele tem dez anos a mais do que eu, definitivamente não aparenta.

Ouçó o mesmo barulho que me acordou, logo mais escuto a voz de Giovana.

— Liza, você está aí? — Sua voz sai abafada pela madeira da porta.

Rolo meus olhos. Meu Deus, por que tem hora que ela é tão inconveniente? Olho mais uma vez para Andrew e me derreto toda. Sinto vontade de me beliscar para ver se estou sonhando ou se o que está acontecendo é real mesmo.

Como Andrew consegue dormir com a gritaria que Giovana arrumou lá fora?

— Liza, pelo amor de Deus! Papai vai nos matar.

Droga, meu pai! Esbugalho meus olhos com o susto.

Tento sair de debaixo dos seus braços para não o acordar. Minha luta é em vão, ele me aperta ainda mais resmungando alguma coisa inteligível e acaba despertando. Seus olhos se abrem lentamente, piscando de maneira natural, olhando para os lados procurando saber aonde está, focando-se em mim em cima dele, com cara de assustada e meus cabelos caindo para os lados dos nossos corpos.

— Você parece um anjo com esses cabelos revoltos. — Passa a mão pelo meu rosto, afastando uma mexa do meu cabelo. — Só que eu iria para o inferno, por que eu poderia certamente comer esse anjo mais e mais vezes. — Abre um sorriso encantador e ao mesmo tempo malicioso.

Não sei como ele consegue. Jesus Cristo, pra que eu fui desafiar a resistência do garoto? Resolvo colocar isso nos meus lembretes mentais: *Nunca duvidar da resistência de Andrew!*

Sinto a ereção dele batendo em minhas pernas e olho para baixo. Não aguento conter o meu ataque de riso.

— É, você iria mesmo para o inferno. — Bato em seu peito, mexendo-me para levantar.

Acho que Giovana desistiu, não ouço mais som nenhum do lado de

fora. Andrew, porém, não me deixa fazer nem mais um movimento sequer.

— Aonde pensa que vai? — Sua voz ainda está rouca por causa do sono, seus olhos e rosto inchados evidenciam o cansaço. Apesar de tudo permito-me ficar feliz, afinal ele está assim pela noite que passou comigo e mais ninguém.

— Droga, Elizabeth! Abre essa porra dessa porta, já são quinze para seis. — Giovana espanca a porta e grita com raiva na voz.

Putá que pariu, trezentas vezes! O que eu vou arrumar agora? Nem penso em responder Andrew, enquanto me levanto sob seus protestos.

— Já vou, Giovana. — Grito para ela escutar além da porta.

De pé, eu me olho nua e procuro minhas roupas, meu vestido está jogado perto da porta, seu estado é lastimável, procuro vesti-lo de uma forma que o deixa menos amassado possível. Meu Deus, ele parece que saiu da boca de uma vaca! Minha sandália está ao lado do sofá, por incrível que pareça ela foi a última peça que foi tirada de mim, levando em conta que eu não tinha muitas coisas para tirar, até que demorou. Corro para pega-la fazendo um coque desajeitado no cabelo. Ao longe do meu transe escuto uma risada e olho por cima do meu ombro, vendo o palhaço do Andrew.

— O que é? — Digo com impaciência, colocando as mãos em minha cintura. Meu mal humor matinal já me atingiu precocemente.

— Você correndo desse jeito, só pra ficar apresentável para o papai. — Encara-me ainda rindo, continua deitado, com as mãos atrás da cabeça, seu olhar descontraído, que logo se tornam faíscas maliciosas. — Você fica muito bonita desconcertada. — Diz perdendo o riso da voz.

Que grande idiota. Ele não sabe o quão grande vai ser meu problema se eu chegar em casa e papai ver a hora. *"Não quero nenhuma das duas amanhecendo na rua."* Amaldiçoo-me mais uma vez internamente por ser tão desligada e me preocupar só em viver uma grande noite regada a prazer. Isso aí, Elizabeth! É o que você ganha por viver na luxúria.

— A culpa é toda sua que ficou me distraíndo, já era pra eu ter ido embora. — Suspiro em derrota, eu não consigo ficar com raiva muito tempo dele mesmo. Principalmente quando estamos tão perto e seu perfeito corpo está nu, para meu deleite.

Aproximo-me e dou um casto selinho nele, mas parece que isso não é o suficiente. Com um puxão em meu braço, assustando-me, Andrew me deita em seu colo e me dá um beijo de molhar calcinha.

— Vou te esperar lá fora, Elizabeth!

Pulo com a voz de Giovana. Puta que pariu! O que ela tem? Só me lembra das coisas na hora errada. Saio do colo de Andrew, relutantemente.

— *Tá bom, Giovana, tá bom.* Já estou indo! — Grito através da porta.

Esse joguinho é muito irritante.

— Nossa, duas vezes em uma única noite. — Faz sinal com os dedos. — Sua irmã é realmente uma empata foda. — Bufando, toma impulso para se levantar. — Eu que pensei que ela fosse minha amiga. — Levanta as mãos para o céu parecendo que está prestes a pedir uma intervenção divina. — Que audacioso.

— Antes dela ser sua amiga, ela é minha irmã, *querido*. — Digo com ironia, divertindo-me com sua raiva.

Jogo a almofada em sua direção, que acerta bem no meio da sua cabeça. Não aguento conter a minha crise de riso que vai surgindo, quando vejo sua expressão mudar de raiva para surpresa, caio na gargalhada. Dou por mim ele está vindo em minha direção como um predador, grito e corro do seu alcance. Quem sou eu para vencer o grandalhão? Rapidinho ele me captura com suas mãos mágicas.

— Drew, eu tenho que pegar as minhas coisas, realmente preciso ir embora.

Estou ofegante simplesmente por ele estar me segurando daquela maneira tão firme, suas mãos me trazendo segurança e ao mesmo tempo excitação. Fecha os olhos e respira fundo quando os abre novamente está tomado por controle, vai me soltando aos pouquinhos, pega e levanta o meu queixo depositando em meus lábios um beijo casto, porém o mais carinhoso de todos que já recebi. Mais um estilo de beijo para a lista irreparável e longa de Andrew.

— Isso não acabou aqui. — Sua voz rouca e autoritária arrepia-me da cabeça aos pés.

Corro longe do seu alcance enquanto o deixo vestindo suas roupas. Pego meu celular que ficou no aparador perto da porta e vejo que tenho nove chamadas não atendidas, uma do meu pai, o resto de Giovana.

— Andrew, eu já vou, depois a gente se fala. — Pego minha bolsa e caminho para a porta.

"Depois a gente se fala"? Que porra de frase que foi essa? Onde eu estava com a cabeça pra falar isso? Mas também pudera, o que é suposto fazer depois de uma noite de só, e unicamente prazer? Sexo sem compromisso? Eu não sou assim e nunca fui, não sei agir depois que acaba a tensão sexual toda. Eu deveria ter saído antes dele acordar, seria menos constrangedor.

— Está acontecendo alguma coisa? — Pega em meu cotovelo impedindo-me de sair.

Minha confusão é tanta que até Andrew percebe. Acontecer alguma coisa? Tomara que Sofia esteja bem e, que não seja nada com ela. Por favor, Deus, não me faça ser uma mãe tão desligada assim! Sinto-me impotente e, com uma carga extremamente grande de irresponsabilidade

— Por que estaria acontecendo alguma coisa? — Minha voz treme, e pisco meu olho sem parar, tentando evitar as lágrimas.

Tento um sorriso que sai mais como uma careta, cada vez mais eu pioro

a minha situação. Merda!

— Seria por que você acabou de praguejar? — Não tinha percebido que saiu alto. — Ou por que tem um vinco lindo na sua testa, bem no meio das suas sobrancelhas? — Chega mais perto, beijando entre minhas sobrancelhas. *Por que ele tem que ser tão carinhoso?* — Ou será por que, há dez minutos atrás eu era o Drew, o seu Drew — Encosta seus lábios em meu ouvido e sussurrando, me deixando doida. — E agora, eu sou o Andrew?

Por que ele me desconcerta tanto? Perco a noção de sentido com esse cara perto. Preciso me afastar para pensar. Eu quase posso o levar para minha casa desse jeito. Onde está o Andrew arrogante, mesmo? Com ele é mais fácil de lidar, eu já o conheço e sou acostumada com ele.

— Desculpa *Drew*, mas é que eu preciso realmente ir embora. — Digo pouco mais calma, carinhosa.

Seus lábios se abrem em um sorriso sincero e lindo. Que perdição, meu pai!

— Você me acompanha até lá embaixo? — Fico surpresa com minha própria pergunta.

Olho para sua mão ainda apertando meu braço e só agora percebo que ele está totalmente vestido. Como ele conseguiu isso eu não sei. Rápido para tirar e, rápido para colocar, que grande proeza. Pensar nisso me faz perceber a grande carga de experiência que Andrew carrega. Não posso evitar a pontada de ciúme que surge dentro de mim.

Desce sua mão pelo meu braço, causando formigamento por onde passa, chegando em minha mão a aperta, levando até a sua boca e a beija.

— Eu vou levar vocês, Alessandro vai ficar lá em casa depois. Vamos?

Descemos para parte de baixo, noto que agora só tem os garçons e algumas pessoas arrumando o local. Passamos a noite inteira trancafiados dentro do escritório dele, e ao relembrar os acontecimentos começo a sentir

um desconforto entre as pernas.

Giovana está emburrada perto da porta, longe de Alessandro encostado na outra extremidade, com as mãos nos bolsos da calça olhando para o nada. Ambos com cara de poucos amigos. Nossa, que exagero, isso tudo por que eu me atrasei um pouco? Tá legal, não foi um pouco, mas mesmo assim.

Meu rosto cora quando chegamos perto deles, eles sabem o que fizemos esse tempo todo lá em cima, e se bobear esse linguarudo do Andrew vai contar tudo para o Alessandro. Dois fofoqueiros procurando o sabão no meio do rio, isso sim.

Giovana nem me olha, já vai para o carro do Andrew. Alessandro me cumprimenta de soslaio e me sinto ainda mais incomodada. Giovana não pode estar desse jeito simplesmente por que eu me atrasei.

Drew me olha parecendo que me entende, sinto-me reconfortada, ele também está recebendo olhares de seu amigo.

Entramos dentro do carro, Giovana e Alê já estão no banco de trás, um de cada lado do banco. Estou exausta, foi uma noite e tanto, digna de nunca ser esquecida. Penso, enquanto coloco o meu cinto, além de não saber se algum dia irá se repetir, ainda teve o sentimento de felicidade e alegria que Drew me trouxe de volta, e mesmo que agora ele seja um canalha, eu vou ser imensamente grata por ele ter me ajudado a pelo menos uma noite ser feliz e me sentir viva.

Só o pensamento dele voltar a ser um canalha deixa-me aflita, não quero ter esse sentimento, não quero me apegar mais do que eu já era com ele. Quero sentir-me livre agora. Então por que ainda estou com esse sentimento de que ele é meu? Foi uma noite de entrega e nada mais.

Lágrimas insistem em descer dos meus olhos, simulo um espirro para poder limpá-las. Andrew tenta colocar a mão na minha perna eu imediatamente a afasto e sinto que em um sinal ele olhou pra mim, mas não consigo suportar o seu toque agora. Permanecemos calados o restante da viagem.

Assim que Andrew para o carro, Giovana já pula fora batendo a porta, Alessandro vai atrás fazendo-me ficar sozinha com Andrew. Sem saber o que fazer, desato o cinto, e quando abro a porta sem me despedir, Andrew segura minha perna e olha mais uma vez pra mim. Dessa vez não consigo ignorar, e muito menos afastar a mão dele, estou em um conflito comigo mesma, quero ele e quero muito sua presença constante em minha vida. Ao mesmo tempo que eu tenho vontade de sumir e desaparecer para ele nunca mais me achar. Acabo o olhando, e rapidamente me arrependo.

Como conseguir ficar imune aqueles olhos tão lindos e expressivos?

Fecho a porta do carro.

— Eu fiz alguma coisa de errado? — Seus olhos confusos, combinam com o tom de sua voz.

O Andrew carinhoso ainda não foi embora, isso torna tudo mais difícil.

— Só o sono mesmo. — Digo desconcertada.

Andrew cerra os olhos, olhando-me de cara feia, dou um sorriso percebendo as rugas de preocupação dando lugar ao seu carisma.

— Você não sabe mentir, Liz. — Alisa a minha perna, sem malícia. — A viagem toda você ficou distante, nem deixar eu te tocar, você deixou. — Termina a frase colocando um fio de cabelo meu atrás da orelha.

— Andrew você não fez nada de errado, tá bom? Eu só quero entrar, deitar na minha cama e ter uma bela e longa "*manhã de sono*". — Digo de cabeça baixa, minha voz abafada pelos soluços que estou tentando reprimir.

Que vontade de me bater pela minha grosseira, o cara aqui na minha frente sendo o maior e melhor preocupado e eu aqui, o martelando na parede.

— Você deve estar com sono mesmo. — Fala se inclinando e me beijando. — Se precisar de mim, para qualquer coisa, pode me ligar. Tudo bem?

Precisar dele? Eu preciso, agora, depois, daqui há cinco minutos e amanhã, na minha cama, no meu banheiro. Droga! Eu o quero em todos os lugares que eu possa ficar admirando-o, mas não devo.

— Sei me cuidar, Drew. — Sorrio para amenizar mais uma tirada. — Mas eu vou te ligar.

Andrew me dá um beijo que me confunde, é carinhoso, porém necessitado, como se ele tivesse medo de alguma coisa. Correspondo do mesmo jeito.

Com os lábios ainda colados aos meus, olha-me nos olhos ao perguntar:

— Te vejo de novo?

— Eu te ligo. — Afasto-me sorrindo, repetindo o que eu já havia dito.

— Vou ficar esperando, delícia. E, só pra constar, eu adorei a nossa noite, você foi maravilhosa, Liz. — Me beija novamente.

Não foi só você.

Saio do carro de cabeça erguida, afinal de contas eu vou ter outra rodada. Porém, mesmo assim, saber que a segunda será a última, deixa-me um gosto de fel na boca. As lágrimas ainda ardem meus olhos. Olho para trás, só para ter certeza de que ainda me olha. Constato quando o vejo com o cotovelo apoiado no volante e a cabeça nas mãos, acena um tchau pra mim e eu mando um beijo, o sinal que ele faz derrete meu coração, pegando o meu beijo no ar o guardando no coração, manda-me outro, divertido.

Minhas represas quase estouram e eu luto para conseguir controlá-las, encontro Alê no meio do caminho, dou tchau pra ele, mal o olhando direito, não quero que ele me veja assim e corra para contar para o seu amigo.

Abro a porta de casa e já passa das 6h30m da manhã, não vejo sinal de ninguém. No segundo andar, ouço o barulho do chuveiro no quarto da Giovana e decido não ir lá agora. Vou direito para o quarto da Sofia, a olho

dormindo serenamente. Sinto um alívio e meu coração novamente leve, tirando um enorme peso.

Chego ao meu quarto, exausta, quase arrastando, nem o trabalho de ir ao banheiro eu me dou. Jogo-me na cama e finalmente deixo minhas comportas se abrirem, não aguento mais a angústia que se instalou no meu peito.

O fato é que agora que saí da nossa pequena redoma de vidro sem escutar ou ver alguém, eu me sinto péssima, sei que não foi assim, mas me sinto usada, também sinto que o usei, sendo que eu não queria. Pensando bem, eu queria que as coisas pra mim fossem diferentes e menos complicadas. Para Andrew eu não tenho nenhuma reserva, não consigo me conter, quando vejo já o beije, já o alisei e tudo, ainda mais agora que conheço como ele pode ser completo e atencioso comigo, ainda mais na cama.

Que Deus E.T que é esse, meu Deus? Levou-me a loucura e totalizou mais de cinco orgasmos em uma só noite, com o Gui eu lutava para ter dois e olhe lá, com Andrew foi moleza. Estou perdida, doida e loucamente apaixonada pela pessoa errada e ainda por cima no momento errado, eu estou completamente toda errada. Eu não dou uma dentro.

Por que as mulheres ficam tão sensíveis depois do sexo?



Capítulo 18



Minhas lágrimas caem livremente. Choro de saudades precocemente, choro de arrependimento por ter me entregado sem nenhuma garantia de pós, choro de alegria em controvérsia por ter vivenciado momentos fantásticos ao lado do homem que sempre amei, e principalmente choro por não saber o que vem adiante, por não ter controle do meu próprio futuro, por não saber e não poder aproveitar o agora.

Por mais que tenha sido eu que tenha levado essa situação adiante, saber que causei foi só um sentimento primitivo como o tesão, puramente carnal em uma pessoa, me deixa sentindo como se eu fosse um pedaço de carne, me dói, machuca, principalmente por esse alguém ser uma pessoa que eu sempre pensei em toda minha vida. Por mais que eu tentasse nunca consegui esquecê-lo. É praticamente impossível separar o desejo do amor que sinto.

Está longe de mim, querer culpar Andrew pelo que eu fiz, ele não forçou nada e tinha até então desistido, eu é que tenho que levar o prêmio de a maior trouxa que existe. Meu Deus! O que deu em minha cabeça, ao achar que eu poderia tira-lo de debaixo da minha pele, com uma ou duas noites vividas? É claro que eu iria querer sempre mais, até por que depois de experimenta-lo não haveria outra saída, eu iria querer sempre e para sempre, ao meu lado, seja na cama ou fora dela. Só tive uma amostra grátis do que poderia virar infinito.

Mesmo quando estamos juntos e soltamos faíscas eu o amo, e ao mesmo tempo odeio. Amo por ele ser uma pessoa amável com as pessoas a sua volta, é fato que comigo ele nunca foi muito educado, agora é que estamos em um convívio de trégua, mas eu adorava a forma como que ele

tratava D. Gloria e Seu Heitor, seus pais e a Nathi. Sempre achei que um homem daquele, estava desperdiçado no ramo da galinagem. Na minha cabeça ele tomaria juízo, se apaixonaria e casaria, um exemplar de marido familiar, vivendo felizes para sempre. Não foi o que eu encontrei depois de tanto tempo sem vê-lo. O que só confirmou que minha teoria era mentirosa, somente uma ilusão da minha cabeça.

O desconhecido me amedronta, eu não entendo o porquê de ele estar se tornando tão atencioso e carinhoso comigo, levando em conta que eu não sou da sua família. Minha cabeça ferve e por mais que eu tente, sempre caio na mesma, de que é só uma relação rápida.

Não vou negar, depois de Guilherme e com a vinda da Sofia, eu também não queria me envolver com alguém. Mas, o que fazer, quando uma pessoa te joga na parede, faz de você gato e sapato -- no ótimo sentido, claro -- te vira completamente e totalmente do avesso, e você por fim, acaba achando que seu lado avesso é o certo, e o pior disso tudo, acaba gostando, e implorando sempre e sempre por mais, como uma masoquista em função? É uma estrada completamente desconhecida e eu não tenho medo de me aventurar, desbravar, quero viajar sempre mais, e isso me confunde. Na minha cabeça, Guilherme iria voltar e eu estaria pronta para o próximo passo, com Sofia eu estaria mais madura, é o conhecido, o seguro, ele seria um ótimo pai para Sofia, mas... agora é tudo tão incerto.

Por fim, depois de tanto chorar, pensar no amanhã, e só enxergar Sofia e medicina, acabo adormecendo com uma dor no peito exorbitante, um sentimento de vazio, de olhar para o lado e perceber que não tem ninguém para se apoiar quando o mundo cair.

Sonho com véu, grinalda, uma menininha de cabelos castanhos correndo em direção ao altar chamando papai, e um homem lindo a aguardando de braços estendidos, um sorriso amoroso no rosto. Vejo-me alegre, de sorriso fácil, com os olhos lacrimejados cravados em Andrew. De súbito, tudo muda, me vejo dentro de uma espécie de lago, estou rodeada de mulheres com o rosto de piranha e todas comendo o meu vestido, e rindo de mim.

Acordo sobressaltada tomando uma grande lufada de ar, suando frio. Sento-me na cama e passo as mãos nos meus cabelos desgrenhados, aos poucos vou me acalmando e lembro o que me fez ficar tão ofegante. Que pesadelo infantil e ridículo!

Levanto da minha cama prevendo que não vou conseguir dormir mais, preciso sair e espairecer. Olho no relógio e já passa das dez da manhã, não dormi nada e devo estar com um olhar de panda, uma olheira que pepino nenhum resolveria.

Tomo um banho rápido e visto uma roupinha fresca. Desço as escadas, vendo papai em sua cadeira lendo o jornal e ao mesmo tempo conversando com mamãe que não para quieta na cozinha. Sofia está na sua cadeirinha brincando com os controles que saem um som horrível. Quando me vê, abre os bracinhos e dá seus costumeiros gritinhos. Como eu amo esse bebe! Só de vê-la, alegre todo o meu dia.

— Bom dia pai, mãe! — Dou um beijo em cada um. — Bom dia, minha princesa! Que saudade mamãe estava de você. — A pego em meus braços, dou beijinhos por todo seu corpinho, arrancando gritinhos e risadas dela.

— Bom dia, Liza! Divertiram ontem? — Pergunta minha mãe.

Fico toda quadrada, logo me vem à cabeça a tal diversão que tive, e meu rosto instantaneamente cora.

— Pode se dizer que sim. Eu e Gio divertimos muito. — Respondo indiferente. — Cadê a Giovana? — Olho para os lados e não a vejo.

— Está dormindo ainda, querida. — Meu pai responde e no mesmo momento meu ombro cai pela tamanha tensão que eu estava de que ele fosse brigar por termos chegado cedo demais em casa.

— Pai, ontem vi uma ligação no meu celular, mas minha bolsa estava no guarda-volumes, só vi quando o Alê nos trouxe em casa. Era algo grave?

Minto tentando buscar uma explicação por não ter atendido o celular, mas parece que essa explicação vai ao vento com as minhas últimas palavras, papai pela primeira vez tira seu olhar do jornal e me olha de forma intrigante.

— O namorado da Giovana trouxe vocês em casa?

Digamos que não foi ele, e sim um outro alguém lindo, gostoso. Meu corpo arrepia só de pensar. *Pare de pensar besteiras, Elizabeth!*

Rolo meus olhos e o olho com indignação.

— Poxa, pai, você deveria confiar mais no instinto da Giovana em arrumar namorados, dê um crédito a ela. Alê é um cara legal!

Papai tem que entender que não é todo mundo um fanfarrão, não é só por que Giovana deu trabalho no início da sua adolescência com idas e vindas de psicólogo, que ela voltou à estaca zero agora.

— Só quero saber quem anda com minhas filhas, Liza. Acho que é direito de todo pai, se inteirar das responsabilidades do acompanhante.

Sério que ele falou acompanhante? Acompanhante de que? De luxo? Sorrio com o pensamento.

— Acompanhante, pai? Hoje em dia não se usa mais acompanhante e sim namorado. Pode ir acostumando, você vai passar longos cinco dias com ele puxando o seu saco de sogro no carnaval. — Faço piada da sua cara, e vejo que na mesma hora ele engasga.

— Elizabeth, para de caçoar do seu velho pai. — Mamãe finge me repreender e nós duas caímos na gargalhada,

Sofia olha para aquilo tudo, e solta seus gritinhos e risadas.

— Vocês duas, podem parar. — Papai volta com seu olhar divertido, apontando para mim e para mamãe. — E você, mocinha do vovô, já está aprendendo a ficar gozando, né?

Acabo de tomar o meu café com Sofia no colo, dando-lhe a mamadeira. Ela não se cansa nunca, metade do meu salário é comprando fórmulas.

— Liza, quantos anos tem esse Alessandro? — Papai puxa assunto. Fico em silêncio, pensando no que responder. — Elizabeth, eu só estou perguntando por que quando eu questiono Giovana ela desconversa, e você me disse que ele tem responsabilidade, creio que seja uma pessoa... — Pigarreia, tentando falar. — Madura?

— Sabe que nem perguntei? Isso é assunto da Giovana, papai. — Continuo com minha atenção voltada para Sossô.

— Ah, pelo amor de Deus, Elizabeth, Giovana está namorando um matusalém por acaso? — Esbraveja em curiosidade. — Que resistência é essa de vocês duas em um assunto tão banal. Vou descobrir logo, ele vem na quinta, não é mesmo, Rose?

Olho para minha mãe em sinal de compaixão, mas parece que ela está tão curiosa quanto meu pai.

— Fala logo pro seu pai, querida. Vamos aprovar mesmo se ele for muito mais velho, contanto que ele seja um bom rapaz e que faça Giovana feliz.

Levanto uma de minhas mãos para o céu e a outra, seguro Sofia.

— Tá bem! Tá bem! Vocês venceram. Ele aparenta ter entre vinte e cinco e trinta anos.

Olho para os dois que estão de queixo caído. Mamãe é a primeira a se pronunciar.

— Oh Deus, minha filha arrumou um caminho certo. Deus ouviu minhas preces.

Hein?

— Tá bom, agora me fala: Qual foi à parte que eu perdi? — Digo divertida.

Fiquei feliz por pelo menos a minha mãe estar contente, meu pai ainda está enfurnado em seu transe surpreso, isso já mostra que será mais fácil para Alessandro; comidas e filmes preferidos, viagem em família e toda vez que Gio o convidar para ir à fazenda.

— Liza, minha filha, com um homem maduro, Giovana vai parar de andar com essa gente toda e consequentemente tomar um caminho mais certo. Não é James?

Ah, entendo! Como que eu e Gio não pensamos nisso?

— Estou feliz que Giovana está bem. — Se pronuncia de uma forma inesperada, papai não fica soltando pulinhos igual mamãe, mas não esbravejou como pensei que faria.

— O que tem eu aí, hein, cambada? — Soa uma voz rouca atrás da gente.

Viro-me e vejo Giovana com seu baby-doll cheio de bananas de pijama.

— Ih, chegou quem não podia, o assunto. — Viro-me novamente para a mesa de café farta em minha frente.

Começamos a rir e Giovana mostra a língua na minha direção. Corre pegando Sofia dos meus braços.

— Estava perguntando à Elizabeth, se você conversou com ela sobre comidas e bebidas da preferência do Alessandro.

Giovana para de brincar com Sofia, me olha intrigada. Sorrio, confirmando.

— Hum... Alê gosta de coisas mais simples, e não é de beber muito.

Seguimos todos conversando de um modo mais leve, papai parou com

suas neuras pra cima de Giovana, e ela logo que não é boba percebeu e entendeu muito bem que não estávamos falando de comida. Não sou a melhor escolha para falar da comida que meu cunhado vai preferir. Mamãe não se safou dessa, afinal tinha sido uma desculpa bastante esfarrapada.



Estou deitada na grama. Ouço gritinhos de bebê, risinhos e cochichos do meu lado. Permito sonhar que a voz doce que soa ao meu lado na verdade é uma voz grossa e rouca, que me causa arrepios por todo meu corpo. Mas a verdade é dolorosa, engulo o caroço que se formou em minha garganta quando escuto Giovana.

— A mamãe está dormindo, Sossô. Não acredito que ela deixou a gente aqui brincando sozinha. — Sua voz carrega uma falsa reprimenda.

Estamos eu, Giovana e Sofia em um parquinho perto de casa, gosto de vir aqui olhar para outras crianças e imaginar Sofia. Saímos para passar um bom tempo juntas, está um dia muito bonito, de sol leve e ventos refrescantes.

Sorrio. Abro um olho para ver o que ela está tramando.

— Ah, mas que levada! A mamãe está enganando a gente, Sossô. — Faz cosquinhas na minha pequena, que se remexe toda.

Abro os dois olhos e faço um movimento de garra com as mãos.

— Aaaaah. — Dou um leve grito.

Sofia se assusta e assim que se recupera ri do bicho que fiz, caindo em suas gargalhadas gostosas

— Você brinca com ela parecendo que ela já está grande, Gio. — Sento-me a encarando.

Sem minha irmã, minha luta não teria valido a pena. Tenho uma família impecável, para ninguém, absolutamente ninguém, colocar um maldito dedo podre.

— Mas olha como esse bebê é precoce e entende tudo, não é titia? — Baba, olhando para Sofia. Faz cosquinhas em seu corpinho, fazendo-a se derramar toda em risinhos.

Olho as duas e imagino a Giovana daqui há alguns anos com sua própria filha e Alessandro do lado, no meu lugar. Fico contente com o pensamento, eles combinam e vão fazer filhos lindos.

Giovana coloca Sofia entre suas pernas apoiada em sua barriga. Coloca um tanto de mordedores barulhentos em sua frente. Encara-me com seu olhar que não tem como fugir.

— Estou esperando a hora que você vai me dizer o que vocês estavam falando de manhã.

— Você sabe, não estávamos falando bem daquilo que mamãe disse. — Pego um brinquedo para Sofia e balanço em sua frente. Evito a todo custo olhar em sua direção.

Mordo a minha bochecha e fico esperando a próxima pergunta enquanto ela arqueia uma sobrancelha e sorri.

— Não preciso de mágica para adivinhar, você na cozinha é calamidade pública. — Debocha da minha cara. — Desembucha, Liza! O que vocês estavam falando?

— Gio, resumidamente, papai perguntou quantos anos o Alê tem, já que sempre quando ele pergunta você foge.

Falo de uma vez, não tem como fugir mesmo. O bom é ser breve.

— E o que você disse, Elizabeth? — Diz irritada, colocando uma das mãos que não está segurando Sofia na cintura.

— O que você queria que eu respondesse? Falei a verdade, que ele tem entre vinte e cinco e trinta anos. Queria que eu mentisse?

Arqueio as duas sobrancelhas.

— Bem não, mas é que... Não sei qual vai ser a reação dele. — Amolece.

— Pois vou te contar o que você adiou há muito tempo. — aponto o dedo pra ela. — Mamãe ficou eufórica dando pulinhos e falando que a sua filha encontrou o caminho certo. Ela pensava que Alessandro era o príncipe no cavalo branco, chegando e te colocando em sua garupa. — Começo a rir e ela me segue ficando aliviada.

— E o papai?

— Papai você conhece; ele não é de ficar eufórico igual à mamãe, mas ele disse que estava feliz por você estar bem.

— Ele disse isso? — Pergunta com surpresa e felicidade. — Alessandro vai ficar eufórico.

— Papai nunca iria deixar o orgulho na frente da sua felicidade. — Reviro meus olhos para sua insegurança.

Olho pra ela que desvia os olhos lacrimejados, dos meus, indo em direção ao céu.

— Era suposto você estar contente, Giovana. — Estou confusa.

— E eu estou, só queria que Alê percebesse isso. — Sua voz carrega uma tristeza que me corta o coração.

— Então por que o motivo das lágrimas? — Olho para Sofia alheia aos acontecimentos, completamente concentrada em sua brincadeira de morder um pé de borracha.

— Ontem nós brigamos.

Fico surpresa pela briga e principalmente por não ter ligado o seu mau humor com o Alessandro. Realmente não era possível aquela raiva toda só comigo.

Pego Sofia que está resmungando em seu colo, a deito e coloco mamadeira na sua boca. Rápido ela fecha os olhinhos. Não é à toa que está pesada e redondinha.

— Pensei que seu estresse era comigo. — Digo distraída tentando achar o ponto em que enterrei minha cabeça no umbigo. — O que aconteceu?

Faço carinho na cabeça da Sofia.

— Nós encontramos com o Edgar ontem. — Suspira, triste.

A olho surpresa.

— Que? O maloqueiro tatuado?

Edgar é um rapaz doido, que fez minha irmã sofrer demais no ensino médio. Ele fazia pré-vestibular no mesmo colégio que ela e os dois acabaram ficando juntos, nada sério, no entanto, Giovana era irremediavelmente apaixonada com ele na época. E é por esse motivo que papai e mamãe sempre desconfiam dela para namorados.

— É, ele me cumprimentou e veio logo querendo me dar um beijo, claro que eu não deixei. — Faz sinal de desdém com a mão interrompendo-me quando eu vou falar. — Apresentei ele ao Alê, o que eu realmente tinha que fazer, certo? — Apenas balanço a cabeça confirmando, atordoada demais com a presença de Edgar. — Mas, ele nem ligou, disse que eu estava gata e que estava arrependido de ter me deixado. Como se hoje eu estaria com ele, se não fosse o fato dele ter sumido no passado. Eu era muito mente fraca. — Pensa alto.

— Ainda bem que você caiu na Terra. Agora quero saber do resto. — Estou ansiosa, isso não seria motivo para a cara amarrada da Giovana, e sim a

do Alessandro.

— Enfim, o Alessandro ficou intrigado achando que eu estava diferente, e eu realmente fiquei diferente, fiquei mexida. — Arqueio minhas sobrancelhas e quando estou a ponto de falar pra ela não fazer nenhuma loucura, desembucha. — Mas, não desse jeito, Liza. Pensei o que eu estou pensando agora, como eu era uma mente fraca por ter ficado com Edgar, até maconha eu experimentei. — Quantos podres você não descobre de um irmão em uma simples conversa. — Mas aí eu disse isso para o Alê, e ele simplesmente não acreditou em mim. Disse que se eu queria ficar com o Edgar eu teria que correr atrás dele, por que já tinha gente na cola. — Com lágrimas nos olhos, funga e me olha mais uma vez. — Me doe, Liza, ele disse que não acreditava em mim, minha única defesa foi atacar, disse a ele que eu era trouxa de ficar com ele.

Giovana tem um sério problema de achar que todo mundo vai diminuir com seus ataques, não é à toa que ela tem uma personalidade difícil, ela sempre acha que a maior defesa é o ataque, e nem sempre a fila anda pra esse lado.

Pensando bem, me parece ser um mal de família.

— Giovana, você não pode sair atacando as pessoas assim. Alessandro está no início do relacionamento, nem conheceu nossos pais ainda, você queria o que? Que ele acreditasse em suas palavras depois do seu distanciamento e depois falasse que te ama?

— Eu sei que estou errada, eu só não sei concertar a situação. Não brigue comigo você também, Liza. Ajuda-me, eu não quero perder o Alessandro. Eu o amo de verdade. — Se deita em meu colo e chora mais uma vez.

É pecado a gente sofrer com as dores dos nossos familiares?

Olho para Sofia que está dormindo ao meu lado e penso que daqui a alguns anos ela também vai estar sofrendo por esse mal, o amor. Que traz tanto coisas boas, como as ruins.

— Vai tudo dar certo, Gio! O Alessandro vai acreditar no que você disse. Ele também te ama. — Faço carinho em sua cabeça e meu pensamento vai longe.

Assim eu espero, por que senão ele fica sem as queridas bolas dele.

Ouço o bip do telefone levando-me com os pensamentos para longe de Giovana, uma ansiedade começa a fazer meu corpo todo tremer, um caroço se instala na garganta e a vontade de tirar o telefone da bolsa correndo quase me vence. Quase.



Capítulo 19

Giovana continuava deitada em meu colo, suas lágrimas se secaram depois de um tempo. Ela ficou mais calma quando eu disse que a insegurança de Alessandro só dependia dela. Giovana tinha o poder de mexer com a cabeça do garoto a níveis desproporcionais.

Sossô continuava dormindo ao meu lado, toda esparramada no cobertor que trouxe debaixo de um pé de pitanga, o sol já está quase se pondo e minha vontade de ir embora está indo junto com ele. Olho para o céu e vejo a imensidão que existe, tantas pessoas com o drama maior que o meu, e mesmo assim eu ainda poderia fazer uma novela. Sequer pensei estar vivendo isso, o medo me aflige e ao mesmo tempo me faz ser corajosa, meio contraditório. Mas, o que até aqui, não foi? Não quero sair dessa bolha longe do mundo todo, ninguém pode saber o que foi para o caixão junto com Luíza, meus pais surtariam, e seria ainda mais um motivo para Drew me odiar.

Meu celular toca pela terceira vez consecutiva dentro de quinze minutos, estou evitando qualquer contato com ele, da última vez que olhei, quando saímos de casa, minha decepção foi grande que deu muita vontade de chorar, Andrew não tinha me procurado até aquele momento e isso foi como uma faca no meu coração.

— Eu juro que eu vou pegar esse telefone seu e ver quem é que está nos importunando, se você não olhar agora.

Olho para baixo ao ouvir seu resmungo, encontro-a olhando pra mim com curiosidade. Dou um sorriso de canto de boca totalmente sem graça, não quero ter a esperança de olhar e ver que não é dele.

— Tá, vou olhar. — Rendo-me a minha curiosidade, se não daqui a pouco fico sem unhas e sem estômago de tanto as malditas borboletas me importunarem.

Pego meu celular e ao ver o nome do remetente meu coração dispara, minha boca fica seca. Malditas borboletas no estômago!

Andrew: *"Não sou Casas Bahia, mas prometo dedicação total a você".*

Andrew: *"Eu sei, foi ruim! Mas, não precisa ignorar."*

Andrew: *"Quando puder, me liga."*

As outras mensagens passam por mim por um borrão, eu ainda estou caída na *cafonisse* da primeira, eu nunca que imaginaria o Andrew mandado essa cantada para alguém. Puta merda! Não me aguento e começo a rir sem parar, não acredito que ele consegue ser tão lindo, mesmo sendo cafona. Que brega!

Giovana se senta olhando-me com curiosidade, depois olha para o telefone que deixei cair no chão. Em seguida, como eu, cai na risada.

Meu estômago dói, meus olhos estão todos embaçados de lágrimas pela euforia. Conforme vou me acalmando, eu caio na realidade, pra ele eu não passo de uma conquista engraçada.

— Você não vai responder, Liza? — Pergunta Giovana pergunta, se recuperando.

Pelo menos rir ele me faz. Pego meu celular, pensando.

— Não sei se eu quero prosseguir com isso, Giovana. — *'Eu não quero me machucar'*.

Tento reprimir a emoção que vem em minha garganta amargando feito fel.

— Ah, ele tentou ser engraçado depois da tensão de hoje mais cedo. —

Arqueia sua sobrancelha para mim.

Era só o que me faltava.

— Ah então me fale, que tensão que é essa? — Sorrio, debochada.

— Eu estava brava com o Alê, mas eu via. — Cutuca meu ombro com o seu e sorri. — Ah, vamos, Liza. Responde! — Bate palmas olhando-me com expectativa.

Eu tinha prometido a mim mesma que seriam duas noites de maravilhosos orgasmos, a primeira eu tive e não tenho como negar, a segunda tenho que começar a batalhar por ela. E rezar para quando tivermos nossa segunda rodada, ele esquecer que eu existo, por que se depender de mim, eu não resisto, seria batalha ganha para o lado dele, e depois de tudo um caixão para o meu coração.

Olho para o aparelho em minha mão novamente e penso no que responder.

Liza: *"Bem, gostei da parte da dedicação. Espero pela próxima demonstração."*

— Estou vendo que você aprendeu mesmo. — Seu olho está vidrado no telefone. — Ei, eu quero saber detalhes da noite.

Reviro meus olhos. Estava demorando para a curiosidade fluir.

— Estava pensando quando você me perguntaria isso.

Outro bipe do meu celular nos tira do transe e me aquece o coração.

Andrew: *"Quero te ver toda linda de novo. Dessa vez quero desembrulhar o meu presente o mais lentamente possível. Descendo a calcinha, que estará em seu corpo, com os dentes."*

Ouçõ Giovana engasgando do meu lado e fico toda vermelha.

— Que história é essa de desembulhar presente, Liza? Não me diga que... — Coloca as mãos na boca, enquanto eu aceno positivamente. — Meu Deus, eu não acredito que você ... Deus, sua ordinária! Estava sem calcinha.

— Uai, Giovana, eu tinha que jogar com todas as minhas armas, ele disse que tinha desistido. — Sorrio da sua expressão de surpresa. — Ah, você pensava o que? Que eu era uma puritana? — Seus olhos estão arregalados, surpresa. Cutuco-a com o ombro, chamando sua atenção.

— Só um momento, Liza, eu ainda estou em choque por saber que minha irmã não vai virar freira.

Meu Deus, eu só não fico contando para todo mundo da minha vida sexual.

— Para com isso, Gio! Tá me deixando sem graça. Me ajuda a mandar uma outra mensagem aqui, vai.

Morde as unhas pensando e olhando para o meu celular.

— Aah, responde assim: *"Vai ser o seu melhor presente. Que tal uma calcinha de cereja para completar todo o bolo?"*

Assim como ela diz, vou por impulso e respondo. Não precisamos esperar muito para ver a resposta.

Andrew: *"Isso foi uma pergunta? Por que nem precisava fazê-la, o gosto da cereja ficará muito melhor em você."*

Fico com ainda mais vontade, louca para atiçá-lo.

Liza: *"Você não deveria dizer coisas como promessas, eu posso chupar até a última gota do seu prazer, não restando para mais ninguém."*

Era tudo que eu poderia querer.

Mais um bip. *Ai, droga!*

Andrew: *"Porra, Liz! Você me deixou precisando disso agora. E muito."*

Liza: *"Prometo recompensar. Gostoso!"*

Andrew: *"Não vejo a hora de cobrar, com juro e correção monetária."*

— Eu juro que estou com calor, vamos chamar o bombeiro por que eu fiquei molhada aqui, mana. — Abana as mãos, fazendo uma ótima encenação de quem está com tesão.

Olho para Giovana toda vermelha, agora que me dei conta de que ela estava vendo tudo.

— Deixa de ser descarada, Giovana. — Fecho a tela do aplicativo.

— Não precisa ficar com vergonha, Liza, Andrew está caidinho na sua.

Como eu queria acreditar naquilo, todas as suas atitudes me levam a pensar assim, mas não quero sofrer, não quero que a Sofia sofra com isso.

— Às vezes eu converso com ele e perco a noção do que eu estou falando. — Reflito mais para mim mesma do que para Giovana — Sinto-me mais corajosa, mais livre, tenho vontade de falar tudo.

— Isso é bom! Acho que eles gostam da gente mais livre, leve e solta.

Se distrai não percebendo a minha aflição, de cada vez mais me entregar a algo desconhecido e completamente inesperado. Há duas semanas atrás, eu vivia minha vida metódica e nem passava na minha cabeça reencontrar Andrew, muito menos passar por todo esse turbilhão de emoções.

Ficamos mais um pouco no parque, conversamos sobre coisas banais. Andrew só me mandou mais uma mensagem pedindo para ligar pra ele mais tarde. Com o tempo, Sofia acordou. Fomos embora quando o sol já tinha abaixado, e estava escurecendo.

A noite foi de preguiça. Giovana saiu logo depois que acabou o filme dizendo receber uma ligação importante. Sem ela dizer algo, eu já sabia qual era a sua urgência, somente pelo sorriso.

Tomamos banho eu e Sofia juntas, quero dizer, mais brincamos do que de fato tomamos banho.

— *Brrruuuuhhh* — Bate as mãozinhas na água.

— Você molhou a mamãe, sua sapeca?!

Recebo uma gargalhadinha deliciosa e irreconhecível. Como criança pode ficar feliz, com tão pouco?

Dei por fim o nosso banho e nos vestimos. Coloquei Sofia em seu bercinho brincando, peguei a baba eletrônica. Enquanto fazia mais uma mamadeira pra ela apagar, o soninho já tinha batido, seus olhinhos já estavam vermelhos e toda hora coçava, seu humor de mais cedo já tinha decaído bastante.

Chego ao quarto e ela já está deitadinha com seus olhinhos quase fechando. Dou a mamadeira e antes mesmo de terminar já ressona baixinho, um som lindo, um rostinho angelical, inocente e agora relaxado.

Eu já disse que em hipótese alguma passava pela minha cabeça ser mãe tão cedo assim? Jurava que, caso eu tivesse algum filho na vida, viria depois dos trinta. Você realmente não tem controle nenhum do destino, hoje me vejo com uma filha nos braços, daria a minha vida por ela. Sofia é minha filha e ninguém que diga o contrário.

Meu telefone toca ainda dentro da sua bolsa, não tive nem ânimo para tira-lo de lá. Corro para não acordar Sofia, e atendo saindo do quarto.

— Alô!

Com a pressa para atender nem olhei o identificador.

— Estava aqui, eu e minha necessidade absurda de você, então não resolvi esperar, e já saí ligando. Qual feitiço que foi esse, hein? Eu preciso jogar ele de volta.

Meu coração aquece mais uma vez.

— Quanta ansiedade, senhor Nunes! Devo levar em consideração o meu corpo ou a minha voz?

— A sua boca esperta, Liz. Ela que me deixa doido.

— Bem essa boca esperta pode fazer muitas coisas, Drew. — Sussurro, quase gemendo

Quero que ele fique como eu estou, necessitado, quase precisando disso para respirar.

— Porra, meu nome na sua boca é sujo e quente. Me deixa de pau duro na hora.

Dou uma gargalhada alta. Percebo que todos já estão dormindo e, tapo minha boca, respondendo baixinho.

— Sujo e quente é o que eu quero que você faça comigo. — Meu Deus! O que eu acabei de falar?

Ouçó Andrew chupando uma respiração entre os dentes e gemendo.

— Que horas eu posso te pegar?

Sua pergunta sai inesperadamente depois de longos segundos de silêncio.

— Hein? — Fico atônita.

— Se arruma Liz, estou passando aí em vinte minutos pra te pegar.

— Drew, agora não dá.

— O que? Por que não?

— Final de semana pra mim é complicado, Andrew. Depois eu te ligo e a gente combina.

— Que horas amanhã então? — Ignora completamente o que eu disse.

— Drew, eu vou te ligar, está bem?

Ouçõ um suspiro e a linha fica muda um tempo.

— Não, Elizabeth, não está bem. — Bufa. Posso até o imaginar passando sua mão no rosto. — Você não pode dizer não pra mim desse jeito! Me provoca, me deixa em um puta tesão e depois foge, diz que vai ligar e eu ... eu fico a ver navios.

Fico em silêncio, essa explosão dele foi inesperada. Respiro fundo, não querendo discutir.

— Sinto que estou fazendo papel de bobo, Liz. Você tem alguém? — Sussurra, soando quase ansioso.

O que o levou a pensar nisso?

— Claro que não, Andrew, que pergunta boba. — Tento arranjar uma desculpa equivalente à minha falta. — Trabalho e estudo a semana toda, nos dias de folga eu gosto de ficar em casa. Se eu tivesse alguém, nem ficar com você eu iria querer.

— Tá, me desculpe! A possibilidade me deixou louco. Só de imaginar uma pessoa que não seja eu te tocando eu começo a pirar.

Meu Deus, isso é ciúmes? Resolvo não seguir por esse caminho e acabo desanuviando o clima.

—Tudo bem! — Falo em um suspiro. — Prometo que te ligarei.

— Vou ficar aguardando então.

— Então, boa noite.

— Que isso, já? Pensei que poderíamos fazer um sexo virtual gostoso.
— Sorri malicioso. — O que acha, Liz?

Que estou morrendo com o fogo entre as minhas pernas.

— Acho que você está muito abusado. — Sorri.

— Como eu posso não ficar ao imaginar o gosto suculento dessa sua maravilhosa boceta.

— Andrew! — Quase grito, abismada, mas sorrio.

É estranho alguém falar isso comigo.

— Ok! — Gargalha. — Vou manter meus pensamentos só para mim e te deixar dormir. Boa noite, Liz!

Com você seria melhor.

— Drew?

— Oi, linda?

— Sonhe comigo, e com uma lingerie linda que vou usar. — Provoco-o, minha voz rouca. — E principalmente com a minha boca esperta.

Chupa uma respiração por entre os dentes novamente e ri.

— Você está me ajudando muito. Vou sonhar com isso tudo e acordar feito um adolescente cheio de tesão, todo gozado.

— Bom, essa é a intenção. — Desligo o telefone.

Deito na minha cama ainda com um sorriso preguiçoso no rosto. Minha cabeça não pensa em nada, só nas mãos de Andrew, sua língua, lábios... fecho meus olhos e minhas pernas, contendo o desejo que insiste em passar

por elas.

Acordo no outro dia disposta e muito bem-humorada, a minha conversa com Andrew me fez ter confiança em mim mesma, é como se eu fosse uma nova mulher.

O domingo passa voando. Depois do almoço, estou assistindo filme em meu quarto e Giovana chega me fazendo atualiza-la dos acontecimentos *bombásticos* meus e de Andrew. Gozo da sua cara, mas eu acabo contando. Desde que Luíza se foi, me senti sozinha, guardando coisas demais, é bom poder contar para Giovana algumas coisas.

— Não acredito que ele ficou com ciúmes de você.

— Não seja tola, Gio! Isso tudo é ego. — Abaixo a cabeça e olho para minhas mãos. — Definitivamente não temos futuro.

— Ai, como você é teimosa! Não enxerga um palmo à frente do seu nariz.

Prefiro me surpreender do que me decepcionar, não quero sofrer e nem fazer ninguém sofrer, preciso ser responsável.



É quase noite e Giovana saiu para encontrar Alê, já que ontem ele ficou na boate. Logo, hoje Drew está lá. Um friozinho sobe em minhas espinhas só por saber de seu paradeiro.

Na televisão não passa nada de agradável, domingo é sempre tão monótono. Que preguiça!

— Mãe, pode ficar com a Sofia? Vou ali comprar um lanche para gente.

Estou super ansiosa e ficar parada não me ajudará em nada.

— Claro, minha filha, vai lá.

Saio em direção à lanchonete que tem aqui perto de casa, mais ou menos uns cinco quarteirões. Como é perto, decido ir a pé, e nem me preocupo em trocar de roupa.

Abro o portão pequeno e me deparo com uma BMW x6 parada em frente à casa. Minhas pernas bambeiam e minha boca seca, as borboletas no meu estômago decidem mais uma vez dançarem Macarena e zombarem de mim. Que efeito que esse homem tem em mim, meu Deus?



Capítulo 20

Andrew está encostado em sua BMW com bermuda azul marinho, regata branca, cabelo despenteado, completamente sexys e molhados. Lindo de morrer, como sempre. Seu cenho está franzido com o celular no ouvido. Ele ainda não me viu, mas eu estou completamente hipnotizada por ele.

Em um movimento rápido, ele pragueja e desliga o telefone, parece bravo quando digita alguma coisa. Se vira e encontra o meu olhar assombrado. Deus, como pode ainda ser mais lindo do que as minhas lembranças?

Saio da minha hipnose e caminho em sua direção, afinal de contas preciso saber o que ele está fazendo aqui. Andrew não tira os olhos dos meus a todo o momento.

— Oi, Drew! — Digo com um sorriso tímido, cerrando os olhos para proteger do sol. Ele nada responde e fica olhando para minha boca.

— Andrew? Olha, eu...

Meu Deus, que mania que ele tem de me interromper com um beijo. Tento afasta-lo pela surpresa do seu aperto, mas logo me acostumo à sensação. E que sensação, que mania gostosa. Posso me acostumar com isso.

Nosso beijo é necessidade, carne, saudade, erotismo, sempre e em todo lugar, é bom. Eu realmente amo como ele me beija com o corpo inteiro. Cola seu corpo ao meu, sua mão na minha nuca, puxando meu cabelo para ir cada vez mais ao encontro de sua boca, uma outra mão na minha cintura, me apertando ainda mais, como se qualquer distância entre nós dois fosse desnecessária. Andrew faz literalmente sexo com a boca, e me deixa sem

chão e sem folego, completamente sem raciocínio.

Lembro-me que estou na porta de casa, com um chinelo, o cabelo preso em um nó frouxo, uma regata colada ao corpo e shorts largos. Estou extremamente horrenda.

Tento me afastar aos poucos para ele não perceber o meu desespero, não quero meu pai saindo e se deparando com uma cena dessas.

— Fiquei pensando em te beijar assim desde ontem. — Respira fundo, passando a mão pelos meus cabelos.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto.

Mantenho distância, tentando pensar.

— Bem, você sabe — Dá um sorriso malicioso com a cabeça para o lado. — Não me ligou, então eu resolvi vir aqui.

— Ah, é? E por que será que eu não acredito nisso? — Coloco minhas mãos na cintura o encarando.

Andrew dá uma gargalhada alta, olhando pra mim com admiração e parece que saudades. Fico toda derretida com seu olhar expressivo.

— Estava com saudades da sua boca esperta, sabia?

Pega na minha cintura, me puxando para si.

— Conversamos ontem, Drew. — Dou um tapa de leve em seu ombro.

Ele franze o cenho, me olhando confuso, depois faz bico. Como eu amo aquela boca.

Dou um rápido selinho nele, e passo minhas mãos por seu cabelo, abraçando seu pescoço. Inalo seu perfume amadeirado completamente gostoso, um cheiro que já me viciou e que me acalma. Fico na ponta dos pés, deitando minha cabeça em seu ombro. Ficamos assim por um longo tempo.

Desvencilho-me e o olho, sua expressão é indecifrável, não sei o que ele está pensando.

— Eu também senti falta de você. — Falo suspirando, mas desdenhosa.

Eu sei que ele não falou que sentiu minha falta, e sim da minha boca. Me atrevo até a dizer quais lembranças ele teve. Porém, senti uma necessidade imensa de dizer o que realmente estava sentindo, mesmo que brincando. Em cada hora desse maldito final de semana eu fiquei me perguntando onde ele estava e se estava pensando em mim, se estava com alguém ou sozinho.

Andrew está com os olhos esbugalhados, não sei por qual motivo. Volto em pensamento pra ver se em algum momento eu pensei em voz alta.

Antes de chegar a qualquer conclusão sobre o que ele possa estar pensando, minha boca é invadida por sua língua, novamente. Explorando cada canto, ele me tem em suas mãos. Porém, rápido demais ele se afasta parecendo que estou contaminada por alguma coisa.

— Droga! Desculpa, Liz. — Pragueja, afastando-me e abaixa a cabeça.

Hein? Ele estupra minha boca desse jeito e ainda pede desculpas? Encosto minha boca na sua e sussurro olhando em seus olhos:

— Posso enumerar sua lista de infrações, para que você possa me falar qual número é o pedido de desculpas.

Seu olhar desce até parar em meu decote, que está bastante amostra pela blusa, meus mamilos intumescidos pelo tesão ficando quase a mostra.

— Eu conheço um jeito pra fazer calar essa sua boca esperta, que tal hein, Liz? — Ainda olha para o meu decote, passando a língua nos lábios. Que tarado!

Arregalo meus olhos quando sou tomada por um momento de puro constrangimento e vergonha. Na minha cabeça vem várias recordações

maldosas que me fazem suar frio.

Não, aqui não, por favor, Deus, fazem essas lembranças irem embora!

Meu rosto fica da cor de um tomate maduro. Desvio meu olhar do seu, procurando por resposta. Respiro fundo e fecho meus olhos, preciso me acalmar antes que a escuridão me vença.

— O que foi? Está com medo de engasgar com meu pau, gostosa?

Como que eu falo que eu nunca fiz isso de boa vontade? Que só de pensar me dava ânsia de vômito e me lembrava do que eu nunca pude esquecer completamente? Como que eu posso me envolver com um cara que eu nem conta do recado vou dar? Que merda!

“Você não é suficiente para ninguém, Liza!”

— Prefiro a sua lista de infrações. — Tento sorrir, mas sinto um fiasco de suor descendo pelas minhas costas — No momento, a sua língua é a única habilitada para calar essa boca aqui.

— Você me deixa doido. — Rosna.

Com um movimento, ele me beija com selvageria, levando para longe minhas más lembranças. Com os olhos fechados ainda, Andrew ordena.

— Entra no carro!

Pelo jeito que ele falou até o capeta ajoelhava pra rezar.

— Ham? — Confusa, abro meus olhos. — Olha, eu não vou ser com...

Outro beijo. Daqui a pouco vou estar com os lábios sangrando.

— Entra no carro!

Mais uma ordem, esse cara não tem noção não.

— Eu não vo... — Tento falar, mas percebo que será em vão.

O beijo dessa vez vem delicado, gostoso, mostrando carinho e ternura. Acostumo-me sem relutância, envolvendo meus braços por seu pescoço, aprofundando o nosso beijo. Que sensação maravilhosa!

Encosta sua testa na minha e respira fundo.

— Por favor, entra na porcaria do meu carro?

Dessa vez veio um pedido antes de qualquer ordem. Andrew, conforme eu não o respondo nada, vai chegando mais perto de mim. Tapo sua boca.

— Me deixa falar! — Falo exasperada pelo tanto de interrupções. Mais ainda por ele ter interrompido um beijo tão bom. — Eu não quero ser comida dentro do carro, no meio da rua. — *Na porta da minha casa!*

Então Andrew me solta, tira minha mão que estava em sua boca me olhando furioso.

— Primeiro: Eu não vou te comer, vamos nos dar prazer. — Aponta dele pra mim, e continua acentuando. — Segundo: Me dê um pouco mais de crédito, não vou te comer dentro do carro.

Por mais que eu queira sumir com ele o resto da noite, eu não posso. E isso me deixa extremamente frustrada.

— Não posso, Drew.

— E por que, não pode? — Altera o tom de voz, me soltando por completo, passa as mãos no rosto me fitando. — Já te disse que eu não quero fazer papel de bobo, Elizabeth!

Assusto com sua frustração.

— Espera aí, quem está fazendo papel de boba aqui sou eu, por que você desconfiaria assim? — Aponto o dedo pra ele e não recuo. — O garanhão das noites aqui, não sou eu.

Andrew fecha ainda mais a expressão.

— Pois é, né? E eu estou aqui. E você, por que não responde a minha pergunta?

Nossa, que tesão ele assim, todo bravo!

— Não é da sua conta. — Encolho os ombros, indiferente.

— Não me faça te colocar naquele carro a força. — Está ainda mais alterado do que estava.

Não ousa falar que ele não teria coragem, porque só de olhar sua raiva eu tenho certeza de que ele faria isso sim.

Ficamos nos olhando por muito tempo, nenhum cede, ninguém levanta a bandeira branca. Meu corpo me denuncia ao sofrer um tremelique e ficar arrepiada por sua postura e olhar. Andrew abre um sorriso malicioso e levanta a sobrancelha em sinal de interrogação. Suspiro em derrota ao ser tomada por dois sentimentos completamente contraditórios, sendo eles: tristeza e felicidade.

— Me empresta o seu telefone? — Estendo minha mão em sua direção.

Tenho que, pelo menos, dar uma satisfação.

Andrew o entrega em silêncio, com o olhar interrogativo ainda lançado pra cima de mim.

Ligo pra casa e espero paciente os quatro toques até mamãe atender.

— Alô?

— Oi, mãe.

— Elizabeth?

Tiro o telefone da orelha e vejo se liguei certo, não é possível que a minha própria mãe esteja confundindo a minha voz.

— É, mãe. — Me afasto de Andrew. — Encontrei uma colega da faculdade aqui perto, e estou aqui na lanchonete conversando com ela, tá bem? Pode ficar com a Sofia?

— Ah, filha, claro. Pode ficar tranquila, ela está brincando com seu pai. Mas qual é o nome dessa sua amiga, você nunca me disse dela. — Pergunta curiosa e ao mesmo tempo confusa.

Olho pra trás pra ver se Andrew ainda está escutando e me deparo com ele bem nas minhas costas.

— An... — Merda! O que eu falo agora? — An... Andreia, mãe. — Engasgo antes de sair o nome todo.

— Andreia? — Minha mãe ri do outro lado da linha. *Não, espera!* Ela não ri, ela gargalha. — Uhum, sei... Andreia!

O que ela está insinuando?

— Isso mãe, Andreia.

— Bem, pode divertir, minha filha, com a Andreia. Eu cuido da Sofia.

— *Tá bom, mãe.* Eu não demoro. Tchau!

— Se cuida, querida.

Desligo e fico olhando para o telefone. Puta merda, será que está tão na cara assim que estou com um homem?

— Quem é Andreia? — Pergunta Andrew.

Viro-me pra trás, o olhando. Pelo menos a primeira coisa que ele perguntou foi o nome falso que usei.

— Você.

Respondo na maior cara de pau que Deus me deu e ainda tenho a capacidade de rir para suavizar o clima.

— Não, eu sou o Andrew. — Reviro meus olhos. *Não, Pedro bó!* — Por que você não disse a verdade?

— Não é propriamente mentir, eu iria dizer o que? *"Mãe, estou saindo com um cara pra ele me comer ali, não sei onde e nem quando volto."*

Ele acha o que? Meus pais não são tão liberais assim.

— Você tem alguém?

Essa história de novo?

— Olha, eu não deveria te dar satisfação. Mas não, eu não tenho ninguém, Andrew, e eu já te disse isso. Não sou como essas outras que você costuma pegar em cada esquina. — Chateio-me com sua insinuação, isso já está ficando pra lá de chato.

Vejo seu pomo de adão subindo e descendo, seu olhar cerrado em minha direção. Automaticamente seus ombros descem se aliviando da tensão.

— Eu não sei por que, mas tem uma coisa que me faz acreditar em você.

Ham?

— E por que deveria não acreditar? Tem muitas coisas de mim que você não sabe, mas eu não minto. — Com as mãos na cintura, fico o encarando.

— Por que você é uma feiticeira e me pegou completamente no seu encanto. — Pega em meu rosto beijando-me, faz carinho na minha bochecha e olha-me, dessa vez, com doçura. — Eu sei que você não é igual às outras, é diferente. Acredite, eu sei disso.

Tem como um coração já aquecido demonstrar ainda mais paixão por um ser humano cheio de defeitos?

— Vamos? — Desliza seus dedos pelo meu braço, até chegar as minhas mãos e segura-las.

Fico sem palavras, não posso fazer mais nada a não ser acenar com a cabeça. *Para onde você for*, penso me certificando que foi só comigo dessa vez.



Tomamos um caminho completamente diferente, não sei pra onde ele vai. Olho para minhas roupas e praguejo baixinho. *Droga!* Pra onde ele está me levando? Estou apreensiva, ter Andrew por perto me dá uma imensa satisfação, saber que isso, mais cedo do que eu queria, irá acabar, me corrói por dentro.

Aperto sua mão na minha perna. Olho pra cidade passando por nós, faróis estão sendo ligados, o sol se pondo. Uma melancolia se instala, e minhas mãos começam a suar de nervoso.

— O que os carros tem, Liz? — Alisa minhas pernas, chamando a minha atenção.

Esse assunto de novo não. Só faz melhorar o meu estado de espírito ainda mais azedo. Olho para ele, que continua encarando o trânsito.

— Talvez, seja por que eu não sou de ficar transando explicitamente, por aí? — Interrompo o caminho que sua mão vai seguindo. — Ou por que eu não sou muito fã de exibicionismo? Não sei, Andrew, nunca fiz isso e a ideia não me pareceu confortável.

O sinal fecha e meu coração começa a palpitar. Andrew suspira, pouisa seu cotovelo no volante e me olha, a outra mão em minha perna.

— Você tem algum trauma com carros? Ou talvez, seja eu que passe uma imagem tão mal assim. Você poderia jogar as claras comigo, estou no escuro.

Aperta ainda mais minha coxa. Não suporto a intensidade do seu olhar e viro a minha cabeça em direção a janela. Fico feliz que não sou a única no escuro.

— Vamos simplesmente esquecer isso aqui, tudo bem? — Tira sua mão de mim, quando o sinal abre. Imediatamente me sinto nua.

Passamos por mais carros, e mais vidas completamente diferentes da minha. Pensar que existe alguém em uma fase pior que a minha, me faz pelo menos levantar a cabeça e seguir em frente com a minha dor. Desde que tudo aconteceu, o meu alicerce é pensar nisso, saber que vou ficar bem, por que todos ficam, é a lei da vida. Fatalidades acontecem, mas o mundo não paralisa para que você possa se reconstruir e viver de onde parou. Mais uma dura realidade.

— O que eu estava querendo dizer é que os carros te deixam calada, Elizabeth. — Andrew fala, me tirando dos meus devaneios mórbidos. Olho em sua direção. Está com o cenho franzido. — Toda vez que entramos em um carro, sua boca simplesmente se cala.

Então era isso? Poxa vida, e eu aqui jogando trezentas mil pedras no cara. Não controlo minha vontade de rir, tapo minha boca, mas de nada adianta, a gargalhada vem de dentro. Como sou burra!

— Deus! Que inconstância você é, garota.

— Acho que estou aprendendo com o melhor, Drew.

Rimos e continuamos o nosso caminho que nunca chega. Pra onde, eu não sei.



Entramos em um condomínio fechado e paramos em frente à uma casa linda, pintada na cor creme, com o telhado colonial no fim de três andares, cada andar com uma vasta varanda. Paredes de vidro de cima a baixo, deixando a vista ainda mais linda. A casa é rodeada por uma cerca viva, cheia de flor de lis e rosas, fazendo uma mistura linda. A garagem fica à direita, cabe pelo menos uns cinco carros grandes.

Fico admirada e de queixo caído, isso não é uma casa, e sim uma mansão. Imaginava Andrew morando ainda naquele apartamento frio e austero, sem nenhum toque feminino, mas me deparo com uma entrada aconchegante, e espetacularmente linda de um "lar".

Esse homem me confunde ao extremo, não sei o que pensar e nem como agir. Uma hora é totalmente avesso a relacionamentos, e na outra me apresenta essa casa.

— Vamos? — Pela segunda vez no mesmo dia a mesma palavra, quantos significados ela tem para mim e quão singular ela é pra ele?

Pega minha mão, puxando-me em direção a si. Entramos na casa abraçados.

Nada poderia ser mais bonita do que a decoração de dentro. No canto da sala tem um sofá em forma de *L* enorme, uma mesa de canto de madeira gasta com o tampo de vidro, em cima alguns livros e controles. Em frente ao sofá um painel de parede do mesmo material que a mesinha, com uma televisão de sessenta polegadas. Ao fundo, do lado posterior ao sofá, vejo o quintal da casa pela imensa parede de vidro, com cortinas aos extremos, uma piscina grande, e um vasto jardim lindo, contendo vários tipos de rosas.

— Uau! — Consigo encontrar a minha voz. — É sua a casa?

— Hein?

— A casa, é sua? — Digo, ainda olhando em volta.

Andrew bufa do meu lado e eu o olho.

— Digamos que eu roubei a chave do dono e te trouxe simplesmente para lhe surpreender.

— Você definitivamente não morava aqui ou eu era louca.

— Louca você é até hoje. — Me dá um beijo no pescoço, abraçando-me por trás. — Mas não, eu não morava aqui.

Dou uma leve cotovelada em sua barriga.

— Ai! — Geme, apertando seus braços a minha volta. — Isso doeu, Liz.

— Quem te disse que foi para fazer carinho?

Viro-me de frente pra ele, e procuro em seu olhar algo que me faça fugir, correr para as colinas e me esconder debaixo de uma cova. Mas, não há absolutamente nada de assustador, o que me faz doer ainda mais por dentro. O que eu vou fazer depois de tudo?

— E por que você se mudou?

— Queria uma coisa diferente. — Desvia o olhar. — A minha vida de farra por morar sozinho, tinha acabado, eu queria um lar. E naquele apartamento me sentia vazio. Como se usasse aquilo apenas para... — Encontra o meu olhar novamente e suplica com seus olhos tão expressivos. — Podemos mudar de assunto?

Claro, podemos falar sobre o assunto que você quiser.

Na ponta dos pés eu olho por cima de seus ombros, vendo o entardecer. É lindo! O sol bate nos vidros e reflete na água, um lar, ele queria um lar. Qual o real significado disso?

— Liz?

Paro de pensar quando Andrew me chama, roçando seu nariz em meu pescoço, entrelaço minhas mãos em seu cabelo, olhando em seus olhos. Suas

mãos vão direto para minha cintura apertando-me.

— Hum...

— Será que vou ter que roubar mais um beijo?

Ele não precisou falar mais nada; o beijei com vontade, paixão e desejo, como se aquele fosse nosso último beijo e realmente, de certa forma, seria. Apesar de estar doendo por dentro, eu empurro meus pensamentos só por um momento para longe e mais uma vez me desfaço da razão, seguindo somente meu corpo e meu coração. Entrego-me ao mais puro desejo e necessidade que sinto de Andrew, nem que seja pela última vez.

Andrew desliza suas mãos necessitadas até minhas costas, colando-me ainda mais em seu corpo. Vai descendo-as até que chegue a minha bunda e com um impulso, deixa-me montada em seu colo.

Não paramos o beijo por nada nesse mundo, e sinto que de plena satisfação posso gozar só com esse movimento, meu sexo roçando em sua ereção. Anda em direção as escadas no canto esquerdo da sala e as sobe, não vejo para onde estou indo, e nem o que ele pretende fazer. Sinto-me bem em suas mãos como nunca senti, confio nele de olhos fechados e sei que se o manter ao alcance só do meu corpo, ele não me machucará. O que não aconteceu, ele está sob minha pele, e cada vez mais sua mão aperta meu coração, não intencionalmente, claro, mas mesmo assim, ainda dói.

Passamos por uma porta. Andrew enfim me coloca no chão e descola nossas bocas. Sinto que meu lábio está inchado e com certeza deve estar muito vermelho.

— Eu sonho com essa sua boca maravilhosa todo dia no meu pau.

Passa o dedo pelos meus lábios. Gemo pelo fogo que se expande entre as minhas pernas. Sinto-me solta, e com muito tesão.

Andrew tira as mãos dos meus lábios e apalpa meu corpo inteiro até chegar à bainha da minha camisa. Tento pensar direito em qual foi a lingerie

que coloquei mais cedo. É inútil, eu não consigo me concentrar. Puxa o pano pra cima e levanto meus braços.

Antes de Andrew pensar em fazer qualquer coisa, eu tiro meu short e o jogo longe. Ele me olha de cima a baixo, estou com um lingerie de renda rosa bebê, não é das mais excitantes, mas pelo menos não é aquela que você coloca em um dia de tédio total na cor de burro fugido.

Andrew lambe os lábios e continua me encarando com olhos famintos de luxúria. Sinto-me devassa, tiro sua camisa e passo minhas unhas por seu peitoral. Ele chupa o ar com força, fechando os olhos. Mordo seu queixo e o sinto roçar sua barba por fazer em mim. Passa os dedos no meu colo, olhando-os. Tira um bojo e passa o dedo pelo meu mamilo fazendo-o endurecer ao seu toque. Pega entre o indicador e o polegar rodando-o. Olha-me de um jeito safado, e me derreto toda. Fecho meus olhos, jogando a cabeça para trás, sinto o calor subindo pelo meu corpo, arrepiando-me.

— Seus seios são tão lindos. — Pega em meu queixo, puxando minha cabeça para baixo. — Olha, Liz, cabe certinho na minha mão, o formato perfeito. Parecem que foram feitos só para o meu toque.

Abaixa-se e suga um mamilo, enquanto sua mão ávida libera o outro e faz o mesmo processo, acaricia, apalpa, e depois sua língua lambe e chupa. Uma sensação deliciosamente prazerosa me atinge.

Da uma mordida inesperada, e eu arquejo, nesse ponto da minha excitação não sinto mais nada, além de prazer. Lambe e assopra o mamilo que foi um pouco machucado e olha em minha direção.

— Quero ver você gozar na minha boca.

Pega-me no colo, jogando-me na cama em seguida. Tira a calça, mostrando sua evidente ereção na cueca boxer preta. Desliza minha calcinha pelas minhas pernas, cheirando-as depois. Abre as minhas pernas, as mãos firmes em meus joelhos.

— Fiquei assim! — Ordena.

Se abaixa, os olhos lascivos lambendo todo o meu corpo. Não consigo desviar meus olhos, até que vejo somente sua cabelereira preta entre minhas pernas. Passa a língua de baixo a cima na minha boceta e geme.

— Manjar dos Deuses. — Pisca pra mim e concerta. — Do Deus Drew.

Sim, um Deus! Um maldito Deus extraterrestre do sexo, que me deixa louca e extremamente excitada.

— Isso mesmo, linda. — Ri e morde ao mesmo tempo o meu clitóris.

Pensei alto de novo.

Sua língua não para, criando um ritmo frenético, não sei bem como ele consegue, mas até meu interior se lambuza, me levando cada vez mais alto, mais alucinante e ainda mais viajante.

Uma mão vai de encontro ao meu mamilo, e começa a rodá-lo entre o polegar e o indicador, a outra vai em direção ao meu centro e brinca na minha entrada, enfiando logo dois dedos.

Perco-me totalmente na sensação e não escuto mais nada, o entardecer pra mim já não tem som nenhum, nem da água lá fora, dos cantos dos pássaros, nada. Absolutamente nada.

— Isso, vai Drew... Aaah! — Jogo minha cabeça pra trás, trancando meus dentes. — A... assim, isso siiim... Que delícia!

Fico impressionada comigo mesma, nunca, em hipótese alguma, eu articulava alguma palavra enquanto eu estava gozando, Drew tira todas as minhas amarras e inibições.

— Linda! — Seus olhos refletem o desejo que sente por mim. Caminha em minha direção e para a centímetros da minha boca. — Sua boceta tem um gosto e o formato mais lindo que já vi. Porra! Eu realmente amo pra caralho te chupar.

Beija-me com sofreguidão e entusiasmo, estou ofegante e extasiada, mas sinto sua ereção em meu centro me pressionando e o meu gosto em sua boca, me acendendo ainda mais depressa do que fosforo no fogão.

Tira sua cueca, montando em cima de mim. Lambe meus seios enquanto seu pau brinca em meu clitóris, me deixando ainda mais doida.

Sobe sua boca pelo meu pescoço e orelha, chega em minha boca ao mesmo tempo em que sua mão chega ao meu cabelo, o puxa para trás, fazendo-me beija-lo quase a força.

Drew desloca seus lábios dos meus e me beija toda, a boca, a mandíbula, pescoço e vai descendo, dando leves chupões e lambidas, encontrando o meu seio. Sinto todos os sintomas ainda mais fortes crescerem pé ante pé, e quando Drew dá uma mordida num outro mamilo perco-me na sensação novamente.

— Aii, meu Deus! Isso, Drew, vou gozar de novo... Que gostoso! — Estou prestes a cair em um orgasmo de virar os dedos dos pés.

— Não, querida, sou eu: o seu Deus... Goza pra mim, Liz, goza pro meu pau te sentir... Goza, minha delícia!

Sinto-me mole, uma espécie de gelatina ambulante. Meu orgasmo foi melhor do que eu pensei, deixando-me completamente acabada, estarecida. No entanto, parece que Andrew não se dá por satisfeito. Ele se inclina sobre mim, me beija e pega um pacotinho de preservativo estrategicamente colocado em cima do seu criado mudo. Coloca em sua extensão, em momento algum tirando seus olhos dos meus, olhos cerrados, pálpebras pesadas, respiração ofegante, exalando profundamente o seu tesão.

Com um golpe certo o coloca dentro de mim, mas não se mexe. Seus olhos vidrados nos meus mostram muito mais do que palavras, uma paixão esquecida, um tesão irrefutável, admiração e, saudades, como se o lugar dele fosse ali, e jamais quisesse sair.

— Quero que você olhe pra mim enquanto eu faço você gozar de

verdade. — Fala ofegante olhando-me no olho.

Começa a se mexer devagarzinho. Pensei que seria um sexo necessitado e selvagem, mas Andrew parece querer aproveitar cada nano segundo que tem dentro de mim, me fazendo gemer e o querer ainda mais.

Mexo minha pélvis para cima tentando aumentar a fricção e saciar mais um orgasmo iminente que vem crescendo dentro de mim.

— Porra! Para com isso. — Fecha os olhos apertados como se estivesse sentindo dor. — Eu não vou durar dois segundos.

Mexo-me ainda mais, apertando a minha boceta, conseguindo enfim que seu ritmo aumente. Beija-me e enfia sua cabeça na curva do meu pescoço.

— Isso que você quer, sua vadia? — Aumenta mais as estocadas, metendo com força. Se afasta em um rompante, as mãos nos meus braços me viram de bruços se enfiando novamente em mim. — Então toma. Toma o meu pau. Suga ele com essa sua boceta gostosa.

Enrolo o lençol em meus dedos, tentando me controlar. Fecho meus olhos, meu corpo se arrepiando. *Eu vou gozar!* Só ouço o som dos nossos gemidos e dos nossos corpos colidindo. Meu orgasmo vem crescendo de forma arrebatadora, digo seu nome incoerente, não sentindo nada mais, além dele, dentro de mim.

Afundo minha cabeça no travesseiro, apreciando a sensação de tê-lo para mim, em mim.

— Me aperta, assim... Caralho, que delícia! — O aperto ainda mais dentro de mim, suas estocadas mais fundas e com mais violência — Porra! Mulher, você é muito gostosa. — Primeiro ouço um estalo, logo mais a ardência na polpa da minha bunda, fazendo com que um arrepio quente subisse até minha nuca.

Tinha sido um tapa, que prazer indescritível!

Sinto seu pau pulsar dentro de mim, inchado e então expelindo seu sêmen dentro da camisinha, caio de um precipício sem fim, com Andrew segurando a minha mão, caindo junto comigo. O maior e o melhor orgasmo de todos, com Andrew junto. Será que ele sente a mesma coisa? Pois isso é o céu.

Ficamos em um silêncio por alguns minutos, mas Andrew quebra nosso contato saindo de mim rápido demais, me dando uma sensação de vazio. Vai até o banheiro e volta com uma toalha. Sinto-a quente e úmida, enquanto ele a esfrega levemente em mim. Jogando-a no canto depois de acabar.

Deita-se novamente ao meu lado, me surpreendendo ao me abraçar de conchinha, enterrando seu rosto no meu cabelo, me cheira.

— Você tem cheiro de sexo. — Inspira forte contra meus fios. — E eu fodidamente amo isso em você, uma santa na sociedade e a minha vadia na cama.

Andrew e seus palavreados me deixam em êxtase absoluto. Sinto-me grogue, satisfeita e completamente desfeita nos braços dele.

— Huuum... — Sorrio levemente.

— Vou levar isso como uma aprovação.

Ficamos em silêncio e eu quase pego no sono, Drew, porém, acha que já dormir, quando o ouço sussurrando em meu ouvido baixinho.

— Obrigada por estreiar minha cama comigo, minha pequena feiticeira!
— Beija a minha cabeça, e enterra novamente sua cabeça no travesseiro, inalando fundo.

Fico quieta, não sei por qual motivo eu não quero me mexer e denunciar que ouvi a sua pequena confissão. Fico com os olhos fechados, tentando, em vão, reprimir uma lágrima de sair. Será que o controle fugiu das minhas mãos novamente? Para falar a verdade, eu acho que nunca o tive. Não se tratando de Andrew.

Capítulo 21

Estava completamente perdida, não sei se tinha ouvido direito ou se dormi cerca de cinco minutos, deixando a minha imaginação falar mais alto.

Como assim Andrew nunca dormiu com ninguém na cama dele? Não dá para acreditar, mas o fato de que ele disse achando que eu estava dormindo pesa para o lado verdadeiro.

"...Eu queria um lar. E naquele apartamento me sentia vazio. Como se usasse aquilo apenas para..."

Agora pra mim faz todo o sentido, na verdade ele queria se livrar do apartamento frio e austero simplesmente por que o considerava um puteiro, ele fazia daquilo um antro de perdição. *Falei igual minha vó.* A quantidade de puta que rodava ali pra atender unicamente um cliente e além do mais, de graça, não se encontra em qualquer gibi.

Apesar de meu coração estar batendo descompassado, me sinto calma e relaxada, mesmo sem ele saber me deu uma prova de que pelo menos nossas duas noites não foram em vão e eu não sou como qualquer outra. Ao mesmo tempo isso me assustou.

Tenho que ir embora, meu conto de fadas acabou, preciso voltar para vida real custe o que custar, chore o tanto que eu chorar, o que eu quis eu tive, bola pra frente e cabeça erguida. Tento reprimir um soluço, mordo meus lábios até doer, para conseguir enfim segurar a barragem de lágrimas que quer transbordar, só em pensar em perder. Olha que ironia, como se perde o que nunca se teve?

Fico quieta por mais alguns minutos, há algum tempo eu senti a mão de

Andrew pesar sobre mim, sua respiração mais pesada na minha nuca me dando calafrios. Tento o máximo possível ser silenciosa, me viro devagar fazendo um enorme esforço para não tirar seu braço pesado de cima de mim. Quero vê-lo pela última vez, tão lindo, sereno, dormindo desse jeito. Com seu cabelo revoltado caindo para o lado, seu semblante calmo, seus cílios grandes e sobrelanceiras grossas.

O fato é que eu já tinha aceitado não ter nada de Andrew, a não ser seu desprezo, como na vez em que nos reencontramos na boate. Mas depois ele apareceu, possessivo, atencioso e comunicativo, sempre pronto para responder todas as minhas perguntas. Acabei me afogando num mar de recordações, de paixões não correspondidas.

Olho para o relógio e vejo que já passa das sete da noite. Viro-me procurando o banheiro, percebendo, só agora, o lindo quarto que Andrew tem; uma cama enorme ao qual estamos deitados, uma TV parecida com a da sala, um criado mudo com a foto da família, dele sozinho com um boné do Flamengo (*Flamengo? Poxa vida!*) e uma minha com a Nathalia, a mesma foto do escritório. Essa foto me persegue. Respiro fundo e tento acalmar o impulso de sair dali correndo com ela debaixo do braço, e me recomponho. Com certa dificuldade retiro os braços pesados de Andrew de cima de mim, e me sento na cama, acabando a minha avaliação para o quarto.

No canto ao fundo do quarto vejo um closet fechado, que pela primeira impressão, parece ser espetacularmente enorme, o piso é todo revestido de madeira e as paredes brancas, olho pra traz e perco o fôlego, estamos a mais ou menos três andares da piscina, e mais uma vez a parede é toda de vidro, completamente transparente. Meu Deus, como não prestei atenção nisso antes? Todas as outras casas podiam nos ver.

Balanço minha cabeça, suspirando. Quando que eu pensaria que estaria em sua cama, sete anos depois daquela noite?

Levanto-me e vou para o banheiro. Olho para o espelho e vejo como a mulher do reflexo é diferente da que eu conheço; meu aspecto pós-foda está originalmente evidente, os cabelos todos desganhados, minha boca vermelha

e inchada, as bochechas rosadas dando um aspecto de vida. Viver com prazer, e que prazer. Só de pensar reviro meus olhos lembrando do êxtase. O prazer certamente pode matar, eu penso.

Fico no banheiro o tempo suficiente para tomar uma ducha. A vontade que tive de sair dali e acordar Andrew para ele tomar um banho comigo foi descomunal, assim tranquei a porta pra vontade passar e por fim não ter interrupções, por mais que eu o queira mais que a comida que como, eu realmente não posso me dar ao luxo de persistir em uma fantasia.

Deixo a água levar tudo de ruim que está dentro do meu peito, e não vou negar, debaixo do chuveiro eu deixei cair um ou dois pingos de lágrimas, reprimidos soluços e poucas lamentações. Desligo o chuveiro e passo um hidratante corporal que encontro em cima da bancada.

Olhando no espelho agora, não parece que foi uma ou duas lágrimas, mas sim um rio Tietê inteiro e uma pequena sinfonia de soluços. Tento ao máximo me manter o mais apresentável possível, e saio do banheiro na ponta dos pés enrolada em uma toalha linda, felpuda, que estava em cima do aparador.

Olho pra cima e vejo Andrew me encarando com suas duas piscinas de águas azuis, lindas, meio deitado, o corpo apoiado no cotovelo, um sorriso sedutor e completamente nu. Uma visão maravilhosa!

— Pensei que tinha ido embora. — Franze a testa, formando um vinco lindo no meio.

Como?

— Então me fale, senhor Andrew Nunes? Como que eu poderia ir embora, se o senhor praticamente me sequestrou?

Procuro não olhar na direção dos seus olhos que estão cravados em mim. Vasculho o quarto atrás das minhas roupas, encontrando-as todas espalhadas e amarrotadas no chão.

Recolho minhas roupas e sigo na direção do banheiro, no meio do caminho sou puxada pelo braço. Suspiro olhando pra sua mão em mim, imediatamente meu corpo se ascende.

— Não me importaria de te sequestrar para o resto da minha vida, minha feiticeira.

Tem como uma calcinha não ficar molhada com essas palavras saindo da boca dele? Tem como um coração não bater completamente descompassado com esse tom de voz rouco? Tem como não se arrepender de larga-lo mais pra frente? Definitivamente não tem como, se eu tivesse a resposta para tais perguntas, eu já teria feito tudo. Mas eu simplesmente não consigo me afastar, não me entregar, não me *reapaixonar*.

Viro-me em torno de seus braços, beijando-o com urgência, determinação, saudade, paixão, amor. Tudo que está dentro de mim pedindo, implorando para ser liberado e até o momento estava reprimido. Andrew responde na mesma urgência, parece que nunca vamos ter o suficiente um do outro.



— Tenho que ir! — Digo me levantando da cama, e procurando mais uma vez as minhas roupas que foram espalhadas, por dois neandertais, com pressa em se comerem. Totalmente deprimente.

— Não, você não tem que ir. — Olho pra ele como se tivesse vendo uma melancia em sua cabeça. — Há sempre uma solução.

— Qual seria essa solução?

— Você e eu, passarmos a noite enterrados um no outro.

Minha vagina já está dando pulinhos e batendo palminhas, toda saltitante com a ideia totalmente avassaladora de Andrew.

— Você sabe que segunda-feira é dia de trabalho, né? E alguém precisa disso. — Aponto o dedo pra mim.

Andrew abre um sorriso tímido e vem em minha direção, impedindo mais uma vez de colocar a minha maldita blusa.

— Eu te levo amanhã.

— Roupas?

— A gente compra.

É simples assim.

Saio dos seus braços pensando no quanto ele é doido. As coisas não se resolvem desse jeito.

— Drew, tenho que ir embora. — Vasculho na minha mente alguma desculpa interessante para dar e principalmente convincente. — Meus pais estão me esperando. — Abro o maior sorriso de cara de pau do mundo, enquanto penso que acabei de passar por uma mera criança filhinha de papai. *Merda!*

Andrew bufa em irritação.

— Vou te levar. — Caminha em direção ao banheiro. — Só vou tomar uma chuveirada.



Exatamente há trinta e dois minutos depois, estou parada em frente à minha casa. Andrew tira as mãos de cima da minha coxa e desliga o carro. Encosta o cotovelo ao volante e fica me olhando.

— Aquela pergunta de mais cedo, você não respondeu.

— Que pergunta? —Franzo minha testa, estou completamente confusa.

Não é possível que meu transe é tanto que não tenha percebido alguma pergunta, deixei passar em branco.

— A do por que você fica calada toda vez que entra dentro do carro.

Primeiro: é que eu penso que nunca mais vou te ver. Segundo: é que eu acho que trezentas mil mulheres já tiveram com a bunda no mesmo lugar que eu. Terceiro e último, mas não menos importante: não ganho beijo e nem mais partes ousadas suas enquanto estamos em movimento.

Grito com ele em meu pensamento, olhando para minhas mãos. Levanto a cabeça e sustento seu olhar.

— É que as vezes me sinto meio enjoada, então nem prefiro ficar muito de conversa.

Sua testa franze e ele parece não acreditar no que eu digo, mas fica calado. Tenho uma imensa vontade de sair daqui e correr para bem longe, acabar com tudo que está me sufocando. Ao contrário de tudo que preciso fazer, sinto meus olhos arderem e o contemplo mais uma vez. Suspiro e deixo minha cabeça cair no encosto do banco. Minhas lágrimas tentam romper mais uma vez as barreiras e eu mordo meu lábio inferior para que elas não caem na frente dele. Meu coração está estilhaçado, e ele parece compartilhar do mesmo sentimento.

— De tudo que você me disse, essa foi a sua pior mentira. Você precisa me dizer alguma coisa, não precisa?

Olho pra baixo e mexo na parte de CD à minha frente, vejo uma coletânea imensa de Cd's e DVD's nacionais e internacionais, mais variados impossíveis. Me distraio passando a mão por "Paralamas do Sucesso", "Titãs", "Renato Russo" e entre outros.

Andrew pega meu queixo e me vira em sua direção.

— Ei, meus olhos não soltam raio laser quando você os encara.

Paira seu lábio sobre os meus, posso sentir o cheiro mentolado do enxaguante bucal que vem de sua boca. Instintivamente eu abro a minha para receber a última cota dele. Sua língua entra com um vai e vem explorando mais uma vez tudo que pode, num beijo carinhoso e marcador, pra eu nunca, jamais, esquecer.

— Seus poderes de super homem vieram errado. A sua boca que queima. — Digo quando ele se afasta, colando nossas testas.

— Espero que no sentido bom. — Ri de forma juvenil, e despreocupada.

Sou contagiada por seu sorriso, mas logo minha tristeza retorna e eu sei que agora vai ser pra sempre.

— Até demais! — Sorrio levemente, tomando coragem. — Você já pensou em filhos, Drew?

Andrew me olha desconfiado, até um pouco assustado.

— Já sim, mas eu quero a pessoa certa pra isso. — Aperta minhas mãos. — Meio foda quando acontece alguma coisa e você não pode fazer mais parte da vida do seu filho como fazia antes.

Começo a me animar um pouco.

— Verdade! Ter filho é uma responsabilidade e tanto... sem contar nas mulheres que os criam sozinhos, quando os pais vão embora.

— Esses são uns canalhas. Eu nunca procurei me relacionar com mãe solteira, por que eu morro de raiva dos filhos da puta que a deixam sozinhas.

Me afundo na minha própria lamúria.

— Nem sempre é assim... você pode amar essa criança, como sua.

Andrew me olha confuso.

— Será? — Encolhe os ombros. — Sempre achei essas mulheres inalcançáveis. Seus filhos precisam dela muito mais do que eu.

Então eu tenho a resposta que eu sequer me fiz: Andrew não está pronto para a vida que eu preciso que ele siga, se ficar comigo. Não somos compatíveis.

— Mas, por que essas suas perguntas esquisitas?

— Vi uma reportagem hoje mais cedo, falando desse assunto, queria ver o pensamento de um homem solteiro, sobre o assunto.

— Nós usamos camisinha, Liz. Você não vai engravidar. — Sorri, achando graça.

Suspiro, querendo que aquilo fosse fácil. Eu não engravidei e tenho uma filha. E acima de tudo, ela.

— Verdade, você está coberto de razão. — Dou um pequeno beijo em seus lábios, meu coração partindo em dois pedaços.

— Bom, então é hora de dizer tchau. — Passo as mãos em meus cabelos os colocando atrás da orelha.

Andrew me abraça apertado e tira meus cabelos que estão revoltos em meu rosto.

— Diga que eu vou te ver de novo.

Bem, mentir eu não vou.

— Não sei. — Quase sussurro. Abaixo a minha cabeça em seu ombro.

— Como assim, não sabe? — Sinto sua respiração ficando ofegante, e suas mãos suarem contra as minhas costas.

Nesse momento no som do carro irradia o refrão de uma música que chega a doer a minha alma. *Take a Bow - Madonna*.

*Eu sempre fui apaixonada por você
Eu acho que você sempre soube que é verdade
Você não deu valor ao meu amor
Por quê, oh por quê?
O show acabou, diga adeus
Diga adeus!*

— Essa música quer dizer muita coisa. — Sorrio.

— Eu acho que não, Liz...

Não tenho resposta, não posso fazer mais nada se não o beijar com vontade, com tesão e sem qualquer pudor. Passo a mãos e apalpo todos os lugares do seu corpo, chego em sua ereção dura feito pedra. Gemo em sua boca em apreciação, enfiando minha mão dentro de seu short. O acarício um pouco e rapidamente paro.

Sua respiração agora se encontra ainda mais ofegante. Passa a língua nos lábios secos, me olhando com um falso espanto.

— Vou levar isso como um sim.

Sorri lindamente, e meu coração tem uma queda livre. Não menti, mas também não fui sincera o bastante para dizer que nunca mais.

Com uma rápida despedida, saio do carro com lágrimas ardendo a minha visão. Pego as minhas chaves dentro do short, e abro o portão. Praticamente corro para o lugar que mais me parece seguro no momento, minha casa, sem olhar pra trás. Mas, meu coração fica, como sempre ficou desde quando saí correndo de sua casa há sete anos.



Capítulo 22

A casa da gente sempre traz o conforto e aconchego que a gente precisa, não é? Mero engano. Assim que eu fechei o portão meu coração veio na boca, não pude segurar as lágrimas que estavam contidas. Dessa vez a minha casa não me trouxe aconchego nenhum, só trouxe dor, uma dor que não se compara a nada, não foi maior que a minha perda, mas chega perto.

Como eu posso ser completamente louca com esse homem assim?

Escuto os pneus cantando lá fora e só agora me dou conta de que estava parada encostada no portão e que Drew não tinha ido embora, ainda.

Seco meus olhos e caminho em direção à porta de casa. Estou fracassada, como se estivesse doente.

Meu estômago escolhe esse horário para dar sinal de vida, e que sinal ele deu, pareceu um elefante no zoológico. Sair para comer e acabei sendo comida, seria cômico se não fosse completamente trágico.

Bem, já que o coração não está nada bem, vou melhorar um pouco o estômago, afogar as mágoas na comida e certamente, virar uma baleia. Solto um soluço reprimido e acabo desabando mais algumas lágrimas.

Entro em casa, está completamente um breu, sinto cheiro de pão de queijo e vou direto para cozinha. Dentro do forno tem uma travessa, a pego e coloco em cima da mesa, pego meu iogurte e espremo um limão, quando vou sentar para comer a luz é acesa e vejo minha mãe na porta, encostada no batente, os braços cruzados.

Paro com o pão de queijo no ar e abaixo a cabeça para que ela não

possa ver os resquícios de lágrimas que ainda sobraram.

— Oi, mãe!

— Oi, Elizabeth! — Fala seca.

Minha mãe é do tipo de pessoa que quando tá com raiva, precisamos puxar o assunto dela, não que isso seja ruim, pelo menos ela não fica buzinando no nosso ouvido, mas em casos como esse, não tenho muita paciência para ficar tirando as palavras dela, então deixo por estar e acabo comendo o meu pão de queijo.

— Quer dizer que ao invés de comer, você foi comida? — Fala irônica.

Sinto um peso na minha cabeça, meu rosto parece um vulcão, meus olhos ficam esbugalhados e eu não consigo levantar o meu maldito olhar para minha mãe. *Droga! Mil vezes, droga!* Como ela sabe de uma porcaria dessas?

— Perdão? — O pão de queijo desce inteiro, rasgando minha garganta.

— Essa sua péssima mania de falar sozinha, acaba te denunciando.

Meu Deus! Eu juro, vou marcar um psicólogo, isso é malditamente horrível, tenho que parar já com essa mania. Mas, espera aí, onde ela estava?

— Espera, mãe, você estava me bisbilhotando? — Ergo meu olhar pra ela, e analiso de fato a minha trágica situação.

Vejo nela não um olhar reprovador, mas apreensivo, machucado, fico assustada, definitivamente não estava esperando um olhar assim, poderia lidar mil vezes com acusações, menos com pena.

Dona Roseli descruza os braços e segue em minha direção. Apoia as mãos na mesa e me encara.

— Eu tenho duas filhas fora de casa, você deve muito bem saber que uma mãe se preocupa com sua filha. — Sussurra perto do meu nariz. — Estava na varanda esperando vocês chegarem, vi um carro estacionando do

lado de fora e logo depois, vi as suas conversas com você mesma.

Tira os braços da mesa e se encosta ainda olhando pra mim, esperando por uma resposta, não sei. Minha única reação é piscar, suspiro por irritação de estar fazendo isso com uma pessoa tão próxima a mim que eu só quero bem.

Às vezes você se isola e toma certas atitudes para não machucar outras pessoas, mas se ferra por estar fazendo exatamente o contrário, minha mãe sofre por duas, pela própria dor dela e pela minha.

— Elizabeth, você precisa sair dessa bolha. Dizer que está bem e afundar a cara no serviço, enquanto se autodestrói por tudo que deu errado na sua vida, não adianta nada. — Diz exasperada, quando eu nada falo.

Dá errado? Ela sabe do que está falando? A morte de uma família inteira não pode ser nunca considerada uma “coisa errada”. Uma tragédia.

— Sair da minha bolha? Isso não é uma maldita bolha, mãe. O que você quer que eu faça? Me impressiona você, era seu irmão, cunhada e sobrinhos dentro daquele carro. — Respondo indignada.

Dessa vez ela que está puxando as palavras da minha boca, e a cada nova que sai, sinto que estou caminhando para uma briga. Sinto, também, que ela está tentando apertar alguns botões meus.

— Sim, e lamento muito por todos. Mas a nossa vida continua, e não podemos nunca a parar. Nenhum deles iriam querer que isso acontecesse. — Minha mãe seca uma lágrima de seus olhos. — Você assumiu a responsabilidade de Sofia, acha que Luíza iria querer que a mãe que ela escolheu para sua filha, se destruísse?

Lágrimas rolam pelo meu rosto sem parar, saudade e amor batalham dentro do meu peito para ver quem tem mais força para vencer e doer mais. *“Não, Luíza, não está sendo fácil. Você prometeu que iria me ajudar, droga! Cadê você que agora não posso te ver?”*

Olho para cima e pisco diversas vezes para conter as minhas lágrimas, fico assim encarando o teto até que as gotas sequem.

— Isso é por que eu te pedi pra ficar com Sofia? No telefone você me pareceu tão disposta, eu não achei que...

— Cala a boca, Elizabeth! — Aponta o dedo. — Isso não é por ficar com Sofia. Ela é sua filha, tanto quanto eu sou a sua avó. No entanto, o que você fez hoje. Você...

Por que ela tem que torturar? Que dom horrível de não saber brigar. Chega jogando tudo na cara de uma vez, é bem mais fácil e menos doloroso.

A encaro esperando a sua pergunta, que não vem.

— Fala de uma vez mãe, qual é a pergunta do seu real interesse?

Minha mãe respira fundo, olhando-me, segura a beirada da mesa.

— Você conhecia ele?

Quanto em baixa eu estou no conceito da minha mãe? Não consigo acreditar nisso. Ao que ela me comparou agora?

— Você não acha que está passando um pouco dos limites, mãe? Pelo que me resta da minha memória, nunca dei motivos pra isso.

Suas sobrancelhas se levantam e demora uma eternidade para ela responder, ouço as engrenagens da sua cabeça trabalhando e prevejo uma resposta que não vai me deixar muito feliz.

— Você mudou muito depois de tudo que aconteceu, eu definitivamente não te conheço mais, minha filha. — Sua voz é calma, mas a tensão continua presente. — Você se fechou para o mundo. — Suspira.

Sabe quando você leva um tapa na cara e um soco no estômago? Eu também não sei, mas pelo que falam parece ser muito doído, igual ao que acabei de sentir com as palavras da minha mãe. Palavras é como uma flecha

lançada, ela não volta.

Meus olhos embaçam e uma dor dilacerante sobe em minha cabeça. Levanto da cadeira, ficando de frente pra ela.

— A senhora vai ter a resposta que tanto quer. — Resolvo ignorar a surra de palavras que acabei de tomar. — Ele se chama Andrew, é irmão da Nathalia, o reencontrei no ano novo e a gente saiu. Fim da história.

Passo a língua nos lábios e espero mais uma vez por uma resposta.

— Parece que esse fim não foi tão bom pra você, afinal.

Eu poderia muito bem fingir aqui e mostrar meu pseudo desinteresse, mas resolvo jogar sincero.

— Não, mãe, foi extremamente difícil. Mas não quero me envolver.

Nossas posturas são de duas pessoas se enfrentando, nunca tive uma cena dessas com minha mãe, e isso está me dilacerando por dentro.

— Não pareceu isso quando você entrou no portão de casa.

— Pare de falar com meias palavras, mãe. — Digo fungando e secando as lágrimas que não param de descer, nem por um maldito segundo. — Eu só estava me divertindo, está bom?

Uma risada debochada escapa de seus lábios, sua cabeça cai pra trás com sua gargalhada e não posso conter a minha raiva.

— O que é tão engraçado?

— Você e seu conceito de diversão. Sinceramente te achava mais madura, Liza.

— E o que seria meu conceito de diversão, mãe?

As palavras saem da minha boca respingando rancor e ressentimento,

não pela minha mãe, mas pela atitude que estou vendo-a tomar refletindo o meu mal comportamento.

— Sair dando para o primeiro que passar, não vai te fazer feliz, só usada e perdida. Vai te fazer ficar como está agora, vazia e oca por dentro. — Fala um pouco mais alto e eu me assusto com suas palavras, nunca em um milhão de anos esperaria essa sua atitude.

Afasto-me um passo, a mão no peito. Doía tanto que eu quase olhei para baixo a fim de ser se pingava sangue. Quase.

— Mãe!!

Ouçó a voz da Giovana. Olho por cima do ombro da minha mãe para a enxergar com a cara de quem viu um fantasma, encarando as costas de mamãe.

— Eu não posso acreditar no que acabou de falar.

Minha mãe parece se dar conta do que acabou de sair da sua boca e olha pra mim esperando uma resposta. Não consigo dar nenhuma a ela, mas tenho que sair daqui nesse momento.

— Deixa, Giovana, ela não está de todo errada. — Falo — *Dar* para qualquer um não vai me fazer feliz, e muito menos preencher o vazio que está em meu coração. E por mais que eu sinta tudo que a senhora falou, eu não dei pra qualquer um. Andrew nunca foi qualquer um.

Olho para as duas que estão embasbacadas. Não sinto mais fome e nem sede, mas forço o iogurte a descer por minha garganta, queima tudo. Fecho os olhos para saborear uma dor que não vem do meu coração. De nada adianta.

Sigo guardando tudo em seu devido lugar e espero a aflição e a tremedeira em que entrei, acalmar um pouco. Meu coração está a mil e, não sei mais o que faço.

No momento em que pego a mamadeira da Sofia, a babá eletrônica em

cima do balcão emite um som agudo do seu choro. Ótima hora para eu dar o fora.

— Estou subindo. — Limpo meus olhos que já estão inchados pela lagrima, e fungo. — Boa noite!

Ando em direção à porta e quando passo por mamãe ela segura o meu braço.

— Ache a sua felicidade dentro de você, Elizabeth! — Olhando em meus olhos, fala como se estivesse realmente muito preocupada com as minhas recentes atitudes. — Não pelas atitudes e decisões erradas, tudo na vida tem consequência.

E eu não sei disso? Que droga! Eu sei que a merda de consequência vai bater assim que eu sentir a falta imensa de Andrew, assim que as noites se tornarem longas, e nem Luíza pra conversar, eu vou ter, eu sei que isso vai acontecer quando eu estiver sozinha daqui há tantos anos, sem um amor, sem o meu amor, pensando no que poderia ter dado esses dois encontros se minha vida não tivesse tão de ponta a cabeça.

— Tá certo, mãe. — Concordo, por que eu sei que ela não fez nada por mal, foi apenas uma atitude desesperada de preocupação. — Só arranje melhor suas palavras da próxima vez.

A babá eletrônica novamente vibra em cima do balcão. Corro e a pego. Passo por Giovana e lhe dou um beijo na testa. Mais lágrimas descem pelo meu rosto, e vejo que elas não estão sozinhas.

— Obrigada! — Sussurro baixinho, só pra ela ouvir.

Posso ouvir os cacos que meu coração se transformou retumbando dentro de mim, no vazio oco que ficou, ao subir as escadas. Chego no quarto de Sofia e a encontro se contorcendo dentro do bercinho, seu rostinho todo coberto por lágrimas, e vermelho.

— O que foi meu amorzinho, a mamãe tá aqui. — A pego no colo,

secando suas lágrimas.

É instantâneo, seu choro cessa e aqueles olhinhos da cor de avelã me olham semicerrados, cobertos de sono. Pego sua chupeta dentro do berço, e seu travesseiro anti-refluxo, caminhando em direção ao meu quarto. Sinto-me sozinha hoje e com Sofia me sinto melhor, acompanhada. Como se ela fosse ficar comigo a vida inteira.

Deito na cama com ela ao meu lado e protejo as suas costinhas com o travesseiro, dou a ela a mamadeira e mais que depressa ela a suga com força e seus olhinhos fecham.

Fico ali no escuro e no silêncio do meu quarto, ouvindo os barulhos do meu coração, e alisando o rostinho da Sossô. Em meio a todo desastre, sua vida foi o melhor milagre que poderia existir. Não sei se eu teria resistido sem ela.

Fecho meus olhos e lembro do dia em que recebi a notícia de que Luíza tinha entrado em trabalho de parto prematuro.

Meu rosto parece um panda, de tantas olheiras. Fiquei nesse hospital ontem até as duas da manhã, só fui embora quando meu pai praticamente me arrastou daqui. Entro pelas portas e praticamente todos os olhares se voltam em minha direção, vejo Marco ao fundo caminhando para meu lado.

— *Liza, tenho que te contar uma coisa, Flor. — Sua voz é embargada e falha.*

Eu já sabia que era Luíza. Desde o dia em que ela internou no hospital eu tenho andado apreensiva e assustada. A todo momento fico esperando por uma notícia ruim que vai chegar, mas rezo pra ela nunca vir.

— *O que aconteceu com ela, Marco?*

Meu chefe fecha a expressão, engolindo em seco.

— *Vamos, Liza, eu vou te levar.*

O sigo até a ala de emergência obstétrica, que fica no 5º andar. Paro em frente ao quarto da Luíza, e vejo seu corpo se enrolando todo de dor. Mesmo com o acidente fatal que matou meus tios e Diego, ela sofreu algumas contusões, quebrou uma perna e um braço e sua bolsa rompeu. Pelo estado em que o carro ficou, não é nada perto da fatalidade dos outros três passageiros.

Entro no quarto e já noto o que está acontecendo, suas contrações chegaram e o remédio não mais faz efeito para segurar Sofia lá dentro.

— Marco, ela só tem 33 semanas.

Falo para ele, aflito ao meu lado. Encosto minha cabeça em seu ombro e choro descontroladamente.

— Liza a gente já sabia que isso poderia acontecer, todas as providências foram tomadas para que Sofia sobreviva sem nenhuma sequela pelo parto prematuro.

— E a Luísa? — Pergunto mais uma vez com medo da resposta, o fato dele nem ter tocado no nome dela me assustou. Porra! Ele não está me dando garantia nenhuma.

— Ela está com uma infecção generalizada causada pelo rompimento prematuro da bolsa, não há muito o que podemos fazer. Luíza não responde aos medicamentos, Liza.

Perco meu chão, não sinto meus pulmões com ar, minha visão embaça e perco completamente o sentido.

— Ela está te chamando, minha flor

Eu não queria saber que aquela seria a última vez que eu a veria de olhos abertos. Mas, eu sabia. E doeu mais que eu achei que faria...

Capítulo 23

Escuto um choro agudo, diferente de meu próprio choro esse vem de forma infantil, indefeso. Tento localizar Sofia e não a acho, ao meu lado vejo uma pessoa, é Luíza, mas ao seu redor eu só vejo sangue. "Ajude-me, Liza, não a deixe!" Tento de todo jeito pegar a mão de Luíza e trazê-la mais para perto, no entanto, cada vez parece que ela fica mais distante. "Não Luíza, me ajuda!"

Acordo sobressaltada e ofegante, mais um pesadelo com Luíza. Olho para o lado e me dou conta de que Sofia está aos berros e de braços, constato que foi o seu chorinho que ouvi em meu sonho e consigo me acalmar um pouco. A pego, aninhando em meu colo e dou a sua chupeta.

Tento parar de pensar no sonho para conseguir raciocinar, por mais que minha mente ache que isso foi simplesmente um pesadelo pela minha discussão ontem com minha mãe, meu coração sussurra que é um aviso de Luíza, um aperto no coração se instala provocando uma angústia que vai demorar até demais para passar.

Será que estou falhando tanto assim como mãe?

Pego Sofia no colo e sigo para o banheiro, nesse momento ela já parou de chorar e já está fazendo algumas gracinhas. Que humor bipolar! Franzo a testa e a olho, notando algumas semelhanças com Diego, principalmente o seu bom humor pela manhã. Acho que minha careta foi muito engraçada, a bichinha gargalha só de olhar pra mim.

— Que foi? Tá rindo da mamãe, é? — Digo manso, infantil.

Faço cosquinhas em sua barriguinha e ela se contorce toda em minhas

mãos. Ligo a torneira da banheira e deixo-a encher. Coloco Sofia em cima do trocador e tiro também a minha roupa, dou uma conferida no relógio e vejo que ainda tenho alguns minutinhos para fazer uma horinha.

— Vamos tomar um banho, princesa?

Me dou conta que sofro por não poder ficar com Andrew, mas me arrependo nunca, e como posso? Muitas vezes temos que fazer sacrifícios por quem amamos, e escolher Sofia nesse momento da minha vida é o mais dolorido e gratificante sacrifício que eu posso fazer.



Meia hora depois entramos na cozinha e coloco Sofia em sua cadeirinha habitual e seus controles, em cima do balcão já está sua mamadeira pronta e levemente aquecida, coloco em suas mãozinhas, ela já suga parecendo que o mundo está acabando.

— Bom dia, mãe! Obrigada! — Digo baixo, virando-me para ela.

Minha mãe ainda não está cem por cento comigo, prova disso é ela nem responder e simplesmente aquiescer com a cabeça em minha direção. Continua cortando frutas e mais coisas que não sei o que é.

— Bom dia, Gio! Bom dia, pai!

Dou um beijo em cada um, meu pai me olha desconfiado, provavelmente pela minha expressão, com expectativa para saber se estou bem. Não quero conversar e por isso tomo meu café de cabeça abaixada, sem olhar em direção a ninguém.

Meu pai resolve quebrar o clima dando o fora.

— Giovana, vamos? Já estou pronto! — Se levanta da cadeira e olha pra mim. — Você vai com a gente hoje, Elizabeth?

— Vou sim, pai, também já vou. — Levanto da cadeira e acabo de tomar o leite que coloquei no copo.

— Elizabeth, você não comeu nada de café da manhã. — Fala mamãe, com uma voz levemente preocupada, seu cenho franzido.

Minha mãe é um amor, e pela saúde, segurança dos filhos, ela faz qualquer coisa, até se preocupar comigo, mesmo com raiva de mim.

— Estou sem fome, mãe. Vou comer algo no hospital.

Seu silêncio retorna, sinto meu peito se afundar na lama.

Já no carro pego meu telefone dentro da bolsa, do qual ele não saiu no domingo. Constato que tem três mensagens e quinze ligações de Andrew; as mensagens são de ontem a noite depois que Drew me deixou em casa, e as ligações se alternam de antes e depois.

Quero ignorar as mensagens, mas simplesmente não consigo, a curiosidade fala mais alto e quando vejo, mais uma lágrima desce pelo meu rosto, borrando a minha maquiagem.

Andrew: *"O que você está fazendo comigo, Liz? Por que eu nunca tenho o bastante de você?"*

O que eu estou fazendo com você, Andrew? Sinceramente, o que você fez com meu coração, há sete anos? Por que me arruinou pra qualquer tipo de homem?

Fungo e olho para frente. Giovana me olha, o semblante triste, na certeza pescando o que está acontecendo. Papai olha pelo retrovisor e rapidamente desvia o olhar. Abro a segunda e mais uma lágrima cai em cima da tela do telefone.

Andrew: *"Minha cama ainda tem o seu cheiro, é doença eu não querer trocar os lençóis para sentir sua presença aqui?"*

Bem, pelo menos ele teve o meu cheiro para reconfortá-lo à noite. Eu não tive nada a não ser o cheirinho de bebê de Sofia. Por que tem hora que ele é tão romântico, ambos sabemos que isso não passou de sexo, não é mesmo? Pelo menos pra ele sim, e pra mim, bem... Ele não precisa ficar sabendo que eu tinha sentimentos. Abro a terceira com o coração na mão, e não posso deixar de abrir um sorriso. Andrew vai ser sempre o Andrew.

Andrew: *"Não sei se você sabe, mas essa sua essência de difícil, me deixa de pau duro, com um baita tesão. Mas preciso de você para aliviar. Não me ignora, não."*

Definitivamente não dá pra imaginar Andrew fazendo biquinho, mas foi o que vi em minha mente assim que li a terceira mensagem. Só ele começa uma mensagem de forma totalmente erótica e a termina todo meloso.

Resolvo ignorar todas e não responder. Segunda sempre é um péssimo dia para qualquer um, mesmo sem nenhum motivo; ignorar Andrew só deu ao meu mau humor um ótimo ingrediente.

Olho para a rua e vejo o trânsito que se formou, a cidade fica repleta de barulhos, buzinas, carros freando, e gente brigando. Todo mundo tão impaciente, cada um com seus problemas e soluções, me reconforta saber que não estou sozinha no mundo das tristezas.

No som do meu pai começa uma música de *Ana Carolina*. Eu e minhas músicas definindo meus momentos exatos. *Ótimo!*

Olho a cidade ao redor

E nada me interessa

Eu finjo ter calma

A solidão me apressa

Tantos caminhos sem fim

De onde você não vem

Meu coração na curva

Batendo a mais de cem

Eu vou sair nessas horas de confusão

Gritando seu nome entre os carros que vêm e vão

Quem sabe então assim

Você repara em mim

Bufo em irritação, já estou cansada de sempre me sentir pra baixo, cada hora acontece alguma coisa, a cada nova surpresa agradável vem uma desagradável. Quero lutar minhas próprias batalhas, vencer meus medos e ser dona dos meus sentimentos, mas eu simplesmente não consigo, não consigo controla-los.

Respiro fundo, percebendo que já cheguei ao hospital.

— Tchau, Gio, pai! — Falo saindo do carro.

Assim que fecho a porta Giovana está na minha frente.

— Eu e papai vamos ficar aqui perto hoje o dia todo, vou almoçar com você tá?

— Não sei, Giovana, daqui a pouco as aulas estão voltando e não quero deixar nada atrasado. — Falo de cabeça baixa, olhando para a pasta em minhas mãos. Não consigo mentir olhando em seus olhos, não quero ter que explicar que quero ficar sozinha, eu, minhas lamentações, e os cacos do meu coração. Já basta eu ficar escutando isso, não quero ninguém com pena, principalmente a minha irmã.

— O que o Andrew fez? — Pergunta amistosa, um tanto melancólica.

— Nada, Gio, sou eu mesmo.

Tentando evitar seu olhar, reparo minhas unhas, pensando em quando

estava feliz só da possibilidade de dormir com Andrew. Tempos bons! *Ah, se eu soubesse a avalanche que viria depois.*

— Anda, Giovana, não quero atrasar. — Grita meu pai.

— Já vou, pai. — Dando um passo para trás, abre a porta e depois me olha com um sorriso travesso. — Não aceito não como resposta, Liza, vou estar aqui na porta uma hora da tarde.

Entra dentro do carro sem me dar nenhuma alternativa, a não ser aceitar. Bom, talvez, só talvez, seja bom colocar isso pra fora.

A manhã passa como uma lesma, toda hora olho no relógio e não passou nem um minuto desde a última vez que olhei, quando o meu corpo acha que já estou há séculos com a bunda na cadeira.

Olho no relógio mais uma vez e vejo que é apenas meio dia, não consigo me concentrar em nada. Uma planilha que eu demoraria questão de duas horas no máximo para fazer, estou com ela aberta há três horas e simplesmente não sai nada. Parece que ela me olha e diz que se eu fizer qualquer movimento, vou ser abduzida.

Pego meu celular pela *trilhonésima* vez e não vejo nenhum sinal de Andrew, ódio sobe meu corpo inteiro e tenho certeza que agora até meu pescoço está todo vermelho. Como eu fui burra, é claro que ele queria só me usar e depois jogar fora.

Mas o que eu estou pensando? Eu o usei não é mesmo? Nada mais justo que ele também fazer a mesma coisa. Jogo meu celular pro lado.

O telefone da minha mesa toca, minha cabeça lateja com o som ensurdecido que esse aparelho emite. *Eu tenho que trocar essa bosta.*

— Oi, Ester!

— Liza, você está bem? — Sua voz é preocupada.

Sou tão transparente assim?

— Estou sim, Estela, pode falar.

— A enfermeira Katia deixou aqui uma guia de troca de plantão para o mês de janeiro.

O que essas enfermeiras têm na cabeça? Elas não entendem que tem que ser um prazo de um mês para qualquer troca?

— Quais são os motivos, Ester? — Massageio as minhas têmporas, prevendo uma certa dor de cabeça.

— O parto da filha foi marcado para um dia antes das férias dela, e ela quer acompanhar.

Verdade, a Katia já tinha me dito que iria tirar férias para ficar com a filha e o bebê, uma menina de quinze anos de idade. Praticamente um bebê segurando o outro. Merda de coração mole! *Quebra a cabeça para fazer mais uma vez a planilha, Elizabeth.*

— Traz a guia aqui para mim, Ester?

— A caminho.

Desligo o telefone e apoio a cabeça nas mãos pensando em tudo à minha volta; minha briga com mamãe, a preocupação do papai, Giovana dando uma de cupido, a indiferença de Andrew, ausência de Junior e Luíza. E, Gui...

Sou uma tola, a quem estou tentando enganar? Eu estou o ignorando, e não ele. Levando em conta as três mensagens que ele me mandou ontem. Porém, colocar a culpa das suas decisões nos outros é mais fácil do que admitir e abrir concordata. Isso mesmo, meus sentimentos falindo.

Ester traz a guia e nem olha em minha direção direito, abaixa a cabeça e diz que vai almoçar. Tenho que me lembrar de perguntar como foi o jantar

com o Dr. Esquisito.

Meu telefone da mesa toca. Estranho, Ester foi almoçar.

— Você não iria almoçar, Ester?

— Meu almoço é daqui a uns quarenta minutinhos, e não sou a Ester.

Não acredito. *Ai, meu Deus!* Meu coração começa a bater mais rápido, a saudade se mistura com amor fraternal dentro do meu peito.

— Não, você não é a Ester. Junior?

Sua risada preenche meus ouvidos, como música. Não falo com ele parece que há tempos

— Como vai, pequena? Mandona como sempre?

Reviro meus olhos. Sêrio que ele só ligou para cutucar?

— Já fez inscrição na “*Praça é nossa?*” — Não consigo segurar a risada, com Junior tudo fica muito menos pesado. — Estou bem, e você quando volta?

— No carnaval. Papai te disse?

— Disse, mas ainda tinha esperança que fosse antes. — Minha voz sai triste.

— O que você tem, Liza?

Todo mundo vai ficar com essa mania agora de perguntar o que eu tenho? Está ficando chato isso.

— Nada, estou realmente bem.

Tento falar alegre, mas minha voz sai embargada, reprimo um soluço.

— Liza, a mãe me ligou. — Diz cauteloso, embaraçado.

Ham? Como ela pôde? Não posso acreditar que mamãe fez isso. O que ela tem na cabeça? Meu Deus!

— Ah é? Normal, né Junior. Tem um mês que você está fora.

Tento a indiferença e rezo para dar certo, de todas as pessoas que quero conversar sobre Andrew, Junior é a última.

— Elizabeth, para de se esquivar. Você sabe muito bem o que quero dizer.

Pelo que já deu para notar, minha sorte está pra lá de virada.

— Sei muito bem, mas isso não quer dizer que eu queira falar do assunto. Não sei o que vocês estão pensando, mas eu estou bem, tá legal? Não a nada de errado em querer se divertir, sair e conhecer pessoas novas. É surreal vocês ficarem me enchendo, dizendo como eu tenho que sofrer. Cada um com a suas particularidades, eu não quero deixar passar agora.

Não aguento mais essa pressão. Todo mundo sempre espera o melhor de mim, quando tropeço ou faço uma escolha errada sou a primeira a ser julgada. *Chega!*

— Você não precisa vir com mil pedras na mão. — Escuto um barulho e sua respiração na linha fica mais forte. — Só quero que você saiba que esse caminho pode não ter volta. Seu coração cheio de mágoa vai te corroer toda por dentro.

— Isso James, isso mesmo. Fala igual à mamãe, só faltou o "*Você está dando para o primeiro que passa*". Olha, eu sei o que estou fazendo, e conheço a pessoa pelo qual eu saí. Não tem nada demais nisso. — Bufo indignada pelo que está acontecendo comigo. — Isso não quer dizer que eu vou virar uma puta, ou qualquer vagabunda, Junior. Eu-só-querer-ser-feliz. — Falo pausadamente tentando controlar minha raiva.

— Mamãe falou isso? — Pergunta, surpreso.

— É, disse sim.

— Merda! — Pragueja, baixo. A linha fica muda por um momento, engulo seco a mágoa. — Pequena, — volta a falar, a voz mais baixa, mansa. — eu sei tudo que você está sofrendo. Deus sabe como eu queria estar aí. Sei que mamãe sempre espera mais do que podemos dar, mas pensa direitinho e não deixa o seu ressentimento e mágoa falar mais alto.

Meus olhos pinicam com lágrimas novamente.

— Você está completamente e visivelmente apaixonada, Liza. Já pensou em como pode ser difícil remendar mais uma ferida em seu coração partido? Já não chega de dores, machucados?

Abro a boca para falar, negar, mas Junior me interrompe.

— Eu sei que está, só pela forma como o defendeu com a mãe, Elizabeth, você não precisa mentir para mim. — Bufo, e continuo escutando o que ele me diz. — Eu e a mãe só estamos preocupados que isso vá se tornar mais um peso para o seu coração, mais mágoa, ressentimento e desilusão.

— Mamãe não escolheu bem suas palavras, Junior. Ela nunca falou comigo daquele jeito, doeu muito.

Choro descontroladamente, minha vida agora está de pernas para o ar, e meus olhos são duas cachoeiras.

— Eu sei, pequena, já disse isso para ela. Mas, não quer dizer que pensamos pouco de você, só que não queremos que você seja ingênua o suficiente para sofrer mais uma vez. — Suspira e por poucos minutos ficamos em silêncio. — Olha, é ótimo se entregar e ser feliz, mas para uma pessoa que mereça isso.

Aquiesço com a cabeça, como se Junior pudesse me ver.

Não é Andrew, o problema sou eu, realmente sou eu que estou o tratando como se fosse qualquer um, e tentando desconectar minha mente do coração que insiste em dizer que ele é a pessoa por quem eu sempre fui perdidamente apaixonada.

— Estou sentindo saudades suas, e de Laís. Ela está bem?

Tento mudar de assunto e deixar de me tornar o centro das atenções. Limpo meu rosto, respirando fundo.

— Sim, ela está bem e tá aqui mandando um beijão pra você. — Ouço a voz de Laís ao longe e uma imensa saudade me bate. — Agora eu tenho que desligar. Até o carnaval, pequena.

— Até. Te amo!

— Eu também te amo.

Desligo o telefone e apoio minhas mãos na cabeça, faço círculos na minha têmpora para ver se a dor que se apossou da minha cabeça passa. Mas de nada adianta. Tomo um remédio e espero um pouco até fazer efeito para encontrar com Giovana.

O que Junior disse não é mentira, não existe pessoas que me conhecem melhor do que minha família, o fato de não querer conversar com eles sobre isso, é justamente por essa razão. Logo eles sacariam que os acontecimentos não são de hoje, e que esse sentimento reprimido é de anos.

Limpo meus olhos, e desço para encontrar Giovana. A encontro do lado de fora, impaciente.

— Eu disse uma hora, Liza, e não uma e meia, poxa. — Bate as mãos nas pernas, parecendo uma menina birrenta fazendo pirraça.

— Desculpa Gio, Junior me ligou.

— Pra que? — Não me espera responder antes de acrescentar. — Ah,

não! A mamãe ligou pra ele?

— Pode apostar que sim.

— Está vendo o que dá ser troféu da família? Mete o pé na lama uma vez e já vira a burrada do século. — Revira os olhos, caminhando ao meu lado pela rua.

Caímos na gargalhada. Eu não posso deixar de notar a veracidade das suas palavras. Só Giovana para me fazer rir da minha realidade sórdida.

Ao chegarmos no restaurante, notamos que tem pouca gente, o que vai nos dar privacidade e lugar para sentar. Sentamos em uma mesa de canto, com um sofá de um lado e duas cadeiras do outro.

— O que as senhoritas vão querer?

Um garçom, muito bonito por sinal, nos pergunta mostrando o cardápio.

— Pra mim pode ser stroganoff. — Fala Giovana olhando para o seu.

— O mesmo que o dela. — Fecho o meu cardápio e o entrego.

Não consigo pensar em nada, nem para comer.

— Agora me diz o que aconteceu. — Apoia os cotovelos na mesa, e o rosto nas mãos. Encarando-me como se eu fosse sua paciente de psicanálise.

Suspiro, resistente em compartilhar nossa história com alguém. Ficaria ainda muito mais real do que já está sendo, pelo menos para mim. No entanto, quando eu vejo, já digo, com lágrimas nos olhos que o controle saiu das minhas mãos, controle esse que eu achei estar segurando, quando o tempo todo esteve sempre com Andrew. Ele estala os dedos e eu ligo, não preciso nem de um maldito interruptor.

— Espera aí, você usou o cara? — Disse, logo quando eu acabei que eu tive o que quis, as duas noites, e que agora é bola pra frente.

Lembram a parte do julgar? Bem, ela acaba de ir por água à baixo.

— Ah, Giovana, vai me dizer que ele nunca usou ninguém. Que mal há, ele ter uma pequena dose do próprio veneno?

— Não estou querendo saber... — Se interrompe, colocando o cabelo atrás da orelha em um sinal de inquietação. — Continua, Liza, quero saber o porquê do seu estado ontem. — Levanta suas sobrancelhas inquisitivas, avaliando-me.

— Em poucas palavras ele disse não estar preparado para um relacionamento com uma mãe solteira.

— Você contou para ele dá Sofia? — Pergunta surpresa.

— Não! Mas, tivemos um papo significativo. — Encolho os ombros. — Sem saber, ele deixou claro que somos incompatíveis.

— Só se ele souber da Sofia que ele pode dizer alguma coisa contra ou a favor, Liza.

— Não, Giovana! Eu não vou expor Sofia desse jeito.

Giovana respira fundo.

— Você já decidiu que não irá vê-lo mais...

— Não! Ontem foi a última vez que vi Andrew. — Posso ouvir o som do meu coração se rompendo um pouco mais, ao dizer tais palavras.

— E você não aguenta a ideia, que você própria impôs, de nunca mais vê-lo.

— Não pensei que doeria tanto.

— Bem, será por que isso é amor?

Pode ser chamado de amor o sentimento unilateral?

Quando vou responder Alê chega e tasca um beijo em Giovana. Fico tão embasbacada que nem presto atenção na figura masculina que senta no sofá ao meu lado. Viro completamente meu corpo quando sinto seu cheiro que já se tornou tão familiar para mim. Com o movimento, Andrew me dá um beijo casto colocando meu cabelo, que hoje deixei solto, atrás da orelha.

Mas é claro que se Alessandro está aqui, Andrew também viria. Afinal, onde a vaca vai o boi vai atrás.

Giovana traiçoeira, filha de uma rapariga! Nada contra mamãe, essa bastarda foi adotada, só pode.



Capítulo 24

Fico atônita, em estado de inércia e meu corpo não mexe nem para eu respirar. Sei que não deveria estar sentindo isso, mas meu coração bate descontroladamente dentro do meu peito, minhas mãos que estão até agora em meu colo não se mexem e suam frio que chegam a ficar encharcadas. Meus pés balançam desenfreadamente, tremo toda, não de frio, mas de muito calor só por estar na companhia de Andrew.

O papo na mesa rola solto, não me encaixo em nenhum. Para falar a mais pura verdade, eu nem estou escutando. Só presto atenção na briga do meu coração com a razão, cada um disputando para ter mais razão e sair levando à parada. Se eles soubessem o que aquilo daria, não brigariam tanto.

Tento ficar quieta, olho para todos os lados, a batalha dentro de mim cada vez vai mais longe. Giovana a todo o momento me olha apreensiva, não é para menos, ela que me colocou nessa enrascada. Droga! Era um almoço só de nós duas. Qual era o seu problema com a matemática? Ela simplesmente multiplicou os números. Eu até podia entender que ela teria chamado Alessandro, mas Andrew? Isso certamente foi uma punhalada pelas costas.

Tirando Giovana, todos agem como se não estivesse acontecendo nada, Andrew está com o braço em meu ombro e estamos parecendo um casalzinho de namorados. Olho para ele e de volta pra Giovana, absolutamente ninguém nota que estou a ponto de estourar.

Minha comida está na mesa e até agora nem uma garfada eu fiz questão de colocar na boca. Essa montanha russa, que é Andrew, me desarma. Como ele pode agir com tanta naturalidade desse jeito? Na verdade, como ele pode ser uma pessoa totalmente diferente daquela que eu imaginei que um dia ele

fosse? No fim, ele é a pessoa que no fundo eu sempre tive certeza de que ele seria ao encontrar a pessoa certa. Correto?

Completamente errado, eu aqui em questão não sou a pessoa correta, não posso fazer isso, não tenho o direito. Meu Deus! Até hoje eu não contei para o cara que eu tenho uma filha, como eu desembucho isso agora? Antes não era relevante, eram duas noites, não nos veríamos mais, no entanto... sinto que estou me afundando em algo muito fundo, sem chance de voltar.

Exalo e somente o cheiro dele invade os meus pulmões, fico inebriada naquela sensação. Abaixo a cabeça na mesa e a apoio em meus braços, minha dor de cabeça parece nunca ir embora.

Sinto mãos percorrem o meu braço direito. Conheço esse toque e principalmente esse calor, olho para o lado e vejo Andrew me encarando, com aquele vinco que fica lindo em sua testa e os olhos de um mar lindo, tão expressivos, ligados em mim e qualquer reação minha.

— Está bem, Liz? — Pergunta preocupado. Sua voz como se fosse sinfonia para meus ouvidos.

Conversa de gente apaixonada, eu sei.

Para falar a verdade, verdadeira, essa foi à primeira vez no dia que eu realmente escutei a voz dele. Mexeu com meus neurônios acabando com todos, daqui a pouco não tenho nada. Um inútil desejo de estar perto, de aconchego, dormir de conchinha me invade, não consigo controlar me imaginar daqui a uns dois anos morando juntos na mesma casa, com Sofia correndo para cá e para lá, brincando em nosso imenso jardim.

Merda de vida!

Continuo olhando seu rosto, não tenho palavras para respondê-lo, queria eternizar suas lindas e jovens expressões, as linhas de seu rosto. Drew é um cara que não aparenta nunca ter a idade que tem, exalando sempre uma sensualidade juvenil, e onde passa chama a atenção.

— Está passando mal? — Pergunta novamente, vendo que não respondi nada a sua anterior pergunta.

Apenas faço que não com um gesto de cabeça, e por fim olho para o meu prato. Coloco uma primeira garfada na boca e me distraio com o gosto que vem da comida, deliciosa.

Já na quarta garfada, Andrew voltou sua atenção para Alessandro e encontro novamente Giovana olhando pra mim, realmente agora, eu acho que ela pressentiu que não estou nada bem.

Meu estomago embrulha e sinto meus pés vacilarem, mesmo sentada, cambaleio. Não posso ficar mais nesse ambiente. Estou prestes a ter um tremendo ataque de pânico. Não sei nem a última vez que tive um desses.

Retiro uma nota de cinquenta reais da carteira, com um impulso a coloco em cima da mesa, batendo na madeira com força. Tenho a atenção de todos em minha volta, e com uma voz presa respondo aos seus olhares.

— Desculpa acabar com o almoço de casais, mas eu realmente preciso ir embora. — Olho pra Andrew que está tão assustado como todos, ou talvez até mais. Viro pra Giovana que parou com o garfo no ar. — Realmente, Giovana, eu não esperava isso de você, eu sinceramente me abri. — Deixo escapar.

Levanto-me e deixo todos embasbacados com a minha reação. Piso duro até a saída do restaurante, que agora está lotado de gente almoçando e conversando, alheios a qualquer coisa que esteja acontecendo. Todos felizes.

Chego à saída e inspiro fundo, o cheiro não é tão bom, gordura misturado com poeira, mas me conforta saber que não estou presa em um ambiente com Andrew, o que me impede de fazer qualquer coisa que eu “não queira”, querendo.

Fico parada na porta, o sol está rachando, algumas pessoas chegam a andar de sombrinha para aguentar o calor escaldante. Abro e fecho a minha mão para que volte a circulação e ela pare enfim de ficar fria e suada. Meus

olhos ardem, não pela luminosidade, mas pelas lágrimas que até agora estou tentando reprimir, e que não se aguentam mais, descendo descontroladamente pelo meu rosto.

Sinto um corpo encostar-se a minhas costas e não faço absolutamente nada para impedir, o conforto que me traz é descomunal, seus braços passam pela minha barriga, abraçando-me, pegam as minhas mãos que continuam geladas e molhadas. Encosto minha cabeça em seu peitoral, fecho meus olhos mordendo os lábios, tentando controlar o meu batimento cardíaco e as lágrimas que não param de sair.

Respiro fundo novamente e agora vem um reconhecível cheiro amadeirado que eu realmente amo. Não consigo reprimir um soluço que me escapa e quando dou por mim, choro, mas dessa vez, fazendo leves barulhos e sacudindo um pouco o corpo.

Não quero mais essa vida de tristezas e lamentações, quero algo novo, algo que me faça viver, quero que Andrew compartilhe tudo isso comigo. Pela primeira vez na minha vida eu quero que uma pessoa me ajude a vencer meus próprios problemas, e essa pessoa sempre foi ele, independentemente de qualquer cafajestagem, ele sempre morou em meus sonhos de cinderela, bela adormecida ou em qualquer conto que tenham os famosos finais felizes.

Que catástrofe ambulante que estou me tornando.

O fato é que desde que eu o conheci, ele foi onde Guilherme nunca conseguiu entrar. Desde então, ele tem as chaves secretas do meu coração e não as devolveu para ninguém.

Suas mãos me apertam e sua cabeça desce até a base do meu pescoço com a minha clavícula, sua respiração quente faz cocegas em mim, seu cabelo no meu nariz tem um cheiro masculino, ótimo para meus sentidos.

Andrew me vira de frente para ele, e meu olhar automaticamente vai para minhas mãos, fico enrolando um dedo no outro para evitar seu olhar.

— Liz, me fala o que está acontecendo! — Levanta o meu queixo, me

fazendo olhar para ele.

Seu vinco continua no meio da testa, dando a sensação de que ele realmente está preocupado comigo, e isso me desestabiliza.

— Só me abraça, Drew! — Jogo minhas mãos em seu pescoço e afundo minha cabeça em seu ombro.

Dessa vez sou eu quem o aperto, acalmando o meu coração que já estava dando uma arritmia cardíaca. Ele tanto acalma como o acelera. Com Andrew tenho em mim dois sentimentos completamente contraditórios, um em cada lado da moeda. O amor e o ódio.

Suas mãos descem e sobem nas minhas costas fazendo um carinho reconfortante e apaziguador. Sinto sua ereção em minha barriga e reviro os olhos.

— Sério, Andrew, isso é hora? — Me desvencilho de seu abraço, sentindo imediatamente que falta algo em mim, sinto frio.

Seco minhas lágrimas e olho para ele com uma expressão confusa e divertida. Pelo menos eu não fiquei tão feia a ponto de não o dar tesão.

— Bem eu não consigo controlar isso, me desculpe! — Passa a mão no rosto e me fita. — Você nunca poderia ficar feia o suficiente para me fazer parar de sentir tesão por você.

Tapo minha boca e fico da cor de um pimentão. Que merda que foi essa? Ou ele adivinhou, ou eu.... Ah não, droga! A minha mania de falar quando estou pensando sempre me denuncia.

— Não tem problema.

Falo cabisbaixa novamente, minha consciência voltando, e sempre estragando os melhores momentos.

—Vem, vamos nos sentar ali — Pega em minha mão conduzindo-me

até a praça próxima ao restaurante.

Sentamos no banquinho, Andrew ainda alisa as minhas costas, um carinho reconfortante que me tira do eixo.

— Então, eu não paguei pelo show, mas eu fui uma plateia muito boazinha. Acho que mereço saber o final. — Beija minha cabeça e passa os braços pelos meus ombros. — O que aconteceu para te deixar assim?

Eu meio que já esperava essa pergunta, mas até o momento não consegui articular nenhuma resposta.

— Nada

Dos seus olhares preocupados, eu consigo visualizar o exato momento em que a confusão lhe bate, formando um vinco bem no meio das suas sobrancelhas as aproximando.

— Poxa vida! Eu realmente esperava que tivesse uma explicação para o: *“Desculpa acabar com o almoço de casais...”*

Caio na gargalhada o olhando, reparo em seu sorriso de canto de boca. Não canso de provar a mim mesma que ele é simples e incrivelmente lindo. Meu estômago dá voltas e mais voltas, minha cabeça gira, meu sorriso morre. Vejo aqueles lindos olhos azuis brilhando em minha direção. Sempre vou ser agradecida pelo que ele me fez e faz sentir, apesar de que a dor de uma despedida seja dilacerante, ele me fez viver.

— Você é lindo. — Abaixo a minha cabeça, o olhando por baixo dos meus cílios molhados, causando um efeito espetacular, junto com os raios solares.

Rapidamente sua mão vai para o meu queixo e sinto seus lábios nos meus. Lábios macios, gosto de Andrew, gostoso como tal. Beijamo-nos de uma forma carinhosa, lenta e prazerosa para ambos. Quem interrompe o beijo primeiro é Andrew, as suas duas mãos vão para o meu cabelo, penteando-os com seus dedos o puxando todo para trás. Beija a minha testa.

— Não foge mais de mim. — Sussurra, a sua testa colada a minha.

Fugir? Eu não fugi. Bem, pelo menos não estava em meus planos querer fugir, eu só não aguento ficar perto dele sem querer toca-lo.

— Não estou fugindo. — Respiro fundo, criando coragem. — Eu só não quero mais.

Coloco minha unha entre os dentes, em uma péssima mania de mentiroso. Eu o encaro, mas poderia não fazer, somente pelo ar eu noto a mudança de humor. Andrew está bravo, mas ainda lindo. Rio com o pensamento de que qualquer ser humano ser mais perfeito que ele, seria muita contradição.

— O que você quer dizer com “*não quero mais*”?

— Literalmente o que eu disse.

Cerro meus olhos para encarar mais acima por causa do sol e fugir da intensidade do seu olhar. Sua mão vai para o meu pescoço e a outra tira meu dedo da boca. Sua língua se encontra com a minha em um beijo praticamente a força, tento afasta-lo, mas a minha boca se abre instantaneamente acompanhando seus movimentos, e rápido eu cedo meus braços e o abraço de boa vontade, com certeza até a minha expressão nesse momento se aliviou. Como eu amo esse homem.

Quando eu estou pegando o jeito e começando a me controlar, Andrew interrompe nosso beijo, me olhando torto. Minha boca continua do mesmo jeito que ele soltou.

— O que deu em você, hein? — Digo indignada, voltando a tomar o controle do meu corpo, morrendo de raiva por ceder sempre. Por que ele simplesmente não me pede um beijo?

— Eu tenho a prova, Liz. — Lambe os lábios e beija novamente a minha testa. — Eu quero você, e você quer a mim.

Um sorriso em meu rosto se torna completamente inevitável.

— Querer não é sinal de poder. — Contrário.

Seu sorriso morre assim que as palavras vão saindo da minha boca.

— Somos adultos, Liz, podemos sim. — Sua voz é um sussurro.

Mesmo sem querer eu sinto a fagulha de esperança batendo em meu peito.

Se tudo fosse fácil assim, seria bom demais.

— Ser adulto as vezes piora as coisas, Andrew. Minha vida está bagunçada e cheia demais. No momento, não cabe ninguém.

Eu não era mais a adolescente que Andrew conheceu quando ainda estava no colégio, eu já sou adulta, merecedora e responsável pelos meus atos, eu que determino o meu futuro.

— Você não pode descartar uma possibilidade sem ao menos tentar.

— Você não me entenderia.

— Você pode me explicar.

— Eu estou uma bagunça, Andrew.

— Eu te organizo. — Sussurra, seus lábios colados aos meus.

Fecho meus olhos, deixando minha cabeça cair para trás. Andrew tem todas as minhas saídas de desculpas ocupadas com a sua fortaleza. Não tenho para onde fugir.

— Tenho que voltar a trabalhar. — Dou um casto beijo em sua boca e me afasto levantando-me — Me acompanha?

— Eu preferiria que você estivesse nua, embaixo do meu corpo para te

fazer gozar deliciosamente. — Fala em um sussurro, deixando beijos em meu ouvido, causando-me arrepios. Bato palmas. — Mas já que não podemos, por enquanto, eu me contento em ser a sua companhia.

Pega na minha mão e saímos andando, não passa despercebido para mim a olhada que ele deu em minha mão, ou em nossos dedos entrelaçados, um olhar diferente, dessa vez indecifrável. Não sei onde isso nos levará, não quero nunca que seja para o sofrimento. Mas será inevitável, uma hora ele irá enjoar de mim.

Enquanto descemos a rua eu penso que preciso lhe contar sobre Sofia. Dou uma gemida internamente.



Minha sala está mais colorida, animada e apetitosa. Desde que Andrew me deixou aqui estou com vontade de comer tudo e todos. Sinto como se uma peça fosse novamente encaixada em mim, uma peça que até o momento estava com Andrew.

Sei que não posso me iludir, ficar imaginando coisas e mais coisas, mas eu não aguento mais me lamentar e fingir que não tem nada acontecendo, eu quero ele e pronto. Está sim, acontecendo um tanto de coisa dentro de mim, sentimentos borbulham feito água fervente, aquecendo cada vez mais meu ser, e mostrando-me um outro lado da vida, o colorido. Está certo que eu o quero mais do que devo, mas do que é permitido para minha própria sanidade mental, mas com Andrew querer é poder.

Estou em estado de torpor, fazendo a tabela com uma felicidade que até Deus duvida. Meu maxilar está doendo de tanto ficar aberto pelo sorriso estampado em meu rosto. Até Ester notou e comentou.

— Voltamos a ficar de boa, hein Chefinha. — Ester tira seus olhos do computador, me olhando e rindo.

Que audácia! Sorrio junto com ela e aceno com a cabeça.

— A vida é muito pequena para ficar de mal. — Respondo.

Especialmente de um Deus E.T que ultimamente anda me cercando, e que eu vá para o inferno com isso, mas estou simplesmente amando esse contato, conhecer esse Andrew tão diferente dos demais... ele em si é demais. Não posso conter a minha empolgação.

— Ah, ia me esquecendo. — Apoio minhas mãos em sua mesa e empurro meu cabelo do rosto. — E o médico, o que deu?

Ester abaixa a cabeça e seu rosto fica todo vermelho. Um sorriso cresce em sua boca. Com toda certeza o seu encontro deu certo.

— Ele me levou para jantar. — Levanta o olhar e logo depois abaixa olhando para suas mãos novamente. — Foi lindo Liza, o restaurante, a companhia. Ele não é aquele cara que fica com o jaleco todo amarelo aqui. — Apoia as mãos na cabeça. — Ele é realmente bonito fora daqui, mas...

Por que sempre tem que ter um, *mas*? Seria tão mais fácil, tão menos complicado se fosse tudo sem o, *mas* e sim o *mais*, para ser tudo somado, não sei nem para quê existe essa palavra. Tiro minhas mãos da mesa e as cruzo sobre meu peito.

— Mas? — A indago.

— Ele depois me levou em casa, sem nada. — Olha para mim com seus olhos cor de esmeralda, aflitos. — Acho que ele não gostou tanto assim de mim.

Esubalho meus olhos e chego até a passar as mãos nos meus ouvidos para ver se realmente ela está falando a verdade e se foi isso mesmo que escutei.

— Espera aí, como assim? Não rolou nem um beijo?

Fico atônita, não é possível que esse médico de meia tigela além de tudo não tenha nem um pouco de pegada. Sinceramente.

— Claro né, Liza. — Revira os olhos. — Ele me beijou assim que me pegou no meu prédio. Mas, esse foi o problema, depois ele me levou de volta ao apartamento.

Enquanto todas estão querendo o romance primeiro, a tapada da Estela com nome de cerveja e cheiro de bala quer ser comida, literalmente falando.

— Nós mulheres somos tão complicadas, não é, Ester? — Passo pela sua mesa e sigo para a minha porta.

— Como assim? De que lado você está, afinal? Creio que você seja feminina. — Debocha da minha cara.

Sinto-a me seguindo.

— Muito engraçado da sua parte. — Jogo-me na cadeira e Ester se joga na minha frente. — Enquanto umas querem romances, as outras querem ser comidas de primeira.

— Ain, essa sua indireta, direta, doeu, Elizabeth. — Coloca a mão no coração e finge estar magoada. Rio da sua mísera encenação. — Mas, e se ele realmente não gostou de mim? A pegada dele foi, realmente, muito boa, Liza, fiquei na seca.

— Ah, me poupe dos detalhes, Estela, muita informação. — Faço sinal de desdém para ela. — Mas, ele te ligou de novo?

— Bem, não.... Mas, no sábado marcamos de mais um jantar hoje, ontem ele estava de plantão.

Como que a pessoa que está fora da cena enxerga muito melhor do que a pessoa que está dentro? Poxa vida, como que o cara não gostou dela, se marcaram outro encontro?

— Acho que você mesmo já descobriu essa resposta, não é, Ester? — levanto minha sobrancelha, e sorrio de felicidade. — O cara está na tua, vai. Outro encontro? Dessa vez rola.

Pisco um olho para ela, não posso acreditar do que acabou de sair da minha boca, realmente Andrew está fazendo uma coisa muito estranha comigo.



Meu telefone toca tirando minhas lembranças de uma Estela completamente aflita, prestes a me perguntar o que vestir. Ela sem dúvida nenhuma, é uma peça.

— Oi, Ester.

— Liza, tem uma moça na linha querendo falar com você. Ela se chama Nathalia.

Sabe aquelas bolas de chumbo bem enormes? Pois então, uma delas atingiu minha cabeça agora e tenho vontade de fazer como uma avestruz, me afundar no chão.

— Posso passar, Liza?

Ester me pergunta quando não obtêm resposta nenhuma.

— Pode sim, Ester. Pode ir também. Já estou quase saindo.

— Ok, Chefinha! Boa tarde! Até amanhã.

A ligação fica em um momento de silêncio e sei que agora é a parte que eu tenho que começar a falar, mas a minha voz entala e não sai nada da minha boca.

— Liza, é você? — Sua voz doce chega aos meus ouvidos, fazendo-me lembrar todas as suas loucuras. Caramba, que saudades dela!

— Nathi, que saudades de você! — Minha voz está embargada.

— Ai, meu Deus! Eu também sinto a sua falta, Liza. — Funga.

— Me conta, como que está a Europa? — Nathalia foi para a Europa há pouco tempo atrás, ficar um ano viajando por todo o continente.

— Ótima, mas ao mesmo tempo, péssima sem vocês.

Depois que eu e Nathalia nos conhecemos, ela praticamente parou de andar com seus colegas que não tinha nada na cabeça, nossa turma era a melhor, sempre andávamos juntos.

— Ah, deixa de drama! Melhor sofrer em Paris, do que em Belo Horizonte. — Rimos, descontraindo. — Não me enrola, sei que pra você estar ligando tem uma coisa muito importante, desde que você foi só nos falamos por e-mail.

— Será que algum dia vou ser menos transparente pra você? — Nathalia, para mim, sempre foi muito previsível, ela tem o jeito louquinho, mas sempre teve um bom coração e suas atitudes são todas clichês.

— Acho que não, Nathi. Vai, fala logo!

— Bem, eu acho que deva vez você irá cair para trás. — Sua voz é de suspense, prevejo que lá vem bomba.

— Então surpreenda, Nathalia. — Falo, um pouco impaciente. Ela me deixou muito curiosa.

— Credo, Liza, estou preparando o terreno. — Ri da minha cara, super debochada. — Então, sabe aquele carinha que eu disse que conheci no aeroporto, na minha conexão na Grécia e que ele viria também para Paris?

Nathalia está me falando de um lindo Deus Grego, de cabelos castanhos e olhos azuis, que ficou completamente fascinado com ela e desde então não se desgrudaram mais.

— Sei sim, Nathi, o tal Deus Grego. O que tem ele? Separaram?

— Claro que não, sua bobinha. É totalmente diferente disso! Duvido

que adivinhe...

— Nathalia eu juro, se você não falar logo, eu te dou uns sopapos pela linha telefônica.

— Calma, baby! — Ouço a sua respiração aumentar, se tornando ofegante. — Meu lindo Deus Grego me pediu em casamento.

— O QUE? — Quase pulo da minha cadeira, agora sou eu que estou com a respiração ofegante. Tiro o telefone da orelha e o coloco de novo para ver se está funcionando, ou se essa coisa de casamento está mexendo com meus neurônios.

— Nossa Liza, eu realmente achei que você ficaria feliz por mim. — Sua voz está magoada, aflita e com certo medo.

— Não é isso, Nathi... — Repreendo-me, tentando achar uma solução para o meu surto, na verdade nem eu sei por que eu surtei desse jeito. — olha, eu fiquei muitíssimo feliz por você, mas poxa! Tem quanto tempo que vocês estão juntos? Dois meses? Quase três? Como que vai ser, Nathi?

— Ah, não pensamos nisso ainda. — Sua voz ainda está cabisbaixa. — Mas o ponto positivo é que ele está disposto a ir morar no Brasil comigo.

— Vir morar no Brasil? Bem, realmente, ele está muito ligado em você. — Pego minha água, e tomo um gole para recuperar a compostura.

— Não, Liza, ele não está ligado em mim. Nós, realmente, nos amamos!

— Uau! Eu realmente tenho que conhecer esse alienígena seu. Falando de casamento e amor? Não te conheço mais. — Rimos — Pronto, já deixou de ser transparente.

— Estou completamente, perdidamente apaixonada.

— Eca! Sua melação sujou o meu computador.

— Não fica assim, Liza. Sua vez também vai chegar.

A bola de chumbo agora veio para o meu coração quando me lembro de Andrew. O que ele dirá dessa ideia mirabolante da sua irmã? Ah, eu pago pra ver.

— Acho que não. — Digo baixinho, mas tento soar indiferente. — Mas, você já contou para sua família? — Tento mudar o rumo da conversa, parar de ser o centro das atenções e falar o que não deve.

— Você é a primeira pessoa. E é por isso que estou te ligando.

— Qual é a sua carta na manga para enfrentar seu pai e seu... irmão? — Por que raios eu não posso cogitar Andrew sem que as palavras saem mastigadas e engasgadas.

Nathalia ri do outro lado da linha. Ela nunca soube do beijo, mas a noite “inesquecível” eu tive que contar para ela parar de me importunar, e depois que eu contei realmente deu certo. Nunca mais eu voltei naquela casa, e sempre quando Nathalia vinha para BH ela batia o pé para passar uns dias comigo. Não, não digo na casa dos meus pais, mas a minha antiga casa.

— Bem, depois de todos esses anos, eu realmente espero que a sua birra com o meu irmão, e vice-versa, tenha acabado. — Não me escapa o tom de deboche na sua voz, ela sempre desconfiou que eu fosse apaixonada com ele. — Estou indo para casa no Rio mais ou menos uma semana depois do Carnaval, devo ficar lá uns sete dias. Vou contar para meu pai e minha mãe, e depois vou para BH. E é aí que você se encaixa.

— Sim, levando em conta que moro em Belo Horizonte, eu realmente me encaixo. — Falo o obvio, rindo de sua cara. — Mas espera, você não ficaria um ano? — Apoio as minhas mãos na mesa e escuto com atenção o que aquela doida está planejando.

— Então, com o pedido de casamento tudo mudou, e eu quero aproveitar o máximo de tempo que tenho com você e Andrew, e conhecer a Sofia. Ela está bem, né?

— Ah, agora você lembrou que agora sou uma mãe de família? É, ela está bem sim.

— Ah, que drama, eu sempre pergunto por ela nos e-mails. — Posso até ver o seu tique daqui, sempre que Nathalia perde a paciência ela meche no cabelo e começa a piscar desenfreadamente. — Mas então, vou marcar um jantar na casa do meu irmão e quero que você vá, depois de...

Eu não escuto mais nada que ela fala, dessa vez eu engasgo com o próprio ar que puxei para meus pulmões muito rápido, bato em meu peito para parar de tossir e me recompor, estou dando bandeira demais.

— O que está acontecendo aí, Elizabeth? Você engoliu um rato? — Altera a voz quando percebe que eu não escutei nada do que ela disse.

— Não, um pedaço do pão de queijo que desceu errado. Mas, pode continuar falando. — Minha voz ainda sai engasgada, tento ao máximo me recompor e escutar o que ela diz. Estou fodidamente perdida dessa vez.

— Estava dizendo que eu queria aproveitar de vocês dois, por que depois tem um aniversário da mamãe no Rio e o Deus Grego já vai estar presente, ou seja, Drew vai pirar o cabeção.

— E o que eu exatamente tenho a ver com isso, Nathi? — Não estou entendendo o rumo que essa conversa está levando.

— Quero que você me ajude a contar para o meu irmão sobre o meu noivado. — Fala disparado, como se tivesse medo de que alguém cortasse o que ela acabou de dizer, ou se ela não fosse capaz de soltar tudo pausadamente.

— Está de brincadeira, né? Você sabe, o Andrew me odeia. — Não tanto agora, mas mesmo assim, ele não vai querer me ver perto da sua irmã, principalmente se ainda estivermos juntos, não mesmo.

— Ah, deixa de bobeira, pelo menos com você lá, ele não vai querer me matar.

— Muito prazer, acabo de mudar meu nome para: Elizabeth escudo! — Bufo em indignação, já imaginando a cena. — O que te leva a pensar nisso?

— É obvio, ele vai pegar no seu pé e esquecer-se de mim. — Diz divertida.

Rimos e por fim quebro o clima. Para essa vinda de Nathalia ainda falta um mês, e um mês é muito tempo para Drew ficar com uma mulher só. Bem, é uma mulher, não aceito ele estar comigo e com outra ao mesmo tempo. Tenho até que falar com ele, mesmo que seja casual, tem que ser monogâmico.

Conversamos mais uma série de coisas, Nathalia pergunta sobre tudo e todos. Meu serviço, meus pais, a pirralha da Giovana, a Sofia, o que ela tanto aprende. Enfim, ela é uma maldita curiosa. Nossa conversa por fim, segue leve e eu até esqueço que Andrew é seu irmão, como sempre faço. Realmente estava com muitas saudades dela.

— Liza, tenho que desligar. Sabe que papai vai me matar pela conta telefônica, né? — Olho para o relógio e vejo que já passa das cinco.

— Nossa, ficamos uma hora no telefone. — Rimos juntas, o que aperta ainda mais meu peito de saudades. — Já vou indo também, Nathi. Se cuida, tá? Quero notícias diárias do Deus Grego.

— Pode deixar. Beijo Liza, te amo!

— Também, Nathi! Beijo

Desligo o telefone e sinto uma nostalgia completa. Meu Deus! A lança do cupido está solta no ar. Quem diria que Nathalia iria se apaixonar e casar assim, tão repentinamente? Ela era uma das poucas meninas que entendia esse meu lado de não sonhar com o casamento. Agora está toda abestalhada, com uma puta paixão no Deus Grego. Falando nisso, nem sei o nome do sujeito.

Começo a arrumar as coisas para ir embora, já passou e muito da minha

hora. Sinto-me exausta, e devo estar um caco.

Ouçõ batidas na porta e reviro meus olhos. Não é possível que seja mais serviço.

— Entra.

— Oi, Florzinha!

Levanto a cabeça da bagunça da minha bolsa e vejo Marco parado com metade da porta aberta.

— Posso entrar?

— Claro, fique à vontade, estava procurando meu celular aqui para ir embora. — Digo com o olhar em minha bolsa, vasculhando para achar o maldito. Droga! Por que ele sempre se esconde?

Marco senta na minha frente e me olha com o cenho enrugado.

— Bolsa de mulheres, sempre a mesma coisa. — Ri com desdém.

Olho pra ele por cima da minha bolsa e levanto uma sobrancelha em sinal de interrogação, o que será que ele quis dizer com isso?

— Nossa, Elizabeth, você está com caco ambulante.

Ah, mas não é possível. Jogo minha bolsa em cima da mesa e encaro Marco agora com minhas duas sobrancelhas erguidas, as mãos na cintura.

— Ah, o que é Marco, veio pra sambar na minha cara?

Ele ri e se levanta.

— Não, minha flor, vim dizer que amanhã eu vou passar o dia todo aqui dentro e que se você quisesse tirar uma folga estaria tudo bem. — Me olha de cima a baixo. — Mas, vendo você Liza, pode ser dois dias.

Desde quando eu cheguei do meu desastre de almoço com Andrew eu corri para minha sala e tirei toda maquiagem, não me importando de passar outra no lugar, e é claro que ficou evidente minhas olheiras de noites mal dormidas e, pelo tanto que choro ultimamente.

— Não, muito obrigada! — Vasculho novamente a minha bolsa, realmente indignada pelo meu chefe dizer que estou um caco. Não precisa de tanto.

— Florzinha, eu realmente não estou pedindo. — Bate na mesa de brincadeira e me encara. — Não quero te ver aqui amanhã.

Sento na minha cadeira e jogo minhas costas de encontro ao encosto. Desligo o meu computador.

— Eu estou realmente bem, Marco. Não precisa dessa preocupação toda.

— Você não está, e eu vejo isso em seu olhar. Vai para casa e descansa, eu brinquei, mas agora é sério. Não quero te ver amanhã.

— Belo pé na bunda que está me dando, hein?

— Sim, um belo pé no seu traseiro.

Coloco a mão na boca em uma falsa surpresa e ele com a maior cara de pau ri, com um sorriso lindo, de molhar cuecas.

— Tchau querida, até quinta. — Me manda um beijo, e corre pra fora da porta.

Sinceramente isso é jeito de um chefe se comportar? Se as pessoas desse hospital vissem o que ele faz, com certeza não teria nenhum respeito.

Finalmente acho meu telefone dentro da minha bolsa. Vejo que tenho uma mensagem de Andrew, e automaticamente meu coração começa a palpitar. Um sorriso de coringa surge e minhas maçãs ficam vermelhas.

Andrew: *“Estou de pau duro só de pensar em você. O que pensa em fazer em relação a isso, Senhorita Elizabeth Rennó?”*

Um calor instantâneo invade as minhas pernas indo de encontro ao meu sexo, meus pêlos do pescoço se eriçam e meus dedos coçam para responder.

Liz: *“Alguém outro dia me sugeriu um louco sexo virtual. ”*

Não acredito em mim e em minha mensagem. Sério? Eu realmente cogitei um sexo pelo telefone? Sim, estou ficando completamente pervertida.



Capítulo 25



Bem depois da mensagem que enviei para Andrew, eu só recebi um, *safada*, como resposta. Não digo nem por um momento que fiquei triste com isso, eu simplesmente adorei. A atenção que ele me dá, sendo mensagens safadas ou não, me faz pirar e o meu coração se aquecer. E eu decidi que não vou me policiar contra isso.

Estou andando há mais ou menos vinte minutos, digamos que com esses saltos meus pés não estão confortáveis. Assim que saí do hospital liguei para papai e pedi uma carona, o problema era que eu teria que vir até a obra onde ele está, pois teria que fazer algo enquanto eu viesse. Resultado: estou cheia de bolhas nos pés.

Chego onde está um aglomerado de poeira, gente conversando, tijolos, cimentos e todos os equipamentos de construção empoleirados. Passo por entre vários espaços que parecem não ter fim, e muito menos acabado a construção. Isso aqui é feito um labirinto, não sei aonde entrei e nem onde é a saída. Como que os dois conseguem trabalhar nisso daqui?

É a segunda vez que meu telefone toca e dessa resolvo atender. Ao ver o nome no visor meu coração aquece. Estou com um problema muito sério.

— Oi, Drew!

— Eia Linda, como está? — Pergunta descontraído.

— Com bolhas nos pés e no meio de uma obra. Resumindo, estou perdida. — Rio com a minha própria confusão e avisto um pedreiro logo mais à frente.

— O que raios você está fazendo em uma obra, Elizabeth? — Diz com irritação.

E que raios de pergunta é essa? Como se ele tivesse alguma coisa a ver. Aff!

Resolvo ignorar seu tom rude, e responder a sua pergunta.

— Vim encontrar com o meu pai. Meu carro deu um probleminha no final da semana passada e agora... Ai... estou pegando uma carona com ele. — Falo passando entre pedras e entulhos, seguindo em direção ao pedreiro. — Caramba! Giovana ainda estava querendo vir de salto. — Quase caio nas pedras e resolvo parar para conversar, por que as duas coisas ao mesmo tempo não está dando certo.

— O que foi isso? — Pergunta Andrew, rindo.

Sério mesmo que ele está rindo? Incrível isso, eu aqui quase esborrachando no chão e o bonito, rindo da minha cara.

— Eu quase caí nos entulhos. — Bufo em irritação e assopro o cabelo que estava em meu rosto. — Só um momento, Drew.

Não vou dar mais nenhum passo sem saber onde meu pai está. Estou a ponto de chorar com essa bagunça toda, o salto do meu scarpin já vai para os ares de tão arranhado que está. Que droga!

— Ei, moço. — Grito para o pedreiro, mexendo uma massa logo a frente. — Sabe onde que o James está?

Ele me avista e começa a andar em minha direção. O olhar que ele dá para o meu corpo inteiro me deixa desconfortável e suando frio. Pisco, recobrando minha atenção, não deixando o pavor tomar conta de mim.

— James? Não conheço nenhum James aqui, delícia. — Tenta fazer uma voz sedutora que mais parecem um barulho de esgoto. Que velho safado! — Mas, se quiser, posso te apresentar o meu grande amigo José Júnior. — Beija minha mão, olhando-me entre os cílios.

Que? A piadinha ruim me faz relaxar. Balanço a cabeça, não aguentando o ataque de riso que sai da minha garganta, esse Jose só pode estar de brincadeira comigo, sério mesmo que isso foi uma cantada? Foi pior do que das *Casas Bahia* do Andrew. Se bem que nada fica melhor do que Andrew.

Boba apaixonada!

— Não, muito obrigada! — Tiro minha mão da sua e a abaixo.

Escuto um berro no telefone que estava repousando na minha mão perto do meu pescoço, coloco ele em meu ouvido.

— Elizabeth, me responde, porra! — Fala exaltado

— Oi, o que foi? — Falo exasperada pelo susto.

— Que porcaria de cantada que foi essa? Me passa o endereço que eu vou te buscar aí. — Escuto barulhos de chave e Andrew parece em movimento.

— Obrigada, Andrew! Mas, vou encontrar o meu pai. — Tapo o bocal do telefone e falo com uma voz mais baixa para o *José*. — James Rennó, é o engenheiro.

Assim que eu falo a postura de Jose muda completamente. Ele não fala mais nada e aponta para uma sala no canto direito, que eu sinceramente nunca teria visto sozinha.

— É inadmissível que você esteja falando com esse sujeito ainda. — Reviro meus olhos para o estresse de Andrew.

— Para, Andrew, vim procurar meu pai e precisava de informação.

—Você poderia ter me ligado e eu te buscaria. — Fala num tom de voz mais apaziguador.

— Bem, vou manter isso em mente da próxima vez. — Suspiro —

Agora eu preciso desligar, beijos.

— Não desliga, quero ver se mais um engraçadinho vai mexer com o que é meu. — Muda para um tom autoritário. Eu realmente fico esperando a brincadeira de depois, mas ela não vem.

— Ah, você está falando sério? — Pergunto com uma risada na voz, não posso acreditar.

— Claro que estou falando sério, não desligue. — Sua voz séria faz um arrepio percorrer todo meu corpo.

— Me poupe, Andrew! Já estou na porta da sala do meu pai. Mais tarde te ligo.

Sem dar nem chance para a tréplica eu desligo o telefone sentindo um peso enorme. Meu telefone toca novamente na minha mão e eu o desligo, com o aperto no peito ainda maior.

Entro na sala do meu pai sem bater, Giovana está de costas para mim e meu pai sentado atrás da mesa com os cotovelos apoiados na madeira.

— Pelo amor de Deus! Isso aqui é o fim do mundo. — Digo exasperada jogando minha bolsa em cima da mesa e olhando papai e Giovana.

— Ah, até que enfim, Liza. — Responde meu pai com as mãos para o céu, como se eu tivesse demorado um século.

— Poxa, pai, estou com os pés cheios de bolhas, andei por vinte minutos inteiros e ainda fiquei perdida aqui dentro. — Falo com a voz mais manhosa que tenho, e omito o fato do velho pedreiro safado.

— Tadinha da minha menina. — É inevitável sorrir. — Vamos?

Giovana até então não mexeu nem um fio de cabelo. E sério, tô gostando desse receio dela. Acho que vou deixa-la mais um pouco assim, de castigo.

Caminho para fora e não olho para trás. Passamos pelo velho José, pedreiro safado e seguimos rumo ao carro. Dessa vez sento na frente, indicando para Giovana a minha *falsa* raiva. É, bem, agora é falsa, mas no momento eu juro que dizer que eu fiquei emputecida seria o maior eufemismo do ano.

Meu pai como sempre vem conversando descontraidamente dentro do carro, e eu por vez o respondo com o mesmo entusiasmo, algumas vezes olho para Giovana e ela responde com o olhar de uma maneira estranha, como se não tivesse entendendo a minha felicidade.



A noite não poderia ser melhor, mamãe como previsto ainda não está de bem comigo, e eu duvido que tão cedo vai estar. Quando essas brigas aconteciam com Giovana ela ficava dias magoada e sem dirigir a palavra direito para ela. Por mais que ela esteja exagerando, tenho que dar ela o devido espaço que precisa.

Na hora do jantar foi tudo costumeiro, a não ser pelo fato de quando eu falei que Junior tinha me ligado, todos na mesa ficaram antenados, principalmente a minha mãe confirmando a quase certeza que tinha. Isso é ridículo, cansativo demais. Porém resolvi deixar pra lá.

Outro ponto de ebulição foi na hora em que disse que no dia seguinte eu iria estar de folga. Sério, dessa vez os olhos das pessoas quase pularam em cima de mim. É pecado ter um dia de folga assim?

— O que é gente? Vão ficar me olhando parecendo que sou um E.T de Varginha? — Digo rolando meus olhos e colocando mais uma garfada de comida na boca.

— Já tinha combinado com uma amiga de sair amanhã, levo a Sofia. E você descansa mais. — Minha mãe fala, a voz cabisbaixa.

— Obrigada, mãe! Vou ver se uso do tempo para comprar algumas

roupas. — Uso o mesmo tom que ela usou. Essa diferença está quebrando comigo.

Mãe é mãe em qualquer circunstância, e meu peito se enche de amor pela mulher na minha frente. Ela pode estar puta comigo, ter achado as minhas recentes atitudes de uma certa vagabunda, mas ela não deixou de ser minha mãe e me ajudar em nenhum momento. E é por isso que não a julgo e a amo incondicionalmente.

Nesse momento estou debaixo das cobertas prestes a mandar uma mensagem para Andrew, estou com o celular na mão, ainda desligado e o ligo, constato que tem oito chamadas somente dele e minha coragem vai para os ares.

Liza: *"Você tem Skype?"*

Resolvo mandar uma simples e básica, somente com o meu endereço para ele me adicionar. E se por fim, ele não se manifestar, deixo ele me procurar.

Ouçõ batidas na porta e antes mesmo de responder eu já sei quem é, um sorriso diabólico cruza meu rosto.

— Entra.

Giovana entra de cabeça baixa no meu quarto. Assim que a porta está fechada meu travesseiro vai parar na sua cara.

Gargalho com a situação infantil que fiz, e com sua expressão de puro choque. Ela achou mesmo que eu ia ficar nutrindo uma raiva sem sentido?

— Isso foi por me trair. — Falo entre risadas.

— Ei, pensei que você estava com raiva de mim ainda. — Senta no pé da minha cama e faz uma massagem no meu pé, que eu realmente adoro.

— Bem, na hora eu fiquei puta. Poxa, eu confiei em você. — Mordo

minha bochecha e olho seu semblante triste e arrependido. — Mas, não te julgo, você fez o que achava que era melhor para mim.

— Então quer dizer que deu tudo certo? — Se anima.

— Não tem como fugir de Andrew, só posso ficar com ele, né? Acho que vou fazer um curso com aquela menina de '*como perder um homem em 10 dias*', por que aí, quem sabe ele não sai do meu pé? — digo coloco uma mão no meu queixo fingindo estar refletindo.

Caímos na gargalhada e levo uma travesseirada no rosto. Assusto com o movimento e começo a rir de novo, mas dessa vez percebendo que o que eu disse poderia sim ser verdade, só vou conseguir esquece-lo quando ele se esquecer que eu existo, não consigo resistir.

Conto para Giovana tudo, de quando eu fiz a *cena* no restaurante até a parte que ele me deixou no hospital. Omito pequenos detalhes, e abro um enorme sorriso com a lembrança dele todo atencioso e carinhoso.

— Então quer dizer que vocês estão namorando?

Essa menina tem que parar de ver essas novelas.

— Namorando? Não! Não seja doida, Gio. — Reviro meus olhos e bufo para a chama de esperança que cresceu em meu peito. — Estamos curtindo, sem amarras e sem compromisso.

— É, só quero saber quando e quem vai ser o primeiro dos dois a admitir. — Revira os olhos, fazendo sinal de desdém com a mão. Levanta da cama e caminha em direção a porta. — Sério, eu e Alê estamos achando isso um saco, sabia? Doidos um pelo outro e nenhum admite. — Debocha.

Que audácia, jogo novamente o travesseiro em cima dela, mas dessa vez bate na porta fechada. Ouço o bip do meu celular e me lembro do meu encontro no SKYPE.

Andrew: "*Cri cri cri*"

Abro o notebook e já aparece uma chamada de Andrew Nunes. Assim que abro a videoconferência quase caio para trás, ele está sentado em sua cama, com a cortina atrás aberta me dando uma linda visão da noite, o céu estrelado, a sombra da piscina no vidro, e o mais importante sem camisa, consigo ver apenas a barra da sua cueca pela câmera do seu computador que está posicionado em sua perna.

— Mandar grilos cantando para mim não foi muito adulto, senhor Nunes!

— É, não sei quando sou adulto e racional perto de você — Sua voz está séria, o semblante triste.

— Você ainda está com raiva de mim? — Pergunto preocupada e arrependida pelos meus atos.

— Não mais. — Suspira e me encara. — Já te disse que você fica linda preocupada? — Da um sorriso de canto de boca. — Principalmente quando cora.

— Aposto que você faz isso só para me ver desse jeito. — Respondo com a cabeça abaixada, olhando para o teclado e tirando uma poeira imaginária.

— Se eu estivesse aí, faria você olhar nos meus olhos. — Sua voz se altera, mas não para exaltado, mas sim para advertência. — O que eu estou dizendo? — Ouço resmungar baixinho. — Eu faria qualquer coisa para te ver de qualquer jeito. Me pergunto quando você vai entender.

Assim que suas palavras saem da sua boca, elas criam um lugar cativo em meu coração. Parece que estou vivendo um sonho.

Dou por mim que a porta está aberta, e depois da minha discussão com mamãe eu não posso de jeito nenhum me dar ao luxo de que ela me pegue nessa.

— Só um momento, Drew.

Levanto da cama, para fechar a minha porta. Quando volto percebo que o notebook ficou na posição exata para Andrew ver a minha bunda do melhor ângulo. Coro dos pés à cabeça e me afundo na cama.

— Você só dorme com isso? Deus! O que você está querendo? Me enfartar? — Se remexe na cama.

Estou com uma combinação que não deixa praticamente nada para a imaginação, vermelha.

— Seria uma ótima forma de morrer. — Respondo sínica, tentando me distrair do meu desconforto.

Conversamos sobre o meu dia, explico melhor a minha exasperação no restaurante, omitindo a Sofia e o acidente, até por que esse assunto é para ser tratado pessoalmente. Coloco um lembrete mental de que tenho que contar para ele que eu tenho uma filha, cabe a ele decidir ou não continuar com esse nosso disparate.

Dessa vez ao ser cogitado o nome do 'Jose', o tal pedreiro, rimos muito, chego a colocar a mão em minha barriga simplesmente por que acabo de ter uma síncope da gargalhada e não consigo parar.

— Drew, fala sério. Aquela ali foi pior do que as Casas Bahia. — Seco as minhas lágrimas de tanto rir.

— Ah, para Liz, você sabe que sempre vou dar dedicação total a você. — Ri também da nossa confusão.

Ficamos os dois tensos, um olhando para o outro, meu olho esverdeado com o olho dele azul, estão em uma forte batalha tentando descobrir qual dos dois vai desviar primeiro. Suas palavras tem um peso para mim, o que claro ele não sabe. Mas eu sei que depois de tudo só vão me restar essas doces memórias para me confortar, então eu deixo me iludir um pouco mais.

Andrew não para de mexer um segundo e a imagem pelo movimento fica desfocando a cada momento.

— Para quieto, Drew. Você está tornando difícil o meu trabalho daqui.
— Falo quebrando a tensão que se instalou no ar.

— Trabalho difícil? — Bufo — Não fale besteiras. Trabalho difícil eu que estou tendo de ficar te olhando desse jeito e ter que ficar controlando meu pau que já está duro, debaixo dessa coisa quente. — Olha pra baixo. — Sendo que a única coisa quente em que ele queria estar é na sua doce buceta.

Encara-me com os olhos lascivos. Mais uma vez eu coroo da cabeça aos pés, minhas mãos que agora estão tremendo vão para minha boca, fico completamente molhada, excitada, faminta e por última, incrédula ao jeito que ele falou.

— Temos que fazer algo por você então, Senhor Nunes. — Seus olhos queimam em minha direção.

— Foi o prometido, Senhorita. — Sua voz é rouca, e sua língua passa pelos lábios. — Tira a blusa para mim, Liz.

Mais que depressa eu faço o que ele manda. Eu ainda vou descobrir o poder que ele tem entre as minhas pernas, e como faz a ligação direta até meu cérebro.

— Isso. — Seu olhar agora está em meus seios, que já estão todos enrugados de desejos em ser tocados. — Seus seios são lindos. — Olha para o meu rosto e continua. — Agora pegue neles, pense que sou eu. Veja como minha mão modela eles perfeitamente.

Faço como ele manda.

— Isso, minha gostosa. Agora pega seu gostoso e apetitoso mamilo e roça eles entre o dedão e o indicador. A todo momento pensando que sou eu, Liz, só eu tenho o direito de fazer isso.

Não consigo articular nenhuma palavra para sair da minha boca. Na verdade, toda a umidade do meu corpo está entre minhas pernas, minha boca está seca.

Reúno o máximo de coragem que tenho.

— Coloque o computador mais pra baixo, Drew. Eu também quero te ver. — Minha voz sai um sussurro rouco, cheio de tesão.

— Minha doce menina está ficando desinibida. — Seus olhos brilham enquanto o notebook vai para cama e sua cueca como um passe de mágica some.

— Se toca para mim, Drew. — Seus olhos ficam esbugalhados e sua mão vai em direção a seu mastro que está agora completamente hasteado.

Fico ali, absorta na sensação de ver meu homem se masturbando para mim. Longos minutos se passam, até que eu me dou conta de que o que estou sentindo é um sentimento puro de possessão.

— Vem comigo, gostosa.

Coloco minhas mãos entre as minhas pernas, e lambreco todos os meus dedos, penso em todos nossos momentos, os sonhos eróticos que eu já tive com ele, sua mão e sua boca.

Franzo as sobrancelhas, quando nem isso me faz chegar perto da sensação em que Andrew me leva, eu sei que não vou conseguir gozar, consigo brincar comigo e tudo, mas chegar ao ponto de orgasmo eu nunca consegui.

Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, na minha mente só vem Andrew, minha excitação está imensuravelmente enorme, e mesmo assim não consigo gozar.

Olho para ele um pouco desapontada por não conseguir aliviar as minhas tensões, mas resolvo que pelo menos ele vai sujar a mão.

— Você não consegue fazer isso sem eu estar aí, não é safada? — O vinco na sua testa está cada vez maior, e sua voz sai reprimida.

— Não, mas vou ter um enorme prazer de ver você gozando e pensando em mim. — Continuo me tocando e não quebro nosso olhar dessa vez.

— Com toda certeza, você vai me levar a ruínas. — Seu abdome se contrai cada vez mais, sua conhecida expressão de orgasmo vai se transformando.

— Vai Drew, goza... goza só para mim. — Sinceramente eu não sei de onde surgiu tanta coragem de fazer uma coisa dessas.

— Porra, até imaginar transar com você, é bom! — Gozar é infinitamente bom, mas ver Andrew gozar, pensando em mim, é melhor ainda.

Assim que aquele liquido leitoso sai em suas mãos, um calor invade todo meu corpo, é inevitável ficar completamente cheia de orgulho. Eu não consegui gozar, nunca consegui fazer isso por mim, mas consegui fazer Andrew. E isso me dá uma alegria estonteante.

— Olha o que você me faz fazer, hein? — Com um lenço ele seca sua mão, e com outro, sua testa que está toda suada, molhando seus cabelos.

— Você me deve uma, Senhor Andrew Nunes!

— Sim, e eu vou ser um maldito filho da puta de te recompensar.

Abro um sorriso do tamanho de um bonde em meu rosto, simplesmente não consigo esperar.

— Vou esperar ansiosa então, lindo! — Ele me olha surpreso e novamente cora. Andrew Nunes corando comigo duas vezes no dia é surpreendente. — Agora vou deitar e ter lindos sonhos eróticos, com você e seu pau.

Ah coragem, por favor não me abandone mais.

Andrew engasgado me responde um boa noite cheio de intenções, o

calor no meio das minhas pernas não melhorou nada, só aumentou. Fecho o notebook ainda com o sorriso de gato de botas no rosto e vou tomar um outro banho, dessa vez frio.

Rolo de um lado para o outro na cama, o banho frio não ajudou em nada, o calor que ainda está entre minhas pernas é descomunal, nunca senti nada assim e eu só conheço uma pessoa que possa me ajudar, porém, ela não está aqui.

Já passa de uma hora da manhã e até agora eu não consegui pregar o olho e dormir, estou afobada e ansiosa, esperando não sei o que. Tiro minhas cobertas e resolvo descer para ver se um copo de leite com açúcar me acalma e faz com que eu possa enfim, dormir. Detesto olheiras, mas é o que vai acabar acontecendo se eu não dormir.

Chego à cozinha e tomo um copo de leite, penso novamente em como minha vida está agora, é inacreditável que tenha tomado tais repercussões. Se uma pessoa chegasse para mim e dissesse que isso tudo aconteceria em um prazo de menos de seis meses, eu diria que ela estaria no mínimo louca, e lutaria o bastante para coloca-la num manicômio. Está certo, exagerei um pouquinho só. Mas é fato que ninguém esperaria uma volta dessas. Por outro lado, me sinto bem, feliz, leve, não sei o que posso esperar de Andrew, na verdade eu ainda não sei o que ele quer tanto comigo, mas resolvi arriscar, e me jogar. Isso não quer dizer que vou tentar conquista-lo, nada disso, seria praticamente muita perda de tempo. Eu simplesmente resolvi aproveitar o que a vida está me oferecendo.

La no fundo eu sei que no final eu vou sofrer, mas por enquanto esse pensamento eu deixei enterrado debaixo de sete palmos e não quero cavoucar por um bom tempo. Subo para o quarto da Sofia e fico vendo-a dormir, é tão linda e inocente, alheia a tudo que acontece a sua volta. Sinto-me feliz de tê-la, de poder estar ao seu lado, sendo o alicerce para sua educação. Não posso desaponta-la, Sofia sempre será a minha prioridade.

Dou-me por vencida e volto para meu quarto. Lembro-me da Luiza e do Diego, e de como ela me falava que eu um dia iria achar o meu amor

verdadeiro, que iria sentir como ela se sentia, iria dar pulinhos de alegria ao mesmo que estaria chorando pela insegurança do futuro. Rio com o pensamento e, não posso evitar uma lágrima que escorre pela minha face, saudade é o sentimento que tem mais dóido dentro de mim.

— É Lu, eu estou sentindo tudo que você me disse, mas cadê você para eu desabafar? Droga! Você disse que estaria aqui comigo para tudo, eu preciso de você!

Sussurro baixinho, mais para mim mesmo. Como forma de desabafo, sei que de onde ela estiver eu posso sempre contar com ela. Com esse pensamento eu acabo afundando em uma nuvem de sonhos.

— *Você vai conseguir, guerreira. Vai conseguir!*



Acordo sobressaltada na manhã seguinte. Além de não conseguir dormir, ainda tenho esses sonhos mirabolantes com Luíza, pensando que a todo o momento é um sinal. Esses sussurros que vem, me causam pânico, tremo só de imaginar.

O dia queima lá fora, estou toda suada com o calor que faz. Porém é um dia lindo, de sair e curtir. É exatamente isso que pretendo fazer.

Depois de fazer a minha higiene, eu desço para encontrar a todos tomando café da manhã. Faço uma careta confusa e olho o relógio. São sete e meia da manhã e eu já estou de pé.

— Ah, não! — Resmungo. Todos se viram para mim e meu pai ri. — Não acredito que acordei cedo.

Bufo em indignação, e praticamente caio na cadeira ao lado de Giovana.

— Que bocó! — Giovana gargalha.

Para quê irmãos mais novos existem, mesmo?



Estou deitada no tapete da sala, junto com Sofia, estamos assistindo *Peppa*, fazendo lavagem na cabeça das crianças. Nossos olhos quase se fecham. Num certo momento, olho para o lado e mamãe está com um lençol jogando em cima de nós.

Acordo olhando para o lado e não vejo nada, a TV à minha frente está desligada e a casa um silêncio assustador. Levanto-me e sigo até a cozinha. Realmente o dia hoje está muito quente, enquanto abro a geladeira, vejo um bilhete manuscrito e a letra é inconfundível. De mamãe.

"Você estava dormindo tão bem, que resolvi não te acordar. Sua comida está dentro do micro-ondas, volto mais tarde. Beijos."

Por mais que mamãe esteja voltando a conversar comigo, não está a mesma coisa e, eu temo que nunca mais volte. Nunca ficamos mais de um dia sem conversar, e hoje já completa o segundo. Estou sem chão, é obvio que ela não quis me acordar para não ter que conversar comigo.

Resolvo colocar de lado esses pensamentos depressivos e me divertir, e como não podia ser diferente, a primeira pessoa que vem na minha cabeça é ele. Um sorriso idiota aparece em meu rosto enquanto eu subo as escadas e pego meu telefone em cima do móvel.

Andrew: *"Bom dia, dorminhoca! Como está?"*

Reviro os olhos para mim mesma, não é possível que eu vá ficar assim toda vez que ele entrar em contato comigo. Ou vou?

Dessa vez resolvo responde-lo com uma ligação, nada de mensagem. Sempre prometi ligar e nunca liguei.

No terceiro toque meu coração está na boca. Estou quase desistindo

quando escuto sua voz, doce e rouca ao mesmo tempo, levando arrepios até as minhas extremidades cerebrais.

— Oi, Gostosa!

É sério, vou ter uma síncope da calcinha molhada toda vez que ele falar com essa voz, deliciosamente baixa e rouca.

— Oi, lindo! — Respondo com uma voz de colegial, alegre feito uma palhaça. Balanço minha cabeça e coloco-a escorada nas mãos. *Droga, Liza! Para de agir como uma adolescente.*

— O que disse?

Sua voz é confusa e me dou conta de que acabei falando em voz alta. De novo.

— Que eu estou de folga. — Solto em um único folego. — Não é legal?

— Sim, é muito legal. Mas, tenho a impressão de que não foi isso que escutei.

— Talvez você tenha que fazer uma audiometria?

— Você e sua boca esperta. — Sua risada é contagiante e me pego sorrindo, também. — Posso ver algumas coisas boas para fazer com a sua folga.

Sugestiva. Não teria nenhuma outra palavra melhor para definir sua voz, se não, sugestiva. Sugestivamente deliciosa, sugestivamente carregada de tesão. Enfim, gostosa pra caralho!

— Sério?

— Sério! — Limpa a garganta e prossegue. — O que você vai fazer agora?

OMG! Sério que ele está querendo marcar uma coisa comigo?

— Pensei em ir fazer uma aula de dança. — Minha voz é um fio, tamanha a minha ansiedade para vê-lo e poder estar em seus braços novamente. Parece que foi há uma eternidade sem fim desde que nos vimos.

— Você dança? — A surpresa na sua voz, chega a ser palpável.

— Sim, por que?

— Muito tempo?

Onde ele quer chegar com isso? Minha libido já abaixou.

— Desde que eu me entendo por gente, Andrew. — Suspiro. — Por quê? — Reforço a pergunta, esperando que ele realmente dê alguma explicação.

— Acho que podemos fazer alguma coisa muito boa com sua flexibilidade de dançarina. — Sua rouquidão me afeta até o sul.

Eu que pensei que minha libido tinha abaixado, ela voltou e foi com força total. Santo Deus, como uma pessoa com uma frase pode afetar tanto um ser humano?

Não consigo articular nada para falar, só presto atenção agora em sua respiração e no latejar entre as minhas pernas.

— Te pego depois da aula? — Sua voz me tira dos meus devaneios.

Ah, sim! Você pode me pegar em qualquer lugar...

— Pode... pode ser sim. — Gaguejar agora se tornou um hábito que eu literalmente odeio.

— Queria te ver corada agora. — Limpa a garganta mais uma vez e acrescenta: — Na verdade, eu queria te ver corada, embaixo de mim, fazendo sua melhor expressão de prazer, comigo enterrado no meu lugar preferido do

momento.

— E qual seria esse lugar? — Minha voz, carregada de luxúria, sai antes mesmo que eu possa sequer pensar.

Tapo minha boca imediatamente, mas é tarde demais. Seu sorriso tem ligação direta em meu sexo babando de tesão. Fecho minhas pernas, cruzando minhas coxas para aliviar a tensão, mas de nada adianta, é em vão.

— Enterrado em sua doce e apertada boceta.

Eu simplesmente engasgo.

— Você está bem, Liz? — Sua voz é divertida.

— Sim. — Volto a minha compostura e seco as lágrimas que chegaram a sair dos meus olhos. — Então, me pega na aula de dança as três?

— Tudo bem, me manda o endereço que te pego lá as três.

Olho para o relógio e vejo que já são onze e meia. Vou ter que correr.

Ligo para Cal e como sempre ele é um amor, marcamos de nos encontrar uma hora na porta do seu estúdio. Mando uma mensagem para Andrew de onde é, e corro para me arrumar.

Depois do meu segundo banho hoje, corro para comer minha comida e praticamente a engulo. Escrevo um bilhete para mamãe dizendo que fui fazer aula de dança e que depois compraria algumas roupas. Omito a parte do Andrew na história, para não causar mais divergências. De novo penso em Luíza, seria tudo mais fácil com ela, além de que eu teria uma pessoa sempre para me aconselhar no que fosse preciso. Será que um dia eu iria parar de sentir falta dela?



Já disse que eu odeio transporte público?

Chego ao estúdio toda suada, com pelo menos dez minutos de antecedência. Avisto Carlos com outra aluna, terminando sua aula. Corro para o banheiro para me molhar e vestir minha roupa. No caminho só sopro um beijo para ele que pisca para mim e continua despedindo da aluna.

Chego ao salão saltitante com meu vestido preto e vermelho, saia rodada e um bustiê. Na saia tem um corte que vai até metade da coxa, depois o tecido sobe, ficando só uma renda, dando uma bela visão do meu corpo, até chegar ao bustiê que prende meus seios em formato de cruz, transpassando para minhas costas dando um efeito arrebatador.

— Lambada, Princesa? — Carlos se aproxima de mim, dando um beijo em minha bochecha.

— Sim, Lambada. — Respondo com meu sorriso registrado, pegando de um lado e de outro em minha saia e a movimentando.

— Adoro te ver bem assim, quero saber o antídoto. — Ele sorri, indo de encontro ao rádio.

Coloca uma música qualquer e olha para mim sedutoramente. Reviro meus olhos, quando ele vem caminhando mais perto de mim e me chama com o dedo. Vou praticamente correndo ao seu encontro e entrelaço uma de minhas pernas na sua coxa, rápido ele faz um movimento junto com a letra do começo da música, joga minha cintura para baixo e me roda, praticamente cheirando entre meus seios.

Não demora muito e pegamos o ritmo das músicas, me alegro em pensar que não fiquei ofegante de primeira. Entre uma dança e outra, Carlos e eu conversamos de tudo um pouquinho, da sua vida com Marco, do menininho que eles adotaram. Aos poucos me solto, me livro da tensão e começo a falar com Cal um pouquinho de Andrew e de como estamos.

— Ah, então é por isso que você está alegre, radiante e toda saltitante desse jeito. — Gargalha e joga a cabeça pra trás.

Bato meu ombro no seu e fico contagiada pela sua alegria e por minha

felicidade, vindo dentro de mim.

— Tenho um pedido para te fazer. — Diz Cal, pegando em minhas mãos, assim que acaba uma música.

— Devo ficar com medo? — Faço graça, ele apenas nega com um movimento de sua cabeça. — Então, fale.

— Vai ter um concurso, patrocinadores de todo o país vão estar presente, vou participar. — diz alegre.

— Que bom, Cal. Nossa, que tudo!

— Só que tem um, porém. — levanto minha sobrancelha prevendo algo relacionado a mim, não está com cheiro bom. — Preciso de uma acompanhante e cogitei você.

Ebugalho meus olhos e quase caio para trás. Como assim?

— Ham? — É a única coisa que consigo dizer.

— Para Liza, é uma música livre, e outra clássica. Pensei na valsa, e aquela que a gente gosta de dançar, *Try da Pink*. — Diz como se nada estivesse acontecendo.

— Ah que eu fico toda roxa. Sei! — Balanço minha cabeça e abro um sorriso.

Talvez, apenas talvez, esse concurso seja bom para mim. Minhas veias precisam de um choque de adrenalina.

— Põe meu nome, Cal. Estamos nessa.

— Já coloquei. — Roda minha cintura.

— Cara de pau! — Sua gargalhada é a mais contagiante que já ouvi, junto com seu carisma.

Mais um pouco de conversa e decidimos dançar uma última música. Ainda falta um pouco pra três e temos tempo, mais uma vez o ritmo nos envolve e eu perco o tempo somente viajando.

— Ei, Liza! — Me joga para o lado com uma passada de mão em minha cintura na última nota da melodia.

— Oi!

— Não fica tentando apagar seu fogo em mim, viu menina? — Sua voz é grossa. Puxa-me novamente, prendendo-me em seus braços.

Tombo minha cabeça para trás e perco até o ritmo da música, até parece que vou precisar apagar meu fogo com Carlos. Noto que ele não me acompanhou na risada e seu olhar está vidrado em um ponto logo atrás de mim.

Automaticamente meu corpo fica tenso e um calor começa a subir, dando-me vários calafrios. Antes de virar já sei quem é, pelo calor que exala na sala.

— Andrew está atrás de mim, né? — Pergunto para Carlos, simplesmente para ter a confirmação que eu por sinal já tenho. Isso é típico de acontecer.

Ele nada fala, simplesmente confirma com a cabeça. Antes que eu possa soltar Carlos já estou em outros braços, de costas para o peitoral de Andrew, e sentindo sua ereção na minha bunda.

— Puta que pariu, você certamente quer me matar desse jeito. — Diz com o rosto enterrado em meu cabelo, inspirando fundo.

Solto do seu aperto e me viro de frente para ele, minhas mãos entrelaçam em seu cabelo e a sua vai de encontro a minha cintura. Nada poderia ser mais perfeito do que esse nosso beijo, tem um toque de luxúria, mas o que predomina é a saudade de ambos. Andrew me puxa para si parecendo nunca ter o bastante.

Ouvimos um limpar de garganta atrás. Me dou conta de que Carlos está aqui até agora ouvindo e vendo o espetáculo, imediatamente eu coro.

Desvencilho-me de Andrew, que me dá um beijo casto demorado demais, olhando diretamente para Carlos.

Sério que ele está tentando marcar território aqui? Rolo meus olhos e resolvo apresentar os dois.

— Drew, esse é Carlos, meu professor de dança há uns quatro anos. — Olho para um Carlos corado, encarando o olhar matador de Andrew. — E Cal, esse é Andrew.

Não sei como apresentar Andrew, então deixo por estar. Acabo recebendo um olhar de insatisfação da parte de Andrew. Deus! O que ele queria que eu falasse?

Os dois apertam a mão de forma fria e rápida, só consigo rir da reação de Carlos ao ver Andrew. Deixe só Marco saber disso.

— Vou tomar um banho, rapazes. — Digo batendo no peito de cada um. E dando um rápido beijo em Drew. — Me espera!

Sigo andando em frente, mas duas mãos me puxam pela cintura, me fazendo colar novamente naquela deliciosa ereção.

— Não demora. — Morde meu pescoço e eu fico sem reação.

Não digo nada, saio em disparada para o banheiro, antes que eu dou meu terceiro passo eu já levei uma palmada na bunda. Ah não, sério! Não acredito nisso.

Me viro para Andrew, e Cal sorri da cara de macho alfa dele. Não consigo xingar mais ninguém, a gargalhada de Carlos é contagiante.

— O garotão aqui quer marcar território, Princesa. — Carlos se curva com a mão na barriga.

Dessa vez eu corro para os fundos, mas não antes de ver a expressão confusa de Andrew com a reação de Carlos.

Não faço questão de demorar mais que quinze minutos lá dentro. Quando saio, vejo Andrew na porta do estúdio com cara de poucos amigos, um pé apoiado no batente e os braços cruzados no peito.

Dou um tchau para Cal que está com outra aluna, mando-lhe um beijo e faço sinal de que irei ligar mais tarde.

Encontro com o Drew de cara emburrada, na porta e ficamos nos olhando por um longo tempo. Sou a primeira, pela primeira vez, a tomar alguma atitude. Dou um beijo nele de novela, me esfrego toda e não me importo com quem está olhando a cena, realmente não dou a mínima.

Afasto-me de sua boca, e o abraço. É tão bom sentir seu cheiro e seu toque. Por mim ficaria aqui no meu lugar preferido, para sempre. Sei que souo como uma adolescente sonhadora que sempre acredita em Felizes para sempre, mas é exatamente assim que estou me sentindo. E quer saber? É assim que quero me sentir, poxa!

Sua mão está fazendo carinho no meu cabelo. Desencosto do seu peitoral, apoiando só o meu queixo e olho para seu rosto, que está com os olhos fechados, sempre tão lindo. Ele parece notar que estou o encarando e dá um longo suspiro, abre os olhos parecendo estar mais calmo.

— Oi! — Falo tímida, com medo de alguma explosão.

— Oi, Gostosa! — As mesmas palavras sussurradas de hoje cedo ao telefone, dessa vez me fazem rir e corar ao mesmo tempo.

Abaixo a cabeça e olho para nossos corpos tão bem encaixados. Uma sintonia palpável. Andrew pega minha cabeça delicadamente com as duas mãos, e me faz olha-lo.

— Pelo jeito, você não perdeu o costume de andar com roupas curtas, Elizabeth. — Faz uma expressão sínica, mas ao mesmo tempo divertida.

Não sei o que deu em mim, mas dessa vez tenho certeza de que ele está brincando. Afasto-me completamente dele, fazendo-o ficar confuso e um belo vinco se forma em sua testa.

Dou uma rodada e paro de frente para ele. Estou com um short com um corte de saia na frente, azul marinho, uma blusinha de seda branca e uma sandália rasteirinha nos pés. Na verdade, estou bem simples, mas olhando para seu olhar nesse momento, me sinto a mulher mais linda do mundo.

— E então? Gostou? — Faço um movimento dobrando minhas pernas, com as mãos na bainha do short e, olho em sua direção.

— Está linda! — Pega-me pela cintura. — Você é maravilhosa. — Me dá um beijo casto. — E estava malditamente bem naquele pedaço de pano. Porra! Você estava deliciosamente comestível.

Jogo a cabeça para trás e rio com seu comentário, uma comichão sobe pelo meu corpo e dessa vez, só por hora vou ter que intercepta-lo.

— Então, vamos?



Capítulo 26

Estou estupefata, embasbacada, com a língua dançando no asfalto. Que seja, qualquer palavra para dizer que estou extremamente surpresa e com medo. Sim, muito medo! Meu coração está batendo descompassado, mas nada tem a ver com Andrew do meu lado rindo da situação.

— Ei, o que foi? — Coloco as mãos na cintura e o encaro.

— Nada. — Morde o lábio e vem ao meu encontro, abraçando-me por trás.

— Sério, Drew! — Encosto minha cabeça em seu peito, tentando respirar de forma regular, evitando que eu me perca em uma crise de pânico. — Você nem por um segundo acha que vou montar nessa coisa, né? — Aponto para o monstro preto na minha frente.

— Sim, eu espero que comigo sim, Liz. — Beija minha cabeça e vira-me. — Você acha que eu faria qualquer coisa imprudente com você em cima de uma dessas? — Fala com uma voz mansa, colocando meu cabelo para trás da orelha.

Eu acho isso? Bem, não. Sei que Andrew é doido, mas ele não colocaria nossa vida em risco.

— Não. — Respondo cabisbaixa

Caminho de encontro à moto monstro que está à minha frente. Passo a mão por toda sua lateral. Nunca tive amor e nem vontade de andar em cima de uma dessas, sempre tive medo, desde ... arg! Desde muito tempo.

Lembranças permeiam em minha mente, fecho os olhos e respiro fundo para mandar os fantasmas para longe.

— Qual modelo é? — Pergunto, tentando mudar a linha do meu pensamento.

Vejo o símbolo da *BMW* na lateral da moto preta a minha frente, as rodas de aço escovado, seu acento prateado.

— É uma *BMW S6 RR 1200* Cilindradas. — Diz orgulhoso.

— Sério? — Olho em sua direção. — Uau, que legal! — Finjo empolgação.

— Você conhece? — Pergunta esperançoso.

Não me contenho, dou uma gargalhada.

— Não! — Resolvo deixar meus medos de lado e enfrentar mais uma barreira. — Mas você pode me guiar!

Dou o sorriso mais debochado que tenho. Andrew não perde tempo, sem nenhuma resposta vai de encontro ao capacete e o pega, trazendo para mim, coloca em minha cabeça. No mesmo momento eu vejo tudo ficando real, começo a tremer. E é tão apavorante que eu não consigo controlar.

— Você confia em mim? — Segura minha cabeça, agora enorme com o capacete.

Só consigo afirmar com a cabeça, se eu abrir a boca vai sair mais que o necessário, e estragará com certeza o momento.

Monta e me ajuda a sentar naquele monstro que mais parece querer me devorar. Coloco minhas mãos trêmulas e frias em sua cintura, o apertando forte. Fecho meus olhos e espero o barulho do motor me ensurdecer. Ao invés disso eu escuto a linda voz de Andrew.

— Liz? — Alisa a minha mão em sua cintura.

— Hum? — Ainda de olho fechado, respondo.

— Olha para mim! — Ordena com a sua voz suave, pegando na minha mão e a apertando.

Abro meus olhos e me deparo com a sua testa franzida, pelo retrovisor vejo seu semblante preocupado, seus olhos de uma piscina azul profunda, me encarando tão expressivos.

Tenho vontade de chorar por não conseguir agir de maneira normal.

— Eu pensei que você gostaria. — Diz, fazendo carinho em minha mão e me olhando pelo retrovisor. — Mas se você não estiver bem, posso chamar meu motorista.

Vira para mim e me encara. Mordo meu lábio querendo engolir o choro, e pisco umas vinte vezes para aliviar as lágrimas que insistem em arderem os meus olhos.

— Não, Drew. Eu quero! — Tento convencer a mim mesma e a ele.

Eu preciso deixar isso ir.

— Então, tá! — Afirma com a cabeça e volta a ficar na sua posição de piloto. — Para onde vamos? — Coloca o capacete.

O que eu falo agora? Disse para minha mãe que iria comprar roupas. Que tipo de pessoa eu sou se eu fui comprar roupas, e chego em casa com a mão vazia?

— Tenho que comprar roupas.

Imediatamente Andrew vira em minha direção.

— Vamos às compras?

Não sei distinguir sua expressão, fica entre o divertimento, assustado e

o confuso. Completamente indecifrável.

— Podemos?

— Bem, se é o que você quer... — Vira novamente para sua posição e liga a moto.

Colo-me em Andrew e escuto o barulho do motor. Fico impressionada, o barulho não me fez ter a mesma aflição de sempre. Inspiro forte o seu cheiro, que me acalma e presto atenção para escutar apenas o meu coração descompassado.

— Isso vai ser interessante. — Escuto Andrew falando, mas nada respondo.

Não sei se ele falou comigo ou com ele mesmo. Logo depois, a moto entra em movimento, e no momento meus pensamentos todos se desfazem.

Ouçõ gritos ensurdecadores fazendo-me gelar a espinha. Balanço a cabeça e fito seu rosto pelo retrovisor. O que estou pensando não é real, não é real.

Sua mão vai de encontro a minha novamente, e imediatamente me acalmo. Esse é o toque que me faz bem.



Andrew cumpriu direitinho o prometido; veio com cautela, sem fazer nenhuma loucura. Chegou um certo momento que eu comecei a curtir. Veja bem! Comecei. Mas esse momento, não passou de cinco minutos. Logo, chegamos ao shopping.

— Quando você vem às compras, costuma demorar muito?

Sua voz é distraída, mas o questionamento é esperado. Espantou-me o fato dele ter me acompanhado na caminhada da compra, seria esperar muito

que tivesse a paciência como se fosse minha melhor amiga.

— Acabamos de chegar, Drew. — Falo olhando para as vitrines das lojas e me hipnotizando.

— Só estou querendo saber que horas vamos. — Tira a bolsa do meu ombro e a coloca no seu próprio. Pega minha mão e entrelaça na sua.

Se tiver como ficar ainda mais apaixonada por uma pessoa do que eu já estou, esse momento acaba de acontecer. Seu gesto me cativa. Resolvo não falar nada, para não o matar de vergonha. Foi uma coisa tão natural, e ele simplesmente nem deu bola.

Avisto uma loja que amo e corro para dentro, segurando a mão de Andrew praticamente o empurrando porta adentro.

Uma vendedora vem ao nosso encontro nos perguntando se pode ajudar. Francamente, se eu estivesse aqui sozinha, a loja cheia do jeito que está eu não estaria nem sendo recepcionada, quem dirá bem recebida assim.

A tal vendedora descarada dá uma senhora olhada para Andrew que está alheio a sua percepção me encarando, em expectativa da minha resposta.

— Quero roupas mais sociais, vestidos, saias, camisas. — Digo variadas coisas e a tapada não tem a decência de olhar para minha cara. Limpo a garganta e franzo o cenho. — Então, você tem?

Claro que foi uma pergunta retórica. O que elas mais têm ali, é esse tipo de roupas, estou acostumada a vir nessa loja. No entanto, faço questão de enfatizar o que quero, e isso não é nem por um segundo buscar uma terceira pessoa para o nosso programa de mais tarde. Coro só de pensar no nosso programa, o que me espera, um calor sobe e trato logo de pará-lo. *Foco, Elizabeth!*

Será que Andrew gosta de sexo a três? Ai, meu Deus! E se ele quiser provar da experiência comigo? Livrou-me desses pensamentos malignos da minha consciência e ando seguindo a vendedora que tem o intuito de nos

apresentar a seção de roupas femininas, ainda sem lançar o olhar em minha direção.

— É aqui. — Aponta para várias araras de roupa ao seu redor. — Podem ficar à vontade. Qualquer coisa, estou à disposição — Tira um cartão do bolso de sua calça e entrega para Andrew. — Me chamo Patrícia.

Oi? Como assim?

Puta que pariu, isso está me tirando do sério. *Sou eu que vim comprar, queridinha.* Argh! Fico a olhando sair de perto da gente, tempo bastante para ela perceber que eu vi o seu flerte. Descarada, cara de pau!

— *Me chamo Patrícia!* — Imito sua fina voz baixinho, rolando meus olhos. Escuto a risada de Andrew e nem me viro para olha-lo.

Ele em nenhum momento largou a minha mão, me dando a satisfação que tanto preciso. Com o tempo passando, uma hora ou outra, ele vem e me dá um beijo na cabeça, carinhoso.

A vendedora fica num cantinho encostada em algumas prateleiras, com outras duas, cochichando e as vezes olhando em nossa direção. Certeza que agora estou toda vermelha de raiva, e minha orelha coçando com o nervosismo, já a sinto pegando fogo.

— Olha esse, Liz. Que lindo! — Andrew segura um vestido azul marinho, da cor do meu short. Tirando dos meus pensamentos homicidas.

— Vou experimentar. — Dou um beijo mais demorado do que preciso, em sua boca, e coloco o vestido no cesto.

Andrew poderia ser meu *Personal Shopper*. Sério! Estou indo para o provador, com três vestidos, quatro saias lápis de tamanhos variados, duas calças e seis blusas, entre elas de botão, seda, algodão, renda. E adivinhem quantas dessas peças eu escolhi? Pasmem! Só uma. Isso mesmo. Andrew escolheu todas as outras.

Entro no provador e pego logo de cara o vestido que mais gostei. Claro, escolhido pelo Andrew. O coloco com grande facilidade e vejo no espelho. Faço uma careta ao constatar que não serviu. Aquela sonsa me deu um numero a mais dizendo que a forma é pequena.

Pequeno vai ser o que vou fazer com seu rosto, se ela não parar com isso.

Saio do provador com uma ira descomunal. Assim que coloco meus pés na sala de espera do provador vejo como Andrew está lindo. Reparando em sua roupa pela primeira vez no dia, vejo que está com uma calça jeans clara gasta, e uma blusa sem muitas estampas, vermelha; de tênis no pé, e lindo de morrer. Mas agora eu não posso morrer, tenho que estar vivinha da Silva.

A descarada está com uma peça de lingerie nas mãos praticamente posando para Andrew, a colocando sobre seus seios e falando não sei o que, e o bobo ainda fica olhando. Droga! Será que ele está gostando? Uma baita insegurança me atinge, me fazendo recuar dois passos, mas a minha determinação vence, pelo menos respeito comigo ele tem que ter.

Chego perto dos dois sem que eles notem a minha presença, quando eu estou quase nas costas dessa sonsa, Andrew me vê e abre o maior sorriso do mundo, me desarmando toda. Patrícia olha pra trás com cara de desgosto.

— Linda, esse vestido está um pouco grande, né? — Além de tudo é sincero.

— É! — Digo sem olhar em sua direção. — Patrícia, realmente vai ter que ser um número menor, querida. — Franzo as sobrancelhas e olho para o meu corpo. — Mesmo com a forma pequena. É que minha silhueta é bem fina. — Coloco as mãos na cintura e dou um sorriso forçado.

Olho para sua mão que ainda está sobre seus seios com o sutiã e, olho para Andrew. Ele pôr fim parece notar o meu desconcerto, pega a peça sem nem olhar em sua direção.

— Estava aqui escolhendo algumas lingerie para você. — Se vira e

pega mais duas peças, todas espetacularmente lindas. — Experimenta.

Pego todas de sua mão e lhe dou mais um beijo. Bem, se ele pode marcar território, eu também posso.

— Obrigada! — Viro-me para Patrícia. — Então, você poderia pegar o vestido pra mim?

—Claro, Senhorita.

Abaixa a cabeça e segue loja adentro. Rio internamente e olho de cara feia para Andrew. Ele me dá as lingerie para experimentar não quer dizer que diminuiu o meu desconforto com a sua falta de tato ao ficar olhando para o seio daquela sonsa.

Com ódio, caminho novamente para o provador, e dessa vez experimento todas as roupas. Somente o maldito vestido que escolhi é que não ficou bom em mim. Pelo jeito o Senhor Pau duro conhece melhor meu corpo do que eu.

Com todas as peças, eu saio e praticamente faço um desfile para ele ver. Nesse instante, estou com as peças de lingerie na mão, com uma vontade enorme de sair vestida com elas, só para mata-lo de raiva e tesão. Mas contengo-me devido a brilhante ideia que tive, e ao disparate que seria.

Lembro que muitas das vezes em que fui lá fora, Drew estava bisbilhotando o celular, agora ele vai ter coisa muito mais interessantes para ver, do que uma simples tela de *Iphone*. Coloco a peça delicadamente, um vermelho vivo, cheio de renda e strass, estilho nadador, a calcinha também de renda, seguindo o mesmo modelo do sutiã, fio dental.

Fuço dentro da minha bolsa até achar o meu telefone. Tiro várias fotos, mandando beijo, com o dedo na boca, meio agachada. E todas, até as que eu achei mais ou menos, eu mando para Andrew. A sua única resposta é a carinha de assustado daquele bichinho, me orgulho da minha coragem. Faço isso com todas as três peças que ele me deu, no final pergunto:

Liza: “Então Sr. Pau Duro, ficou melhor em mim ou na sonsa da Patrícia?”

Dessa vez ele nada responde e a insegurança me invade novamente.

Visto todas as minhas roupas depressa e saio do provador, encontro novamente um Andrew conversando com a sonsa e uma coisa que não sei se ela percebeu, mas meus olhos já viram daqui; de pau duro.

A angústia sobe como lágrimas, mordo novamente meu lábio tentando segura-las e vou de encontro aos pombinhos na frente.

O vejo só com uma gravata na mão, também vermelha. Mas eu não falo nada, sigo para o caixa e tiro meu cartão para pagar tudo. Diferente do que eu achei que iria estar, Patrícia está com uma cara de quem comeu e não gostou, mas não deixa isso me intimidar.

— Pode guardar. Eu pago. — Sua voz baixa e rouca vem atrás de mim. Porém, séria.

Tremo dos pés à cabeça, mas resisto. Separo as peças de roupas das lingerie.

— Ele vai pagar as lingerie. E eu as roupas. — Digo no mesmo tom, sério e firme.

Andrew parece desistir da sua provocação, me dando um alívio e um certo medo. Será que fui longe demais? Droga! E se ele falar que não tolera ciúmes? Pior, se ele disser que gosta sim de uma coisa diferente? Cacete!

Pago tudo e mais uma vez a sacola e minha bolsa ficam nas mãos de Andrew, no caminho para o estacionamento não falamos nada. Andrew está no celular, e eu perdida em meus pensamentos mórbidos.

Chegamos ao estacionamento e um rapaz forte, alto, negro e com terno, está na porta do seu *BMW*. Andrew não diz uma palavra, e o entrega as sacolas todas.

— Jacke, essa é Liza. — Se vira em minha direção. — Elizabeth, esse é Jacke. — Elizabeth?

O cumprimento não fazendo mais nenhuma pergunta. Mas o mesmo não parece querer falar nada, fica calado. Meneio a cabeça em afirmação e solto sua mão. Estou frustrada, com raiva, com um ciúme desenfreado do cão, e o cara do meu lado não faz nada, absolutamente nada para ajudar nesse quesito.

— Vamos. — Andrew pega a minha mão.

Pensei que iríamos de carro agora. Constatando que vamos de moto, minhas borboletas no estômago, que até o momento estavam um pouco relaxadas, começam a acelerar, ficando loucas.

Seus passos são largos e cronometrados, me fazendo praticamente correr atrás.

— Pra onde vamos? — Pergunto, assim que pego o capacete que ele acaba de destrancar da moto.

Sem meias palavras, Andrew pega-me pela cintura, empurrando-me em direção à pilastra, atrás de mim. Beija-me com devoção e vontade, roça seu corpo inteiro no meu, me faz tremer de desejo, me fazendo esquecer de tudo. O agarro com toda força que tenho e sinto mais do que nunca sua ereção em meu sexo. Andrew este meio agachado facilitando o atrito dos nossos corpos, aumentando o êxtase.

O empurro com força quando me dou conta de que não sei nem por que ele está assim. Será pela sonsa da vendedora, ou por minhas fotos? Não falo nada e o olho de cara feia. Ele me deixa confusa, e atormentada, sentindo que meti os pés pelas mãos, mas sem saber bem o motivo, apesar de achar que meu comportamento é infantil.

— Vamos para minha casa. — Esfrega meu seio, pegando minha mão no final. — Agora!

Sei que deveria bater o pé, pedir explicação para tal comportamento, mas não consigo negar e nem responder nada, só o deixo colocar o capacete na minha cabeça, me perguntando onde essas nossas atitudes irão nos levar, e o que sobrar de nós, especificamente de mim, depois do fim.



Capítulo 27

Diferente de quando estávamos indo para o Shopping, Andrew corre pelos corredores, atravessando entre os carros, fazendo-me tremer, não de tédio, e sim por lembranças borbulhando a minha mente.

Memórias que eu lutei para que ficassem debaixo de sete chaves, surgem, fazendo meus olhos embaçarem. As lágrimas ardem, mas eu luto para não as deixar descer.

Um certo momento encontro com o olhar de Andrew pelo retrovisor, não posso conter o meu medo de estar em cima dessa coisa, a cada barulho, acelerada, meu coração bate a mil por hora. Confio nele, é um fato. Mas minhas memórias não querem me deixar em paz. Foram tantos anos lutando para reprimir que agora parece que todas querem ressurgir de onde eu as deixei.

Tenho vontade de gritar e fazê-lo parar essa coisa, para que eu enfim, possa descer. É como se eu vivesse em um filme de terror, onde o personagem principal, fosse eu, e os fantasmas ficassem anunciando a chegada do vilão. Mas me contenho e forço meu olhar no seu, não digo uma palavra. As pálpebras tremulam em cima dos meus olhos que ardem.

Como um pedido silencioso, Andrew vai reduzindo a velocidade carro após carro, o que vai me acalmando e desanuviando minha mente para pensar no porque ele está com tanta raiva assim. É inevitável pensar que sua mudança de comportamento foi depois das minhas mensagens, ou do seu papo com a vendedora. Minha mente começa a borbulhar sobre o que de fato eles falavam, de uma hora para outra o humor dos dois mudou completamente, fazendo-me, assistir tudo de fora, como uma intrusa. Céus, o

que está acontecendo comigo? Virei uma psicopata ciumenta, agora?

Para meu alívio ele entra em seu condomínio, logo mais chega na garagem e eu me jogo de cima da moto.

— Não, Elizabeth! Não desce por esse lado. — Fala ríspido, saindo da moto junto comigo, mas pelo outro lado. Porém, já é tarde demais.

Assim que seus lábios se fecham sinto um ardor em minha canela, como se estivessem me queimando viva, uma queimadura dilacerante.

— Ai, merda! — Grito de dor e caio no chão. — Droga! — Praguejo alto.

Mais um bendito trauma para coleção de moto. Arde demais.

— Custava você esperar eu descer para te ajudar? — Andrew me reprime, agachando-se ao meu lado.

— E correr o risco de você arrancar com essa coisa e quase me matar de novo? Ai, Droga! — Pego na minha canela a apertando para o sangue parar de correr um pouco no local e conseqüentemente parar de doer. — Você prometeu, Andrew! — Falo um pouco mais alto, não sei se pela dor, ou de raiva. Eu confiei nele.

Não consigo segurar mais minhas lágrimas, elas escorrem com facilidade pela minha face. Não me importo, só quero colocar para fora, tudo. Olho para seus olhos, minha visão turva pelas lágrimas, seu cenho está franzido e seus olhos brilham. Limpo meu rosto molhado, e trato de expulsar esse pensamento de que o brilho de seus olhos seriam lágrimas não derramadas. Isso é só remorso.

— Vem, vou te levar para dentro. — Fala em um tom mais apaziguador, respirando fundo.

Pega-me no colo com uma facilidade impressionante. Caminha comigo porta adentro, sinceramente eu não sei nem como ele conseguiu abrir a porta,

e nem me interesssei ver. Minha cabeça está enterrada em seu pescoço, inalando seu cheiro e mais lágrimas se formam em meus olhos.

Coloca-me no sofá e sem uma palavra, entra em uma porta. Tento pensar em outra coisa que não seja Andrew e a droga da queimadura. Caralho! Isso dói pra caramba. Olho para cima, jogando minha cabeça no encosto e respiro fundo para poder parar com o dilúvio em que estou.

Andrew aparece minutos depois com um ovo em uma mão e uma pomada na outra. O que raios ele está fazendo com um ovo?

— O que você vai fazer? — Pergunto confusa.

— A Dra. deveria saber que existem remédios caseiros. — Apesar de sua voz sair com um tom de diversão, seu semblante ainda é sério.

— Que nem sempre são eficazes? — Minha voz sai mais como uma pergunta do que como uma afirmação, na verdade eu só quero que essa droga pare de arder.

— Me dê sua perna. — senta no sofá ao meu lado, me fazendo ficar de frente pra ele e com uma perna em seu colo.

Sem pestanejar eu sigo suas ordens e deposito minha perna em cima da sua coxa. Andrew quebra o ovo com uma habilidade incrível, coloca um prato por baixo da minha canela, e por fim, joga somente a clara na ferida, não dói, na verdade, para de arder quase que instantaneamente.

Suspiro de alívio e limpo o suor da minha testa. Olho para Andrew que parece estar realmente preocupado com a minha queimadura, seus olhos fixos naquele ponto ferido, sem piscar.

Chega com a boca próxima, e a assopra, fazendo arrepios até a minha nuca, um calor me atingir e eu me esquecer da ferida.

— Isso é para não ficar mancha. — Diz ainda assoprando um pouco, com um sorriso de canto de boca, safado.

Ele sabe o que faz comigo e não nega.

Para de assoprar e pega a pomada ao lado. Passa superconcentrado nas beiradas, fica longos minutos prestando muita atenção naquele pedaço de pele, seu toque é leve, quase imperceptível. Quando se dá por vencido de que a área está toda preenchida, olha para mim.

— Desculpa. — Suspira, se recostando no sofá. Alisa minha perna ilesa de cima a baixo.

Não consigo desconectar meu olho do seu, minha boca não abre para sair nada. Afirmo com a cabeça, eu realmente fiquei com medo e magoada pelo que ele fez.

— O que aconteceu com você e uma moto? — Seu olhar confuso, cenho franzido, me fazem abaixar a cabeça.

Está aí, as perguntas que no momento eu não estou disposta a responder, detesto lembrar desse episódio da minha vida. Faço um sinal negativo com a cabeça.

— Podemos mudar de assunto? Eu não quero falar disso.

Andrew me encara, os olhos perdidos nos meus. Engulo a vontade de chorar novamente e como flashes sinto o cheiro do asfalto, o barulho das minhas costelas quebrando, a dor dilacerante de Luíza em cima de mim.

Fecho meus olhos, quebrando nosso contato e empurrando as lembranças para longe, que é o mais perto possível onde elas têm que ficar.

— Está doendo ainda? — Passa a mão ao redor da minha queimadura, causando-me mais uma vez, arrepios.

No entanto, eu tenho a impressão que ele não pergunta somente da ferida.

— Não muito. — Respondo quase ofegante.

Drew se inclina sobre a minha perna, com um sorriso maroto nos lábios, e começa a depositar beijos perto da minha ferida e vai subindo. Beija minha perna toda, chegando na junção das minhas coxas, meu peito sobe e desce, minha respiração curta e meu coração fica descompassado. Alisa toda minha pele, beijando-me acima do short, dando uma leve mordida. Jogo minha cabeça para trás dando um gemido. Com meu movimento, meus pés encostam na ereção de Andrew, o fazendo tremer. Paro e vejo sua linda expressão de tesão. Seus olhos cerrados, sua boca entreaberta, sugando tudo que pode de ar, como se fizesse uma reserva para gastar muito fôlego.

Se levanta e coloca minha perna em cima do sofá, inclinando-se sobre mim, fazendo-me deitar completamente. Paira por cima de mim, tendo o cuidado de não encostar na ferida. Começa a me beijar toda, meu colo, pescoço, queixo, ombro. Chega em minha boca e me beija com paixão, a luxúria palpável. Sua língua brinca com meu lábio inferior, sua mão desce e sobe pelo meu corpo, apalpando meus seios no caminho.

Sem nenhuma palavra, Andrew tece uma trilha de beijos pela minha mandíbula, descendo pelo meu colo. Estranho a sua distância, não quero ser considerada igual as outras. Ele sempre foi tão diferente, comunicativo.

O empurro, mas não aguento o seu peso, praticamente não movo nenhuma palha de seu corpo. Seus beijos novamente passam para minha boca, mas dessa vez eu a fecho e, ele faz força para eu abrir. Viro minha cabeça de lado. As lembranças povoando a minha mente, em questão de instantes, fico com a respiração falha.

Andrew está se tornando um gatilho, ao mesmo tempo que me faz esquecer completamente tudo a minha volta.

— Não! Para, por favor! — Falo, num fio de voz.

Fecho meus olhos e espero o ataque começar, minha roupa ser arrancada, mas nada disso acontece. Sinto seu peso caindo um pouco sobre mim, e seu rosto se afundar na curva do meu pescoço.

— O que foi? — Pergunta, suspirando.

Dou graças por ele não ter notado minha histeria.

Reúno toda a coragem que tenho e solto:

— Você desejou ela, Drew? — Fecho meus olhos com o impacto que a pergunta caiu sobre mim.

— Que porra de pergunta é essa? — Se apoia nos braços, olhando nos meus olhos, agitado.

Posso ver as engrenagens da sua cabeça trabalhando daqui. Mas não posso ficar com essa dúvida no ar. Não me perdoaria se ele ficasse comigo pensando em outra, apesar do pensamento agora ser decepcionante.

— Você entendeu! — Falo um pouco mais firme.

— Bom, o que eu entendi é que eu estou com uma mulher gostosa embaixo de mim, e a mesma está me perguntando se eu desejei uma vendedora oferecida, metida a besta. — Faz um sinal negativo com a cabeça, levanta e se senta, passando a mão no rosto, depois me encara. — Você está querendo elogios?

Me sento com a sua pergunta. Como assim ele me pergunta se eu quero elogio? Que idiota!

— Não diga besteiras, Andrew. — Coloco minha perna com cuidado no chão. — Só estou querendo saber o que aconteceu no shopping.

— E por que raios você não me pergunta logo isso? — Aumenta o tom de voz, me assustando.

— Por que eu pensei que você fosse suficientemente inteligente para entender isso. — Digo exasperada. Como se ele tivesse me dado a chance de falar alguma coisa.

— E você é suficientemente inteligente, para entender o porquê meu pau, não abaixou até agora? — Pega minha mão e a coloca em sua ereção.

Arrumo meu corpo, terminando de sentar, e Andrew se levanta, tirando minha mão da sua ereção, a sinto vazia.

Se afasta, passando as mãos no rosto, depois me encara, com as mãos na cintura., esperando alguma resposta.

— Você não me deu espaço nenhum para falar. — Dou um suspiro, cruzando meus braços sobre meu peito. — Se estamos seguindo por esse caminho, Andrew, gostaria que fosse pelo menos monogâmico. — Abaixo a minha cabeça e espero.

— Eu te dei motivos suficientes para você acreditar que eu estou com outra mulher, senão você? — Fala quase sussurrando.

O olho, confusa. Andrew está com o rosto curvado todo vermelho, olhando para o meu. Ele parece estar com raiva.

— Você ficou de flerte com aquela sonsa. — Levanto meus braços, exasperada.

— Eu não, ela que ficou comigo. — Diz ofendido, na defensiva.

— Está vendo, você não é cego. — Aponto o dedo em sua direção.

A realidade me bate como uma caixa d'agua de mil litros cheia, na cabeça. Me levanto do sofá e chego a ficar tonta. Droga! Está na cara que eu perdi, odeio perdas, não sei lidar com isso. Mas, chega uma hora que a gente tem que sair do fim do poço enquanto pode. Para não afundar mais.

— Era por isso que eu não queria — Aponto dele para mim. Sempre vai ter dessas coisas. — A gente não precisa ter nada sério, mas eu não consigo ficar com uma pessoa, sabendo que ela queria estar com outra, ou que ela desejou outra. — Respiro fundo. — Eu preciso da minha bolsa para ir embora.

— O que? Você está falando sério? — Quase grita, me fazendo pular. — Porra, Elizabeth! Eu não sou cego, tá legal? Eu vi o flerte dela sim, mas eu

não corresponди. — Passa a mão no rosto e inclina seu corpo em minha direção. — Você saiu do provador eu estava falando com ela que não era bonito uma mulher flertar com um homem que está acompanhado.

O que? Era isso a cara de bunda dela?

Que idiota que eu sou. O que raios eu estou fazendo, Andrew não me deve nada, afinal de contas, nós não temos nada.

— Mas, você olhou para os seios dela. — Retruco.

— Imaginando os seus dentro da peça de lingerie. — Gesticula, parecendo que está falando o óbvio.

— Tá me chamando de trouxa, Andrew? Ninguém imagina essas coisas.

— Um homem pode imaginar muitas coisas, linda. O seu seio dentro da lingerie era a única coisa que eu conseguia pensar.

— Sério? — Maldita insegurança.

Um sorriso tímido surge em meus lábios, enquanto eu luto com a decisão de acreditar em suas palavras, ou pensar que Andrew está querendo me comprar.

— Sim, muito sério. — Como uma lebre, chega perto de mim, segurando minha cintura e aproveitando o meu momento de fraqueza, beija meu pescoço e sussurra em meu ouvido. — Eu te desejo demais, Liz.

— Para, Drew! Você não vai conseguir me distrair com sexo. — O empurro de lado, querendo agarrá-lo ali mesmo, e treparmos até fritar todos nossos miolos.

Meu Deus, Elizabeth!

— O que você quer que eu diga? — Fala, tirando-me dos meus devaneios, fazendo carinho em meu rosto.

— Só o que você sente. — Fecho meus olhos, aproveitando.

— Que é só você que está fazendo meu corpo suar, tremer. — Sussurra com o nariz pregado na minha orelha. — Que a noite quando é difícil dormir, a única coisa que eu penso é em me enterrar em você? — Me abraça apertado. — Meu Deus, Liz, pode até ser diferente mais para frente, no entanto, nesse momento, tudo que eu quero é a sua boceta para mim, só pra mim. — Beija meu pescoço. — Eu quase morri quando vi aquele professorzinho de meia tigela te agarrando. — Rio do seu comentário, mal sabe ele que a fruta que eu gosto, Cal chupa até o caroço, há muito tempo. — Que naquela porra de shopping, eu fiquei doido de olhar suas fotos e não poder te tocar, te comer, te matar de prazer, proporcionando vários orgasmos alucinantes. — Tira meus pensamentos de Cal e me faz olhá-lo. — Fecho meus olhos para dormir e é o seu rosto de êxtase que vem em minha mente. Me sinto o cara mais sortudo do mundo quando te sinto gozando em volta de mim.

Sabe aquele tremelique que passa pelo seu corpo quando você não está se aguentando mais de tanto tesão? Pois é, multiplica ele e soma com mais cem. Esse número vai dar uma quantia aproximada com a que eu estou sentindo por Andrew.

Se tiver como resistir, eu preciso de algumas aulas. Por que, aqui faltou a resistência, a coerência, a responsabilidade.

Me jogo em seus braços e paro de querer afasta-lo. O beijo com intensidade, sentindo o gostinho amargo da quase perda. Envolver minhas pernas em sua cintura e não interrompo o momento em que sua ereção roça em meu sexo, causando um atrito delicioso. Esse homem vai me levar a loucura, certamente.

— Estar com você é bom demais. — Passa as mãos debaixo da minha bunda, e com a outra segura minha cabeça no lugar apertando minha nuca e cabelo.

Puxa-me para cima, com um pulo eu estou em seu colo, e Andrew

caminha para escada. Eu não paro de beija-lo para ele subir as escadas, até que chegamos no quarto e ele me joga na cama, fechando a porta com o pé.

— Eu sei que vacilei mais cedo. — Passa a mão pelo meu rosto, em direção ao meu colo. — Mas eu preciso fazer essa pergunta de novo. — Engole em seco, olhando-me dentro dos olhos, permitindo que eu veja toda a sua profundidade. — Você confia em mim?

Afirmo com a cabeça sem pensar duas vezes.

— Ótimo! — Dá um sorriso de canto de boca. — O que vamos fazer, não foi exatamente o que eu planejei para hoje, mas vamos improvisar por causa da sua queimadura. — Fixa seu olhar em meu colo, subindo e descendo.

Começa a tirar minha roupa sem preliminares nenhuma. Primeiro vai a blusa, em seguida me coloca de pé e tira o short, agachando na minha frente. Nunca perde o contato visual comigo, e essa visão é mais do que erótica, assim como ele vai subindo devagar, alisando minha perna com seu nariz e boca. Arrepio-me toda com o contato, gemendo de frustração quando ele passa direto entre as minhas pernas.

Se inclina e pega uma sacola atrás de mim, põe na minha frente possibilitando-me ver que é da loja onde estávamos.

— Coloca para mim! — Sua conhecida voz rouca e doce mexe com meus sentidos.

Corro para o banheiro, não pensando em mais nada. Na verdade, até a queimadura eu esqueci que existia. Ou quase.

Ao me olhar no espelho, vejo-me corada, viva, com um brilho diferente no olhar. Tiro a lingerie da sacola percebendo que é a vermelha, um sorriso surge em meus lábios quando lembro que a gravata que ele comprou é da mesma cor que a peça. Um frio percorre a minha barriga, meu estômago se contorce de ansiedade.

Saio do banheiro, encontrando Andrew sentado na cama, o cotovelo apoiado na perna e as mãos apoiados na cabeça só de cueca vermelha (acho que ele pensa em tudo). Nas mãos tem a gravata nova. Não faço movimento nenhum, quero apreciar esse momento, é tão raro eu o ver sem ser notada.

Mas, a minha alegria dura pouco. Andrew levanta a cabeça e me olha de cima a baixo, com uma intensidade tão grande, que me sinto fraquejar as pernas. Um sorriso malicioso surge em seus lábios enquanto vai acabando de fazer a inspeção. Minha vontade é de pular em cima dele, mas me contenho. Quero tudo que ele possa me dar, do jeito dele.

— Vem aqui. — Faz sinal com o dedo para eu ir ao seu encontro.

Sigo em sua direção e paro em sua frente. Andrew enlaça suas mãos na minha bunda e a aperta. Com um movimento ele está curvado sobre a cama e eu deitada. Completamente ofegante.

— Você ficou linda, — me beija com delicadeza — maravilhosa.

Inflo igual a um baiacu com seus elogios. Sexo com Andrew nunca é a mesma coisa, seu vocabulário sempre está cheio de novidades. O que me cativa é que a cada palavra ele parece ser ainda mais sincero.

Puxa-me para o centro da cama, esticando as minhas pernas.

— Eu ia prender as suas mãos, para você saber como é bom ver e sentir, sem poder tocar. — Distribui beijos molhados ao longo de todo meu corpo, ignorando de propósito meu sexo. — Mas como você foi imprudente na moto, vou prender seus pés. — Completa, fingindo me reprimir.

Sorrio com seu comentário que só aumentou o meu tesão. Puta que pariu, se ele der um pequeno toque em meu clitóris, eu morro gozando.

Andrew pega uma perna de cada vez, prendendo ao pé da cama, dá um nó apertado com a gravata vermelha tomando cuidado para não roçar em minha ferida. Minhas pernas ficam completamente abertas, meu sexo exposto.

Seu olhar de predador me põe quente, molhada e sedenta por ele. Andrew se levanta por cima de mim e pega, na escrivania, um pacote de camisinha. Rio com sua eficiência e minha respiração fica ainda mais acelerada. Da para ouvir nos ouvidos meu coração batendo e meu sangue pulsando cada vez mais rápido.

— Sou tarado com você, só som da sua respiração me deixa duro. — Como para provar o ponto, ele pega a minha mão, colocando-a em cima de sua ereção.

A aperto entre meus dedos e Andrew geme, um som lindo que chega em meus ouvidos como música aumentando ainda mais minha libido. Se é que isso é realmente possível.

Se afasta, depositando beijos em todo o meu corpo, saciando a sua vontade, aumentando ainda mais a minha. Quando chega em meu colo, Andrew afasta o bojo do sutiã, olhando meu seio com admiração, abocanha um mamilo, enquanto o outro recebe carinhos com seus dedos. Assim ele faz de um mamilo para outro. Apalpa, morde, belisca e chupa.

— Ah! — Arqueio meu corpo em sua direção.

— Isso, geme! Geme para mim, safada! — Sussurra, sua língua em meu umbigo, lambendo, mordendo.

Sua tortura não tem fim, eu só queria que ele chegasse logo na minha boceta, mas parece que seus planos não são esses. Tento fechar as pernas para aumentar o atrito, mas só pioro as coisas quando vejo que não vou conseguir. Fecho meus olhos em frustração, sentindo todo o meu corpo tremer.

Sua boca desce lentamente em cada perna, me deixando completamente alopada, revirando os olhos de tanto tesão. Acho que se ele enfiasse seu pau em mim agora eu faria igual essas meninas do livro, que literalmente ejaculam. Tamanha é a minha excitação.

Finalmente sinto sua respiração onde eu tanto o quero. Arqueio o meu corpo para ver sua boca afundada em mim. Lentamente ele coloca minha

calcinha de lado, me surpreendendo por não rasgá-la. Abre os lábios com seu dedo, lambe de baixo a cima. Dou um pulo da cama, forçando a minha perna para fechar, sem sucesso. Querendo me enlouquecer ainda mais, Drew chupa meu clitóris com vontade, pega-o entre os dentes, mordendo suavemente em seguida.

Ai, Deus! Se ele fizer isso mais uma vez, eu gozo. Com certeza.

— Vai Drew... por favor! — Choramingo implorando. Jogo minha cabeça para trás ao sentir sua língua dando-me uma leve penetrada. — Me faça gozar, droga! — Deixo escapar um grito.

— Shiu! — Sua voz sai em um sopro por cima do meu clitóris.

Andrew repete todo o processo milhares de vezes. Lágrimas ardem os meus olhos pela vontade frustrada de querer gozar. Então ele morde um pouco mais forte o meu clitóris, sugando em seguida e eu não aguento mais a tortura, gozando loucamente.

Afundo minhas mãos em seu cabelo, com medo de que ele possa parar qualquer coisa mágica que está fazendo em mim. Respiro fundo, sem conseguir ar suficiente para os meus pulmões. Ao fechar meus olhos eu posso ver um céu estrelado, meu corpo com a sensação de queda livre, gostosa. Andrew não para de me chupar enquanto meu corpo se contorce em cima da cama.

Quando volto em mim, Andrew está parado com os cotovelos apoiados em cada lado da minha cabeça, encarando-me como se eu fosse um bibelô de ouro. Sorrio para ele, olho para baixo e me assusto ao ver que seu membro já está de camisinha. Acho que fiquei muito tempo apagada.

— É incrível como você é alheia ao tanto que é malditamente gostosa, Liz. A sua boceta tem o melhor gosto que já provei. Eu a chuparia até a morte, engasgaria e partiria feliz.

Investe dentro de mim com força e vontade. Como se não tivesse gozado por mim ontem. Tento manter meus olhos abertos, mas é

praticamente impossível.

— Você é tão apertada. — Resmunga.

Sinto meu corpo se aquecendo a cada investida. Mordo meus lábios, seguro em seus ombros, apoiando-me para movimentar meu quadril contra o seu.

— Mais rápido, Drew! Mais... — Não consigo acabar de falar.

Ele me olha com seu semblante de menino cheio de tesão e investe ainda mais dentro de mim. Tento fechar minhas pernas, mas não consigo. Seguro mais forte suas costas, fincando a minha unha na região.

— Ai, meu Deus!

Grito sentindo que mais um orgasmo avassalador está se construindo dentro de mim.

— Puta merda, Liz! Eu não vou durar muito. — Beija-me forte, sua língua invadindo minha boca como suas estocadas em mim. — Você é uma vadia deliciosa.

Suas palavras chulas me levam a perdição, sinto picos de prazer subindo pela minha perna, fazendo meus pêlos se arrepiarem. Não consigo me conter e começo a gozar.

— Ah — Andrew grunhi, puxando meu corpo para baixo, pela minha cintura, de forma que minhas pernas fiquem dobradas.

Aumenta ainda mais as suas investidas, em busca do seu próprio prazer. Sinto seu pau se inchando dentro de mim, a ponto de gozar, prolongando toda a sensação prazerosa do meu corpo. Consigo manter meus olhos abertos, admirando suas expressões.

Alisa minhas pernas de cima a baixo, olhando-me nos olhos. Lasca um tapa bem estalado em minha bunda, deixando-me louca. Roça sua pélvis no

meu clitóris com força. O atrito impulsionando um orgasmo atrás do outro. Duplo. Enquanto eu tento me concentrar em acompanhar seus movimentos, incrédula em entender como ele consegue fazer tudo ao mesmo tempo.

— Você vai gozar comigo, minha puta... apertar meu pau bem gostoso, do jeito que só você sabe. — Seus dentes estão cerrados enquanto grunhi de prazer: — Caralho, que delícia!

Caralho, que delícia! É toda a frase que meu cérebro consegue processar, enquanto enxurradas e mais enxurradas de prazer nos assolam. Nunca senti nada parecido, sinto meu cérebro se fundir em uma nuvem negra e densa. Olho para Andrew, percebendo que o sentimento é mutuo. Mesmo confusa, sinto-me confortada.

Fecho meus olhos me sentindo hipnotizada e exausta, buscando eternizar esse momento delicioso que tivemos. E rezando pela primeira vez, para dar tudo certo entre a gente. Deixo minha cabeça cair pesada no travesseiro, nossos corações batendo em sintonia, e pela primeira vez, me deixo imaginar um real futuro para nós dois.

Capítulo 28

Chego em casa com um monte de sacolas, não dando motivos para desconfiarem, ou assim penso eu. Estou em estado de torpor absoluto, êxtase e alegria me consomem. Nunca imaginei que a companhia de uma pessoa, que não fosse da minha família, me causaria tanta alegria um dia. Com Andrew é tudo novo e prazeroso.

Em meio ao jantar, os falatórios, conversas fiadas, Sofia gritando, Tita latindo, papai rindo das peripécias da Giovana, mamãe mais confortável; divago no mundo da lua e lembrando os momentos deliciosos que passei com Andrew.

— Tenho que ir. — Me levanto e sento na cama, com um grande pesar.

— Para onde? — A voz de Andrew sai sonolenta, mas expressiva.

Sua mão em minhas costas, fazendo carinho.

— Oras, pelo que eu saiba, ainda tenho um lugar para chamar de casa, senhor Nunes. — Digo com um leve desdém, me levantando da cama.

Andrew bufa e se senta, passa as mãos no cabelo e fica me olhando como se fosse um cachorrinho amuado.

Fico esperando uma reação sua, mas nada chega.

— Bom, vou tomar banho! — Viro em direção ao banheiro.

— Liz?

Viro-me para escutar o que ele tem para me dizer, sua voz soou tão nervosa, com um timbre de rouquidão. Cerro meu olhar em sua direção, tentando decifrá-lo.

Andrew passa a língua pelos lábios e a mão pelo rosto. Seu olhar percorre meu corpo inteiro.

— Você ficou linda com a bunda vermelha. — Abre um sorriso cafajuste e deita novamente na cama, jogando o braço em cima dos olhos.

O que?

Poxa vida esse drama todo para me falar isso? Que decepção! Meu rosto fica todo vermelho de vergonha. Levando em conta o que fizemos mais cedo, meu rosto não deveria ficar tão vermelho assim.

— E você ficaria lindo se viesse e me desse um banho.

OMG! Andrew me coloca completamente perdida.

Apresso meu passo para o banheiro, antes eu posso vê-lo olhando para o teto, com um olhar confuso. Não me respondeu nada.

Passou mais de vinte minutos, estou praticamente fazendo hora no banheiro agora. No começo foi difícil entrar na água, confesso que sou uma cagona de mão cheia quando o assunto é dor, detesto sentir, e para entrar debaixo da água foi um sacrifício. Uma perna ficou de um lado e o meu corpo do outro. Uma cena patética, levando em conta que eu não queria molhar meu cabelo. Lamentável!

Andrew não veio ao meu alcance, e como chorona que estou me tornando, deixo cair uma lágrima. Por que será que não veio? Será que não me quer mais? Não é possível que seja assim tão rápido. Maldita insegurança, maldita síndrome, malditos conflitos internos... maldito Clóvis!

Eu vivia muito bem, achando, na minha mera ilusão, que aquela parte da minha vida, estava coberta, ou então, jogada no lixo. Mas foi grande engano meu, aquilo me danificou, me fez ser o que sou hoje, esse medo de tudo e de todos, não é pela Sofia, claro que eu sei que não posso bobear por causa dela também, mas, mesmo se ela não existisse, eu estaria assim. Desde aquela época eu fico à mercê dessas inseguranças.

Quando eu namorava Guilherme, era tudo muito certo, fácil, tinha confiança extrema nele, e sabia que ele nunca faria nada para me machucar. Mas com Andrew, sinto que ele está tirando toda a poeira, que eu pensei estar no lixo, debaixo do tapete.

Resolvo jogar meus pensamentos de lado e sair do banho, faço uma manobra para desligar a água sem que uma gota caia em cima da queimadura. Digamos que eu estou me tornando uma mulher muito esquiva. Sorrio com o pensamento, quando mãos fortes seguram minha cintura, e uma ereção completamente dura encosta na minha bunda. Andrew!

— Pensei que não viria. — Respiro fundo, pegando a essência do seu cheiro se misturando a umidade do banheiro. Inebriante a mistura.

— Eu também. — Afunda o rosto em meus cabelos e inspira fundo. Não me dá espaço para questionar a sua pergunta, me abraça forte e fala: — Estou vendo que você não lavou todas as partes do seu corpo.

Por que ele tem que ser todo metódico?

— Não quero que arde novamente. — Respondo num fio de voz, escondendo meu rosto na parede.

— Sério? — Começa a rir descontroladamente, balançando seu corpo e o meu.

— Ei, do que você tá rindo? Dói muito isso aqui. — Dou uma leve cotovelada em seu abdômen.

— Eu sei, já tive muitas dessas. Mas, você precisa lavar. — Vira-me,

olhando bem para o meu olho. Franze o cenho e olha pra baixo. Fecha seus olhos por alguns momentos e volta a abri-los. — Deixa-me te ajudar.

Com um certo medo eu deixo que ele se agache e pegue minhas pernas. Seu toque é tão delicado, gentil, que nem parece aquele homem que estava comigo na cama.

Delicadamente ele pega água do chuveiro e joga por cima da minha perna, fazendo um tremor percorrer por todo meu corpo. Arde um pouco o ferimento, mas nada de puxar os cabelos, no fundo foi mais drama da minha parte mesmo, e eu reconheço.

A passos lentos, ele vai esfregando e tirando toda a clara do ovo, e a pomada que ficou ao redor. Presto atenção na importância que ele está dando, e em seus movimentos. Não sai da minha cabeça que esse homem não foi feito para ter a vida que levava, ele sempre é tão doce, criativo e receptivo, difícil imaginá-lo de outro modo, só quem o viu como eu, sabe do que ele é capaz. E eu vi, muito bem, o que ele faz com as pessoas que não jogam seu jogo.

Andrew me tira dos meus pensamentos maldosos quando levanta e fica frente a frente comigo, sua respiração está ofegante, seu olhar nervoso, não sei o que esperar, mas definitivamente não era o que veio em seguida.

— Dorme aqui. — Passa a mão em meu rosto, encarando-me no fundo dos meus olhos, parecendo que está desvendando a minha alma. — Não. — Balança a cabeça de um lado para o outro. — Dorme comigo. — Deixa um rastro de beijo por onde sua boca passa, indo de encontro com o meu ouvido.

Minhas pernas bambeiam e me sinto mole, o abraço é curto a sensação de tê-lo só pra mim. Sei que não posso nem por um milhão de anos dormir fora, mas a fagulha de esperança que nasce em meu peito com esse pequeno pedido, é gigante. O que significaria realmente isso?

— Não posso. — Falo baixo com minha boca encostada em seu pescoço.

Sua respiração para e o sinto tenso.

— Por que não? — Sua voz é baixa, como quem quer esconder uma travessura.

— Tenho que ir para casa.

— Porra, Elizabeth! — Diz exasperado, descolando-me de seu corpo, olha para mim.

Passa as mãos no cabelo, os tirando do rosto e bufa em irritação. Seus olhos parecem querer pular para fora, estão esbugalhados e vermelhos, me encolho sob seu olhar, olhando para meus pés.

— Eu tenho... — Andrew me interrompe.

— Por favor, Elizabeth, me fala que ter, não é outro homem.

Fingir que não escuto sempre foi uma excelente tática, não hoje.

— Que? Ah, para de besteiras Andrew, pensei que já tínhamos passado dessa fase. — Tento caminhar em direção a saída, mas a barreira de músculos se coloca em minha frente. — Poxa vida, que motivos eu dei para você pensar isso de mim? — Digo exasperada, com a mão para cima, olhando para o céu.

— Posso enumera-los; só conversamos por mensagem, você nunca me liga e quando resolve fazê-lo é nas horas mais inusitadas; se nos encontramos é sempre quando você quer. Ah, e tem o fato de que você sempre tem que ir embora super-rápido. Essa porra de mistério seu me mata. — Pega nos meus ombros, nervoso.

Seu olhar passou de raiva para algo parecido com angústia. Entendo que para ele deve ser realmente muito difícil ouvir uma recusa. Mas, eu realmente não posso.

— Olha, eu já cansei de falar que não tenho ninguém.

Essa guerra de gato e rato não vai dar em nada, não é possível que ele não está vendo a verdade estampada na sua cara.

Me posiciono em sua frente, meus seios encostando em seu abdômen. Pego sua mão e a levo em direção a minha entrada. Gemo quando seus dedos brincam comigo, olho em seus olhos e fico na ponta dos pés para ficar com a boca rente a sua. Sussurro baixinho:

— Está sentindo, Andrew? É só você que me deixa doida — Dou um selinho nele, do mesmo jeito em que fez comigo mais cedo. — É você quem tem o direito de comer, tirar prazer...

Andrew não me deixa acabar de falar, lascando-me um beijão de tirar o fôlego. Meu Deus! E que beijo.

— Você é maluca, e quer me endoidar também. Só pode! — Agarra meus cabelos na nuca e começa a dar fortes beijos no meu pescoço.

Esqueço até do meu nome, experimentando pela primeira vez um sexo sujo e gostoso na parede do banheiro.

Olho dentro da sacola tentando ver se acho alguma coisa boa para eu vestir, que não seja o micro shorte que vim com ele, até por que eu não posso deixar minha queimadura a mostra.

Encontro uma calça jeans que eu comprei logo embaixo da pilha na sacola, então a visto e fico esperando Andrew sair do banheiro. Depois do sexo, ele me pediu licença para terminar seu banho sozinho, se fechando em copas. Meu estômago ronca, enquanto eu o espero aflita. Saio do quarto, descendo as escadas, sigo para o mesmo caminho que Andrew fez quando pegou o ovo. Entro na cozinha, encontrando uma travessa de bolo de banana com chocolate. Céus, o cheiro está divinamente bom! Parto um generoso pedaço e me sirvo. Me dou por satisfeita com um copo de suco, fazendo meu lanche.

Saio para ver o pôr do sol que sempre é lindo aqui de cima. Andrew mora no Vale dos Cristais, em Nova Lima. Esse condomínio é o grande polo

dos *bonados*. Isso mesmo, só mora gente que tem muito dinheiro em casas exorbitantemente caras.

Fico olhando a piscina tão distraída que não vejo a presença de um intruso de quatro patas vindo em minha direção. Quando percebo, me deparo com um monstro quadrupede, que vem correndo a todo vapor em minha direção. Arregalo meus olhos e solto um grito quando as duas patas dianteiras dele bate em meu peito me impulsionando para trás. Tomo um capote de novela, até o osso da minha orelha dói, quem dirá os da minha bunda.

Ai!

Começa a lamber todo o meu rosto, logo meu medo vai esvaindo. Adoro cães, mas quando eles veem desse jeito, fico completamente sem chão. Começo a fazer carinho em sua orelha, ele solta um leve gemidinho e acompanha minhas carícias, me lambendo.

— Ei, pare com isso, menino. — Empurro seu focinho do meu rosto.

Não percebo alguém nos espiando, até que uma voz chega ao meu ouvido.

— O que é isso, Véi? — Sua voz é zangada.

Ham? Como assim? Quem é o véi aqui?

Andrew o tira de cima de mim e me estende a mão, ajudando-me a levantar.

— Você está bem? — Pergunta, preocupado. Apenas afirmo. — Pelo jeito você enfeitiça tudo, até meu cachorro. — Diz de um jeito divertido.

Fico feliz que seu humor tenha melhorado.

— Qual o nome dele? — Pergunto assim que levanto, ainda fazendo carinhos na orelha do cachorro.

Uma vez eu li que os cachorros vivem menos, por que eles nascem

sabendo amar, e é verdade. Já dizia a máxima, quanto mais eu conheço o ser humano, mais eu amo os animais. Eles não fariam com seu dono, a metade de coisa que pessoas da minha família fizeram comigo. É um fato. Eles sabem dar amor, carinho e atenção, não reclamam se você não tem dinheiro, ou se não vá poder sair.

— Véi! — Me olha divertido, como se estivesse prestes a ter um colapso de gargalhadas. — Ei, não me olhe assim. Tem um significado por baixo do nome.

— Ah sim, eu imagino! Quero saber tudo.

Rindo, Andrew pousa sua mão em minhas costas, guiando-me até o carro.

Pego-me rindo muito tempo depois, tentando entender de onde veio um nome tão... exótico. Em certa parte da viagem, Andrew me conta que foi Alessandro quem deu a ele o cachorro, um Golden Retriever, famoso Labrador do Campo. O nome é uma “homenagem” á Alessandro, que chegou em Minas já pegando a mania de falar gíria, entre elas saia muito o “véi” Como o bichinho tinha uma mancha branca em toda a extensão do seu peito, o apelido pegou, virando o nome, coisa que ele não tinha ainda.

— Lizaaaa. — Giovana fala um pouco mais alto no meu ouvido.

Me assusto com o seu grito.

— Tá doida, Giovana? Podemos comer em paz, mais não? É só me chamar de um jeito normal, eu não sou surda.

— Elizabeth, tem meia hora que sua irmã está te chamando e você no mundo da lua. — mamãe me recrimina, puxando sardinha para o lado de Giovana.

Reviro meus olhos ignorando o tom que mamãe usou, sorrio para ela e

peço desculpas para Giovana. Na verdade, eu estava no mundo do Andrew, o que me deixa em êxtase.

— Você sabe que o Alê vem aqui na quinta, né?

— Sim. Mas, por que não pode ser no fim de semana mesmo? — Indago. Seria tão mais fácil.

— Por que eu marquei para a quinta, uai.

Ah claro, e por que o papai noel é vermelho? Por que Deus quis assim!

Nada respondo e volto para minha comida que ainda continua quase toda no prato, praticamente gelada.

— Então, estava conversando com a mamãe e queríamos a sua opinião.

Ora essa! A poucos dias atrás eu não era a que não sabia fazer nada na cozinha?

Viro-me em sua direção, tentando decifrar o que se passa em sua mente, não deve ser boa coisa afinal.

— Eu?

— Sim, você!

— Você quem sabe do que ele gosta. Faz o seu prato preferido, afinal muita gente nós ganhamos pela barriga. — Sorrio, olhando com cumplicidade para papai, que sorri também.

— Podemos fazer a sua língua. — Debocha. — A propósito, ele quer trazer um amigo, o que você acha mãe? — Fala para minha mãe, não tirando os olhos de mim.

Um amigo... O que?

Filha de uma ...

Minha garganta fica seca, tomo um gole de suco e acabo engasgando.

— Ele está com medo da gente? Tudo bem trazer um amigo, mas não vamos mordê-lo. — Mamãe fala em tom preocupado olhando para mim, que não paro de tossir.

Continuo engasgando, e lágrimas saltam dos meus olhos. Giovana sabe o que está fazendo e faz de propósito. Consigo me acalmar um pouco, respirando fundo.

— Não acho que seja uma boa ideia, Gio. Olha a impressão que ele deu para mamãe.

Olho para papai pedindo ajuda, mas não vê. Mudo meu foco para mamãe, que me olha como se eu tivesse beijado um padre, o que me deixa com a pulga atrás da orelha, ela sempre percebe.

— Giovana, vamos conhecer seu namorado primeiro. Depois você tenta arranjar um pretendente para sua irmã. — Olha rindo para mamãe. — Ela não está tão encalhada assim, não é querida? Guilherme há de voltar.

Guilherme, eu tinha até esquecido do meu ex-namorado. O que ele pensaria disso tudo?

— Tá bem, Alessandro vai vir sozinho. — Joga as mãos para o alto em sinal de rendição.

Aproveito que Giovana está com Sofia e faço questão de ajudar mamãe na cozinha. Com o intuito de me reaproximar, penso em todo meu dia para iniciar uma conversar amena e apaziguadora. No entanto, constrangida demais, eu me permito ficar calada, sem saber como abordar qualquer assunto. Nunca passei por essa situação com mamãe, o que a torna desconhecida para mim, e também me deixa encurralada, sem saber como agir, o que está me matando aos poucos.

Suspiro acabando de enxaguar as louças quando a escuto chamar o meu nome.

— Oi, mãe! — Respondo cautelosa.

— Não vou te julgar, sei que o que eu fiz no domingo foi errado, mas não quero que você entre em furadas. — Se coloca do meu lado, com as mãos apoiadas na pia, olhando em minha direção.

— Não tem nenhuma furada, mãe.

— Não subestime a minha inteligência, querida. Eu sei quem mora nesse coração há muito tempo. — Poe a mão no meu peito causando um calor de aconchego. — Eu sempre te conheci, você sempre foi tão previsível. E agora, vejo seus olhinhos apaixonados, seu coração falta sair pela boca toda vez que olha o telefone, ou sai pela porta de casa, inventando alguma desculpa de que vai comprar roupas, ou que vai para aula de dança junto com o Carlos.

Eu fui. Não era tudo mentira.

— Mas mãe... — Ela coloca a mão na minha boca, impedindo-me de falar.

— Te conheço desde quando nasceu, meu amor. — Sua voz é doce, e não carrega nenhuma censura. Sorri levemente. — Sei muito bem que você foi para aula de dança e comprar roupas. Mas, e depois? Onde esteve até as oito da noite?

Na cama recebendo um dos melhores prazeres da vida. Gozar com Andrew. Fico calada, não consigo articular nada para falar.

— Você vem saindo com o amigo do Alessandro. — Nem faço questão de parecer assustada, apenas afirmo com a cabeça. Mamãe suspira. — Eu já vinha desconfiando, mas tive a certeza com a sua crise de tosse, e Giovana praticamente o jogando em cima do seu colo. — Passa a mão no meu rosto, acariciando. Olha-me nos olhos. — Se ele não é qualquer um e nem uma má

pessoa pelo que estou vendo, qual é o motivo de tanta resistência em trazê-lo aqui em casa?

— Ele não sabe de nada ainda. — Abaixo a minha cabeça e deixo uma lágrima cair. Todos os meus medos se baseiam nessa pequena frase.

— Então conte, minha filha. Não deixe o destino escapulir de suas mãos.

Dou uma pequena risada. Como se fosse simples assim...

— Não é tão fácil, mãe. Não sei como ele irá levar a notícia. — Limpo minhas lágrimas.

— Você só vai descobrir se tentar. A comunicação é a melhor arma em todo relacionamento. Qualquer omissão que seja, pode virar um bolo de neve, e você não dar conta mais de segurar.

Só ouço suas palavras e aceno com a cabeça. Sei que o que disse é verdade, mas não sei se tenho forças e coragem para dizer essa verdade. Estou cada vez mais fantasiando nós dois juntos, e uma ruptura agora, seria mais do que eu poderia suportar.



Capítulo 29

Continuo na cozinha remoendo pensamentos, ainda não consegui coloca-los em ordem para enfim ir dormir. Um duelo se formou dentro de mim, o coração e a razão.

A casa está silenciosa, só o barulho do vento do lado de fora. Quero muito Andrew, Deus! Eu o quero como eu nunca na minha vida quis alguém. O quero mais do que quando era adolescente, conhecendo-o como faço agora, a paixão evoluiu para o amor. Pena que não existe conto de fadas, quero conquista-lo, já me decidi, vou à luta. Mas tem dois lados, estou me jogando desse precipício, posso ser recebida de braços abertos por Andrew lá embaixo, ou eu posso cair de cabeça. E bem, quando isso acontecer, não vai ter a mínima chance de eu reconstruir algum caco. Vai ser apenas como cristal quebrado, não tem concerto.

Tenho uma súbita lembrança das artimanhas da Giovana na hora do jantar. Que pilantra! Olho as horas e subo praticamente correndo para o quarto dela. Dessa vez não vai passar batido. Não vai mesmo.

Chego a porta do seu quarto, antes de bater escuto ela rindo. *Oh!*

— Alê, você deveria ver a cara dela, ficou travada. — Fala divertida, não debochada. Espera um pouco e prossegue, dessa vez se recompondo, com a voz mais séria. — Vamos ter que arrumar outro plano. — Espera mais uma vez. — Não, Alê, não dá. — O que esses dois estão arrumando? Encosto meu ouvido na porta para ouvir mais, já que a voz ficou mais baixa. — Eles são difíceis, Liza aqui e, Drew aí. Vontade de colar os dois, um abraçado com o outro. — Ela está falando de mim.

Ao invés de ficar com raiva, sorrio com o pensamento. Talvez, apenas talvez, lá no fundo tenhamos uma fagulha de chance.

Sem querer ouvir mais nada, bato na porta, não espero Giovana vir abrir e já vou logo entrando, me recompondo para enfrenta-la. Não preciso transparecer que achei graça dos seus planos para me juntar a Andrew, e também que fiquei seriamente feliz em saber que existem alguém conspirando por nós, por que o destino, esse é um filho de uma mãe.

Enquanto espero Giovana desligar a ligação com Alessandro, viro-me para a estante de fotografias. Percorro com o olhar todas as lembranças guardadas ali, até que eu chego em uma, paralisando. Meus olhos se enchem de lágrimas de nos ver todos juntos, uma foto linda com pessoas de sorrisos estampados, em um lindo domingo de sol na piscina de casa, ao lado do nosso super guarda-sol florido. Luíza abraçada comigo e Diego segurando a sua cintura, do mesmo jeito que Guilherme estava atrás de mim, Giovana na minha frente com apenas treze anos, a Tita novinha pulando em seu colo e fazendo a todos darem gargalhadas. Tia Clea ao lado do Tio Amilton, que estava com um braço por cima do ombro do meu pai que por sua vez segurava a minha mãe.

Me deixo viajar para aquele tempo, em que conseguíamos esquecer um pouco os problemas, quando eu e Luíza, já recuperadas do trauma, éramos felizes, há cinco anos atrás. Como as coisas mudaram desde então.

— *Pode tirar a foto, Beta. — Grito para a nossa diarista e amiga da nossa família, que está tentando focalizar todo nosso emaranhado de gente.*

— *Aaaah. — Ouço um grito vindo debaixo, Giovana está ajoelhada com Tita pulando em seu colo.*

Todos nós gargalhamos.

Um flash faz todos olharem para Beta.

— *Essa ficou perfeita. — Ela diz chegando perto da gente. — Vocês ficam lindos assim, juntos. É realmente uma família perfeita. — Completa.*

— Tenho saudades dessa época, Liza.

Viro-me, dando de cara com Giovana olhando a mesma foto que eu. Nem reparei que ela já tinha encerrado a sua ligação. Seco minhas lágrimas, voltando meu olhar para janela, tudo continua a mesma coisa, a mesma piscina, o mesmo guarda-sol. Um sorriso fraco se instala em meus olhos quando olho para o céu azul escuro, todo estrelado. *Sem as mesmas pessoas.*

— Foi em uma época muito boa. — Respiro fundo, voltando minha atenção para Giovana. — Mas, não foi por isso que vim aqui.

Suas sobrancelhas se levantam, e eu tenho a imensa vontade de rir. Mordo meus lábios para contê-la.

— Você sabe que não deve fazer isso né, Giovana? — Sigo cautelosa, pisando em áreas que até há pouco eram completamente desconhecidas.

— Isso o que? — Balança a cabeça de um lado para o outro fingindo-se de sonsa.

— Ah, sério mesmo, Giovana? — Solto uma lufada de ar, que escape um pouco do meu excesso em querer rir. — Até papai percebeu, de tão discreta que você é. — Caminho até a cama e sento.

— Aposto que você gostou. Imagina apresentar papai ao Andrew e Alessandro juntos. — A alegria em seus olhos chega a ser exagerada.

Bato uma palma, sorrindo de maneira cínica.

— Isso. Brilhante ideia. — Falo com uma dose exagerada de ironia.

— Sabia que você iria achar legal. — Da alguns pulinhos me lembrando da adolescente que é. — Você vai falar com o Andrew?

— Mas é claro que não.

— Oh! — Para de súbito.

— Ah, para Giovana. Você pensou mesmo que isso daria certo? Põe na sua cabeça, Gio, Andrew não quer nada sério. — Me levanto da cama. — Você enxerga isso, né?

— A única coisa que eu enxergo aqui, Elizabeth — *Ih, nome todo, fodeu.* — É que você é uma tapada. Parece que colocou uma viseira e não quer ver nada.

— Você só está falando isso por que é amiguinho do seu namorado. — bufo em irritação. — Mas não existe nada.

— Você está se ouvindo? — Pergunta baixando a guarda.

— Ok! Então vamos lá, me responda: Por que Andrew me ignorava quando eu era mais nova, e agora transamos igual a dois coelhos?

— Óbvio, antes você era muito nova.

Balanço minha cabeça, concordando.

— Agora não sou mais para o que ele quer fazer. Ou seja, sexo. É tudo casual.

— Ah claro, um casual que já virou monogâmico. — Diz, irônica.

Oi? Ouvi isso mesmo?

— Seu namorado acaba de perder praticamente todos os conceitos que tem comigo.

— Você não o pode culpar se ele é o único amigo de Andrew, e eu sou sua namorada, nada mais lógico do que ele querer me contar. — Começa a rir.

Depois dessa, até eu tenho que rir. Que maricas esses dois.

— Só que essas lavadeiras, estão se esquecendo de um detalhezinho aqui. — Faço um sinal com o dedo indicador e o dedão. — eu sou sua irmã, Droga!

— Mais um motivo pra você querer me contar. — Cruza os braços, olhando-me indignada.

— Mas eu te conto.

— Não o que você esconde pra você mesma.

Recuo, como se tivesse levado um tapa na cara.

— Não tem conversa com você. Está igual a uma mula quando empaca, nunca mais sai do lugar.

Sigo em direção a porta, rodo a maçaneta em minhas mãos.

— Eu ainda vou ser a madrinha do seu casamento com o Drew! — Grita enquanto vou saindo.

Entro novamente em seu quarto e a encaro.

— Você só pode estar delirando. — Digo indignada.

Vejo Gio quase se roendo de tanta vontade de sorrir. Minha vontade também não fica por baixo, sigo em direção ao meu quarto com um sorriso nos lábios e pensando em várias coisas até então proibidas.



Meu dia não poderia ter sido melhor. Chego ao serviço e sou recebida com muita alegria, hoje vou fazer a minha primeira ronda com Dr. Raimundo. Já me preparo, pegando meu lindo jaleco com meu nome bordado do lado direito. Estou preparada quando ele me chama, desço quase correndo

para sua sala.

— Oi, Raimundo! — Dou um largo sorriso entrando em sua sala.

— Oi, Liza. Está pronta? — Se levanta, dando-me um abraço.

Apenas afirmo com a cabeça e seguimos em direção a ala obstetrícia do hospital.

— De primeiro momento, Liza, vamos ficar só com os pré-partos. — Diz caminhando ao meu lado. — Nada de prematuros, gravidez de risco, eclampsia. — Faço sinal para falar algo, mas ele me interrompe. — Eu sei que você quer se especializar com traumas, mas vamos com calma, ok? Ficar ali como acompanhante é muito diferente de quando a vida de duas pessoas depende de você.

Concordo, minha alegria um pouco diminuída depois desse choque de realidade.

Chegamos à um quarto em que vejo uma mulher linda, deitada na cama, sua expressão revela desconforto, mas o sorriso prevalece. Um homem alto, que me parece ser o marido, está ao seu lado, segurando a sua mão, tornando tudo ainda mais lindo.

Dr. Raimundo inicia o procedimento. Conversa e brinca um pouco, me apresenta como sua aluna, descontraí o ambiente. Fico sabendo que é a sua primeira gravidez, vejo nas suas palavras que ela não se aguenta de ansiedade. Imagino a sua vontade de ver o rostinho do bebê pela primeira vez.

As rondas ao longo da manhã vão criando uma rotina, parece que tudo segue como o protocolo. Raimundo é um médico excelente, é uma honra tê-lo em meu currículo acadêmico.

Sigo tudo que ele manda à risca, anoto tudo que fala, não deixo passar nenhum detalhe em branco. Estou exausta, mas ainda faltam duas mamães para ver.

Elas, porém, quando chegamos, já estão sendo encaminhadas para o bloco cirúrgico, uma irá ter cesárea por que não teve dilatação suficiente, claro que ela escolheu e praticamente exigiu o Dr. Raimundo, a outra terá parto normal, um pouco mais simples.

Quero continuar e ver o procedimento todo de novo como já vi com Luíza e Sofia, mas Raimundo me impede alegando que não estou pronta ainda. Me manda almoçar enquanto ele faz o parto de uma linda garotinha.

Chego a minha sala frustrada. Droga! Eu queria ver o nascimento, dessa vez sem traumas e com olhos completamente diferentes.

Pego meu telefone que deixei dentro da gaveta e dou uma conferida. Vejo mensagens diversas, algumas vem a mesma coisa de sempre, respondo a todas de forma automática. Vejo no grupo do hospital que Ester já passou a lista. Como essa garota é esperta!

Desço mais um pouco a tela do celular e vejo uma mensagem de Andrew.

Andrew: *"Espero que não seja pecado eu morrer de saudades quando acordo e não sinto seu cheiro."*

Sinceramente, existe coisa mais linda? Meu coração derrete todo. Ligo para ele, não me aguento de ansiedade, quero escutar sua voz. Na verdade, queria mesmo senti-lo.

No quarto toque ele atende, pela sua voz posso até imaginar seu sorriso estampado no rosto. Aquele sorriso que me deixa ainda mais apaixonada.

— Oi, Linda

— Acho que somos pecadores natos. — Respondo feliz e sem medo do que ele irá pensar.

— Sou muito sortudo, por que você estar pecando comigo.

Ouço uma gargalhada atrás.

— Quem está aí?

— O Alessandro, esse panaca. — *Sai daqui Alessandro, já disse.* Sua voz soa longe. — Pronto, linda, pode falar.

— Fiz minha primeira ronda hoje. — Digo feliz por ter tomado a liberdade de lhe contar sobre uma coisa minha, pessoal.

— Sério? Uai, mas já? — Fala surpreso.

— Uai, é sô. — Digo rindo pela sua gíria Mineira.

— Está caçoando de mim, Elizabeth Rennó? — Sua voz me faz tremer toda, já me encontro molhada. Droga de ninfomaníaca que estou me tornando.

— E se estiver? — O desafio.

— Iremos ter que fazer alguma coisa com essa sua boca esperta. — Diz rouco.

— Promessas, promessas... tsc tsc. — Balanço minha cabeça, mal me dando conta que ele não está aqui ao meu lado, um sorriso brota em meus lábios quando ouço seus movimentos.

— Bem, já está avisada. — Solto um longo suspiro. — Eu realmente estou com saudades.

— É, pode se dizer que eu também.

— Porra! Pode se dizer?

— Você entendeu, Drew — Reviro meus olhos. — Nos encontramos mais tarde? — Digo em um fio de respiração.

— Sim, pode ter certeza que nos vemos mais tarde, Liz. — Solto outro

suspiro.

— Bem, então está bom. Só te liguei para escutar um pouco sua voz, ela me acalma um pouco. Vou almoçar agora. — Digo relaxada.

— Sério? Acalma? — Pergunta.

— Acalma sim. — Ficamos os dois calados, respiro fundo e sou a primeira a quebrar o silêncio. — Tenho que realmente desligar, Drew. Até mais tarde!

— Até linda! Boa... ronda. Isso mesmo que vocês fazem, não é?

— É sim. — Sorrio.

Conversa fácil, riso fácil, descontração fácil, sexo pra lá de perfeito. Droga! Estou me tornando uma exímia dependente de quem menos poderia depender.

Almoço junto com Ester e a conto tudo sobre a minha manhã. Entro em detalhes de tudo, pela opinião dela eu vejo magia em tudo, e não deixa de ser verdade. Eu realmente amo quando vejo o casal apaixonado tendo o fruto desse amor. Um milagre da vida. Para mim o corpo feminino é a coisa mais impressionante que existe. A metamorfose que ele vira durante a gravidez é magnífico. O parto, então? Fico fascinada!

Acabo e volto para sala do Raimundo, que fica na parte de marcação de consultas, vejo uma menina que aparenta ter no máximo vinte anos sentada na recepção sozinha. Bato duas vezes na porta e entro.

— Oi, mocinha! Entra. — Entro e fecho a porta.

— O que achou? — Digo, com o coração na mão.

— Maravilhoso, estou muito orgulhoso. — Me puxa para um abraço, eu retribuo meio sem jeito. Mas minha felicidade fala mais alto.

Conversamos sobre tudo, todos os pontos que preciso acertar. Ele fez

um ponto muito questionável sobre a minha expressão de quando visito os pacientes. Meu olhar é muito emotivo, muito expressivo. Quando eu acho que não vai ser do jeito que a mãe quer, logo deixo transparecer.

Fico sabendo que além das rondas, irei acompanhar juntamente com ele a evolução de quatro grávidas, uma por semana. A de hoje já está do lado de fora. Logo quando eu cheguei meu coração apertou de vê-la sozinha, sem ninguém por perto.

O Resto do dia passa como uma bala, só tenho tempo de mandar uma pequena mensagem para Andrew sobre que horas ele poderá vir me pegar.

Nada poderia me fazer mais feliz do que minha vida entrando nos eixos. Sinto a energia positiva novamente se habitando em mim, não quero e nem vou deixa-la ir embora tão facilmente. Respiro fundo, sentindo que depois de uma tempestade tudo realmente pode ficar bem.



Capítulo 30

— Como assim você já vai? — Andrew pergunta encostado na cabeceira da cama com o lençol cobrindo só o necessário, seu cabelo revoltado caindo um pouco na testa franzida.

Será que tem como ele ficar ainda mais lindo?

— Assim, indo... meio que nem podia vir hoje. — Reviro meus olhos, catando as minhas roupas pelo chão do seu quarto.

Ontem quando nos encontramos, eu definitivamente não consegui ter o suficiente. Tive que vir hoje novamente e pegar mais um pouquinho do que ele tem para me oferecer. Estou me saindo uma fácil, mas o que eu posso fazer? A vontade é maior do que eu.

Morro de saudades só com a despedida, pelo telefone ouço sua voz e todos os pelos do meu corpo se arrepiam. E só de imaginar mais de dois dias sem vê-lo, é perigoso eu me debulhar em lágrimas.

Estou com o carro da mamãe porque fiquei encarregada de comprar algumas coisas para o famoso jantar do Alessandro. Por esse motivo eu preciso ir embora. Mas tem gente aqui, que não entende o meu sofrimento. Deixá-lo desse jeito na cama, lindo de morrer, chega a ser pecado.

— Você e seus mistérios. — Tira o lençol de cima do corpo e levanta. — Sério que eu não aguento isso.

Meu coração bate em uma pedra e volta. Respiro fundo, as palavras na ponta da língua para sair, mas vejo-me impossibilitada de articular alguma coisa, o medo de nunca mais vê-lo olhando para mim como fazia há poucos

minutos fala mais alto.

Andrew vai caminhando no sentido do banheiro e eu tenho um breve momento quando seu traseiro aparece.

Não posso ir embora sem me acalmar e tranquiliza-lo. Ele tem essa mania de quando é contrariado, se afastar.

Corro em sua direção só de calcinha e sutiã, pego no seu braço e o viro para mim.

— Ei, não fique assim. — Passo a mão por seu cabelo e o vejo suspirar, fechando os olhos.

Sem nenhum aviso pulo em seu colo e enlaço minhas pernas em sua cintura. Pego seu pescoço e o beijo com vontade, quero tirar esse sentimento ruim de mim, não quero deixa-lo assim.

Tão logo foi meu ataque, Andrew respondeu na mesma vontade, me deixando louca. Sem dizer uma palavra caminha comigo até a cama e me joga em cima dela, monta em cima de mim e me beija toda. Começando do meu pescoço, passando por meus seios, onde dá uma atenção bastante demorada, enquanto suga um, e gira o mamilo do outro em sua mão. Arqueio em sua direção e fico hipnotizada com a visão. Sua outra mão vai de encontro a minha boca, forçando seu polegar a entrar, entendo seu recado e o chupo com vontade, encontrando o seu olhar por debaixo dos cílios. Em nenhum momento ele tira seus olhos dos meus, que estão em chamas de tanto tesão. Sou a primeira a quebrar o nosso contato visual, tamanha a sensação que fecho os meus olhos, sentindo sua mão passar por todas minhas curvas, do meu seio para minha cintura e indo em encontro a minha bunda, apertando-a como se sua vida dependesse disso. Me perco nas sensações e deixo sair um gemido.

— Ah!

Arqueio ainda mais meu corpo em sua direção e sinto o frio em meu seio quando ele para de suga-lo e vai descendo sua boca pela minha barriga,

dando leves mordidas. Abro meus olhos, assistindo em câmera lenta como ele fica lindo me dando prazer, só me dando prazer. É surreal para mim.

Chega com a boca em meu sexo assoprando-o, olha para o meu rosto por baixo de seus grossos cílios, com safadeza estampada, mas também com uma dose de respeito, sorrio lhe dando livre acesso em mim. Quase entro em ebulição só com seu olhar e sua mão na minha bunda. Se inclina sobre mim e abre uma gaveta que tem ao lado, tirando de lá um involucro de pastilhas, pela cor verde, acredito ser de menta.

Coloca uma na boca voltando sua atenção para mim. Me chupa com vontade, suas duas mãos agora na minha bunda, empurrando cada vez mais a minha pélvis em sua direção. A pastilha que colocou na boca só aumenta a sensação, dando um ar de frio e quente ao mesmo tempo. Escuto os sons que sua boca faz, as batidas aceleradas do meu coração descompassado, me avisando que estou prestes a explodir em um orgasmo pra lá de viciante.

Seus dedos percorrem toda a extensão do lado de fora da minha perna, e sobe novamente por dentro, chegando na minha vagina e sem nenhum contato já me penetrando.

Assisto aquilo tudo extasiada.

— Ah, Drew... vou gozar!

Fecho meus olhos e me perco na sensação de sua boca, sua língua rodopiando meu clitóris, seus dois dedos dentro de mim. Gozo com vontade, gritando coisas completamente incoerentes, desabo mesmo em cima da cama e o sinto, só o sinto em mim, me chupando e lambendo até a última gota restante do orgasmo que só ele provocou. Ele tem o dom de me fazer esquecer qualquer coisa.

Abro meus olhos e o vejo em cima de mim, apoiado em seus braços, sua testa tem gotas de suor, sua boca ainda está molhada.

— Por mim, eu te chuparia até não haver amanhã. — Passa a língua nos lábios, fitando-me. — Mas agora eu tenho planos de deixar essa sua boceta

quentinha envolta do meu pau.

Arregalo meus olhos em surpresa.

— Acho que ela já te conhece, e chama ardentemente por você.

Fecho meus olhos assim que as palavras saem da minha boca. É sério que estamos falando de nossos sexos como se eles estivessem de fora? Morro de vergonha do que acabei de falar, mas a aceleração da respiração de Andrew em meu pescoço me diz que ele não achou o mesmo que eu.

Abro meus olhos para voltar a encara-lo, os seus se encontram fechados, sua respiração pesada, seu peito arfando, subindo e descendo. Parece que ele quer controlar uma coisa e eu não estou tão à vontade assim, quero e pretendo faze-lo perder todo o controle comigo.

O beijo, puxo seu pescoço para mim não tendo tempo de pensar em mais nada. Exploro sua boca com a minha língua, viajo a cantos desconhecidos, querendo conhece-lo por inteiro. Ele geme em minha boca, mas eu não paro.

Pouco tempo depois ele toma o controle, segurando meu quadril no lugar e o apertando, de certo a marca da sua mão vai ficar em minha perna, gosto da ideia, vai ser como uma tatuagem para lembrar de que realmente foi real.

Andrew, sem aviso prévio, se enterra dentro de mim, completamente alheio ao fato de estar sem camisinha, me levando ao desespero. Quebro nosso beijo o olhando.

— Andrew, não! — Falo em um tom mais alto do que o necessário. — A camisinha. — Completo, em um tom mais ameno eu falo o lembrando.

— Porra! Droga! Merda! — Pragueja, com o rosto enfiado em meu pescoço, continuando dentro de mim. — Eu nunca me esqueci dessa porcaria. — Levanta o rosto o me encara, um sorriso surge em seu rosto. — Mas foda-se, é tão malditamente bom te sentir assim, eu nunca fiz isso.

Que?

Tá! É obvio que eu já transei sem camisinha com Guilherme, que namorados seríamos se eu não confiasse nele? No entanto, nunca esperaria isso vindo de Andrew.

Eu realmente não quero parar, mas diferente dele, tenho uma cabeça em cima do pescoço, e não uma entre as pernas, que sequer pensar, faz. E, por mais difícil que seja, nessas horas em que ele está enterrado em mim, consigo ser coerente e tento empurra-lo.

— Foda-se não, Drew. A camisinha! — Falo dessa vez bem taxativa e alarmada.

— Calma, Liz, eu não vou gozar lá dentro. — Começa a se mexer devagarinho dentro de mim, me levando a loucura. — Você não toma anticoncepcional?

A pequena parte do meu juízo estava indo embora. Só queria que ele se mexesse mais e mais. Seu ritmo lento é torturante. Levanto minha pélvis para ir de encontro a sua ereção, e cada vez que os dois se encontram fundo em mim, me arrepio toda.

— Tomo a injeção, mas eu voltei com ela agora. — Reviro meus olhos de prazer. — Mas... é... — Não consigo pensar em nada. — Esse negócio de não gozar dentro, é balela.

— Shi, fica calma! — Me dá um beijo casto na boca, mordendo meu lábio inferior. — Eu não vou. Só goza para mim, no meu pau. — Estoca com mais força, conhece meu corpo mais do que eu mesma, rápido já acha o que me leva a loucura, sempre. — E geme gostoso pra mim, Liz, assim.

Tem como ficar mais gostoso do que isso?

Sua boca desce e chupa meu mamilo, dá leves mordidas e roda sua língua. Perco-me nas sensações prazerosas que o ato me proporciona. Com mais algumas estocas, estou no meu ápice de prazer, gozo com vontade,

expulsando e puxando o pau de Drew ao mesmo tempo para dentro de mim. Queria, nesse momento, que ele ficasse enterrado e o esquecesse lá.

— Merda!

Ouçõ sua exclamação alta, sentindo um vazio dentro de mim, que sua mão preenche, deixando, em momento nenhum, o prazer absoluto que ele me proporciona, morrer.

Quando volto em mim o vejo, todo suado, em cima de mim, com um sorriso de molhar calcinha, se eu estivesse com uma.

— Você fica linda gozando. — Beijando-me, volta a me segurar. — Desculpa eu sair antes, mas você tem o dom de apertar meu pau quando está gozando, não ia me segurar.

Olho pra baixo e o vejo todo encapado pronto para entrar em mim. Subo minha pélvis de encontro a sua ereção e o olho, como sinal de que quero mais.

— Eu não me importo. Agora quero ver você gozando e gemendo gostoso para mim. — Repito suas palavras.

Suas sobrancelhas sobem em cima de seus olhos arregalados, enquanto um sorriso malicioso desenha em seus lábios.

— Safada!

Se enterra dentro de mim, mas não para como da última vez, continua estocando continuamente, sei que não vou gozar mais, mas só de ver o esforço que faz para não gozar já me leva no céu.

— Aperta meu pau nessa sua bocetinha gostosa e apertada, vai Liz. — Fala ofegante entre estocadas me fazendo gemer. — Não era isso que você queria, minha vadia? Então toma. Nunca meti tão gostoso assim na minha vida. Você me deixa louco!

Ouvir ele dizendo essas baixarias só me leva ainda mais ao ponto de prazer completamente satisfatório. Saber que sou eu que causo essa sensação nele, levanta a minha autoestima e me faz cada vez mais arranhar suas costas e seus braços.

Sinto os tremores do seu corpo e seu pênis pulsando dentro de mim, enrosco minha perna em sua cintura e aproximo ainda mais minha pélvis, apertando com todas minhas forças seu pau dentro de mim. Um prazer descomunal toma meu corpo, sem eu me dar conta, acabado gozando junto com Andrew. Ele me beija enquanto é atingindo pelo orgasmo. A medida que o tempo vai passando, nossos movimentos ficam mais lentos, somente bebendo um do prazer do outro.

Ele quebra nosso contato quando nossos lábios já estão inchados, e cola sua testa na minha.

— Deus, você é a melhor... a minha melhor! — Sussurra, depois de descolar sua boca da minha.



Praga de telefone! Não para de tocar um segundo.

O pego e vejo três ligações perdidas de mamãe. PUTA QUE PARIU!! O céu vai desabar em cima da minha cabeça, estou fodida!

Olho as horas e são seis e meia da noite. Alessandro vai chegar lá em casa em uma hora e tenho que levar as coisas que ela me pediu. Engulo em seco, atendendo o telefone.

— Mãe? — Fecho meus olhos e espero a reclamação.

— Oi, Elizabeth! — Respira fundo, acho que para controlar a raiva. — Aonde você se meteu, minha filha?

Meter... bem, não foi eu quem meti.

Livro-me desses pensamentos e me concentro em uma boa desculpa para dar a minha mãe. *Droga!* Me deu um branco, um vazio, maldita hora em que decidi não ficar mentindo, agora eu não sei mentir.

— Já estou chegando. — Olho para o Andrew já sentado ao meu lado, olhando sonolento para mim. — Ester passou mal e tive que dar um auxílio enquanto seu namorado não chegava. — Vejo a testa do Andrew ficando franzida e sua expressão confusa, seu olhar tem um tom de mágoa.

Fecho meus olhos com ressentimento por estar usando o nome da Ester e rezando para ela não passar mal, mas principalmente por Andrew, que acabou de levantar e foi para o banheiro, não ficar ressentido.

— Não mente pra mim, Elizabeth. — Me repreende.

Porra! Como que ela descobre essas coisas?

— Mãe, qual o motivo de mentir? Já estou chegando, tá? — Reviro meus olhos, apoiando as mãos na testa.

— Tudo bem! Giovana já infernizou a vida do seu pai e eles já trouxeram tudo, na verdade a comida já está toda pronta. — Ouço um barulho ao fundo parecendo ser de panelas mexendo e os gritinhos de Sofia, sorrio ao ouvir. — Só traga as bebidas, ok? E chega na hora.

— Ok! Já estou saindo daqui.

Como eu pude dormir quando eu tinha que ir para casa, eu não sei. A atitude só me mostra o quanto Andrew tem acabado comigo. Acho que nunca fiz tanto sexo na minha vida.

Levanto da cama em um pulo e visto minha roupa em tempo recorde. Quando estou procurando a minha sandália, escuto a porta do banheiro se abrir e aparecer o homem mais lindo que já vi na minha vida, só de cueca boxer branca. Quase caio de bunda.

— Então, você já vai mesmo? — Cruza seus braços em frente do seu

peito.

— Já deveria ter ido há mais tempo, Drew. — Pego minha sandália no chão e penduro minha bolsa no ombro. — Mas, não me arrependo de ter ficado e aproveitado mais. — Abro um sorriso malicioso que não é correspondido, na mesma hora murcho.

— Quer dizer que isso aqui — Diz apontando entre mim e ele. — é Ester doente? — Cerra seus olhos, se inclina na minha direção. — Por que mentiu?

— Ah, é? Então, me fale, o que eu deveria dizer para minha mãe? — Cruzo meus braços e arrumo minha bolsa no ombro. — *Estou deitada na cama do irmão da Nathalia, mãe, aquela do cursinho, estou sendo comida e devo demorar um pouco.*

— Sarcasmo não faz bem para nenhuma conversa, Elizabeth. — Sua voz soa estranhamente calma.

E essa batalha nenhum dos dois vai vencer. Respiro fundo.

— Andrew, nós realmente precisamos conversar. Mas, agora eu preciso realmente ir embora. — Olho em volta do quarto, para ver se não está ficando nada para trás. — Depois eu te ligo para combinarmos alguma coisa.

Sigo até a porta e o espero, mas ele não vem, olho para trás e o vejo no mesmo lugar, com suas mãos penduradas uma em cada lado do corpo.

— Não vai nem me levar até a porta? — Pergunto incrédula.

— Você tem algum compromisso? — Faço cara de tonta.

É obvio que ele sabe que Alessandro vai lá em casa hoje, não é possível que ele esteja me testando.

— Você sabe que sim, Andrew. — Respiro fundo. — Alessandro vai lá em casa, eu preciso levar algumas coisas. — Pego na maçaneta da porta e a

abro. — Você vai me deixar, realmente, ir sozinha até o carro? — Pergunto em um sussurro, mordendo meu lábio para nenhuma lágrima descer.

— Você nunca cogitou me chamar também? — Desafia.

Encolho meus ombros, desconfortável. Por essa pergunta eu não esperava.

— E te apresentar como um parceiro de foda? — Retruco.

— Poderia ser seu amigo.

Balanço minha cabeça, negando.

— Você sabe que não somos amigos, Drew.

Andrew se inclina na minha direção, olhando profundamente em meus olhos.

— Você está querendo me forçar a assumir um relacionamento?

Eu ouvi direito?

— Claro, por que tudo que eu preciso agora é um relacionamento em que eu receberei milhares de chifres. — Jogo as mãos para cima, frustrada.

Arrependo-me quase na mesma hora que falei, mas não tinha volta.

— Então é isso que você pensa. — Sussurra, as mãos segurando sua cintura.

Mordo meus lábios, incerta do que dizer.

— É tudo que eu vejo, Andrew.

O vulto de Andrew passa por mim como um vento, e eu o sigo de cabeça baixa. Chegamos na garagem em silêncio, me sinto incomodada. Por que ele não pode agir com naturalidade? Acabamos de ter um momento

perfeito.

Suspiro.

— Eu te ligo? — Abro o carro e coloco minha bolsa junto com minha sandália lá dentro.

Ele apenas concorda. Vejo seu olhar ressentido, sua boca em uma linha fina, sua testa franzida. *Deus, como é perfeito!* Como um leão vendo sua presa, ele caminha em minha direção e me espreme no carro. Pega meu rosto com as duas mãos e me beija. Minha respiração sobe, enrosco meus braços por seu pescoço e faço um leve carinho em sua nuca. O sinto tenso, não queria deixa-lo assim.

Depois de poucos minutos eu quebro nosso beijo, olho em seus olhos. Me distancio e abro a porta do carro.

— Te ligo mais tarde, então.

Sento no banco, coloco a chave na ignição. Olho mais uma vez para seu rosto enquanto ele fecha a minha porta. Meus olhos se enchem de lágrimas, um sentimento ruim bate em mim. Parece que uma coisa muito desagradável vai acontecer.

Recebo mais um beijo, esse com mais vontade e desejo.

— Não ouse não ligar, ouviu bem? — Afirma com um sorriso amarelo estampado no rosto. Confirmo em um aceno de cabeça.

Fico cansada só de tentar acompanhá-lo em seu humor.

Dou partida no carro e me perco em pensamentos, Andrew é uma pessoa esquisita, que me confunde. Uma hora acho que ele está querendo só sexo, cama, e que para conquista-lo vou ter que batalhar e muito, outra hora, como agora, acho que estou fazendo sacanagem com ele. Mas, como me abrir e falar de Sofia? Como contar de todo meu passado traumático? Não quero ninguém com pena de mim, e é por isso que praticamente ninguém sabe, só

Guilherme.

Droga, Guilherme! Como vou contar para ele que eu tenho alguém? Sinto que estou o traindo, mesmo que tenhamos terminado antes dele ir embora.

Sem nem ao menos perceber chego ao supermercado. Compro refrigerantes, sucos, vinhos e algumas cervejas. Espero agrada-lo, o que virá agora não vai ser muito agradável.

Pretendia ter contado para Andrew, sobre a minha vida, essa semana antes de Alessandro ir lá em casa. No entanto, eu simplesmente não consegui, todas as vezes em que estive com ele não consegui, parecia que estava colocando um bloqueio em minha mente para não me perder em nada, nenhuma sensação, só viver aquele momento. O receio de não viver aquilo novamente me assombrando, por que era fato que além de Sofia, é Andrew quem está dando cor aos meus dias, mesmo que em alguns ele tenha pintado tudo de preto.

Tento desligar minha mente a fixando em qualquer coisa, só o trânsito não está me ajudando em nada. Ligo o som do carro e uma música que eu amo começa a tocar.

*É hora de esquecer o passado
o passado
De apagar o que aconteceu atrás
(o que aconteceu atrás)
Escondido atrás de uma face vazia
(face vazia)
Não tem muito o que se dizer
Porque isto é apenas um jogo
A Beautiful Lie - 30Seconds To Mars*

É isso, hora de esquecer o passado e dá um primeiro passo para o futuro. Viver a vida sem arrependimentos, afinal isso é um jogo.

Estaciono o carro do lado de fora, não quero atrasar mais do que eu já estou. Pego todas as compras e sigo para dentro.

Ouço a voz da Giovana ao longe, abro o portão e fico olhando a cena. Alessandro com o celular na mão olhando com um misto de emoções para Giovana.

— Pará, Alessandro! Tente agir com a razão. Espere Liza chegar e conversar com você.

— Você mentiu pra mim, Giovana? Por que?

Quando Giovana vai responder eu fecho o portão com mais força do que o necessário, com o barulho, os dois me olham assustados. Mais rápido do que Giovana, Alessandro se recompõe e arqueia as duas sobrancelhas em surpresa.

— Não foi ela que mentiu para você, Alessandro. Giovana não tem nada a ver com isso.

É agora!



Capítulo 31

Desde pequena eu sempre pensava longe. Enquanto meus coleguinhas de escola estavam traçando metas para o dia das crianças, eu já estava traçando minhas próprias metas de conseguir meu presente de natal, e atormentando meus pais para sabermos onde iríamos no próximo ano, já que meu presente de dia das crianças já estava garantido.

Sempre me empolguei muito com o futuro, várias vezes Guilherme me alertava que eu não estava vivendo o presente. Depois que comecei a namorá-lo e consequentemente me apaixonar pela medicina eu já sonhava em entrar para faculdade, logo depois quando entrei fiquei super ansiosa para saber qual curso queria, e quando finalmente e tragicamente me decidi, quis correr atrás do meu próprio consultório. Eu não era de ficar curtindo as presentes conquistas, sempre almejando mais.

Acho que a ambição para o ser humano é boa, mas chega uma certa hora que precisamos para-la um pouco. Acho que inconscientemente eu refreei ela, sendo que agora nesse momento, colocando em ordem tudo que vivi com Andrew depois de reencontrá-lo, não foi mais que coisas momentâneas. Não falamos de nossa vida pessoal a não ser a profissional, não traçamos nada juntos para um futuro. Tenho grande parte e total parcela de culpa nisso, não me interessei, e não falei de nada.

Queria estar ali e aproveitar, quando eu pensava por ventura em contar, logo me retraía, não queria perder o momento que estávamos vivendo.

Olho para Giovana, que já está com os olhos todo banhados em lágrimas, respiro fundo e sigo em direção a minha casa. Giovana e Alessandro me olham parecendo que criei dois chifres em cima da cabeça,

não me importo, podem me olhar do jeito que quiserem, a dor de saber que Alessandro vai sair daqui e a primeira coisa que ele irá fazer será contar para Andrew, me dilacera, e é muito pior do que ser olhada assim.

Entro pela cozinha e eu um cheiro divino invade minhas narinas, faço como costume, engolindo o choro, cumprimento meu pai e minha mãe que acabou de colocar Sossô na sala para assistir TV. Dou um beijinho em cada um, sigo para o banheiro e lavo meu rosto.

— Vai lá e abre o jogo, explica suas razões. — Me encaro no espelho.

Chego do lado de fora e o clima ainda está tenso, parece que até o tempo está refletindo o nosso humor, o céu já perdeu as estrelas e agora está encoberto por nuvens laranja, dando um aspecto mórbido. Respiro fundo e espero notarem minha presença.

— Eu realmente espero que você tenha uma explicação, Liza. Andrew é como um irmão para mim, e você está o enganando. — Fala Alessandro, tenso.

Um frio me sobe pela espinha, abraço-me e o encaro.

— Sim, eu tenho. — Cerro meus olhos — Mas acho que essa explicação eu teria que dar para Andrew. Não acha?

Ouçó Giovana sugar o ar com toda força, e a mandíbula de Alessandro ficar cerrada.

— Bem, levando em conta que você não abriu a boca para falar nada para ele, eu quero saber o porquê dessa palhaçada toda. — Aponta para dentro de casa, se referindo, acho eu, as mentiras.

Não tem como fugir, eu tenho que contar. Abaixo minha cabeça, pela claridade que ainda está na varanda, vejo um pingo de lágrima cair no chão. Obrigó-me a reerguer e explicar com seriedade para ele o que vem acontecendo.

— O que você disse para ele, Giovana? — Olho para minha irmã que está desesperada.

— Não muita coisa, você chegou tínhamos acabado de vir aqui fora para conversar.

— Sofia não é minha filha. — Uma dor me dilacera por dentro, parece que estou traindo não só Sofia, mas também Luíza a quem eu prometi protege-la de tudo e de todos, coloca-la em primeiro lugar sempre. Vejo quando Alessandro vai abrir a boca e antes mesmo que ele possa falar, eu levanto minha mão para silenciá-lo. — Ela é e não é minha filha, Alessandro, é complicado.

Viro meu corpo e fico olhando a piscina, momentos agradáveis veem como flashes em minha cabeça, todas as conversas, a descoberta da gravidez, tudo.

Você vai ser Dindinha, Liza!

— Como não? Eu entrei aqui com Giovana e sua mãe estava carregando-a, tal como seu pai a chama de neta. — Esbraveja. — Se ela não é filha do seu irmão, e muito menos da Giovana, de quem mais ela seria?

— Você não deveria ter chegado com Giovana. — Falo ainda de costas, tentando começar um assunto que até o momento não se formou na minha cabeça.

Ouçó uma risada debochada de Alessandro.

— Vai me dizer agora, que a descoberta é minha culpa? — Ouçó Giovana fungando, meu coração já apertado. — O que você faria, Elizabeth? Colocaria a bebê dentro de um baú e a esconderia?

— Cala a boca, Alessandro! — Ouçó a voz trêmula de Giovana, viro-me a tempo de ver o seu dedo apontando para ele.

Ela olha para mim, e como um pedido silencioso, entende que essa

batalha é minha.

— Não, Alessandro, a culpa não é sua. — Admito. — Mas, nem por isso você tem o direito de ousar dizer uma coisa dessas. — Seco meus olhos e olho para seu rosto que carrega um semblante confuso. — Só nós daqui de casa, sabemos o quanto lutamos para que não falte amor materno para a Sofia.

Alessandro respira fundo, passa o braço por trás da Giovana e coloca seu queixo apoiado em sua cabeça.

— Sim, me desculpe. Mas você não pode me culpar, por ficar completamente confuso quando me deparo com uma cena dessas.

— É mais complicado do que você possa imaginar. — Tomo um enorme folego antes de começar a explicar. — Luíza, a mãe biológica de Sofia, era nossa prima, por motivos que não vem ao caso, ela e o pai da criança, que também era meu primo, faleceram. Luiza me pediu para ficar e cuidar de Sofia. Mas não como uma madrinha ou tia, mas sim como uma mãe. Que eu desse meu nome para ela, e tudo que eu poderia dar.

— Adotar a bebê. — Conclui.

Afirmo, mordendo meus lábios.

Ficamos nos encarando durante muito tempo, não sei o que se passa na cabeça dele. Sei que não sente pena, não vejo isso no seu olhar. No entanto, enxergo remorso. Mas quem quebra o nosso silêncio é Giovana, quando vira para ele e fala bem baixo.

— Elizabeth teve que aprender a ser mãe, mas ao mesmo tempo não sendo, sem nenhum tipo de preparação. — Sua voz é trêmula por causa do choro. — Mesmo que minha mãe e meu pai lhe dão todo um suporte, ela pegou toda a responsabilidade para si, é Liza que arca com tudo de Sofia. E desde então, vem sendo a mãe que Luíza lhe pediu.

— Não me arrependo completamente de não ter contado ainda, Alê...

Entre Andrew e Sofia, eu não preciso pensar em quem eu escolheria, mesmo que isso doesse demais em mim. — Molho meus lábios que estão secos.

— Mas... Liza, você poderia ter contado.

— Sim, eu tentei... — Fecho os olhos e lembro de nosso diálogo dentro do carro. — Andrew fez parecer como algo ruim uma mulher ser mãe solteira, quando na verdade, Sofia foi tudo de bom que pôde acontecer na minha vida.

— Eu ... eu não sei o que dizer. — Passa as mãos no cabelo e me encara. — Eu não sabia — olha pra Giovana desesperado e depois volta seu olhar para mim. — Gio nunca me contou nada.

— Não era o seu negócio para contar. Aprendemos desde cedo, a não interferir. — Engulo em seco sabendo que não estou falando de toda verdade, sei que Giovana está interferindo e muito na minha vida, mas deixo isso em segunda instancia, o interesse dela é o meu também. — Mas tudo bem, todo mundo pensa assim: que fui uma irresponsável e engravidei solteira. — Suspiro e encosto na pilastra ao lado. — Que meu envolvimento com Andrew é só para ter um pai para Sofia.

— Eu não entendo. — Alê balança a cabeça de um lado para o outro. — Tentou contar, mas por que não concluiu?

— Não é obvio? — Arqueio uma sobrancelha o questionando.

— Não, Liza, para mim não é. — Cruza os braços na frente do peito e me olha concentrado.

— De primeiro momento eu realmente não queria nada mais que um ou dois encontros, depois as coisas foram fluindo e eu me vi escondendo essa informação. — Respiro fundo, achando coragem para abrir o jogo. — Como eu disse, quando eu elevei meus pensamentos além da cabeça de Andrew, eu quis saber a sua opinião. A resposta não foi das mais satisfatórias, se quer saber. ele pensaria a mesma coisa que você, que eu iria querer somente um pai para Sofia. — Solto uma lufada de ar, frustrada.

— Sim, de primeiro momento, mas depois....

Não espero ele acabar de falar.

— Mas depois o que? Você melhor do que ninguém conhece o temperamento do seu amigo, acha mesmo que ele ouviria a minha explicação depois de falar que eu tenho uma filha?

— Mas Liza, você não pode viver de 'se'.

— Tenho por que, Alessandro? — O pergunto, com raiva na voz.

— Ham?

Passo a língua nos lábios e o encaro.

— Você sai contando pra todo mundo a sua vida, todas as tragédias, superações e conquistas? — O ataco.

— Não, mas Andrew não é todo mundo. — Franze as sobrancelhas.

— Pois bem, Alessandro, Andrew é um foda casual. — Desencosto da pilastra e cruzo meus braços.

Giovana me olha chateada, porém, mamãe a chama, fazendo com que fique somente eu e Alê.

— É só você e eu agora, Liza. — Alessandro diz com a voz gélida. — Não posso acreditar que disse isso. — Olha para dentro de casa e sussurra. — Andrew para você é uma foda casual?

— E o que mais ele seria? Amigo do meu cunhado? — Arqueio as duas sobrancelhas e desvio meu olhar. — Pelo amor de Deus, Alessandro! Nos encontramos, fazemos sexo e divertimos. O que mais isso seria? — Levanto as mãos para o céu pedindo alguma intercessão, só sai baboseira da minha boca. — O máximo que chegamos a conversar foi sobre serviço. Se isso quer dizer algo pessoal, você me fale.

— Você não dá espaço, Liza. — Diz menos chateado.

— Eu não dou espaço? — Aponto para o meu peito, olho para o céu novamente e mais lágrimas caem quando eu lembro de todas as vezes em que Andrew me menosprezou, principalmente a vez que ele comeu uma mulher praticamente do meu lado e eu não pude fazer nada. — Hoje mesmo, quando ele perguntou por que eu não tinha o trazido, eu respondi que não saberia apresenta-lo para minha mãe. Sabe o que ele disse? Me perguntou se eu estava forçando-o a assumir um relacionamento comigo. — Sorri, cínica. — Não Alê, eu realmente não o dou espaço. Com esse papo ele mesmo cortou o espaço que poderia ter na minha vida.

— Meu Deus! — Olho para ele desesperada com a mão na boca quando me dou conta de que abri demais a minha boca. — Você gosta dele, não gosta?

Não tem por que negar, já deve estar escrito em letras garrafais em minha testa. Apenas balanço minha cabeça confirmando. Abaixo meu olhar para o chão, e fico encarando o piso. Minha vergonha é demais para poder olhar nos olhos de Alessandro depois de admitir o que eu não tenho coragem nem para minha irmã.

— Isso não importa, Alê. — Seco mais uma vez minhas lágrimas. — Não importou para ele antes de ficar comigo, não importa agora.

— Claro que importa, Liza. — Diz Alessandro se aproximando e segurando meus ombros, se abaixa e fica na minha altura. — Andrew é adulto, maduro.

Dou uma risada sarcástica.

— Isso é besteira. — Digo num fio de voz.

— Não, não é. Conte para ele. — Sua voz é baixa e tranquila.

— E você acha que não tentei? — Passo as mãos no meu cabelo. Afasto-me de Alessandro, caminho de um lado para o outro. — Céus! Como

eu tentei. A cada vez que eu abria a minha boca para falar, eu olhava para ele e o imaginava correndo de mim igual o capeta corre da cruz. — Alessandro está em minha frente todo embaçado pelas lágrimas, pisco para afasta-las e prossigo. — Você acha que é fácil imaginar a pessoa que você quer do lado, correndo de você a partir do momento em que você conta que sua vida está de cabeça pra baixo? Que agora você tem uma filha para cuidar? Que todas as mães têm os nove meses de preparação e que eu tive apenas duas semanas?

— Não, Liza, eu não acho. — Me abraça e apoia minha cabeça em seu peito. Sinto um amor fraternal crescendo de ambos os lados, um aconchego. Fico ali acalmando a minha respiração e tentando em vão suprimir as lágrimas. — Mas, ele tem que saber.

Levo um soco no estomago, controlo minha ânsia desencostando minha cabeça do seu peito, me afasto para encarar seu rosto e fico pálida.

— Por favor, Alê! Você não pode contar. — Suas sobrancelhas franzidas me falam que ele está lutando uma grande batalha interna.

— Se você prometer contar, eu não vou entrar nisso, Liza. — Alisa meus ombros e novamente me abraça. — Não preocupa com isso agora, sei que não é fácil. — Me afasta um pouco para poder olhar em meus olhos. — Mas conte para ele, tá? — Afirmo com a cabeça, e encosto novamente minha cabeça em seu peito. — Você pode se surpreender. — Diz baixinho, alisando as minhas costas de modo reconfortante.

A partir daquele momento eu enxerguei em Alessandro um irmão, sinto que o que estiver ao seu alcance ele pode fazer.

De primeiro momento quando o vi na boate o achei um pouco prepotente, não quis dizer isso para mim para não ficar com o pé atrás com ele e prejudicar Gio. Mas o vendo agora, abraçado comigo, e me reconfortando de uma batalha que nós dois sabemos que vai acontecer, tira qualquer fio de dúvida que eu tinha em relação a ele.

Me afasto depois de inúmeros momentos até eu parar de chorar, e o encaro.

— É, acho que se você fez isso para poder namorar a minha irmã, você passou no teste. — Dou um soquinho em seu peito. Rimos e me solto por completo recompondo-me.

— Ainda bem, acho que agora temos que conquistar o general lá dentro, né? — Aponta com a cabeça para dentro de casa.

— Não se engane, minha mãe também pode ser uma leoa.

Comida posta, mesa arrumada, o vinho que comprei jogado para escanteio, e o vinho que Alessandro trouxe na vinheira. Hilário, mal chegou e já sentou na janela.

Todos sentados, esperando a famosa comida da dona Roseli. O cheiro da carne ao molho madeira me deixando embriagada. Esses exercícios com Drew têm aumentado e muito a minha fome. Rio sozinha enquanto todos viajam em conversas.

Papai tem se controlado muito bem. Após um interrogatório muito bem direcionado, que fez Alessandro ficar branco diversas vezes, papai aparentava uma áurea nova, de quem tirou um peso das costas. Não tiro sua razão, depois do último namorado de Gio, acho que qualquer um teria novos cabelos brancos para contar, se ela aparecesse com uma foto cópia.

Alessandro veio para nos trazer paz.

O jantar transcorre sem maiores problemas, diversas vezes peguei Alessandro me olhando desconfiado, mas não uma desconfiança maldosa. Acho que para ele era difícil assimilar que não sou a mãe biológica de Sofia. Se não fosse comigo, até eu mesma acharia que Sofia realmente saiu de mim, eu e Luíza nos parecíamos muito, e Sofia não é diferente.

Olho para as cadeiras que faltam para completar e penso em Júnior e Laís, como sinto falta deles. Lembro de Rio Novo e todos os amigos que acabei perdendo um pouco de contato, rezo para dormir e acordar só no

carnaval para podermos nos encontrar.

Em um vislumbre vejo Andrew do meu lado, passando as mãos por trás da minha cadeira, conversando sobre o último jogo de futebol que passou pela TV, a ascensão do Atlético MG e a caída do Flamengo, sorrio sozinha com a discussão que daria os dois, papai detesta o flamengo. Seria bom se Gio avisasse Alê.

Por último, lembro de Guilherme, uma dor no peito ao pensar. Sinto que estou o traindo com outra pessoa. Não o ocupo mais em minha vida como namorado, ou pessoa de primeira instancia. Isso me machuca, como se eu estivesse perdendo mais uma pessoa a quem eu deveria sempre recorrer.

Respiro e me afundo ainda mais na cadeira.

— Acho que comi demais. — Digo relaxada.

Já estou até viajando, com certeza meu estômago está muito cheio.

Giovana ri sem parar com a cara embasbacada de Alessandro em minha direção.

— O que foi, Alê? Achou que eu vivia de vento? — Sorrio para ele. Todos na mesa sorriem. — papai nos ensinou que comer faz bem, mamãe o ganhou pelo estômago, não foi, mãe?

Desvio o foco da atenção de todos da mesa que estavam em mim. A conversa volta para Alessandro e o coitado tem que escutar tudo que falam com ele, desde como meu pai conheceu a minha mãe quando eram muito novos, e mamãe sempre fazia alguma coisa para os dois comerem, *as mãos de fadas*. O final da história que papai também insiste em contar nos deixando totalmente constrangidos, todos sabem também. Afinal de contas quem precisa saber que Júnior foi concebido na lua de mel, que eu fui em um cruzeiro com o Roberto Carlos comemorando quatro anos de casado e que Giovana, bem, Giovana foi a menos privilegiada. Eles não sabem aonde ela foi concebida.

Capítulo 32

O fim de semana passou voando. Encontrei com Andrew praticamente todos os dias, menos no domingo que ele iria ficar na boate e não teria como eu ir mais um dia, sendo que fomos no sábado e nos acabamos na pista de dança para depois nos acabar em seu escritório, mas isso, porém, não é uma coisa que me orgulha, não fui muito na intenção de fazer sexo, queria me divertir com a companhia dele e queria saber se a minha o satisfazia, de nada adiantou, meu autocontrole perto dele fica abaixo de zero.

Resolvi então, curtir ainda mais meu fim de semana com Sossô, já que estava sendo muito negligente com minha princesinha. Cada dia que passa eu me impressiono ainda mais, como uma bebê pode evoluir tanto de um dia para o outro? Agora com seus cinco meses ela já quer ficar engatinhando, imaginem? Não sabe nem ficar de bruços direito e já quer sair andando atrás da gente. Uma peça, linda, rara.

Alessandro veio aqui em casa e ficou ainda mais apaixonado com Sofia, brincou e bordou com ela para todos os lados do quintal. No domingo ficamos em casa, e como Alê se tornou um agregado oficial, também veio. Passamos a tarde toda na piscina, como está um calor de rachar, para Sofia foi uma festa.

Meu domingo poderia acabar melhor se não fosse uma ligação inoportuna de um bêbado. Estava me banhando em uma bela banheira com vários aromatizantes e tentando tirar a angústia do meu coração, por não ter visto e nem ter recebido nenhuma mensagem de Andrew durante todo o domingo, quando meu celular tocou.

Sequei minha mão com um sorriso nos lábios para atendê-lo.

— Oi, Drew! — Minha felicidade é palpável.

— Oi, Liiiz... — Sua voz arrastada indicava que não estava em sã consciência.

— Você está bem, Drew? — Pergunto preocupada, nunca ouvi Andrew bêbado. Até aquele momento.

— Bem? Hunft. — Bufa e soluça ao mesmo tempo. — Você não sabe o significado de estar bem, Elizabeth. — Sua voz soa rude, áspera.

Oi?

— Drew acho que você bebeu além da conta. — Digo calma, de uma forma pacificadora, não adianta nada discutir com quem não tem nem consciência dos seus atos.

— Não bebi quase nada ... hunft. — Outro soluço. — O que você está fazendo? — Pergunta de uma forma quase suave, como alguém que está fazendo o máximo de esforço possível para não ser grosso. Mas ainda assim, sua voz sai autoritário.

— Estou na banheira, tomando um banho, pensando e sentindo falta de você. — Fecho meus olhos e saboreio minhas palavras.

Sim, eu disse que sinto falta dele, me crucifique.

— Sentindo falta de mim? — Grita do outro lado da linha, tirando-me do meu transe quase perfeito e, conseqüentemente me assustando. — Meu Deus, ela está sentindo falta de mim. — Começa a rir descaradamente do outro lado da linha.

Não estou entendendo nada.

— Sim, Drew! Você não acredita?

Respiro fundo e espero uma resposta suave. Por Deus, que não seja uma pedra!

— E como poderia? — Ele realmente confirmou que duvida de mim? Que bastardo, o que dizer de todos os dias, sem exceção, eu ter ficado com ele. — Você não me liga, Elizabeth! Passa um domingo familiar e nem lembra que tem uma “*foda casual*”, não é mesmo? Por que é exatamente isso que eu sou, uma foda, para te foder gostoso do jeito que você gosta, não é? — Sua voz soa repugnante em cada sílaba, sem perceber já estou chorando.

— Andrew, não estou entendendo nada, o que está acontecendo? — Pergunto num soluço, a angustia no meu peito maior do que antes.

— Não venha com essa de chorar, Elizabeth... hunft — Mais uma porra de um soluço. Droga! Por que ele não se controla? — Deixa-me te perguntar: até quando você vai agir feito uma puta, comigo? Entra e sai da minha casa sem nenhuma satisfação. — Seu tom de voz baixo e repreensor denunciavam que ele está no limite. E eu, depois dessa maldita frase, não me importo mais de brigar com um bêbado.

— Olha aqui, quem você pensa que é, hein? — Fungo e olho para minhas mãos, não acredito que isso esteja acontecendo. — Eu não te devo satisfações, e se for pra contar de entrar e sair da sua casa foi você quem me chamou. — Respiro fundo e ouço mais e mais soluços do outro lado da linha, perco a minha razão. Não quero brigar, mas também não vou ficar ouvindo desaforo. — Vai curar seu porre com alguém que te mereça, Andrew. Não estou disponível para esse tipo de palhaçada. Se você quiser conversar sobre alguma coisa referente a nós dois, esteja sóbrio para isso. Passar bem!

Assim que desliguei o telefone eu chorei até me desfazer toda, achei que não restaria nenhuma lágrima mais em meu corpo. Chorei tudo que tinha para chorar, já tinha me tornado uma grande chorona, qual o problema de liberar tudo de ruim no silêncio do meu banheiro?

Até certo ponto minha cabeça estava navegando nas coisas que ele disse. Depois, muito tempo depois, eu comecei a pensar no motivo da ligação. Não é típico do Andrew fazer essas criancices, nunca o vi bêbado, nem quando era mais nova e ele levava aquela vida muito mais promiscua que essa. Caí no real em uma frase que ele disse: “*Você não me liga*”

Elizabeth, passa um domingo familiar e nem lembra que tem uma “foda casual” não é mesmo? Por que é exatamente isso que eu sou, uma foda, para te foder gostoso do jeito que você gosta, não é?” Encosto novamente minha cabeça na borda da banheira e deixo as lágrimas escorrerem pela lateral do meu rosto. É inadmissível a conclusão em que cheguei. Porra! Começamos assim, e agora ele está reclamando? Deus!

Minha intenção era ficarmos juntos apenas duas vezes, mas a atração era tanto que não conseguia nem enxergar direito os danos que traria se ficássemos mais tempo juntos. Resolvi ir afundo e meter os pés pelas mãos, agora estou aqui, amargando não só a sua presença, mas também a sua falta de iniciativa para levar as coisas adiante. Não que isso seja uma prioridade, nada disso. Mentira! Tá bom, é sim. Sofro com isso dia-após-dia. Mas, daí ele me ligar e cuspir em mim todo esse tipo de baboseira? O que ele queria, que eu ajoelhasse em seus pés e o pedisse em namoro?

Quando estou molenga o bastante, com os dedos dos meus pés e as minhas mãos todos enrugadas, saio da banheira, quase me congelando. Deito na minha cama de toalha mesmo, meus olhos pesados pelo tanto que chorei, parecendo estar cheio de terra. Não consigo mantê-los abertos mais e acabo dormindo, sem ao menos ter trocado de roupa, minha mente não consegue pensar e nem remoer nada mais.

Na manhã de segunda-feira acordo, como previsto, péssima. Dentro do carro, Giovana me manda uma mensagem, como já estou com o celular na mão (não se engane, quero ver se Andrew entra em contato, ao menos um pedido de desculpas eu acho que mereço, mas até agora, nada), vejo rápido.

Gio: *"Não gosto de te ver com esses olhinhos"*

Dou um sorriso com a preocupação dela e pela forma carinhosa como falou. É bem provável que ela saiba o que está acontecendo e querendo puxar da minha boca como eu me sinto.

Liza: *"Seu amigo é um babaca"*

Gio: *"Eu sei, Alê me disse. Liza, dá uma chance para ele entrar. Acho*

que ele está com ciúmes do Alê ter passado o domingo lá em casa."

Ham? Tiro até meus óculos da bolsa para ler melhor. Giovana deve estar pirando.

Liza: *"Eu dar chance para ele entrar? Quantas mais? O que vocês querem que eu faça? Pelo visto, parece que Andrew está esperando eu ajoelhar em seus pés e pedi-lo em namoro. Sabe, eu não vou fazer isso, já fui humilhada demais por ele, para fazer um segundo papel de trouxa."*

Liza: *"Chega, Gio, depois nós falamos sobre isso"*

Mando uma seguida da outra. Não quero falar do que acabou com o meu final de semana.

Segunda passa e nem vejo, quando dou por mim, Ester aparece na minha frente com um baita buque de flor-de-lis cobrindo todo o seu resto.

Será que é por isso que ele me chama de Liz?

Pego o cartão e o analiso, escrita de próprio punho, uma letra parecendo itálica, não é feia, mas não é uma beleza, compreensível seria justo dizer, mas completamente masculina e dele, só dele, Andrew.

"Fui um idiota, eu sei, não precisa nem dizer o quanto está com raiva de mim, acredite que eu também estou a níveis estratosféricos. Me odeio nesse momento. Me bata, me xingue, e desconte toda sua raiva em mim, eu mereço. Mas por favor, Liz, faça isso na cama e comigo. Não me afaste de você, estou com uma puta saudade. Seu, Drew!"

Seu Drew? Meu Drew? O filho da puta realmente disse isso? Como ele consegue ser desse jeito? É impossível uma pessoa ser mais bipolar que ele. Mas não consigo, me rendo, poxa eu o amo, qualquer coisa que ele queira me dar eu vou aceitar. Lembro que tenho um celular e o tiro da bolsa, vejo cinco ligações não atendidas, todas dele, e mais de vinte mensagens no *Whatsapp*;

começa pedindo perdão, e termina dizendo que vai ficar me esperando na porta do hospital. Ele não sabe, mas a boba aqui já o perdoou só pelo buquê de Lis. Não respondo, deixo ele remoer a culpa mais um pouco.

Quando dá três da tarde em ponto, junto minhas coisas para ir embora. Não tenho mais nada o que resolver hoje, se ficar minha ansiedade vai a mil, vou comer todas as minhas unhas. O que me resta é sair e ver se ele está lá realmente. Fecho os olhos e saboreio a sensação que senti quando ele veio aqui na primeira vez me buscar. Um sorriso se estampa na minha face.

Não digo que foi uma surpresa encontrar Andrew na porta do hospital com sua BMW X6. Mas sim, foi uma surpresa e tanto a forma em que estava.

Vestido de uma bermuda de nylon cinza, sem estampa nenhuma, uma blusa azul clara e chinelos de dedo, barba por fazer e cabelo bagunçado. Deus! Seu estado é deplorável.

— Oi — Chega perto de mim, falando de mansinho.

Realmente ele deve estar com muita vergonha pelo que fez, e uma baita ressaca, diga-se de passagem.

— Oi — Respondo.

Seu dedo passa por meu maxilar, percorrendo todo meu rosto, passa pela minha boca, fecha os olhos e respira fundo. Quando os abre novamente está brilhando, mas não estou certa de qual emoção que habita ali.

— Não sei como mais te pedir desculpas, fui um idiota. — *Sim, você foi.*

— Pelas flores começou bem, pode terminar retirando tudo o que disse. Apesar de que eu sei que quando esta... — Não consigo falar mais nenhuma palavra, seu dedo que estava segurando meu queixo, viaja para a minha boca a prendendo de um lado ao outro. Chega perto de mim com seus olhos carregados e sussurra:

— Você sabe, Liz. Eu não penso aquilo de você. Me perdoa! — Cola seu lábio no meu, como pedindo licença. Abro minha boca e sinto seu gosto, único. O beijo prolonga apaixonado. Oi? Eu realmente disse apaixonado? Separo nos dois pelo susto e encaro a sua expressão confusa.

— Você não deveria beber quando eu não estou por perto, hein. — Brinco e bato meu ombro em seu tórax, todo choro de ontem esquecido.

— Sim, não deveria. — Me aperta em seus braços em um abraço forte, me deixando novamente constrangida e caminha, comigo abraçada ainda a ele, para o carro.



É noite de quinta-feira, uma semana depois do almoço lá em casa com Alessandro. Uma maldita semana que eu tento falar com Andrew toda a verdade, e tenho uma crise de tosse instantânea.

Agora estamos colados um ao outro, não consigo pensar em nada para começar a falar. Todas as frases pré-programadas que tinha, me fugiram da cabeça, todas que comecei, acabei não falando nada. Meu Deus, estou ferrada!

Na noite de quarta, ontem, Alessandro foi lá em casa. Se eu não fosse tão fã dele acharia realmente que está me ameaçando. Só dele me olhar eu já me sinto ameaçada.

Levanto-me da cama e deixo Andrew com seus pensamentos perambulando, desde a noite de segunda estamos bem. Ele se perde no mundo da lua constantemente, não me dando nenhuma chance para entrar, me remoo querendo saber o que é, mas preciso respeitar o seu espaço.

Ligo o chuveiro notando uma protuberância bem na base das minhas costas. Sério, que ele não se cansa nunca? Não é possível! Reviro meus olhos, sorrindo e encosto minha cabeça em seu peito.

— Já te disse que você é linda? — Sua voz suave chega aos meus ouvidos fazendo cócegas.

— Hoje não.

Sempre quando estamos juntos ele faz questão de frisar o quanto me acha bonita, eu gosto, na verdade, eu amo quando ele reconhece alguma qualidade em mim, mesmo sendo tão superficial quanto a beleza. Mas, eu queria mesmo, era que ele dissesse que está apaixonado, que a segunda que estávamos brigados, foi decisivo na sua concepção, mas isso não aconteceu.

Sinto suas mãos descerem da minha barriga para minha vagina, fecho bem as pernas e respiro fundo. Não posso deixá-lo entrar mais do que já entrou.

— O que foi? — Pergunta massageando o que ele consegue do clitóris, com o queixo encostado no meu ombro.

— Preciso ir embora.

Solto um gemido, com minha cabeça ainda encostada nele, respiro fundo, esperando a tempestade chegar. Mas ela não vem, assim como Andrew que se descola das minhas costas. Olho para trás e não vejo ninguém. Termino meu banho e vou para o quarto me vestir.

— Toda vez é a mesma coisa, Elizabeth. — Diz um Andrew carrancudo, saindo do closet.

— Não sei do que está reclamando, Drew. Eu disse mais cedo que não poderia dormir aqui. — Digo amarrando as minhas sandálias de tiras nos meus pés.

— Esse é o problema, você nunca pode. — Levanta as mãos para o céu, em frustração. — Até quando?

— Até quando o que? — Olho para seu rosto e vejo raiva, não vou ficar aqui para escutar tudo que ele me disse no domingo, pelo telefone. — Não,

não. Pode ir parando aí mesmo, Andrew. — Abano minha mão em sinal de desdém fitando-o.

— Isso vai ter fim um dia? — Fala um pouco mais calmo, seus olhos brilhando.

— Você já se perguntou isso? Acredito que você não deveria ficar tão preocupado com o que eu acho, sendo que você não parou para pensar no que somos ainda. Você me quer exclusiva para você, sem nem se dar conta de que eu posso me machucar, Andrew. Talvez eu indo para a casa todos os dias, seja somente para proteger a última parte que não foi tomada por você. — Pego minha bolsa e jogo meu celular lá dentro, mal acreditando no que eu acabei de falar. — Toda vez que faço uma coisa que não te aprova, age estranho, como se eu fosse uma qualquer. Eu tenho família, moro ainda com meus pais e os devo satisfação, não é como se eu pudesse me ausentar sem qualquer explicação. Não adianta você pedir perdão por uma coisa sendo que você ainda a pensa, Andrew.

— Você distorce tudo que eu falo.

Franzo minhas sobrancelhas, prestando atenção em sua postura defensiva.

— Eu distorço? Pra você estamos ficando de maneira confortável para ambos, certo? — Andrew confirma, abaixando a guarda. — Está preparado para algo mais sério? — Seus olhos se arregalam, me dando uma resposta bem esperada para a minha pergunta, no entanto, ele ainda confirma.

— Não sei, Liz!

— É como eu pensei. — Respondo com um sorriso no rosto, ajeitando a bolsa em meu ombro.

Saio do seu quarto e o deixo plantado lá, feito dois de paus, olhando incrédulo para mim. Sim, eu também sei surpreende-lo, mas não da forma como ele faz comigo.

Quando já estou a bastante tempo caminhando para ir à portaria do condomínio e pedir um táxi, vejo Andrew correndo atrás de mim, não solta nenhum som, pelo visto não queria ser notado. Quando chega ao meu lado, segura meu cotovelo, fazendo-me olhá-lo.

— Me desculpe, mais uma vez! — Sempre seus pedidos de desculpas são lindos, mas dessa vez não vou me deixar cair.

— Como eu disse Andrew, não adianta pedir desculpas se ainda pensa, seria falsidade. — Olho para o seu semblante lindo, o vento batendo e balançando seus cabelos com aspecto pós-foda todo bagunçado e um pouco molhados ainda.

— Com você é tudo diferente, Liz, eu não sei o que falar... como agir.

— Comigo é a mesma coisa, Andrew.

Ficamos nos encarando, espero alguma tréplica, mas ela não vem. Desvio meu olhar, virando meu rosto para tentar dispersar meus pensamentos desconcertantes.

— Vou te levar, me espere aqui. — Se distancia para pegar o carro.

— Não precisa, eu vou de táxi. — Seguro o seu braço, impedindo-o de ir.

Ele olha para a união entre minha mão e o seu braço e respira fundo.

— Você está terminando comigo? — Abaixa a cabeça, alisando a minha mão.

— *Ham?* — Abaixo meu olhar o olhando. — Como que se termina alguma coisa se ela nem começou? — Ganho sua atenção.

— Eu sou muito impulsivo, Elizabeth, é um terrível defeito. Não saber o que se passa na sua mente também é uma merda. Eu só queria entender o que a gente tem. E seja o que for, eu não queria que acabasse. — Encolhe os

ombros, desconfortável.

Olho para o porteiro assistindo a tudo de camarote, pedindo-o para chamar um taxi para mim. Encaro Andrew novamente, suspiro com a nossa situação.

— Você quer saber como me sinto. — Balança a cabeça, confirmando, os dedos apertando minha mão. — Então... primeiramente eu sinto que você precisa entender o que temos, o que quer de mim e pra onde pretende nos levar. Por que acho que você não tem noção do quanto minha vida está de pernas para o ar, para ficar brigando e bebendo do jeito que fez, somente por que eu não te chamei para passar o domingo na minha casa. Na minha cabeça nós nos pegamos, eu adoro ficar com você, mas eu não estou pulando de ponta nisso, se você também não está. E essa atitude, não é uma forma de pressionar você a ficar comigo em um relacionamento sério, eu aceito o que você me dá, estou aqui, não vou fugir. Só não me peça para eu soma-lo onde você ainda não foi inserido, só por ego, ou por qualquer outra coisa que não seja um sentimento que te faça ficar e agregar na minha vida e dos que me rodeiam. Eu tenho uma pessoa muito importante, Andrew, não te quero na minha vida, para dar tchau daqui há poucos meses. — Parei, respirando fundo. Os olhos de Andrew me encaravam emocionados. — Eu acho que precisamos de um tempo longe um do outro, essa proximidade... — Tento achar uma palavra que se encaixa, mas antes Andrew me corta.

— Tempo? Você diz que não vai fugir e pede tempo? — Larga meu braço, passa a mão no rosto e cruza os braços sobre o peito, me deixando com água na boca e perdida em pensamentos.

— Por isso mesmo. — Ainda olho para o seu peito. — Eu acho que posso acabar fugindo com você achando que eu tenho a obrigação de dormir contigo.

Ele apenas assente com a cabeça, os braços cruzados. Tomo um impulso e vou ao seu encontro, o abraço forte e lhe dou um selinho que logo passa a ser um beijo apaixonado, me delicio com a sensação nova, jogando-me. Apertamos um ao outro em nossos braços e gememos juntos. Escuto uma

buzina ao longe e me afasto de Andrew, olho para trás e vejo que o taxi já chegou. Dou um último selinho nele.

— Então, nos vemos no sábado? — Olho para ele em expectativa.

— Pode apostar que sim. — Sorri.



Não consigo achar uma roupa que preste, uma combinação de babydoll no mínimo um pouco sexy. Isso tudo por que tem dois dias que não vejo Andrew. Dois malditos e intermináveis dias em que eu mesma estipulei para não nos encontrarmos. Maldita hora em que fui fazer isso.

Assim que entrei no táxi tive uma ótima ideia. Ele queria tanto que eu dormisse com ele, que eu faria isso. A oportunidade perfeita veio quando me lembrei que meus pais iriam para Rio Novo esse fim de semana para ver como que está e ajeitar o carnaval. Levaram Sofia junto. Todos os dois me perguntaram se não teria nenhum problema com isso, mas eu, naquele momento estava tão desligada e querendo chorar minhas lágrimas, que nem pensei que ficaria sozinha. Bem, isso naquela época, hoje não. Hoje vou ter uma noite linda de amor, ou de sexo, tanto faz.

Olho-me no espelho e fico feliz com o que vejo. Estou com uma blusa de um ombro caído, na cor bege, uma saia alta mais ou menos no mesmo tom, com sandália de tiras no pé. Para completar o meu look, usei meu cabelo em um rabo de cavalo com alguns fios soltos e a maquiagem bem marcada. Pego minha bolsa com todos os meus utensílios de higiene e vou para o carro que já está buzinando há mais tempo que eu levo para tomar o meu banho em paz.

— Oi! — Respondo ofegante e alegre em ver Andrew.

— A espera toda recompensou, você está maravilhosa. — Coloca os dedos juntos na boca.

Sorrio da sua expressão e o ataco. Nesses dois dias conversamos muito, sobre tudo, por mensagem e telefonemas, mas nada que supere o nosso contato físico. Amo isso!

Giovana decidiu não ir a boate hoje, o que só me alegrou mais. Vou ter mais e poder dar mais atenção para Andrew.

Chegamos a boate, encontrando-a cheia. Andrew chegou com o celular na mão, para abrirem uma porta exclusiva pra ele, que nem eu sabia que existia. Entramos direto na sua sala, o que me faz ficar ainda mais excitada. As duas vezes em que estive aqui passei muito bem.

— Calma Drew, vamos dançar. — Respondo rindo, assim que ele começa a tirar minha blusa de dentro da saia.

— Você vem com essa roupa e, ainda me pede calma? — Fala indignando, mas noto a pitada de humor em sua voz.

A noite foi regada a muita caipirinha, dança quente, pegadas na cintura, sedução na pista. Agora estamos ao som de *Katy Perry* e *Kanye West*.

*Bem-vindo à zona de perigo
Dê um passo para a fantasia
Você não está convidado
Ao outro lado da sanidade
Eles me chamam de alienígena
Um astronauta cabeçudo
Talvez seja porque o seu garoto
Yeezy pega muitas bundas*

Andrew fala olhando-me nos olhos de uma forma forte. Entendo que é para eu continuar a música, e realmente dá algo muito parecido com a gente. Lembro bem no começo, quando eu o achava um E.T.

*Você é tão hipnotizante
Você poderia ser o diabo, poderia ser um anjo
Seu toque é magnetizante
Parece que estou flutuando, deixe meu corpo irradiar*

*Eles dizem para eu ter medo
Você não é como os outros, amantes futuristas
DNA diferente, eles não te entendem*

Também olho em seus olhos ao falar, perco o folego e não consigo cantar a outra parte, a emoção em que vi tão poucas vezes está de novo em seu olhar. O agarro e danço ainda mais colada nele, sentindo sua ereção roçar em mim de todas as formas, poderia muito bem ter um orgasmo aqui. Me afasto e vejo que a música já toca pela segunda vez uma parte em que eu quero muito que Andrew faça.

*Beije-me, beije-me
Contagie-me com o seu amor e me preencha com o seu veneno
Leve-me, leve-me
Quero ser sua vítima, pronta para abdução
Você é um alienígena, seu toque é de outro mundo
É sobrenatural, extraterrestre*

Não dá tempo de ver sua expressão, Andrew me abraça, dando-me um beijo apaixonante. *Meu Deus!* Adoro esses beijos com emoções e luxúria envolvidos. Ele nos afasta para uma parte aonde tem pouca gente. Ficamos ali, um querendo comer o outro em público, meu fogo está demais. Eu preciso muito gozar. Nos afasto, olhando em seus olhos.

— Preciso ir no banheiro. — Digo ofegante, parecendo que corri uma maratona.

— Vamos subir, você vai lá em cima. — Por mais que eu queira sexo suado e quente, não quero mais ser tratada dessa forma. Se ele não sabe como pular o degrau do nosso relacionamento, eu pretendo fazê-lo entender.

— Não, Drew, tenho outros planos. — Saio em disparada para dentro do banheiro.

Deixei-o completamente boquiaberto e com tesão, um baita tesão para falar a verdade. Olhando-me no espelho, ajeito minha roupa, retoco meu batom e sorrio para a imagem iluminada no reflexo.

Ao sair do banheiro não avisto mais Andrew, corro meu olho por todo lugar, meu coração apertado, pressentindo alguma coisa. Vejo-o no balcão do bar, com uma morena, muito bonita por sinal, praticamente sentando em seu colo. Que intimidade que é essa?

Opa! Eu conheço aquela morena.

— Drew, que delícia. Nem cheguei perto e você já está duro. — A nojenta da Pamela fala aquilo tudo para ele e qualquer um que passar ouvir.

Desde o colegial que eu não suporto essa menina. Puta que pariu, ele tinha que ter pegado logo ela? Por que está na cara que pegou.

— Não... Pamela. — Andrew embola pra falar alguma coisa, penso que não deve ser fácil para ele lidar com alguma negação, nem mesmo seria fácil ele dar um fora. Mas tenho que dar créditos, ele tentou.

— Ele não está assim por sua causa, Pamela. — A afasto, sentando em seu colo. Sou possessiva mesmo.

— Que é garota, está tomando posse dos outros agora? — Diz recalçada.

— O que posso fazer? Eu posso, *honey*. — Cruzo minhas pernas e beijo Andrew.

Quando paro de beija-lo ela não está perto mais.

— Hum, então não sou só eu que marco território. — Sorri, maliciosamente.

— Pois é. — Coloco meu cabelo atrás da orelha. — Dormiu com ela também, né? Você deveria ter dado um fora logo no começo. — Respiro fundo e tento controlar a minha raiva, afinal de contas ele não fez nada. Andrew faz sinal para falar e eu o interrompo. — Eu sei, eu vi que você tentou. Mas agora não quero pensar nisso. Vamos? — Respondo tentando um sorriso.

— O que? — Diz surpreso. — Você vai me deixar na seca hoje, Liz?

— Não, vamos para sua casa.

— Para minha casa? — Olha-me esperançoso, enquanto eu afirmo com a cabeça — Mas, Liz, são quase quatro da manhã. — *Meu Deus, e eu com isso?* Não quero que a noite termine ainda.

— Você quer que a noite termine? — Pergunto rebolando em seu colo. Ele apenas balança a cabeça de um lado para o outro. — Certo. — Dou um pequeno beijo em seus lábios. — Acho que tenho uma combinação de baby-doll que pode ser usada para dormir, hoje. — Sorrio e reparo em sua expressão, ficando cada vez mais confusa e excitada.

— Você pode tudo, menos colocar um maldito baby-doll nesse corpo. Comigo só nua, baby. — Se tiver como morrer ainda mais de amores por ele, por favor traga o caixão.

Praticamente corremos em direção ao carro. Não sei quem ficou tomando conta da boate, e por mim, não quero nem saber. Quero muito sexo, muito amor, muita paixão. Quero tudo!

Rápido, como a boate é perto da casa dele, chegamos. Tiro sua blusa e a jogo para o lado, assim como ele também faz com a minha.

— Meu Deus, Liz! Estava morrendo de saudades do seu corpo. De te comer gostoso. — Sua voz é abafada, enquanto cheira o meu pescoço.

Joga-me com tudo em cima do sofá.

Só o meu corpo?

— Eu também, Andrew.

Senti falta de você todo, da sua voz, seu cheiro, seu carinho...

— Repete para mim. — Desabotoa o meu sutiã tomara que caia preto, na frente.

— O que? — Respondo ofegante, não entendendo nada que ele está falando.

— Repete que você estava com saudades de mim. — Acaricia um mamilo, passando a palma da mão sobre ele.

— Eu morri de saudades suas, não só do seu corpo, mas de você todo... — Acabo de falar ofegante, uma mão sua vai subindo pela minha coxa e a outra ainda está em meu seio.

— Isso gostosa, delícia. — Beija minha boca, gostoso. Meu Deus! Ele conhece todas as táticas para beijar, não é possível. Cada beijo é diferente um do outro. — Eu também, senti falta de você toda.

Começa a acariciar o meu clitóris por cima da calcinha, de uma forma lenta, desce sua boca e suga um mamilo me fazendo arrepiar. Não aguento mais, todas as provocações da noite me fazem ficar ainda mais excitada, estou a ponto de gozar.

Sua frase fica rondando e rondando a minha mente. *"Eu também, senti falta de você toda."* Enquanto suas caricias vão aumentando e aumentando.

Descobre meu outro seio e começa a suga-lo na mesma hora em que coloca minha calcinha de lado e enfia dois dedos em mim.

— Ah... — Grito, a dor misturada com o tesão.

— Goza Liz, vai delícia. Goza gostoso na minha mão. Mostra como você me quer, vai vadia! — Seu corpo rente ao meu, sua boca próxima a minha. Em seus olhos eu posso ver luxúria, tesão e outra emoção que não consigo identificar.

Gozo forte, em nenhum momento tirando meu olhar do seu, que vão se transformando em alguma coisa parecida com fascínio, todo lindo, agora despenteado. Foco em suas ações e deixo as sensações tomarem conta de todo meu corpo, até que o efeito perfeito do orgasmo passa e minha mente

volta.

Andrew levanta e tira o seu sapato, calça, ficando só de cueca na minha frente, lindo como sempre, sem dizer uma palavra. Abaixa-se, agachado em frente as minhas pernas no sofá, retira minha saia e minha sandália, desfazendo tira por tira, ganhando tempo. Esquisito! Ele podia muito bem se enterrar em mim agora, que eu não reclamaria.

— Liz? — Sua voz incerta me chama a atenção.

— Hum... — Respondo em meu estado vegetativo ainda, não tenho muitas reações assim que acabo de gozar.

— Estava pensando no que você me disse na quinta; que dia você irá me apresentar para seus pais? — Responde em um fio de voz, triste.

Capítulo 33

Quem diria que algum dia eu iria ouvir da grande boca sedutora de Andrew Nunes, com um certo quê de insegurança, a pergunta de um milhão de dólares. Hilário isso, não? Todas esperam "*Que isso gatinha, isso aqui não envolve sentimento.*" Ou então "*Quer namorar comigo?*" na hora de apresentar os pais cai pra trás.

Mas com Andrew não, estou olhando para ele e na mesma hora não estou, não voltei ainda do meu mundo sideral, a pessoa que eu menos imaginei falar isso, acabou de falar, ou foi apenas um sonho? Fecho meus olhos e mexo o meu pé para ver se ele encosta em alguma coisa.

— Liz? — Pergunta um Andrew, impaciente.

Meu pai, tenho que voltar a ligar os ouvidos quando me desligo do mundo real.

— Oi, Drew! — Melhor tática, fingir que nada aconteceu. Vai que era um acompanhante do fabuloso orgasmo que Andrew me deu? Ou algum alucinógeno que bebi? Quem sabe?

— você não me respondeu. — Senta na beira do sofá, com o meu pé em cima da sua perna massageando-os. Levanto a sobrancelha em sinal de interrogação. — A pergunta que eu te fiz, Liz, você ainda não respondeu. Estava viajando aí e falando de "*Que isso gatinha*" e mais umas outras coisas que eu não consegui entender. — Fala a frase com uma voz um pouco mais grossa do que o normal, me olhando divertido.

— Eu pensei alto? — Ele confirma ainda divertido. — De novo? — Nada como ganhar tempo. O que eu vou falar?

— Acho que você tem essa mania, já tinha percebido. — Perde o ar todo de divertimento e olha pra baixo. — É uma pena que não fale nada do que pensa de mim. — Diz começando uma lenta massagem nos meus pés.

— Ah claro, eu então sairia na desvantagem? — Lambo meus lábios para espantar o nervosismo que está me cercando e tento brincar. — Falo tudo que penso de você, e eu ficaria sem saber nada sobre seus pensamentos? — Cruzo meus braços e espero sua resposta, numa falsa indignação.

— Acho que você não precisa ler meus pensamentos, Liz, se eu não falo todos, logo se nota no meu rosto quando te olho. — Seu olhar brilha.

Esbugalho meus olhos em surpresa pela sua frase e sinto meu coração batendo completamente descompassado, como se ele estivesse em um camicase de cabeça pra baixo. Sinto-o na minha boca, faço força para engoli-lo e desce em seco.

— Qual era a sua pergunta mesmo, Drew? — Digo me ajeitando no sofá, mudando completamente de assunto.

— Você ouviu o que eu disse? — Bufa e solta meu pé. Afirmo com a cabeça e espero a sua explosão, rezando, porém, para não vir. — Droga, Elizabeth! Foi difícil falar aquilo, tá legal? — levanta do sofá passando a mão no rosto.

O que ele pretende afinal? Ei! Cadê o meu tão sonhado pedido de namoro? Pulamos essa etapa?

— Então você quer conhecer meus pais? — Digo receosa, ainda sentada no sofá e olhando para Andrew lindo na minha frente.

— Você adora jogar, hein? — Coloca as mãos na cintura e ri. Seu sorriso branco ofuscando a minha vergonha. — Sim, Elizabeth, eu pretendo conhece-los, Alessandro não conheceu? — Arqueia a sobrancelha como se o que acabou de dizer fosse óbvio.

Mas é claro que é óbvio, ele quer conhecer meus pais simplesmente por

que o Alessandro conhece. Até aonde a prepotência desse cara vai?

— Você realmente pensou no que eu disse á você? — Levanto do sofá e fico na mesma posição que a sua, mãos na cintura e cabeça erguida para encontrar seu olhar. — Pois eu acho que não, por que eu não vou apresentar uma “foda casual” aos meus pais. — Faço aspas com a mão e vejo seu olhar virar de confuso para raivoso. — Mas, se bem que a forma mais bonita seria uma "amizade colorida", mas não sei se somos amigos, Andrew e, não gosto de mentir para meus pais. — Acabo de falar respirando pesado, ofegante.

— O que disse? — Fecha os olhos e respira fundo.

— Como eu... — Não termino de falar e escuto o grito de Andrew perto do meu rosto.

— Eu não quero saber como você acha que vai me apresentar aos seus pais, Elizabeth. — Caio para trás no sofá de novo, com o susto. — Eu quero saber, o porquê você acha que isso — Aponta dele para mim. — é uma maldita foda casual. Posso ter vários problemas para admitir um relacionamento, de fato eu nunca os tive para adquirir experiência. No entanto, eu nunca pensei em nós dois como “Foda Casual”

Fico atônita, estado de inércia me domina. Meus olhos ardem, não sei se de lágrimas, ou se eu preciso pisca-los, coisa que eu também não consigo fazer. Marquei um ponto da pele de Andrew e estou olhando fixamente para lá. Não consigo desviar meu olhar. Tenho certeza que se me olhasse agora no espelho me daria trezentos mil socos para consertar a droga da minha cara.

Se isso não é uma foda casual, seria o que?

Desvio meu olhar do seu e coloco minha cabeça entre minhas mãos, meu cotovelo apoiado no meu joelho.

— Está explicado agora todas as vezes em que foi fria, calculista, misteriosa. — Sinto sua presença perto de mim e ouço seus passos, mas não tenho forças para levantar o olhar. — Que merda, Elizabeth! E eu aqui achando que eu era mais do que um pedaço de carne para você. — Ri irônico

e senta ao meu lado no sofá.

Fico na mesma posição. Sinto seu cheiro me embriagando. Me perdi no meio da conversa, até pouco tempo estávamos falando de foda casual, agora ele diz sobre meus mistérios, distanciamentos.

— Você só queria isso, não é? — Levanto meu olhar e o vejo jogado, as costas no encosto do sofá, passando as mãos por detrás da cabeça. Fecha os olhos esperando a minha resposta.

— Drew, é que... — O que eu vou dizer? Como você fala para um cara que você descobre estar super afim de você (uma coisa mais séria), que só quis pegar ele por duas noites. Duas malditas noites. Droga! Como eu me arrependo disso.

— Só responda. — Olha para mim de forma dura, suas palavras saem me dilacerando por dentro. Apenas afirmo com a cabeça, não vai sair nada mesmo da minha boca.

— E toda aquela história de que você não pularia de ponta se eu não pulasse. E se.... e se eu decidi pular agora?

Fecho meus olhos.

— Agora é o depois da situação.

Andrew dá uma risada debochada.

— Que situação? Eu não vejo uma parede entre a gente quando começamos a transar, e nem agora.

— Está vendo? Você mesmo classifica isso como transas. — Andrew me encara, incrédulo, eu já estava muito nervosa para pensar qualquer coisa com clareza. — O que você queria que eu fizesse? Que eu esquecesse tudo que você já fez, todas as humilhações e da maneira que me esculachou da sua vida, sem nenhuma explicação? Sim, eu fiz força para te ver somente como um pedaço de carne, me julgue por isso, Andrew. — Gritei, libertando minha

frustração.

Andrew ficou ali, balançando a cabeça para baixo e para cima incansavelmente, seu olhar brilhava. Abre a boca diversas vezes para falar alguma coisa, mas não sai som, ele torna a fecha-la. Meu coração em pedaços, sem saber o que dizer e como explicar que agora pode ser diferente. Detesto ficar em um cerco fora da minha área de segurança, detesto não ter controle do que eu vou dizer, ou do que vou fazer.

Em um impulso, ele bate as mãos na perna e fica em pé.

— Não estou disponível para isso, Elizabeth. — Diz, seu olhar triste em minha direção. — Desculpa, mas eu não posso. Não com você. — Sai da sala, e sobe as escadas. Fico sentada nua no seu sofá, perguntando onde foi parar a maravilhosa noite que eu planejei para mim.

Levanto-me, não tendo muito o que fazer. Preciso de espaço, de solidão, quero pensar. Onde foi que errei? Não é possível que seja tão desagradável provar de seu próprio veneno.

Saio pegando todas as minhas roupas que ficaram no pé do sofá, e começo a me vestir. Uma dor me dilacera e me deixa abaixo de cachorro. Eu o perdi. Com medo de me envolver eu o perdi. Como eu sou uma trouxa. Deixo a primeira lágrima cair molhando o sutiã em minhas mãos, depois da primeira cai mais um tanto, fico olhando-as, mas perco a conta. Tudo se torna um motivo para tornar a minha ida um pouco mais lenta, e muito mais dolorosa.

— Eu te amo, Drew! — Falo baixinho, para mim mesma.

Não tem ninguém, é provável eu escutar o eco do meu sussurro voltando para mim. Ele não está aqui para ouvir.

Depois de vestida, com uma dor no coração infernal, pego minha bolsa e olho mais uma vez, pela última vez, escada acima. Não posso acreditar que acabou assim, não entendi, eu quero uma explicação. Porra! Eu mereço uma merda de explicação. Não vou fugir, eu quero que ele me explique o que foi

isso. O porquê disso.

Largo minha bolsa com celular, carteira, pijama e todos meus utensílios de higiene cair no chão, em um baque surdo. Limpo meus olhos pelas lágrimas e subo a escada correndo.

Ah não, isso não vai ficar assim. Não vai mesmo.

Quando chego na porta do seu quarto eu rezo para ela estar aberta. Agradeço mentalmente quando giro a maçaneta e ela se abre, causando um rangido baixo que me arrepia a espinha. Entro no quarto e olho para todos os lados procurando Andrew, escuto o barulho do chuveiro e sorrio por dentro.

Encontro Andrew debaixo do jato, encostado com o seu braço no box, a cabeça apoiada ali, seu corpo levemente curvado, a água do chuveiro caindo em suas costas, causando um atrito, escorrendo para sua barriga, fazendo um caminho sexy, onde minhas mãos deveriam estar, e logo depois caindo no chão. Fico imersa na cena, agradeço aos céus por nenhuma das duas portas estarem fechadas, isso é um bom sinal, tem que ser um bom sinal.

Não sei se fiz algum barulho, ou se respirei mais forte, mas quando eu levanto meus olhos para encontrar seu rosto, me deparo com seu olhar sobre mim, avalia-me de cima a baixo, franze a testa, seu olhar ainda mais magoado, machucado, o brilho que vi mais cedo não se encontra mais, o único brilho que vejo são seus olhos marejados, não sei se ele deixou nenhuma lágrima escorrer, mas se não, está lutando arduamente contra isso.

— Vai embora, Elizabeth! — Diz com sofrimento.

Não posso perde-lo sem ao menos tentar, preciso dessa chance ou vou morrer por arrependimento.

— Você perguntou e disse o que quis, Andrew. — Tiro minha blusa e jogo longe. — Agora é a minha vez, e eu realmente espero que você possa escutar a minha explicação. — Tiro minha sandália e minha saia, fico só de lingerie na sua frente, a vontade de tê-lo só para mim não me deixa ter vergonha.

— Pra que? Você não quer conversar. — Desencosta do box agora, desde que eu cheguei aqui, ele ficou encostado e me avaliando. — Você quer foder até eu ferver os seus miolos.

Suas palavras são como um tapa na minha cara, mas não deixo me abalar, eu vim até aqui com um propósito, e vou até o fim.

— Pode até ser, Andrew. Mas, de qualquer maneira, você vai me ouvir. — Acabo de tirar minha lingerie toda e fico nua. Caminho com passos decididos para dentro do boxe e fico de frente para ele.

Não sei por que, mas espero uma reação sua, talvez seja para me dar alguma garantia de que aquele fogo ainda não acabou. Olho para sua bela extensão de corpo e passo a língua nos lábios, eu tenho que ganha-lo. Andrew está excitado, sorrio com o pensamento de que o afeto, mesmo que involuntariamente. Ponto para mim!

De rompante eu pulo em seu colo, e fico como uma trepadeira enroscada em sua cintura, sentindo sua ereção bater na minha bunda me deixando molhada. Não o beijo, ainda espero uma iniciativa sua. Estamos os dois olhando, olho no olho e não fazemos nada, nossas respirações pesadas, ambos excitados.

Olho para sua boca, e de fininho mordo seu lábio inferior. Consigo tirar um rosnado dele, mas é só, nem seus braços estão em minha volta ainda. Chupo seu lábio e sinto seu gosto de menta com chocolate, misturado com as cervejas que ele tomou na boate.

Não preciso mais do que isso, rápido suas mãos já estão em minha cintura, sem nenhuma palavra sua boca assalta a minha, em um beijo urgente, cheio de dor e ressentimento, aquele beijo me corta por dentro, mas preciso continuar.

Ambos ferimos nossos lábios, mas não paramos, viemos para provar um ponto e estamos em busca disso. Andrew é o primeiro a quebrar nosso beijo, mas só o tempo de me encostar na parede, firmando-me. Abaixa-se e suga meu seio, começa com brutalidade, sua força mal calculada me faz

soltar um grito de dor misturado com tesão, mas logo a dor passa e ele começa a fazer carícias e mais carícias em mim, a confusão toda esquecida. Para de sugar meu seio e passa a mão por todo meu corpo, encarando-me nos olhos. Incrivelmente, até para mim mesma, me sinto segura.

— Se você for me matar, Elizabeth, — beija meu pescoço, cheirando-me. — eu vou te levar junto comigo. — Sua voz é rouca, carregada de luxúria.

Estica a mão acima da minha cabeça em uma prateleira de shampoos, tirando de lá um invólucro de camisinha. Se desdobra em dois para colocá-la e me encara. Aquilo com certeza em outros tempos me traria medo, mas não agora, não com Andrew.

— Então me leva, Andrew. — Rebolo em seu colo sentindo sua ereção. — Só não se afaste de mim.

Com uma estocada certa está dentro de mim. Andrew não para, deixando-me acostumar, já entra e vai bombeando dentro de mim. Fazendo-me perder a razão de raciocínio, já nem me lembro mais o por que estamos fazendo aquilo com tal brutalidade. Rápido um orgasmo é construído dentro de mim, Andrew vê que estou chegando ao meu limite e começa, como se fosse possível, a ir mais rápido. Amanhã vou estar toda dolorida, não conseguirei andar, mas não me importo, tudo que quero é que ele se perca em mim e nunca mais lembre nem mesmo seu nome, esqueça todo esse nosso atrito que quase me fez ir embora.

— Goza, Elizabeth! — Diz entre uma estocada e outra. — Pare de pensar e goza logo, porra! Não prolongue essa merda mais. — Enterra a cabeça no meu ombro mordendo-o.

Engulo meu choro a seco, e tento em vão desconectar-me dos meus pensamentos. Não vou conseguir gozar, uma onda de fúria me bate quando percebo tal coisa. Mordo o pescoço de Andrew com toda força que tenho, vai ficar marcas, se possível sairá sangue, mas não me importo, finjo que estou gozando, o que achei nunca precisar com Andrew. Estava enganada.

Andrew solta um gemido abafado pelo meu ombro e goza, ainda com suas estocadas fortes. Talvez ele queria me machucar, afinal.

Ficamos os dois, respiração ofegante, olhando e esperando qualquer que seja a nossa próxima reação. Não aguento o nosso distanciamento e o beijo, com doçura. De primeiro momento, Andrew não retribui, mas logo se joga no momento e acaba até alisando meu corpo todo, com carinho.

Me dou por vencida, distanciando-me levemente, o olho.

— Podemos conversar agora? — Ele faz sinal de que vai falar, mas eu o beijo, interrompendo-o. — Por favor, você tem que me deixar pelo menos explicar. — Solto em um único suspiro, engolindo minhas lágrimas. Para meu alívio, Andrew assente e me põe no chão.



Capítulo 34

Estou sentada na cama, só com um roupão cobrindo meu corpo nu, arrumando palavras para a desculpa que sempre tive, tentando me proteger, e que só me dilacerou. Para falar a verdade, eu até agora não sei o que falar, Andrew já se vestiu e apesar de não estar olhando para ele, sinto sua falta de paciência, me deixando ainda mais nervosa.

Respiro fundo e me preparo para falar a primeira coisa que vem a minha cabeça.

— Não somos mais crianças. — Digo procurando seu olhar. — Não precisamos mentir, certo? — Minha voz falha um pouco, por que eu sei, por mais que eu fale, sobre Sofia, minhas desculpas, eu nunca poderia contar tudo.

— Sim, Elizabeth. Prossiga. — Sua voz é calma até demais, o que me causa um tremor involuntário.

— Vou ser sincera. — Passo a língua pelos meus lábios que de repente ficaram secos, e começo. — De primeiro momento, eu não queria nem te ver. — Olho para minhas mãos entrelaçadas em meu colo, sob o olhar atento de Andrew. — Mas depois você insistiu tanto, que vi aquilo como um jogo. Sim, — balanço a cabeça, abaixando meu olhar. — um jogo onde eu poderia saciar meus desejos incumbidos de sete anos atrás. — Olho para cima a fim de avaliar a sua reação. Fico surpresa quando ele fica confuso e parece não entender, mas eu também não vou aprofundar mais isso. — Queria apenas duas noites, lotadas de orgasmos e luxúria, e depois cada um seguiria para o seu lado, por que na minha cabeça você só queria sexo. — Concluo meus pensamentos com um suspiro.

— Então é por isso que naquela segunda-feira você estava diferente? — Continuo sentada na cama, avaliando a sua reação. Afirmo com a cabeça. — E eu achando que tinha feito alguma merda. — Confessa, passando as mãos no rosto. — Nunca dei a entender que queria apenas sexo com você, Elizabeth! Como que pôde pensar nisso?

Arregalo meus olhos, surpresa.

— Seu jeito, suas palavras... sei lá!

— Ninguém nunca falou de sexo com você? Seus namorados... — O olho, envergonhada, lembrando-me de Guilherme e do tanto que esse assunto, em específico, era tratado de forma velada. Coro feito adolescente.

— Namorei muito tempo e... — Encolho meus ombros, percebendo seu olhar de expectativa. — e foi só ele.

— Mas falar de sexo, como eu falei com você, é normal. Não havia brincadeiras, preliminares pelo telefone, falta de vergonha? — Abro minha boca, incrédula.

— Andrew, eu...

— Tá, ok! É melhor você não falar nada mesmo, eu não quero escutar como você... — Vira de costas. — Puta que pariu, o pensamento é degradante.

— Por que eu não sou experiente o bastante por ter apenas um namorado antes de você?

— Jesus, Elizabeth! É degradante eu sequer pensar em outra pessoa, que não seja eu, com as mãos em você. — Fala, exasperado.

— Ah. — *Isso é ciúmes?*

— Agora entendo você se sentir acuada, e inibida. — Dá uma risada sarcástica. — Eu não converso com uma mulher que eu quero só transar com

ela. Se eu quero só transar, não tem papo, mensagens, telefonemas a noite.

— Você me acusou de estar o forçando a assumir um relacionamento.

— Isso foi uma cagada que saiu quando a minha razão disse que eu estava perdido. — Suspira. — Mas nenhuma ação minha quis dizer “foda casual”.

Que falta de comunicação da porra! Se ele tivesse me falado disso tudo antes, poderíamos estar muito diferentes agora. Ou não estar, não sei.

Balanço minha cabeça, tentando encontrar onde eu perdi a minha explicação.

— Enfim, depois dessas noites, das mensagens, você me fez enxergar... — Perco as palavras. Como que falo, que não posso me entregar de corpo e alma a um relacionamento, por que se não der certo, não seria só eu a machucada? — Você me fez não querer mais só aquelas duas noites.

— E depois? — Pergunta Andrew cruzando o braço, sua sobrancelha franzida.

— Como assim, depois? — Pergunto averiguando o meu território. — Depois você sabe, rolou uma falta de comunicação da merda. — Respondo um pouco indignada pela sua pergunta idiota.

— Sim, depois de ligar, mandar mensagens, pedir para você dormir aqui. — Diz enumerando todos os meus delitos. Cacete! Nem eu fazia ideia de que era tantos. — Eu não sei realmente o que te fez pensar que estávamos em uma “foda casual” — Faz aspas com as mãos.

Como assim ele não sabe? Deus! Será que ele está se fazendo de bobo?

— Como não? Você mesmo quase me acusou de estar te obrigando a assumir um relacionamento. Você tem que entender que eu não tinha nenhuma esperança nisso. O seu passado é o único que eu conhecia. E, a gente também só se encontrava para transar. — Andrew fica calado, me

encarando furioso. — Pelo amor de Deus! Eu achei que você não queria nada sério, nem um pedido de namoro eu recebi, poxa.

Andrew começa a fazer uma expressão divertida, deixando-me confusa, mas não conseguindo evitar o sorriso que surge em meus lábios. O que será que eu falei demais?

— Pedido de namoro? — Descruza os braços e os deixa pendurado ao lado do corpo, desfazendo de sua postura tensa.

— Sim. — Digo, também divertida, entendendo logo seu ponto.

Um formigamento começa a subir por todo meu corpo. Mas dessa vez, por exceção, não é de tesão e sim de alegria. Fico olhando-o com expectativa, mas nada sai da sua boca, apesar de estar aberta em um sorriso lindo.

— Ficou eu de um lado, com medo de me envolver, e você de outro, pensando de todas as minhocas possíveis para me conquistar. — *E eu completamente entregue.* — Eu não sei nada disso, Andrew e... é isso, me desculpa pela forma fria, calculista e misteriosa que eu tratei nosso... relacionamento?

Andrew se aproxima de mim, pegando-me pela cintura. Dou um grito de susto, enlaçando minhas pernas em sua cintura.

— Você não existe. — Sorri, encarando-me, fascinado e admirado.

Então me beija, a língua insistente, dançando de um lado ao outro. Relaxo em seus braços, adoro essa sensação de ser dele, de poder estar com ele. Entrego-me ao beijo, e respondo na mesma moeda. Quando estamos nos afastando, dou uma leve mordida em seu lábio inferior e o sugo, olhando em seu rosto. Afasto, sorrindo, acariciando seu cabelo.

— Namora comigo? — Andrew fala, sua boca colada na minha.

Arregalo meus olhos, não conseguindo responder nada. Afasto-me dele um pouco e avalio seu rosto.

— O que? — Sussurro.

— Isso mesmo, minha linda; namora comigo! — Passa a mão pelo meu rosto. — Seja minha.

Abro e fecho minha boca várias vezes, mas não sai nenhuma palavra.

Minha única reação é beija-lo até não haver amanhã.

Depois de muito tempo nos beijando, a boca ficar toda dormente, Andrew e eu gememos juntos em apreciação quando nos afastamos. Tenho medo de que esse sonho vire pesadelo e eu acorde na minha cama arrancando os meus cabelos.

— *Psiu!* — Sinto sua mão no meu queixo e abro meus olhos. — Não gosto desse seu hábito, de não responder minhas perguntas. — Diz sedutor, com um sorriso nos lábios.

— Pensei que já tinha respondido. — Se isso não foi obvio, eu não sei mais o que é esfregar uma situação na cara.

— Já disse, Liz. — Meu coração começa a bater freneticamente. — Gosto de ouvir a sua voz quando responde a mim.

— Não é obvio? — Pergunto rindo. Andrew balança a cabeça de um lado para o outro. Olho bem dentro dos seus olhos. Antes de encher seu rosto de beijos molhados. — Sim, eu aceito! — anuncio, no entanto, levanto uma mão paralisando Andrew onde está, os movimentos mais sérios do que imaginei. — Precisamos conversar, realmente conversar, Andrew. Eu preciso que você entre na minha vida e mantenha a mente aberta... quando eu disse que estava tudo de cabeça para baixo, eu realmente quis dizer isso.

Andrew acena, seu sorriso rasgando o rosto.

Sou jogada de uma forma não tão delicada assim, em cima da cama. Meu sexo pulsando, pedindo, por um orgasmo que foi negado mais cedo.

— Vamos dormir? — Zombo.

Andrew abre meu roupão, puxando-o de cada lado.

— Dormir? — Pergunta alisando as laterais do meu corpo de ponta a ponta. — Ah, não! Definitivamente não. — Beija-me, mas dura pouco demais para o meu gosto. — Tenho um orgasmo para dar a minha namorada. E, pretendo recompensa-la a altura.

Andrew vira meu corpo, deixando-me de bruços. Não sinto mais a sua presença, mas fico quieta. Espero que ele retorne. Passando um tempo, não sei quanto, Andrew retorna com um óleo nas mãos de cheiro doce, mas não enjoativo, conhecido. Olho para trás a fim de ver as suas mãos, vendo um frasco da *Victoria Secret*. Ele pensa em tudo. *Meu namorado*.

Sinto suas mãos percorrerem toda a extensão do meu corpo nas costas, indo mais além na região da minha bunda, a apalpando e aproveitando. Depois de um longo tempo de massagem relaxante, sinto suas mãos tempo demais nas minhas nádegas.

Andrew pega um travesseiro do meu lado e o coloca debaixo da minha barriga. Fico apreensiva com suas atitudes, sempre quando penso que ele vai me rasgar por dentro de tesão, ele é delicado e calmo.

Depois de me posicionar com a bunda um pouco inclinada para cima, Andrew retorna seus toques, uma mão de cada lado das minhas nádegas, fazendo movimentos circulares. Abrindo-as sempre que possível.

Prendo a respiração. Ali não.

— Relaxa, Liz, não vou fazer nada contra a sua vontade. — Sussurra em meu ouvido, apaziguando-me. Eu sei disso, mas não consigo deixar de pensar e ficar tensa. — Eu ainda, não vou comer sua linda bunda, mas você vai me implorar, e muito por isso. — Ou não. NUNCA.

Sua voz determinada me faz ter calafrios na coluna. Mas ela não se parece em nada com a voz repugnante do homem que me estragou. O tremor

em meu corpo, nunca se igualaria ao que sentia sob seus toques, o nojo.

Ouço um barulho de plástico e pergunto-me de onde ele tira essas coisas, virando-me para ver o que é. De dentro de um saquinho pequeno, transparente, tira uma bolinha verde, tipo corporal, mas tenho a impressão de que não tem nada a ver com óleos corporais.

Deixa a bolinha do meu lado, ao alcance da minha visão, depois volta com a minha gostosa e erótica massagem. Mas, dessa vez, bem mais ousada. Sua mão vai da minha bunda para a minha vagina, causando uma gostosa sensação de excitação.

Sinto que eu vou implorar por isso.

Seus dedos alargam minha entrada e eu solto um gemido. Afundo minha cabeça no travesseiro que está embaixo da minha cabeça, apreciando a sensação. Apesar de estar ótimo, ele sabe que não seria o suficiente para me dar um orgasmo.

Ouço um barulho de... que barulho é esse?

Tento olhar para trás, para ver o que ele pretende fazer, mas de repente sua mão segura minha cabeça, firme, mas carinhoso, no lugar, não me dando nenhum espaço para ver o que acontece. É como se fosse um barulho de algo vibrando.

Sinto a sua boca me mordiscando, sua língua descendo e subindo de encontro com minha vagina e com a minha entrada de trás. Quando sinto o objeto que tanto faz barulho, no meu clitóris, dou um pulo de susto na cama, mas a mão de Andrew me faz ficar no lugar.

É uma sensação, apesar de esquisita, boa, muito boa, aliás. Diria que magnífica, ainda mais quando misturada com a língua de Andrew na minha entrada, causando-me um formigamento da cintura para baixo. Minha mente começa a entrar em colapso com os movimentos da sua língua. Meus neurônios estão todos fritos, não consigo pensar nada, a não ser naquela língua habilidosa que está em minha boceta.

Sua língua entra e sai de dentro de mim enquanto o vibrador continua seu trabalho incansavelmente no meu clitóris.

— Ai, meu Deus! — Não consigo mais prender as palavras dentro de mim.

Seus movimentos se tornam mais frenéticos, a mão que estava na base das minhas costas, agora está no meu orifício, rodando e rodando. Meu orgasmo sendo praticamente transbordado dentro de mim.

— Eu vou ter o melhor orgasmo da minha vida. — Articulo as minhas palavras com a respiração ofegante.

— Isso minha linda, gostosa. — Fala, a vibração deixando-me ainda mais excitada. — Vai ser o primeiro de muitos melhores.

Não tenho a menor dúvida disso. Principalmente quando ele faz uma curva com a língua, o vibrador num ritmo mais acelerado, e seu dedo enfim, cravado dentro do meu ânus. Gozo com tudo em mim, sinto um líquido escorrendo por minha vagina, mas não me importo, continuo gemendo e gemendo.

— Ah... ai, meu Deus!! ... sim Drew, assim. — Arqueio meu corpo, e cada vez mais empurro minha bunda na direção daquela boca deliciosa.

Andrew não para e não cansa enquanto não paro de gemer, chamar seu nome incoerentemente e me debater em cima da cama. Logo depois que sinto todo o tremor e a sensação deliciosa do meu corpo ir embora, eu volto ao raciocínio e sinto uma bolinha, cremosa e escorregadia, sendo injetada em mim por sua língua, excepcionalmente habilidosa.

O que me faz pensar, que definitivamente, a rodada ainda não acabou, não viemos para cá, para dormir afinal.

Andrew vira meu corpo molenga, carinhosamente, de frente para ele. Encaro seu lindo rosto, todas as suas perfeições e imperfeições, algumas leves rugas que veio com o tempo, o deixando ainda mais lindo e perfeito

para mim, só para mim.

Sem nenhuma palavra, e nem precisa. Sinto seu pênis me alargando por dentro. Vai entrando em movimento lento, até o final. Seu olho no meu.

— Você é maravilhosa, minha namorada. — O riso na sua voz me deixa eufórica.

— E o que dizer de você, meu lindo namorado? — *Que eu te amo demais?* Penso comigo, quando ele começa as suas estocadas, ainda de forma lenta, mas funda e dura.

Reviro meus olhos de prazer quando escuto seus gemidos em meu ouvido.

Viro meu rosto procurando sua boca. Beijo seus lábios molhados, como nunca beijei na minha vida.

Passo minhas mãos por toda extensão de suas costas. Sinto um rompante dentro de mim, e um líquido quente, causando-me um prazer indescritível, nunca sentido antes. Isso sempre fica melhor.

Sem avisar o orgasmo chega e se apossa de mim, que deixa eu e Andrew desnorteados, seus movimentos cada vez mais rápidos, em busca da própria libertação, que chega, quando seu pau pulsa dentro de mim, prolongando ainda mais a sensação de perfeição, nossos corpos juntos.

O abraço forte, e fico contemplando meu estado de inércia pós-orgástica.

Capítulo 35

Contemplo o sol do lado de fora entrando por entre as frestas da enorme parede de vidro de Andrew. Respiro fundo e sinto o cheiro de felicidade, há muito tempo eu não sentia uma paz tão grande, abro o sorriso maior do mundo e não me contenho em dar um pequeno beliscão em mim, o que na verdade sai como uma picada de dor tirando-me do meu transe, tapo a boca para abafar meu grito e não acordar o homem mais do que lindo ao meu lado na cama.

Achei que não poderia ter sido surpreendida por qualquer coisa, mas Andrew novamente me provou que eu estava completamente enganada, em tudo por sinal. Seu pedido de desculpas me deixou comovida, com o meu coração querendo sair pela boca.

— Não sei o que dá em mim. — Diz, depois de momentos silenciosos pós orgasmo. — Com você eu me sinto um homem das cavernas, não consigo me controlar. — Sua voz sai abafada pelo meu ombro.

Sério que ele disse isso? Reviro os olhos, pensando que desde quando nos conhecemos, ele sempre foi um homem das cavernas. Mas, mesmo assim, eu não o entendo, qual delito realmente ele cometeu para se intitular como tal?

— Não estou entendendo. — Respondo, minha mente longe, alisando as suas costas.

— Me desculpa, hoje no banheiro. Você chegou tirando a roupa... espera, você iria embora não ia? — Abro e fecho a boca várias vezes, não sabendo o que falar. — Não precisa responder, eu sabia, sabia que você

conseguiria o que tanto buscava, por que eu sei, que mesmo 'não querendo' você tem esse poder. — Se levanta do meu ombro, encarando-me.

Posso ver através da sua parede de vidro, as estrelas que iluminam o céu sumirem, a manhã quase raiando. Não sei o que sentir com essa sua afirmação, ao mesmo tempo em que ele diz que tenho poder sobre ele, parece não gostar disso, me deixa confusa e alarmada. Não quero resistências entre a gente, quero nós dois sempre juntos, lutando a cada dia.

Sua mão vai para a minha bochecha, virando meu rosto novamente em sua direção. O encaro com os olhos machucados, sim aquilo me magoou, o que disse e o ato.

— *Daqui para frente eu quero muita comunicação entre a gente, linda.*
— *Me dá um beijo casto nos lábios.* — *Sei que te machuquei, e também sei que foi por isso que não conseguiu gozar.* — *Passa a língua nos lábios e prossegue.* — *Mas, por favor, nunca mais aceite aquele Andrew, não deixe que ele ponha as mãos em você. Vou tentar ser o que você precisa e não perder o controle. O seu prazer é o meu. Eu não me masturbo em você, eu entro em êxtase absoluto quando você goza. E hoje, foi imperdoável, no entanto, espero que me perdoe.*

Suas palavras são lindas, se infiltram dentro do meu coração causando-me um calor de aconchego, carinho, paixão, o sinto apaixonado. Abro um sorriso amarelo, apesar de ainda estar machucada, eu realmente amei suas palavras. E se ele souber concertar assim todas suas burradas, ele pode cometer várias, eu não me importo.

— *Você está certo, Drew! Aquilo me machucou, e muito.* — *Seguro seu rosto entre minhas mãos. Passo meu dedo para desfazer o vinco em sua testa e continuo:* — *Mas como meu namorado é um tremendo perfeito, ele soube se desculpar muito bem.*

Vejo seu olhar mudar de tristeza e começar a brilhar, seu sorriso lindo se abre.

— *Então quer dizer, que só por que é seu, é perfeito?* — *O tom de*

brincadeira na sua voz me desconcerta. Não foi bem isso que eu disse, suspeito até que ele saiba, mas topo entrar em seu joguinho.

— Claro! Ora essa, tudo que é meu é perfeito. — Digo rindo pela minha grande prepotência.

Ficamos nos olhando e contemplando cada um ao outro, memorizando cada momento. Isso aqui parece muito surreal para mim, como se fosse parte de um sonho que começa bom e depois termina ruim, fazendo você se levantar toda suada e assustada.

Balanço a cabeça livrando-me desses pensamentos. Isso é real, Elizabeth!

— Nunca imaginei isso daqui. — Aponto de mim para ele. — Ainda mais com você.

Seu olhar surpreso percorre todo meu rosto, procurando... parece que ele tenta achar algum resquício de dúvida, ou algo não resolvido.

— Não posso dizer o mesmo. — Diz enigmático, abaixando a sua cabeça e cheirando entre meus seios. — Principalmente com você.

Olho novamente para Andrew dormindo, meu sentimento crescendo cada segundo mais, indo além. Faço tudo para ver um sorriso bobo brincando entre seus lábios. A partir de hoje eu vou fazer de tudo para que ele sinta por mim, pelo menos, metade do amor que sinto por ele, por que só isso já estaria bom, e mais do que eu poderia imaginar. Tenho amor suficiente para nós dois.

Ele dorme pacificamente, seu peito subindo e descendo em uma respiração calma. Desse jeito, ele não parece em nada com o homem dono de si. Pela primeira vez eu vejo Andrew vulnerável, duvido muito que ele tenha tido essa confiança com mais alguém.

Deslizo minha mão por suas costas, os arranhões que fiz na noite passada ainda estão lá, uma prova de que tudo foi real. Suspiro em

contentamento, extremamente feliz e beijo seus lábios bem de leve para não o acordar.

Levando da cama, indo em direção ao banheiro. Vejo a banheira e fico tentada a tomar um banho de imersão, mas ligo o chuveiro, decidindo jogar só uma água em meu corpo, não tenho tempo de banho de banheira, o que já basta de ontem, ou hoje.

Estamos deitados, mais uma vez depois de uma rodada de sexo. Com toda certeza eu vou estar dolorida ao amanhecer. Andrew não mente nesse quesito. Fico paradinha escutando sua respiração pesada, dessa vez embaixo de mim. Amo esses momentos de pós orgasmo.

— *Está quente. — Penso alto, notando em mim uma intensa camada de suor.*

— *Sim, está realmente muito quente. — Andrew segura minha bunda e começa a alisar toda sua extensão, onde seus tapas acertaram em cheio, me deixando morta de desejo. — Você está com calor? — Tira meus cabelos das minhas costas, e beija meu ombro. Sinto sua ereção ganhando vida novamente embaixo de mim.*

— *O que? Como pode? — Olho para ele assustada, os olhos arregalados. O que o leva a dar uma gargalhada gostosa, e despreocupada. — Você me deixa quente pra caramba. — Sorrio baixinho, morrendo de vergonha por ter um pouco de coragem e falar umas coisas dessas. Como você mudou, Elizabeth!*

— *Tenho uma solução para isso. — Recebo mais um leve tapa na bunda.*

— *Ah! E qual seria? — Pergunto maliciosa, pensando mais uma vez em sexo, o que em controvérsia, me daria ainda mais calor.*

— *Apagar o seu fogo, oras!*

Fico sem entender quando ele levanta da cama, me levando junto ao

seu corpo, em um abraço apertado. Enrosco minhas pernas em sua cintura e deito minha cabeça em seu ombro.

— Onde você está indo? — Assusto-me ao ver que passamos direto do banheiro, onde eu achei que iríamos. Começamos a descer as escadas, nus.

Andrew não fala nada, apenas continua seguindo comigo feito um carrapicho. Já que ele assumiu o silêncio, aproveito para me aconchegar ainda mais em seu corpo, tão macio e duro ao mesmo tempo, tão meu.

Sinto nosso cheiro, o meu e o seu, inebriantes, misturados com o cheiro forte de sexo, formando uma fragrância viciante para mim.

Esqueço que estamos caminhando e só percebo que estamos fora da casa quando sinto uma grande rajada de ar fresco em minhas costas, não está frio, mas com o vento minha espinha toda se arrepia.

— Você sabe nadar? — Ouço a voz de Drew no meu ouvido, quase cantada.

Olho para o lado, vendo a piscina, bem na beira. Assusto-me com que o quer que esteja em sua cabeça.

Desencosto meu rosto de seu ombro e olho ao redor, mais uma vez.

— Nem ouse em fazer isso. — Balanço em seu colo, querendo sair de seu aperto, quando me dou conta que sua ideia é me jogar na piscina. Que deve estar um gelo.

— Ah, sim! — Sua voz é desafiadora.

Não dá tempo de fazer, e nem de falar nada. Mais rápido que eu possa processar, tem água entrando na minha boca, batendo em minha espinha. Bato meus pés no chão, tomando um impulso no fundo, subo para a borda o mais rápido possível, respirando fundo para recuperar o ar dos meus pulmões, olho para todos os lados e não vejo Andrew. Pensei que ele só me jogaria na piscina, mas pelo visto, como eu não o vejo, ele veio junto.

Aprecio a água, pelo menos ela não está fria como eu imaginei, pré-aquecida, uma temperatura gostosa nesse começo de manhã.

Sinto um movimento em minhas pernas e olho para baixo assustada. Reviro meus olhos, esquecendo do susto, quando dois dedos entram em contato com a minha abertura e uma língua trabalha em mim. Suas mãos me apertam firme, segurando-me no lugar, ao mesmo tempo em que apalpam as minhas nádegas, causando-me arrepios.

Olho para seu grande corpo, completamente submerso e me perco em sensações, perco meu fôlego e me bambeio toda. Que fôlego que ele tem.

Andrew sobe para a superfície, seu corpo colado ao meu.

— Você é gostosa até debaixo d'água. — Fala rouco em meu ouvido.

Nos beijamos e ficamos fazendo carícias maliciosas um no outro até não houver mais amanhã, nosso momento só é quebrado com a necessidade de penetração, porém esquecemos a camisinha. Estamos quase um casal normal.

Isso é normal de acontecer, certo?

Livro dos meus devaneios e acabo meu banho, procurando um robe para me vestir. O que eu estava vestindo está em frangalhos, embaixo de Andrew que continua dormindo, e ressonando baixinho. Volto para o banheiro e pego uma toalha, que não cobre muito o meu corpo, mas se estamos só nos dois como sempre estivemos, não preciso me preocupar.

Chego na cozinha, morrendo de fome. Para minha grande surpresa vejo um café fumegante em cima da mesa, junto com uma jarra de chá, suco e alguns pães, de sal, cebola, doce, bolos de variados sabores, e algumas frutas fresquinhas. Quem fez isso?

— Você deve ser a Elizabeth. — Ouço uma voz doce e madura atrás de mim, giro em meu próprio eixo quase causando uma queda.

— Ah. — Grito de susto, fazendo a moça em minha frente arquear as sobancelhas assustada. — Sim, eu sou a Elizabeth. — Concordo, ajeitando a minha postura, o coração ainda acelerado pelo susto. Analiso a senhora em minha frente. Com uma calça legging, uma blusinha simples, um pouco larga em seu corpo, e um rabo de cavalo com cabelos pintados de um castanho médio, quase claro. Apesar de sua aparência estar simples, ela exala uma elegância sobrenatural e simpatia, ao mesmo tempo em que transmite um ar maternal. Tenho a sensação de que já a conheço de algum lugar. — Acho que estou em desvantagem aqui, apesar de seu rosto não ser estranho. — Digo meio rindo, a observando seguir para perto de mim. Como ela sabe meu nome?

— Ah, claro! — Limpa a mão em um pano que estava em seu ombro e a estende para mim. — Sou a Marta, querida, governanta e quase uma segunda mãe para Andrew. — Aperta minha mão e puxa-me para um abraço apertado.

Como eu pude me esquecer? É isso, a conheço há tempos, se não me engano ela trabalha para Andrew desde aquela época.

— Claro, lembro-me de você no apartamento do Santo Agostinho. — Sorrio com sinceridade. Gostava dela, e da sua comida, principalmente. Meu Deus! Que manjar dos Deuses.

— Lembro-me bem da senhorita também. — Diz me soltando do seu abraço caloroso. — Está uma mulher agora, ainda mais bonita.

— Obrigada, Marta! Mas, vamos cortar a senhorita? — Sorrimos uma para a outra e eu sento na mesa para tomar o meu café.

Passamos longo tempo comendo, e conversando, no meio do meu café da manhã eu pedi para ela se sentar comigo, detesto comer sozinha.

Em um certo momento, no auge do nosso café e do nosso delicioso papo, quando estou começando a saber dos podres juvenis de Andrew, entra um quadrupede todo serelepe na cozinha, assustando a nós duas e vindo correndo em minha direção.

— Oi, véi! — Digo alisando seu pelo, tentando em vão, conter sua euforia de ficar em pé apoiando em mim. — Meu Deus, garotão, sua saudação tem que ser um pouco mais inofensiva.

— Véi é sempre assim, vejo que já está familiarizada. — A voz de Alessandro soa a minha frente.

O fato de estar só de toalha cai como um bloco de concreto em cima da minha cabeça. Coloco as mãos para segura-la e esqueço por um momento que Véi ainda continua na sua vã tentativa de subir em cima de mim, o que me dá um impulso, jogando-me para trás.

— Aaaiii. — Dou um grito de susto e quando vejo minhas costas já bateram no chão frio, sugo uma lufada de ar, constatando que não quebrei nada e volto meu olhar para Alessandro que está praticamente gargalhando.

Tampo todos os lados que possa estar aparecendo pela toalha, agradecendo aos céus que na queda não apareceu nada por ele estar mais ao lado do que à frente do meu corpo.

— Que isso, Alessandro? — Digo intrigada com a intromissão de Alê. — Você não é anunciado, não bate campainha e nem nada? — levantando, coloco minhas mãos na cintura, nem me ligando se isso faz meu peito se estufar, e espero uma resposta.

—Tenho as chaves, cunhadinha! — Sobe um molho de chaves para eu ver e vai para perto de Marta o dando um beijo na bochecha.

— O que está acontecendo aqui? — Andrew vem em disparada para o meu lado, vestindo apenas uma cueca boxer preta.

Olha de mim para Alessandro, de volta para mim, percorrendo meu corpo todo, e depois para Marta, que está com uma expressão divertida no rosto. Nada falamos, espero sua futura reação. Caminho e fico em suas costas, escondendo meu corpo.

— Elizabeth! — Pega no meu braço e vai me empurrando escada

acima. — Você está praticamente nua. Vai colocar alguma roupa. — Diz furioso, baixo.

Olho para seu rosto e respiro fundo, quero me concentrar em sua beleza. É isso, assim eu não direi nada impulsivo. Mero engano meu.

— Seria melhor e mais fácil, se você tivesse me avisado que teria gente na sua casa. — Digo, tentando acompanhar seus passos. — Afinal, sempre quando venho aqui não tem ninguém.

Paramos no meio do corredor, um olhando para o outro. Eu admirando a sua beleza novamente, e ele com seu olhar de fúria ainda sobre mim.

— Me desculpe, tá legal? — Fico à sua frente, passo minhas mãos por seu rosto. — Eu realmente não sabia, e com a Marta, bem a Marta é mulher. O Alê que entrou... — Lembro-me agora de que ele tem as chaves. — Espera aí, por que o Alessandro tem uma cópia da chave da sua casa? — Pergunto mudando completamente o assunto. Realmente minha curiosidade me assusta as vezes.

— Por que ele é de casa.

Dá um leve suspiro, enquanto passa as mãos em seu rosto. Me solta.

Dou de ombros e entro no quarto. Recebo um tapa inesperado na bunda. Olho para trás e vejo Andrew encostado no batente, com os braços cruzados a frente de seu peito, e as pernas também cruzadas, um sorriso lindo brincando em seu rosto.

— Se eu não soubesse que você está toda dolorida, eu te pegaria e te foderia na frente de todo mundo, só para todos saberem que você é minha. — Diz ainda sorrindo, me encarando, esperando qualquer reação minha.

— Acho que não vai ser preciso, Sr. Nunes, eu mesma posso dizer. — Digo desenroscando a toalha do meu corpo e olhando dentro dos seus olhos, que começam a se banhar de luxúria.

— Você ainda continua sendo uma praguinha. — Vira as costas e sai apressado do quarto.

Começo a rir sozinha, não entendi essa de praguinha. Mas gostei da sua reação, de duas uma, ou ele fugiu para não me atacar por eu estar dolorida, ou ele fugiu para não me atacar por que tem visitas. De qualquer modo, ele fugiu do desejo que ele sentiu, e isso levantou muito o meu ego.

Depois de devidamente vestida, meus dentes escovados, cabelos e roupa nos lugares, eu desço e entro na cozinha, paro na porta e fico escutando.

— Ah, mãe, está bem aqui. Não está vendo? — Alessandro pega no pescoço do Andrew. — Tem uma coleira escrita: **Liza**.

Mãe? A marta é mãe do Alessandro? Bom saber! Nunca imaginaria.

Ouçó risadas e a voz divertida de Andrew.

— E a sua, seu idiota, está escrito: **Giovana**. Só que na bunda.

Dessa vez eu começo a rir. Andrew não consegue, de jeito nenhum, ficar por baixo.

— Meninos, parem com isso. Cada um está apaixonado ao seu modo.

Escuto a voz de Marta e um silêncio súbito fica na cozinha, resolvo então entrar e acabar com a conversa que se tornou constrangedora.

Vou para perto de Andrew, sentado em um banco no balcão da cozinha, e fico entre suas pernas. Todos tomamos café. Como mais um pouco, apenas para fazer companhia. Desse jeito vou virar uma baleia.

Quando Andrew sobe para trocar a roupa e me levar, emburrado por eu ter recusado seu convite de passar o domingo, Alessandro para bem perto de mim.

— Não funciono sobre pressão, Alê. — Digo virada para o lado de fora

da casa, nunca me canso de admirar a vista.

— Liza, mas ele já te pediu em namoro. Quando vai ser? — Diz com sua voz terna.

— Você acha que eu não sei que estou a ponto de colocar tudo a perder por causa disso? Eu sei, mas simplesmente entalou na minha garganta. — Digo passando as mãos no pescoço. Realmente ontem as palavras chegaram ao meu esôfago, mas voltaram assim que ficamos bem.

— Bem, eu não posso ficar escondendo isso. — Diz levantando as mãos para o céu e olhando para mim.

Arregalo meus olhos, assustada. Será que ele seria capaz?

— Eu vou falar, Alessandro. Não preciso que me coloque contra a parede. — Digo com raiva.

— Ei, não precisa ficar na defensiva. Disse que ia te dar um tempo e estou fazendo meu esforço aqui.

Aceno em sua direção, vendo Andrew descendo as escadas assoviando. Sua beleza sempre me causa entorpecimento. Vestido com uma bermuda Jeans clara e uma bata azul escura, de um tecido leve, delineando um pouco o seu corpo. Lindo, extremamente lindo.

— Se você esperar um pouco, Liza. Estou indo pra lá agora também, posso te dar uma carona. — Droga Alessandro, sossega essa boca.

— Depois fala de mim. Cara, você acabou de deixar a Giovana lá, e já vai de novo? Que chicletinho. — Andrew chega perto de mim, enlaçando suas mãos em minhas costas.

— Não enche. — Faz sinal de desdém com a mão. — Eu fui convidado para um almoço familiar. — Sinto Andrew travando seu corpo atrás de mim.

Cacete, é assim que ele está me dando um tempo?

— É... eu vou ali pegar a minha bolsa. — Me afasto, antes que Andrew pergunte qualquer coisa.

Faço a maior hora possível, meu intuito é de chegar no carro e ele ter esquecido essa baboseira toda. Eu preciso mesmo conversar com ele.

Despeço-me de todos, Marta é um amor, me dá uma vasilha enorme com bolo de banana e chocolate para levar para casa. Assim que perguntei se tinha sido ela a encarregada de cozinhar tal maravilha, ela ficou radiante, puxando vários assuntos de culinária que sinceramente eu não entendo, mas logo Alessandro veio ao meu socorro, o que não foi de muita ajuda, já que ele me fez passar vergonha também ao deixar bem claro que na minha família eu sou taxada de a destrambelhada da cozinha. Bastardo!

Chego ao carro e vejo Andrew com seu rosto no volante, o Vêi atrás em seu assento próprio para cães, calmo, parecendo muito acostumado com um passeio de carro matinal. Seria muito otimismo meu ele ter esquecido aquilo?

— Estou pensando aqui. — Diz assim que sento no banco do passageiro, levantando a cabeça e olha em minha direção. — A primeira pergunta em que te fiz ontem, você não respondeu.

Eu não disse? *PUTA QUE PARIU, Alessandro!* Poderia machuca-lo seriamente agora.

— Por que eu não sei? — Digo arqueando as minhas sobrancelhas, tentando avaliar o clima. Mas parece que não consigo meu efeito desejado.

— Não sabe se vai me apresentar para seus pais, ou não sabe quando? — Está furioso, mas tenta controlar. Bom sinal.

Tiro o cinto que eu já havia colocado e estico meu corpo para sentar em seu colo. Pego seu rosto em minhas mãos e olho bem dentro dos seus olhos, enxergando sua pequena íris naquele vasto mar.

— Não sei quando. — Beijo seus lábios. — Nós mudamos muito nesses últimos sete anos, não quero cair lá em casa de paraquedas com um

namorado, entende?

Andrew acena com a cabeça e continua percorrendo todo meu rosto com seu olhar avaliador, suas mãos em minha cintura me apertam a medida em que vai ficando nervoso, e relaxa na mesma proporção.

— Meu pai não é a pessoa mais liberal do mundo, Drew. Preciso falar com ele de você. Eu acabei de sair de um relacionamento de anos, minha vida está uma bagunça e eu preciso te inserir nisso, entende? Quero só um pouco de paciência, prometo que serei breve.

Pretendo que seja antes do carnaval, não vou aguentar passar cinco dias longe de Andrew. Vou empurra-lo comigo, e azar o dele se não gostar de uma roça no fim do mundo. Sorrio quando vejo seu rosto novamente afirmando com o que eu digo.

Estamos caminhando bem. Muito bem.

Dou um pequeno beijo em seus lábios, saindo de seu colo.

— Então, quando você vai me deixar dirigir? — Sento em meu banco, recolocando o cinto.

— O carro? — Faz uma careta. — Nem o Alessandro o dirige, minha linda.

Minha linda, ele disse minha linda sem ser na cama. Que lindo! De súbito curvo meu corpo e o beijo, um beijo casto, mas com jeitinho de quero mais.

— Mas, eu não sou Alessandro. — Desafio.

— Credo, ainda bem. — Olha-me assustado. Passando a mão em meu rosto. — Definitivamente não é o Alessandro. — Rimos juntos e seguimos finalmente para casa.

Estamos todos sentados à mesa, como uma boa e velha reunião familiar. Esse momento sempre revigora minhas energias, já disse que amo minha família? Bem, eu a amo, mas eu também a temo.

Estou aqui numa grande encruzilhada, Alessandro e Giovana sempre avaliando-me esperando o momento que vou soltar uma bomba de que estou namorando.

Ao mesmo tempo em que minha língua coça para poder falar, e contar todas as proezas de Drew, eu sinto um gosto amargo na boca, desconfortável.

Esqueço que tem gente na mesa e começo a soltar, não fazendo muito sentindo, nem pra mim mesma.

— Conheci alguém! — Falo mais alto que todos. Todos param seus movimentos, posso ouvir o barulho da cigarra do lado de fora de casa. O silêncio na mesa chega a ser cômico. Olho para todos os lados, a fim de encontrar um apoio para sustentar minha decisão de contar. Giovana e Alessandro estão rindo de orelha a orelha, meu pai está atônito e minha mãe, a mamãe é sempre ela mesma, está com um sorriso carinhoso nos lábios e nos olhos, ela sim com seu jeito terno me motiva a falar. — Na verdade, já nos conhecíamos, estamos mesmo saindo.

— Saindo? — Ouço a voz surpresa e aguda da Giovana do outro lado da mesa.

Droga! Não estou fazendo sentido aqui.

— Estávamos saindo. — Fecho meus olhos e respiro fundo. — Agora estamos namorando. Essa noite ele me pediu em namoro e eu aceitei. — É tão bom falar e não ver a expressão de ninguém, dá uma sensação sobrenatural, a magia de que todo mundo aceitou com sorriso nos lábios e palavras de felicitações, te motivando e dando ânimo.

Mas isso não dura muito tempo.

— Namorando, Liza? Mas, e o Guilherme, você não estava o

esperando? — Ouço a voz de papai. — Achei que vocês iriam se casar.

Não respondo nada, não tenho o que dizer. Eu também achei que iria me casar com Guilherme, mas eu também achei que a Luíza estaria aqui com Diego e meus tios, que a mãe e o padrasto dela a esta altura já estariam presos, e que principalmente não encontraria Andrew nunca mais. Mas eu vivo em uma constante mudança, sempre enganada.

— Quem é o Guilherme? — Alessandro diz confuso

Acho que ele não sabe de nada, afinal. Fingindo-me de boba balanço o chocalho de Sofia. Olho para todos na mesa e a única que continua na mesma é mamãe.

— Guilherme é o meu ex-namorado, que não está aqui, obviamente. — Dou um sorriso de canto de boca para Alê e concentro em mais uma vez enfrentar meu pai. Agora eu sei o que Giovana passou.

É como se Andrew estivesse ocupando o lugar do Guilherme aqui em casa. Para mim claro que não é assim, o lugar que Andrew está ocupando ninguém jamais pisou, mas para todos é como se eu estivesse substituindo o Gui.

— Pai, eu ainda amo o Guilherme. Mas não poderíamos ter mais nada, nem se ele estivesse aqui. Eu o amo como amigo. — Coloco meu cabelo atrás da orelha e abaixo meu olhar. — Dói em mim saber que Gui não está aqui, mas a alegria nesse momento é maior. Andrew está me reacendo para vida, eu realmente gosto dele. — Suspiro.

Meu pai pensa, olha-me com atenção. Respira fundo, incerto do que fazer.

— Andrew, gostei do nome. Vem da Luz. — Diz. — Mas, ele gosta de você?

As vezes nossos pais fazem cada pergunta.

— Ah, gosta! Para namorar, ele tem que realmente gostar mesmo, viu sogro. — Meu Deus! Essa pessoa não consegue ficar calada?

Chuto Alessandro, fazendo um movimento brusco por debaixo da mesa. Dou um olhar repreensor em sua direção, e fico feliz quando sua careta de dor aparece. Com o olhar peço para Giovana o controlar.

— Posso estar velho, rapaz, mas eu entendi muito bem o que quis dizer. — Com as sobrancelhas franzidas, papai encara Alessandro. Volta seu olhar para mim, ficando terno. — Bem, minha filha, nunca te proibi de nada, não vai ser agora. Quero que seja feliz. Você e Sofia. — Enfatiza, enquanto eu engulo a seco sua afirmação. Levanta as sobrancelhas, como se estivesse lembrando de algo. — Ah, Alessandro, esqueci de falar; você pode avisar seu amigo que eu tenho uma cartucheira em casa, e eu não hesito em usa-la, em ambos os casos.

Caímos todos na gargalhada, menos Alê que engole seco e abre seus olhos o máximo que consegue assentindo para o falso olhar duro e sério de papai.

— Onde você o conheceu ou o reencontrou? — Papai pergunta já com seus olhos divertidos.

Conto tudo, falo da Giovana e da sua operação cupido, das nossas brigas e gênios fortes. Nunca tive restrições de falar de assuntos amorosos com minha família, todos eles são muito receptivos. Gosto muito de falar e sempre gostei, tudo que eu não contava para eles, Luiza sabia, mas agora não tenho ela ao meu lado mais, tornando assim, a minha ânsia de compartilhamento pessoal mais elevada.

— Giovana, apesar de tudo, foi então o grande cupido. — Diz mamãe se manifestando pela primeira vez. — Nem precisou forçar o moço a vir jantar junto com o Alessandro. Está vendo, Gio? Tudo tem sua hora e seu tempo.

Absorvo essa frase de mamãe, haverá uma hora para eu contar para Andrew, eu vou saber quando chegar essa hora e vou estar preparada,

enquanto isso eu só quero curtir minha família e brincar muito com Sossô, que está fazendo a maior bagunça em sua pequena cadeirinha. Olho para seu rostinho todo gordinho, de bochechas avermelhadas parecendo que passou blush, linda.

— *Aah, gum gum* — começa a fazer uns sons incoerentes e bater seus bracinhos no suporte da cadeira chamando a atenção de todos, soltando seus leves gritinhos e gargalhadas. Realmente o humor da criança reflete no dois pais.

Tem como estar mais feliz?



Capítulo 36



*Ela une todas as coisas
como eu poderia explicar,
um doce mistério de rio,
com a transparência de um mar....*

*Ela une todas as coisas,
quantos elementos vão lá ...
sentimento fundo de água,
com toda leveza do ar*

*Ela está em todas as coisas,
até no vazio que me dá,
quando vejo a tarde cair
e ela não está*

*Talvez ela saiba de cor
tudo que eu preciso sentir
Pedra preciosa de olhar!
Ela só precisa existir para me completar*

Lágrimas descem pelo meu rosto, sinto-me perdida. Essa era para ser uma despedida amigável, alegre. Mas eu e Guilherme estamos nos controlando para não pularmos um no pescoço do outro e chorarmos até amanhã.

Ouçoo cantando, com sua voz doce, dedilhando seu violão, formando a mais perfeita melodia que meus ouvidos já ouviram. Seu cabelo molhado de ter acabado de sair do banho, uma cueca box branca e nada mais, sentado em sua cama olhando fixamente para mim, com um olhar

apaixonado, angustiado, enquanto canta.

Droga! O que eu vou fazer sem ele? Por que ele tem que ir?

— Liza? — Pergunta Guilherme com seus olhos marejados.

— Eu só não vou brigar com você por que eu quero aproveitar os últimos... — Fungo, e não consigo controlar a enxurrada de lágrimas que descem. — Droga, Guilherme! Se eu soubesse que faria isso comigo eu... — Afundo minha cabeça em minhas mãos e choro, abrindo a barreira. — Como eu vou ficar aqui sem você? — Pergunto ainda olhando para baixo, minhas mãos todas molhadas pelas minhas lágrimas.

— Por que você não vem comigo? — Sua voz soa como uma súplica.

Olho para seu rosto tão conhecido para mim. Não me vejo daqui há alguns anos apresentando-me como sua esposa, sei que soa egoísta, quero ficar com ele, mas vai chegar uma hora em que inconsequentemente terá a partida. Já ouvi dizer que no relacionamento ambos estão segurando um elástico, e quando o mesmo se rompe, um sai mais machucado que o outro. Hoje, porém, vejo que os dois estão saindo igualmente lesionados, ao mesmo tempo em que não me vejo casada com ele, não me vejo sem ele. Minha cabeça é uma roda gigante completamente confusa.

— Guilherme essa conversa de novo não. — Digo levantando-me, caminhando em direção à cozinha, para pegar um copo com água.

Desde quando ele quis partir eu o incentivei e apoiei, nunca em minha vida eu pensei que ele iria para um lugar tão longe. Não sabemos ao certo onde é, só que fica para o lado do Acre. Esse seu pedido, veio ao mesmo tempo que a dor da distância começou a apertar precocemente, até então não tínhamos conversado sobre términos, despedidas e afins, vivíamos um dia atrás do outro como se nada estivesse acontecendo, até que chegou um dia em que Guilherme não aguentou mais e jogou para cima de mim toda a responsabilidade de uma mulher casada. Eu tenho meus sonhos, quero minhas conquistas, por mais que eu queira ajudar quem precisa, eu não quero ficar com o coração amargurado pelo sofrimento, e eu sei que isso

inevitavelmente irá acontecer.

— Elizabeth, olha para mim. — Sinto sua presença atrás de mim, antes mesmo de suas mãos encostarem-se a minha cintura. Viro meu corpo e fico de frente com ele, sentindo sua respiração ofegante, sua sobrancelha franzida causando um vinco que eu amo em sua testa. Por que eu não posso ser perdidamente apaixonada por ele? — Só basta uma palavra, Liza, apenas uma.

Sei ao que ele está se referindo, desde o começo ele disse que se eu pedisse confiante para ele ficar, ou seja, um relacionamento mais estável, ele ficaria e jogaria tudo para o alto. Mas não posso fazer isso, não por puro egoísmo meu. Apenas abaixo a minha cabeça sem coragem de olha-lo nos olhos.

— Eu sou completamente louco por você, Liza. — Põe a mão no meu queixo e levanta a minha cabeça até meu olhar encontrar o seu. — Deus sabe como eu quero ficar, esse meu sonho deixou de ter importância a partir do momento em que você não estava nele. — Passa a língua pelos lábios, nervoso, e começa a balançar a perna, em um claro sinal de ansiedade. — Eu te amo demais. Mas eu não posso fazer isso com a gente. Eu quero você como o ar que eu respiro, quero você como minha esposa e você em contrapartida não está preparada para isso. — Me abraça e cheira meu cabelo. — Vai ser um ano de tormento longe de você, não vai passar nunca para mim. Mas nós precisamos desse espaço, você me entende?

Apenas balanço minha cabeça concordando, sei o que ele está dizendo. Não vamos estar mais juntos, mas enquanto eu ainda existir ele ainda vai ter esperança, frase dita um mês antes do nosso primeiro beijo, e como foi lindo, todos os momentos que passamos juntos foram lindos, mas como tudo que é bom acaba, o que se acende apaga.

— Não peço pra você ficar me esperando. Se você conhecer outra pessoa, vai ... — Engasga com as próprias palavras seus olhos marejados novamente. — Vá... Vai em frente. Mas em todo lugar que eu estiver, Liza, não haverá ninguém igual a você. — Olha no meu rosto, segurando de cada

lado da minha cabeça, me dá um beijo apaixonado e olha dentro dos meus olhos. — Não importa, aonde quer que eu esteja, se você existir, eu nunca vou desistir. Como diz a música, a nossa música 'Você só precisa existir para me completar'.

*Naquela noite, fizemos amor como nunca havíamos feito. Foi calmo, lento, cada um sendo altruísta o bastante para pensar só no outro, nosso momento de prazer sendo prolongado ao máximo possível. Eu não tinha dúvidas de que eu amava Guilherme, mas foi realmente uma pena eu não ser completamente apaixonada com ele, como ele é por mim. No nosso momento de maior prazer, vi lágrimas escorrendo de seu rosto e tentei secar todas com um beijo meu. Não fizemos promessas um para o outro, mas no olhar dava para ver, uma promessa selada em uma noite completa de amor **eu sempre vou te amar.***

Sinto um aperto, uma angústia no peito. Já estava me adaptando com a ausência de Guilherme, adaptando até bem demais, melhor do que eu queria, provando a mim mesma de que eu não poderia continuar com aquele blefe em nosso relacionamento.

Estou em um conflito interno, uma batalha que eu sei que Andrew irá ganhar. O que eu estou falando? Não existe dúvida em comparação dele com Guilherme, mas a simples sensação de que estou ocupando o lugar de Gui na minha vida, é como se eu estivesse o excluindo de mim. Não quero isso, eu o amo, o quero comigo, mas tenho certeza, assim que Andrew colocar os olhos nele, eu vou me arrepender amargamente de ter apresentado os dois.

Deixo minha cabeça ficar vagando por lugares desconhecidos. Levanto e pego o notebook, sei que não terá nada de Guilherme, mas gosto de ficar olhando nossos e-mails, quando ele ainda os respondia. Lágrimas escorrem pelos meus olhos ao ver que sinto um vazio no peito. Meu telefone toca tirando-me do transe em que me encontro. Sorrio ao ver o nome de Andrew na tela.

— Oi, lindo! — Tento disfarçar as lágrimas, mas é em vão.

— O que cacete é.... você está chorando? — Começa a frase em tom

agressivo, mas ao perceber ou imaginar que estou chorando, logo parece que se compadece e ameniza o tom de sua voz.

— Não... é que eu tenho alergia de poeira, sabe? — Tento disfarçar, enxugando as lágrimas do meu rosto como se ele pudesse me ver.

— Não mente pra mim, Liz. — Ouço barulho de algo se movendo, logo percebo que se trata de sua cadeira. — Eu sei quando você está chorando.

— Hum... que perceptivo você. — Sorrio com seu comentário.

— É, eu sei que sou. — Sua voz prepotente me faz arquear a sobrancelha em surpresa e olhar incrédula para o telefone. O que está acontecendo? — Você está chorando por causa desse Guilherme? — Fala de um modo mais duro, contento uma leve insegurança.

— Como que você sabe? — Pergunto incrédula. Como assim? Alessandro. Merda! — Não precisa dizer — Começo a falar assim que escuto sua respiração. — eu já disse que detesto que fiquem sabendo da minha vida por terceiros, eu realmente queria que vocês parassem com isso. — Sinto-me invadida, não é possível que cada passo que eu der ele vai ficar monitorando-me por outros.

— Você está chorando por que ainda é apaixonada pelo seu ex? — Não acredito que estou conversando isso pelo telefone. Apoio minha cabeça em minhas mãos e escuto tudo calada. — Diz, Elizabeth, estou sendo feito de bobo? Palhaço? Pra você eu não devo passar de uma porra de um estepe, não é mesmo? — Diz sem parar, a ironia do destino o fazendo pensar que ele é o estepe quando na verdade, Guilherme em quatro anos sempre foi. Lágrimas começam a escorrer novamente pelo meu rosto, não consigo dizer nada. — Diga alguma coisa, porra! — Grita do outro lado da linha.

— O que ... que você quer ... que eu diga? — Digo em um fio de voz, soluçando, não conseguindo controlar meu choro.

— Esperava uma negação, mas pelo menos você foi sincera. — Diz em um suspiro, dá pra sentir a mágoa da sua voz.

Respiro fundo e fico escutando o meu coração batendo freneticamente dentro do meu peito. Não sei lidar com um confronto de Andrew pessoalmente, quem dirá pelo telefone. Quando estou satisfeita, e meus soluços diminuídos, falo com uma falsa calma.

— Eu não confirmei nada, Andrew. — Seco as lágrimas do meu rosto e fecho meus olhos. — Guilherme é o meu ex namorado, foi selecionado para participar do programa “médicos sem fronteiras”. Agora eu acho que ele está no Acre, mas não tenho contato com ele há alguns meses, então não posso te dar certeza do seu paradeiro. — Respiro fundo. — E sim, eu amo Guilherme, mas não do jeito que você está pensando. Ele foi muito importante na minha vida, ainda é. Não é o fato de estarmos namorando que eu deixarei de ser sua amiga e nutrir sentimentos por ele, mesmo que fraterno. — Ouço sua respiração cada vez mais pesada do outro lado da linha. — E acho que isso tudo responde a sua pergunta. Eu nunca te usaria como um estepe, não estou com você para cobrir um espaço vazio no meu peito, estou por que quero estar.

— Então você o ama? Você ama ELE? — Da ênfase.

Reviro meus olhos para seu ciúme.

— Drew, por favor, de tudo que eu disse, só prestou atenção nisso? — Digo tentando soar um pouco mais apaziguadora.

— Foi a parte que mais incomodou. — Responde, taxativo.

— Não gostaria de ter essa conversa aqui. Meu passado não é para ser tratado pelo telefone.

— É para ser tratado onde? Na cama? Talvez, poderíamos chamar ele para aproveitar com a gente! — Diz, com ironia.

— Cuidado com o que diz, Andrew. — Respiro fundo, quase perdendo a paciência. — Para o seu bem, eu vou desconsiderar isso que você disse.

Ficamos em um silêncio tenso, não imaginaria uma coisa dessas saindo

da boca de Andrew. Quando ele está nervoso ou magoado, faz de tudo para deixar o outro no mesmo patamar, e para isso cutuca a ferida até sangrar.

— Acho que essa história está prolongada demais, eu preciso que você me fale sobre esse tal de Guilherme.

— Guilherme é o que é, meu ex namorado, um amigo.

Ouçoo seu suspiro, resignado, não conformado com a minha explicação. Isso é tudo, porém, que eu tenho para falar de Gui.

— Vou te ver amanhã?

Dou um suspiro.

— Acho que não, tenho muita coisa pra fazer e... — Não termino de falar e ele já me interrompe.

— E você está me evitando.

— Não, estou ficando cansada.

— Cansada de mim? — Pergunta surpreso.

— Ai, meu Deus! É claro que não, Andrew, eu só acho que esse grude não vai fazer bem.

— Se você quer assim, Elizabeth, tudo bem. — Suspira e parece sentar. — Mas eu vou sentir sua falta.

— E eu a sua.

— Esse Guilherme ainda não me desceu. — Diz do nada, em tom ríspido.

— Ele não tem que descer em você, Andrew. — Coloco uma mão fazendo massagem em minha têmpora. — Já chega, vou dormir.

— Só para constar, ele não tem que descer nem em você. — Não respondo nada. Realmente essa história está prolongada demais. — Boa noite!

— Boa noite, meu lindo! — Digo em uma doçura, tentando mais uma vez fazer as pazes.

— Eu adoro você, Liz. Só... bem, se você ver que ainda pensa em outra pessoa, me fale. — Meu coração palpita, perco o folego e minha visão embaça. Quando eu menos acho que ele vai me surpreender, tenho uma surpresa sem tamanho.

— Não tem ninguém além de você. — Constato, tanto para ele, quanto para mim. Na verdade, eu o amo, mas ele não precisa ficar sabendo disso agora, não por telefone.

Quando eu era pequena, vivia caindo e machucando meu joelho, mamãe sempre vinha correndo ao meu alcance para soprar e conseqüentemente aliviar a minha dor. Penso hoje que o ato em si já teve muito mais resultados do que os ventinhos, que faziam cócegas, que ela soltava pela boca. O ato de amor e carinho, demonstrando o quanto se importava comigo, mesmo que o ralado fosse manha.

Esses dias em que fiquei longe de Andrew pude colocar minha cabeça em órbita, saindo do lado sul da coisa, se é que pode se entender assim. Quero ser uma mãe, igual a minha foi, para Sofia. Mesmo que eu não tenha sido preparada por nove meses como todas as mães praticamente são, sinto-me a maior responsável pela sua felicidade e segurança.

Não sei o que Luiza fez comigo na sua carta, mas a partir do momento em que li esse pequeno pedaço de papel, criou em mim um amor inigualável de mãe. Por Sofia eu iria até o inferno e enfrentaria todos os soldados. E acho que é por isso também que estou segurando a informação da sua existência, no intuito de protegê-la, preserva-la.

“Não quero que você simplesmente cuide dela para mim Liza, eu quero que você seja mãe, como todas as outras, quero que a Sofia possa chamar uma mulher igual a você de mãe com orgulho, admiração. Quero que ela carregue o seu nome, e o de quem você escolher para ser o pai. Deixo essa responsabilidade para você minha irmã de alma, eu confio em você e sei que vai fazer o melhor para criar a nossa menina, por que ela é nossa. Nunca vou desamparar vocês, sempre olharei de onde estiver. Mas sinto que aqui mais não é meu lugar, por mais que você não fale, não sinto mais a presença de Diego em minha volta, como sempre senti. Só me prometa uma coisa, só uma Liza: não deixe que nada separe você do seu real amor, porque um dia você vai encontra-lo e vai entender, que nunca existiu nenhum outro igual a ele. Só isso Liza, prometa-me que vai ser feliz. Lute pela sua felicidade, Sofia depende disso agora também. Eu te amo minha pequena protetora, obrigada por tudo que fez pra mim. E é por isso, que deixo em suas mãos, nosso pequeno tesouro.”

Dobro novamente a folha de papel com cuidado para não amassar, e a coloco dentro da minha gaveta. Sempre que tenho dificuldades com a minha responsabilidade eu a leio e me renovo, sei que Luiza confia em mim para fazer o melhor, e hoje mais do que qualquer outro dia, eu sei o que ela falava de Diego, e como seus olhos brilhavam quando ela o via. É o mesmo olhar que pode se ver em mim, quando Andrew está perto. Sinto a mesma energia positiva quando estamos no mesmo ambiente, uma coisa inexplicável que só sentindo para entender, bem, eu não entendo como isso acontece.

Limpo meus olhos e olho para o meu telefone, não adianta ignorá-lo mais, tenho que contar toda a verdade, eu o escolhi para ser meu, e só o pensamento de que uma omissão possa fazer, já me destrói.

Pego o aparelho e já disco seu número, tem na agenda, mas ficou cravado dentro do meu cérebro a primeira vez em que tocou no meu telefone. Ao terceiro toque ele atende, escuto vozes ao fundo, parecendo que ele está em um ambiente muito movimentado. Meu coração dá um leve tranco, contraio meus lábios para não falar nada desenfreado causado pelos meus ciúmes.

— Oi, minha linda! — Os sons vão ficando cada vez mais longe, dando a impressão de que ele está se afastando do barulho. — Puxa, que saudades de você.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Maldito coração que palpita toda vez

em que escuto o som de sua voz, posso até sentir o seu cheiro, uma merda de imaginação fértil causada pela minha saudade.

— Oi, Drew! — Ainda sinto ciúmes. — Como você está?

—Uau. — Seu tom de voz soa surpreso, e ao mesmo tempo decepcionado. — Que abordagem calorosa, Nega.

Nega? Pensei que eu que tivesse o dom de colocar apelidos diferenciados. Mas nega? Não posso dizer que não gostei.

— Onde você está? — Saiu sem pensar, não consegui até agora abaixar a guarda. Péssimo.

— Em um jantar de negócios. — Respira fundo, surge um longo silêncio entre nós. Minha cabeça fervilha, quando começo a pensar em pedir desculpas, escuto sua voz. — Diga que isso é ciúmes e você estará perdoada.

Sorrio com seu tom de voz, sei que ele está tenso, mas está tentando brincar para diminuir a tensão.

— Desculpa. — Digo baixo livrando meus ombros da tensão em que se encontravam. — Acho que meus neurônios não fizeram a sinapse direito quando escutei esse barulho todo.

— O que? — Fala rindo, só então me dou conta de que não deve ter entendido patavinas.

— Esquece. — Digo dando gargalhadas. — Disse que não pensei direito, só isso.

— Ah sim, entendo. — *“Não Cláudio, eu já disse não quero desse jeito. Vamos fazer um outro projeto com a construtora e veremos como fica.”* Diz com alguém do outro lado da linha. — Desculpa, Nega!

— Não tem problema, devo estar te incomodando. — Que vergonha. — Mas, só liguei para desejar boa noite. Amanhã podemos nos ver?

— Você nunca atrapalha. Mas sim, claro que VAMOS nos ver amanhã.
— Da ênfase, fazendo um calafrio gostoso percorrer todo meu corpo. — Depois de três dias com você me ignorando, hoje eu fui um burro por não ter desmarcado esse jantar. Mas pode ter certeza, amanhã eu vou te ver.

— Isso foi uma promessa, ou uma ameaça?

— Entenda como quiser, minha linda. — Abaixa o tom de sua voz. — A forma que vai te dar mais tesão, fazendo sua pele se arrepiar e ficar toda vermelha, e seu cérebro pensando só em mim.

— Ah! — Fico sem palavras. Entre minhas pernas bombeando sangue a todo momento, querendo sem dúvidas uma atenção.

— Gosto de te deixar sem palavras. — Ri do meu desconcerto. — Preciso ir, um beijo.

— Beijo. — Respondo ainda pensando em suas palavras, mais do que calafrios, fazem carícias no meu corpo. Sinto que só de vê-lo poderia gozar, mas prefiro esperar até amanhã.

Filho de uma mãe! Gostoso, lindo.



O vento bate em meu rosto, fazendo meus cabelos que estão soltos voarem, sinto um ar fresco bem-vindo, minha pele começa a se formar uma camada mínima de suor pela espera. Meu coração insiste em dizer para minha mente que Andrew não vai dar o seu primeiro bolo, mas é inevitável a insegurança que começa a fluir, fazendo-me duvidar até dos meus antepassados. Meus pés balançam de nervoso e minhas mãos suadas, começam a tremer.

Vejo ao final da rua um farol ofuscante, e o barulho irreconhecível do motor de sua moto, ao mesmo tempo em que sinto alívio por saber que Andrew está chegando, meu coração para um décimo de segundo por ele

estar montado em cima daquela coisa de duas rodas.

Para a minha frente, tira o capacete e só me puxa para si. Beijando meus lábios com saudade e ao mesmo tempo ternura

— Nunca mais você vai ficar três dias longe de mim. — Abre um sorriso encantador, mostrando seus belos dentes brancos.

— Pensei que não viria. — Abaixo minha cabeça e tento pegar o outro capacete que está em suas mãos.

— E por que não viria? — Diz com a sua testa franzida, seu sorriso morrendo.

Engulo a vontade de dizer que ele está há vinte minutos atrasado.

— Bobagem. — Balanço minha cabeça para sair do desconforto. — Vamos?

— Claro. Só mais um beijo. — Diz já me arrastando para junto de si e apertando-me em seus braços.

Perco os sentidos e a fala, quando sua língua entra em contato com a minha. Seria pleonasma eu dizer que seu beijo é viciante. Nunca em minha vida senti tal sensação. Ele aperta-me em seus braços causando moleza em minhas pernas, e dormência por onde suas mãos me acariciam. Por um momento, ou dois, perco a noção de espaço tempo, não sei onde estou e nem que horas são. Só sinto a sua língua na minha, desejando estar só aonde ele se encontra, no tempo dele.

Andrew afasta um pouco e encara-me com os olhos cerrados, a boca entreaberta, buscando o ar, ofegante.

— Deus! Que magia tem esse seu beijo. — Passa a mão no rosto e entrega-me o capacete.

O coloco e seguimos onde quer que ele for me levar. Não importo,

contanto que seja com ele.



Estamos em um restaurante de comidas italianas, muitas massas já passaram a minha frente, mas nada como a típica pizza italiana napolitana. Seu sabor delicioso, derretendo gradativamente a cada mordida na boca. Não conseguindo evitar, faço sons a todo momento de apreciação.

— Se você não parar de gemer por uma pizza, eu vou te levar lá dentro e fazer você gemer de verdade. — Se remexe na cadeira ajeitando-se e me encara.

Arregalo meus olhos em surpresa, a pizza entalada em minha garganta. Começo a engasgar, dando uma sensação que estou afogando e não consigo respirar.

— Respira fundo, Nega. — Andrew dá leves batidas em minhas costas. — Respira com o nariz, e inspira pela boca. Isso mesmo. — Alisa meu rosto e sente novamente em sua cadeira.

Pego meu copo de água e tomo leves goles, limpando o meu rosto do emaranhado de lágrimas que saltaram para fora dos meus olhos.

— Quero que você engasgue apenas quando meu pau estiver em sua boca. — Diz despreocupado, como se estivesse falando do tempo, cortando a sua pizza.

Que porra é essa?

Toda a água que estava na minha boca agora está na cadeira da frente, pena que não seja no rosto de Andrew.

Viro para o lado e o olho de olhos cerrados.

— Perverso, o que te deu hoje? — Ele me encara, passa a língua pelos

lábios, receoso. — Fala comigo, está diferente.

— Diferente como?

— Tarado! — Sorrio, divertida, recebendo um sorriso seu em resposta.

— Por você eu sempre fui. Conte-me uma coisa diferente. — Coloca um fio do meu cabelo, que se desprende do coque, atrás da orelha.

— Hoje parece que está usando isso como uma forma de atacar, para se defender.

Meu namorado suspira, encarando-me.

— Estou preocupado, apenas isso. Me desculpe se te ofendi.

Relaxo. Passo minha mão por sua perna, chegando mais perto.

— Não ofendeu, não sou uma boneca de porcelana, Drew! — Lhe dou um beijo no canto da boca. — Quer conversar?

Andrew me encara, avalia todo o meu rosto, antes de acenar com a cabeça, ainda incerto.

— Você tem me ensinado muitas coisas, sabia?

— Eu digo o mesmo. — Andrew fica em silêncio, decido puxar algum assunto de sua boca. — É algo relacionado com a empresa?

A pergunta parece resolver, pois Andrew começa a falar de forma séria, concentrada.

— É, sim. Estamos em obras, e apesar de estar na frente do Hotel aqui em Minas, meu pai ainda é o todo poderoso que manda e desmanda. — Rola os olhos. — Por esse motivo, ele fritou a minha cabeça hoje. Recebi uma indicação de arquitetos, eu faria o projeto melhor que eles.

— Nossa... não te imagino com lápis e borracha, desenhando. —

Brinco.

— Nem eu. Isso é pra você ter noção da gravidade da situação.

— Ruins mesmo?

— Péssimos! — Passa a mão no rosto, nervoso.

Pego o copo de água, sorvendo uma grande quantidade.

— Seu pai não gostou do projeto também, pelo visto. — Falo, depois de engolir o líquido.

— Odiou. Me deu duas semanas para apresentar algo novo.

— Não entendo nada de construção, apesar do meu pai ser do ramo. Mas esse tempo é o suficiente?

Andrew me olha, sorriso de canto de boca nos lábios, desenhando em cima de seus dentes brancos. Não fico desconfortável, apenas reparo no tanto que ele me namora naquele momento e fico feliz com isso.

— Você é uma coisinha, sabia? — Beija meus lábios, e só então meu rosto assume um tom ruborizado.

Coisinha?

— É um elogio? — Pergunto, incerta.

— É! — Andrew segura minha mão em sua perna, suspirando. — É um tempo mínimo. Queremos fazer outro prédio ao lado do Hotel, voltado para o lado comercial, e interligar ambos, com uma vasta praça de alimentação.

Arregalo meus olhos.

— Uau!

— Pois é. Estou com esperanças na empresa de engenharia que

contratei. Eles têm uma nova arquiteta, eu irei rezar a partir de hoje.

— Se não der certo, minha cunhada é arquiteta. É nova na área, mas a acho talentosa. Infelizmente ela está viajando com meu irmão. — Faço um bico nos lábios, recebendo um beijo logo em seguida.

— Certamente eu irei me lembrar disso. — Sorri.

Andrew coloca mais um pedaço de pizza na boca, e eu fico o olhando, mastigando os lábios, incerta se seria a hora certa de falar qualquer coisa. No entanto, se eu for ficar esperando as melhores horas, meu assunto nunca vai sair da caixa do ‘se’.

— Preciso te falar uma coisa, Andrew. — Começo, nervosa. Já sinto minha mão, ainda em sua perna, molhada.

Andrew me encara, a boca cheia. Sua feição é séria, parece se dar conta de que o assunto é delicado.

Engole, tomando um gole de vinho logo depois.

— É muito sério, não é?

Balanço minha cabeça, engolindo em seco.

— É a questão mais importante da minha vida nesse momento.

Vejo Andrew empurrar o ar para fora de seu corpo pela boca.

— Fiquei tão ansioso para esse momento, para o dia em que você realmente se abriria para mim. — Alisa meu rosto. — Mas, hoje não. — Arfo, surpresa. Não acredito! — Vamos ficar de bem, sem brigas.

— Não vamos brigar...

— Nem fritar nossas cabeças com assuntos muito sérios. — Acaricia meu cabelo, admirado. — Sei que os namorados devem se apoiar, mas essa semana está sendo tão ruim, tão bosta, que...

— Você está cansado. — Andrew confirma e eu tenho vontade de chorar. Balanço minha cabeça, incerta. — Você ainda quer o nosso relacionamento, certo? — Soo insegura, mas não consigo ser diferente. Tudo dentro de mim é desconfiança.

— Mais do que eu quis alguma coisa na minha vida, Liz. E é por esse motivo que eu preciso ficar de bem com você, pelo menos hoje. Você está sendo o sopro de oxigênio limpo da semana. — Respira, a boca próxima demais a minha.

— Você fala como se eu fosse confidenciar que vou explodir o Iraque.

Andrew solta uma gargalhada rápida.

— Não, com esse seu rostinho de boneca, você aterroriza só a mim mesmo. — Me beija, retribuo o contato, ainda desconfiada. — Olha como que é uma delícia quando estamos juntos...

— Sim, é verdade! — Abraço seu pescoço, beijando sua nuca, apreciando o fato dele se encolher.

— E é por isso que você vai soltar a bomba, mas eu vou ser incapaz de te deixar.

— Então por que não pode ser hoje?

Andrew escorrega a mão para a minha nuca, afastando meu rosto e colando sua testa na minha.

— Shiiiu... — Seus olhos me encaram. — Eu te adoro!

Então ele me desarma, fugindo literalmente do assunto.

O restante da noite passamos com o mesmo clima leve e descontraído de antes, parecia que eu nem tinha começado a lhe falar todas as mudanças que minha vida teve esses últimos meses. Pela primeira vez eu pude sentir que Andrew entraria somente para somar, e Deus me perdoe eu estar criando

essa expectativa, mas caso contrário, se Andrew enxergar Sofia como um empecilho para o nosso relacionamento... bem, não existiria mais relacionamento.

A brisa da noite bate em minha pele exposta pela roupa que visto, mas é um vento tão gostoso, que eu me vejo curtindo o passeio com Andrew. Abraço seu corpo, sentindo seu cheiro. Aperto sua blusa em meus dedos, sentindo a dureza de seu peito ao mesmo tempo macio. Encosto minha cabeça em suas costas, e assim vamos até eu estar em casa.

— Eu amei a nossa noite, Nega! — Sussurra, me encarando.

Ainda está em cima da moto, eu encostada em sua lateral, o abraçando.

O portão de casa me traz um sentimento de abandono, mesmo que eu saiba que Andrew irá voltar, eu sou incapaz de deixar esse sentimento ir.

— Eu também!

— Mas está triste. — Levanta meu queixo com os dedos.

— Não... — Suspiro. — não é tristeza, é que me senti insegura com você não querendo saber do que eu preciso falar, sendo que você me encheu sobre esse assunto durante dias.

— Não se afasta do jeito que está toda vez que eu fizer isso. — Beija minha têmpora. — Essa porcaria de projeto tomou muita parte da minha cabeça, eu quero que nós dois fiquemos bem só até isso passar.

— Por que você acha que o que eu irei falar nos fará brigar?

— Não sei. — Alisa meus cabelos, colocando os cachos embaraçados pelo capacete, atrás da minha orelha. — Eu nunca amei tanto um momento quanto eu estou amando ficar assim com você: sem farpas, sem joguinhos...

Reviro meus olhos. É uma ilusão! Como ele pode ficar bem com isso?

— Ok!

— Estou aprendendo essa coisa de relacionamento agora, e só o pensamento de que você é experiente nisso me dá náuseas.

— Que bom, pelo menos é o mesmo que sinto quando sei o que você já fez no quarto com outras afiadas. — Respondo afiada, mesmo sem porquê.

— *Touché*. — Afasta do meu corpo e passa as mãos no rosto em um claro sinal de nervosismo. — Vamos esquecer as coisas só por hoje, pode ser?

Aceno com a cabeça em concordância. Sentindo-me culpada por não ter falado o que deveria.

Nos beijamos e despedimos com a promessa de que sábado ele me buscaria para irmos a boate.

E lá se vai mais uma noite sem que Andrew saiba sobre Sofia.



Hoje foi dia da vacinação de cinco meses da Sofia um pouco atrasada pelo tempo que ela ficou internada no hospital, quando nasceu, a cada dia me surpreendo mais com o tanto que ela está esperta e se parece com Luíza, vejo alguns traços do Diego, mas seu jeito e suas expressões é foto cópia da mãe. Mamãe fala que ela se parece comigo, fico toda boba, quem não gostaria? Sou muito parecida, ou era, com Luíza, o que dá uma grande margem para se pensar que realmente Sofia saiu do meu ventre.

O dia todo ela ficou enjoada e febril, o lugar da injeção inchou muito. Dei vários banhos de imersão em água um pouco fria, fiz compressa de água gelada e de nada adiantou. Nesse momento estou andando de um lado para o outro.

Mando uma mensagem para Andrew com o coração na mão. Sou breve e direta, não tem nenhuma possibilidade de sair e curtir a noite com Sofia

com uma febre que não abaixa, e sua perninha cada vez mais inchada.

Liza: *"Desculpe, Lindo, temos que desmarcar hoje."*

Ando de lá para cá, coloco Galinha Pintadinha, canto, danço, rio e puxo meus cabelos. É em vão, de nada adianta.

Pego o telefone novamente e vejo que chegou uma mensagem de Andrew.

Andrew: *"Aconteceu alguma coisa?"*

Sim, aconteceu de você não saber de nada ainda.

Liza: *"Sim, precisamos conversar. Mas, não se preocupe, eu te ligo."*

Papai entra no meu quarto, averiguando a situação, suas sobrancelhas arqueadas.

— Vou estar no escritório Liza, um cliente estava por perto e perguntou se eu poderia dar uma olhada no novo projeto. — Diz, preocupado. — Qualquer coisa, me chame.

Apenas afirmo com a cabeça e sigo para o banheiro, com Sofia em meus braços para mais um banho e uma rodada de compressa de água gelada, sua temperatura não abaixa nem com medicamentos, o que nunca foi preciso dar, hoje já mediquei duas vezes.

Estou entrando em desespero quando saio do banho e vejo que sua temperatura não abaixou em nada.

Vejo o celular no criado apitando.

Andrew: *"Ok, linda! Vou ficar esperando. Estarei por perto, me ligue se precisar de mim."*

Pode ser agora?

Dessa vez não respondo e já ligo direto para meu pai que está em seu escritório com um cliente.

— Oi, minha filha.

— Pai, a febre da Sossô não abaixa, vamos ter que ir ao médico. — Digo com a voz chorosa.

— Liza, você realmente acha necessidade? Essas vacinas sempre causaram essas reações dolorosas e febris em vocês.

— Acho que sim, pai, receio que ela esteja com um quadro alérgico. A perna está muito inchada. Essa vacina nem reação extrema, desse jeito, dá.

— Ok! Vem aqui que a gente resolve essa situação.

Desligo o telefone e caminho com determinação para fora de casa, pego as chaves e vou de encontro ao meu pai. Mamãe está na casa de um cliente, e Gio está com Alessandro, só restou eu e meu pai.

Passo a chave no portão do lote ao lado, e avisto a construção com duas únicas salas, a de mamãe e de papai. Bato na porta do meu pai duas vezes com força.

— Pai, a gente já pode ir, estou bastante preocupada. — Digo quando meu pai abre a porta, seu semblante impassível, controlado.

Não dá pra ver quem está lá dentro. Sofia resmunga no meu colo, fazendo-me ficar ainda mais apreensiva com seu estado. Olho sua perninha e duas lágrimas escorrem pelo meu rosto. Como dói ver a dor nela.

— Elizabeth? — Uma voz profunda e ferida, muito conhecida, vem de trás do meu pai, tirando-me completamente dos eixos. E ao mesmo tempo, colocando tudo no lugar.

Ajeito Sofia que chora em meu colo, colocando-a em uma posição mais confortável.

— Andrew? — Levanto a cabeça surpresa, fazendo mais lágrimas caírem em minha face.

Estou de mãos definitivamente atadas em minha própria omissão. Naquele momento eu sabia que deveria ter tomado a iniciativa de contar tudo bem antes, e mesmo que eu tenha respeitado o seu espaço antes de ontem, não o forçando a me ouvir, quando logicamente ele não queria, sinto a culpa me corroer; por que o fato de se ter uma filha não é um assunto que deixamos para depois. E eu deixei demais.



Capítulo 37



Fico estática, não consigo mexer uma parte sequer do meu corpo que se encontra todo mole. Olho de Sofia para Andrew e dele para meu pai, que não está entendendo nada.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz sai rouca, em um sussurro engasgando as lágrimas.

— Acho que eu, que tenho que ouvir algumas explicações aqui. — Cruza os braços em frente ao peito e cerra seus olhos para mim.

Meu Deus! O que está acontecendo aqui? Não é possível que isso esteja acontecendo, e muito menos que seja uma coincidência, ele sabia onde eu morava, sabia muito bem, me trouxe aqui várias vezes. Que droga! Não acredito que ele fez isso comigo.

— Você fez de propósito, não foi? Fez o projeto com o meu pai só por que eu não queria te apresentar a minha família no momento que você quis. — Digo com raiva pela constatação, Sofia começa a gemer em meu colo, fazendo-me ficar mais nervosa ainda.

— Calma, Elizabeth! — Meu pai diz, seus olhos passam de Andrew para mim e vice-versa. — Me explica: o que está acontecendo aqui? — Pergunta. Posso jurar que ele está tão perplexo, quanto eu, ou até mais.

Não respondo, nem olhar para ele eu consigo. Assisto Andrew ficar do branco de surpresa para o roxo de raiva assim que vai percebendo o que se passa.

— Diga alguma coisa! — Falo, meus dentes trincados.

Meu peito sobe e desce forte, a respiração difícil. Olho para meu pai querendo voltar a ser uma criança que pula em seu colo e tem todos os seus problemas resolvidos.

— É inadmissível que você queira jogar para mim toda a culpa por ter descoberto a sua mentira. — Sua voz sai baixa, mas carrega uma rispidez que me assusta. A postura de Andrew é fria, e praticamente intransponível com os braços cruzados na frente no peito.

Dou um passo para trás, assustada, e acalento Sofia no meu colo. Papai ainda continua confuso do mesmo jeito ou até mais, porém, não diz nada.

— Calma, Sossô, a mamãe vai fazer parar a dor. — Rezo para alguma intercessão divina.

Olho para o céu, incerta do que fazer. Sinto as lágrimas quentes descendo pelo meu rosto. Eu nunca me arrependi de ter tomado a responsabilidade de Sofia para mim, mas está muito difícil.

Coloco minha mão no vidro da incubadora, está quente e lá dentro tem uma luz azul em cima do corpinho de Sofia. Observo seu peito subindo e descendo, o CPAP no nariz torna a tarefa mais fácil. Há dois dias ela começou a se alimentar pela mamadeira, suga com tanta força que me faz ficar impressionada. É uma guerreira.

Olho para o lado, a mão quente da minha mãe em meu ombro. Deito minha cabeça ali, sentindo o calor reconfortante de sua pele em contato com a minha.

— Não vamos abandona-la, Liza. — Ela fala, também encarando a pequena.

— Vou precisar da ajuda de vocês, mãe. — Falo, as lágrimas quentes em meu rosto.

— Nós podemos tomar a responsabilidade, Liza, você é muito nova, filha. — Olho para seu rosto, presto atenção no que diz, no entanto, minha decisão já está tomada. — É uma carga muito alta, filha, nós podemos ser os pa...

— Eu prometi, mãe. — A interrompo, mas minha voz não traz nenhum vestígio de raiva ou mágoa. — Enquanto o caixão de Luíza descia, eu prometi a ela que Sofia seria minha filha, a prioridade da minha vida. — Olho novamente para o corpinho dentro da incubadora. — Eu não sei explicar, mas eu não aceito que ela seja menos do que minha filha, de papel passado. Não me importo com as responsabilidades, eu vou conseguir, mãe. — Volto a encarar, sentindo seus dedos penteando os meus cabelos.

— Nós estamos aqui, vai ser extremamente difícil, Elizabeth. Mas, nós sempre vamos estar aqui.

Assenti, sabendo que tínhamos uma longa batalha pela frente, no entanto, eu me sentia confiante, eu tinha minha família comigo, e o mais importante, a benção de Luíza e Diego de cima.

Minha vontade é de sair correndo daqui para ninguém saber onde fui. No entanto, apenas viro no meu próprio eixo para ir novamente para casa.

— Estou te esperando lá dentro, pai. — Digo de costas, minha voz baixa tentando reprimir os soluços que teimam em fazer meu corpo tremer.

Não tenho cabeça para discussões, não agora pelo menos!

Olho para Sofia, seus olhinhos caídos, o semblante cansado, e então eu não consigo pensar em mais nada que não seja seu bem-estar.

— Ei, espere aí. — Sinto o braço de Andrew no meu cotovelo e paro meus passos. — Como assim, você tem uma filha? — Escuto mais do que vejo, seu sorriso irônico que chega aos meus ouvidos como cem facas cortantes. — Era essa a conversa, não era? A questão mais importante da sua

vida.

Aceno, incapaz de falar qualquer coisa.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Papai chega entre Andrew e eu, me encarando — Elizabeth, por que você está tão desesperada assim, minha filha?

Respiro fundo, olhando para Andrew, sentindo que estou perdendo um pedaço de mim, mas agarrando-me a certeza de que, no momento, eu estou fazendo o certo. Volto meu olhar para papai, que me olha confuso.

— Acho que a Sossô está com uma reação alérgica a vacina de hoje, pai. Precisamos leva-la ao hospital o quanto antes, pode não ser nada grave, mas é bom ela tomar um antialérgico para não ficar nesse estado febril, o que pode ser prejudicial para ela. — Digo um pouco mais calma.

Com Andrew eu lido depois, de uma forma ou de outra ele descobriria a verdade, demorou e muito para saber, até. Eu só não esperava que seria assim, nessas condições, tão traumatizante para ambos.

Olho mais uma vez para ele, e contenho o soluço dentro da minha garganta. Ele não precisa dizer mais nada, seus olhos já falam por si, acontece que eu não vejo nele a angústia que está em mim.

— Certo. — Papai confirma ainda confuso. Diz algo para Andrew que eu não entendo, os dois acenam com a cabeça e papai volta em minha direção. — Vamos ao hospital levar essa mocinha. — Sem olhar para os lados, e dar de cara com a expressão de Andrew, retomo meus passos para casa.

— Pensando melhor, Rennó, pode deixar que eu levo a Elizabeth. — Diz Andrew para surpresa de todos. Olho para trás, assustada com sua iniciativa, encontrando-o colocando suas mãos dentro da calça jeans escuras, sobressaltando seu bíceps na camisa branca de botão que esta dobrada até a altura do seu cotovelo.

O fato dele estar aqui ainda me oferecendo ajuda, só me faz sentir pior por ter escondido uma coisa tão importante assim dele.

— Eu posso leva-la, Andrew. — Reviro meus olhos para o autoritarismo de papai. Até quando ele vai querer marcar território com suas filhas? — Espera... — encara Andrew, logo depois a mim, que apenas aceno com a cabeça.

— É o Andrew, papai. — Vejo o exato momento que a consciência bate, fazendo-o entender o que está em sua frente

Um silêncio ensurdecedor se faz presente, posso ouvir os grilos nas árvores cantando, minha visão embaçada pelas lágrimas não caídas, Andrew completamente distorcido na minha frente, olhando-me, esperando alguma reação minha. Até que um resmungo de Sofia me tira dos devaneios. Às vezes, seria bom ir com ele, pode ser a minha chance de explicar.

— Pode deixar, pai, vou com o Andrew. — Olho para papai e pisco.

Um fio de esperança surge dentro de mim.

Entrego Sofia para papai com cuidado para não encostar em sua perninha inchada e viro-me para Andrew.

— Só vou lá dentro pegar algumas coisas dela. — Saio em disparada sem esperar sua resposta, dando tempo apenas para eu o ver concordando com a cabeça.

Olho para trás e já não vejo Sofia nos braços de papai. Andrew a está segurando, tentando anima-la, parecendo levar jeito com criança. Um sorriso instantaneamente brota em meus lábios. Talvez o meu sonho de família não esteja tão longe assim da realidade. Abro o portão de casa rezando para mais uma intercessão divina, que Deus tenha piedade da minha mentira.



A viagem de carro até o hospital foi calma, tranquila, silenciosa e rápida. Andrew não puxou assunto e eu tão pouco. Não queria entrar em grandes detalhes sobre a Sofia ainda, estava tensa. Tenho que contar e o deixei me trazer para essa finalidade, mas acima de tudo tenho que respeitá-la dentro do carro.

Chegamos ao hospital sem maiores delongas, o diagnóstico foi feito de maneira rápida e precisa pelo Dr. Luciano, pegando todas as informações que eu dava e minhas opiniões também. Surpreendeu-me o fato dele levar tanto jeito de colocar um termômetro, e o mais importante, um acesso no corpinho miúdo e pálido de Sossô sem derramar uma gota do soro. Meu coração apertou ao ver que ela estava, novamente, recebendo um intravenoso.

Como eu tinha pensado, é um quadro de alergia a algum componente da vacina que a fez ter crises de temperatura, sempre constatando um estado febril.

— Elizabeth, ela vai ficar no soro agora. Mas pode ficar tranquila, o pior já passou. Com os remédios que ela tomou, vai ficar sonolenta hoje e amanhã. — Diz escrevendo alguma coisa na prancheta. — Vou passar uma indicação de médico alergista pra você... digo é ... pra senhora, por que a gente não sabe o que desencadeou, então é melhor saber qual componente da vacina que sucedeu a esse quadro.

Me entrega um papel com três indicações de pediatras alergistas.

— Não precisa me chamar de senhora, Dr. Luciano, pode me chamar de Liza também. Elizabeth é muito grande. Obrigada pelas indicações, vou ficar atenta a isso.

— Não a de quê, Liza! Ah, e parabéns pela princesa, ela é linda. — Sorri, indo em direção a saída do quarto.

Fico olhando para Sofia, desligando-me do mundo. Como eu pude ser tão desligada com ela?

— Além de todo mundo saber de sua vida, menos eu, você ainda flerta

com o pediatra na minha frente? — Diz Andrew no canto do quarto, assustando-me.

Com o tempo eu esqueci completamente da sua presença ali do meu lado, sentado na cadeira que tem na mesa. Seu olhar é feroz, parece que ele quer fazer muito mais, porém, está se controlando.

— Não quero falar disso agora, Andrew. — Abaixo a cabeça encarando a folha de papel em minhas mãos.

— E que horas você quer falar então? Sinceramente, já estou cansado de esperar. — Levanta e coloca suas mãos no bolso.

— Por que você não vai embora, então? Por que eu me lembro muito bem de eu tentar falar e você pedir para esperar — Digo com rispidez, encarando-o.

— Quase um mês que estamos juntos, e por que eu te pedi para esperar dois dias a culpa de ficar no escuro é minha?

Não preciso pensar muito para entender que ele tem razão. Fecho meus olhos, respirando fundo.

— Me desculpa! Eu vou falar, hoje ainda. Mas por favor, aqui não, Sofia está dormindo e hoje ela ficou o dia inteiro enjoadinha por causa dessa bendita vacina.

Vejo como ele respira fundo, passando as mãos no rosto em um claro sinal de seu nervosismo. Anda novamente para o canto do quarto e apoia as mãos na mesa. Uma lágrima solitária escorrega pelo meu rosto, indo pingar direto no chão, minha cabeça abaixada apoiada entre minhas mãos. Estou o perdendo.

— Vou ali tomar um café. Você está com fome?

Ergo meus olhos e o vejo preocupado comigo. Apenas nego com a cabeça e peço um café também. No meu estômago a essa hora não vai parar

nada de sólido.

Andrew se afasta de mim gradativamente, assim como eu me sinto sozinha. Desabo em lágrimas, estraguei tudo e agora não sei como vou concertar, por pura covardia.

Pego o telefone e ligo para meus pais, precisava pelo menos avisá-los que com a Sossô estava tudo bem, mas eu já não poderia dizer o mesmo pelo meu coração. E após alimentar o sentimento curioso da minha mãe sobre tudo que aconteceu, prometendo enfim, acorda-los na hora em que eu chegar, consigo desligar. Deitando minha cabeça na curva do bercinho, e deixando minhas lágrimas inundarem o local.



Pouco tempo depois, para meu espanto, Andrew voltou para o quarto com dois copos fumegantes de café nas mãos, pegou uma das cadeiras e sentou ao meu lado. Não dissemos nada um para o outro, dava para ouvir de longe nossas respirações se acelerando e nossos corações batendo descompassados.

Sofia ficou mais três horas em soroterapia. Saímos do hospital era mais de uma da manhã. Estava morta, meus olhos quase estavam pregando de tanto cansaço do dia. Sofia chegou em casa dormindo e continuou relaxada enquanto trocava sua fralda e sua roupinha para dormir. Em certo momento notei uma presença na porta, escorada no batente.

— Ela não acorda? — Perguntou com um sorriso tímido nos lábios.

Meus olhos instantaneamente brilharam.

— Ela não dormiu nada hoje, bem provável que agora só acorde amanhã depois das dez. — Admiro o corpinho rechonchudo da minha princesinha, toda linda. Passo a mão por sua perninha e já noto o inchaço diminuindo.

Saio do quarto pegando a babá eletrônica, colocando no bolso e fechando a porta, não quero que ela acorde. Peço um minuto para Andrew e vou ao quarto dos meus pais para avisá-los que eu cheguei, e que estaria no terraço.

Encontro com Andrew no mesmo lugar que o deixei, pego em sua mão, sentindo a eletricidade que corre entre nossos dois corpos, assim que subimos as escadas eu olho para o céu e o vejo todo estrelado, lindo. Sinto um puxão e rápido os lábios de Andrew estão nos meus, sua língua brincando com a minha, e sua mão em meu cabelo, forte o puxando.

Sinto urgência no seu beijo, não de saudade, apesar de saber que ele sentiu, mas algo ruim, uma angústia. Sinto-me mal por isso, prevejo uma despedida. Não quero.

— Pensei que estava com raiva de mim. — Digo nos separando, e rezando para ele entender meus motivos.

— Raiva? Não, não consigo sentir raiva de você, Elizabeth. Estou magoado. — Diz contraditório, parecendo travar uma batalha dentro de si.

— Preciso começar a falar, né? — Olho mais uma vez para o céu, sentindo meu peito expandido de amor, murchar um pouco para caber também a minha tamanha insegurança que sinto nesse momento.

— É, eu estou esperando.

— Você vai ficar comigo depois que eu disser tudo? — Pergunto, sentindo as lágrimas arderem meus olhos.

— Ei, só quero a verdade, Nega. Eu preciso saber que você confia em mim, como eu confio em você. — Sinto suas mãos em cada lado do meu rosto. — Me fala, foi o babaca do seu ex-namorado que te largou com uma filha, mãe solteira? Foi o Guilherme? Por isso que você ainda o ama? Não o esqueceu? — Diz com um só fôlego, assustado, seus olhos brilhando com um sentimento desconhecido.

O abraço e enterro minha cabeça em seu peito, seria muito mais simples.

— Seria fácil se fosse isso, Drew. — Digo com a minha voz amarga, em um sorriso irônico. — Posso te perguntar uma coisa? — Pergunto ainda com a cabeça enterrada em seu peito.

— Claro!

— O que você estava fazendo aqui? — Por mais que eu tenha que contar, eu quero saber.

— Não sabia que James era seu pai. — Alisa minhas costas. — Contratei uma empresa de arquitetura terceirizada, e o Carlos, meu engenheiro de produção, contratou seu pai. Até então, no jantar de quarta, eu não tinha visto ele. Mas o projeto da arquiteta, como te falei, ficou horrível. — Beija o alto da minha cabeça. — Não tive outra solução a não ser dispensá-los. Foi aí que seu pai disse que além da reforma, poderia me apresentar um projeto, a nora dele estava em ascensão, e esperava por uma oportunidade. — Pensou um pouco, afastou-me de seus braços minimamente, encarando meu rosto. — De uma forma ou de outra, é a sua cunhada a arquiteta. — Levanto minhas sobrancelhas, surpresa. É verdade! Não tinha pensado nisso. — Enfim, nós deixamos uma data indefinida para reunião, e quando foi hoje, estava vindo te pegar, e você desmarcou, James veio em minha cabeça. Assim, liguei para ele e perguntei se poderíamos nos encontrar, foi então que notei que era muito perto da sua casa, mas ainda assim, não liguei, era outra rua. — Respira fundo e levanta meu queixo com sua mão. — Então?

Ficamos respirando um o ar do outro por um longo tempo. Me sinto bem em saber que ele não está me afastando, passado a sua raiva ele continua o mesmo.

Depois de respirar fundo várias vezes e pedir a Deus que me abençoe, eu começo olhando em seus olhos e passo para sua boca. Dou um beijo apaixonado, que quer dizer tudo que eu ainda não consigo falar. Nos afastamos e ficamos escorados no muro de contenção.

— Vou dizer tudo. Mas por favor, me deixe falar. É difícil colocar isso para fora ainda. — Andrew apenas afirma com a cabeça, fungo e limpo as lágrimas do meu rosto. Respiro fundo tomando coragem para dizer. — Sofia é filha de uma prima minha, a Luíza, com um outro primo, o Diego. Luíza veio para a minha casa ainda éramos adolescentes, ela foi vítima de maus tratos por seu padrasto, nós duas fomos, para falar verdade, e minha tia, a mãe dela, era conivente. Todas férias, depois que eu fiquei sabendo que tio Clóvis batia nela, eu lutava para ir para lá, quando ela não vinha pra cá. Eu achava que por eu estar ao seu lado, ele diminuiria as surras, e isso durou por um tempo, sentia-me orgulhosa por estar ajudando quem eu amava, mas foi engano, depois ele continuou, e aumentou ainda mais, passando para mim também. — O vejo respirar fundo e suas mãos fecharem em punho.

— Mas, por que vocês não falaram nada para o seu pai, Nega? Meu Deus! Você falou e ele não acreditou, é isso? — Diz impaciente, passando novamente a mão no rosto.

— Não, Drew, tio Clóvis nos ameaçava, dizia que eles nunca acreditariam em nós, doía muito. Meu Deus! Nós éramos apenas uma criança. Eu o via torturando a Luíza, ela era como se fosse uma irmã para mim, Drew, e eu não podia fazer nada. — Respiro fundo, e mais uma vez tomo coragem para dizer. — Quando sofremos uma queda de moto com tio Clóvis a pilotando, papai viu e percebeu o que queríamos esconder, as surras.

— Então é isso? — Diz passando as mãos em minhas costelas, na minha cicatriz. Aceno em concordância com a cabeça. — Como foi isso?

— Eu disse que queria ir embora, ele negou, então eu liguei para o meu pai e disse que queria ir embora, e queria que Luíza fosse conosco. Não sei o que meu pai fez, só me lembro de Tio Clóvis nos colocando em cima da moto, disse para segurarmos, mas..., mas... — Não consigo falar, tão pouco respirar direito. Puxo o ar pelo nariz, soltando-o pela boca, sentido o peito apertado. Lembrar disso dói demais! — Quebrei três costelas, e o maxilar. — Continuo. Levanto a cabeça, mostrando para ele a cicatriz da cirurgia. — Foi coisa pequena, comparado com o acidente, ele levantou a parte da frente da

moto, comigo e Luíza, os dois e a moto caíram em cima de mim, graças a Deus uma cirurgia só bastava para concertar, Luíza só teve escoriações e uma queimadura na perna pelo cano de descarga da moto.

— Por isso seu medo todo por motos? — Afirmo com a cabeça — Nossa, eu sou um idiota. Me perdoe, Nega! — Abraça-me e eu aproveito para sentir o seu calor, que me traz conforto e segurança.

— Depois disso, papai me proibiu de ir lá na casa da tia Rosane e do tio Clóvis, e lutou com unhas e dentes para conseguir a guarda da Luíza, afinal de contas, além das escoriações, ela estava com evidentes hematomas no corpo. Demorou, Luíza ficou durante um tempo por conta do Estado, mas enfim meu pai e minha mãe conseguiram. Por muito tempo Tio Clóvis nos cercava na rua, ficávamos morrendo de medo e meu pai novamente intercedeu querendo uma liminar que não permitiria que ele chegasse perto de nós duas novamente. E mais do que isso, ofereceu dinheiro, depois de tudo, Drew, só com dinheiro ele nos deu paz, foi embora das nossas vidas e sumiu com tia Rosane pelo mundo.

— E aonde ele está agora? — Pergunta alisando minhas costas.

— Não sei, ele realmente sumiu.

Ficamos em um silêncio pacificador.

— Depois disso parece que tudo se normalizou. — Respiro, parecendo sentir o alívio que eu realmente senti naquela época. No entanto, meu peito se aperta, mesmo com todos os abusos, perder Luíza é a pior parte. — Quando eu fiz dezoito anos, eu, Lu e Di compramos uma casa e fomos morar juntos, nós três. Quer coisa melhor do que três jovens despreocupados e com liberdade? — Dei um sorriso amargo pela lembrança da nossa felicidade. — Então, Lu engravidou, ficamos realmente eufóricos, eu ia ser madrinha e iríamos paparicar demais a nossa pequena. Fizemos o chá de bebe, foi aqui em casa, todo mundo veio, os pais do Diego não se aguentavam de alegria, iriam ser avós, e meus pais por fim se conformaram, não aceitaram muito bem no início por que ela não tinha casado ainda, mas ficaram animados com a ideia de que seriam avós também. Mas, quando a Luíza estava de sete

meses foi que começou o terror, a pressão dela não era baixa, mas até então, nada preocupante. Eles receberam uma ligação dizendo que o avô materno do Di estava morrendo e não teria nada a ser feito, eles foram correndo para lá, e na volta, uma semana depois, estava todo mundo com a cabeça quente pelo falecimento do avô do Di, quando aconteceu o acidente.

Andrew para de respirar e seus carinhos nas minhas costas, diminuem.

— Se você quiser, Nega, não precisa continuar.

— Não, eu quero, nunca falei disso assim tão abertamente para ninguém. — Respiro fundo. — Meus tios e o Diego morreram na hora, tia Cléia estava sem o cinto e voou para fora do carro, uma carreta desgovernada bateu do lado do motorista, acertando em cheio Tio Amilton e o Di. Luíza ficou desacordada e amassada pelo corpo do Diego por cima dela. Depois que ela acordou não se lembrava de nada, só quando ouviu o baque. O que foi bom, ela não podia sofrer traumas maiores, e nem fortes emoções, sua pressão tinha aumentado consideravelmente e sua bolsa estava rompida pelo impacto, estávamos tomando todo e qualquer tipo de cuidado para não infeccionar e o bebê permanecer mais tempo em seu útero, saudável, mas foi em vão. Uma semana e meia depois do acidente começou a vir as febres altíssimas que não tinham fim. Ficamos desesperados, tentando de todo jeito não passar para ela o nosso nervosismo, ainda mais que ela ainda não sabia do falecimento dos outros. Evitávamos que ela visse jornais, novelas e afins. Ela sempre em seu momento de delírio, provocado pela febre, pedia para ver Diego, mas depois que passava, ela parecia se dar conta de que ele não viria ao seu socorro. Nunca tinha visto Luíza daquele jeito, e nunca esquecerei, ela pegava em minha mão pedindo pelo amor de Deus para não abandonar Sofia, não deixar que ela tivesse outra mãe se não eu. — Começo a soluçar, as lágrimas caindo fortes em meu rosto. Consigo escutar os gemidos que dou, e é como se estivesse acontecendo tudo novamente. Andrew me abraça, mas não diz nada, apenas me apertando em seus braços é o suficiente e ele parece se dar conta disso. — Foi assim durante uma semana — Continuo engolindo a tristeza. — Seu útero estava infeccionado, e Luíza estava entrando em choque. Nesse dia, em meio às alucinações provocadas pela febre, ela deu um surto, sua pressão subiu mais do que devia, fazendo-a entrar em trabalho de

parto prematuro, com a bolsa rompida e inflamada. — Limpo as lágrimas que descem descontroladamente pelo meu rosto. — Fizemos a cesariana de alto risco, eu assisti a tudo do lado dela. Era para ser o Diego ali, vendo a filha dele nascendo, a minha afilhada, não minha filha, Drew. — Separo-me do seu peito e apoio minhas mãos no muro de contenção do terraço.

Suas mãos continuam incansavelmente em minhas costas, fazendo leves carícias. Viro meu corpo para junto do seu e fico o admirando pela minha visão embaçada, seu rosto lindo, o vinco na testa protuberante dizendo-me que ele está chateado.

— Depois da cesariana, ela entrou em coma por sepse, viu a Sofia por um minuto. A filha dela, não teve a chance de ver e tocar direito por que ela foi direto para UTI Neo natal. Fiquei com ela até não ter nenhuma esperança mais, seu corpo estava todo tomado por uma infecção generalizada, nem os pontos da cesariana ele aceitava. Dois dias depois do parto ela teve falência múltipla dos órgãos.

— E por que é você quem está com a Sofia, e não seus pais? Não sei, eles são casados, como você disse, sua família é estruturada, é muita responsabilidade para você que ainda é solteira.

A palavra “solteira” cai em mim como um chumbo.

— Não estou com você para procurar um homem para casar e ser pai da Sofia, Andrew. — Digo magoada, olhando em seus olhos azuis em contraste com o escuro da noite.

— Não disse isso, Nega.

— Sim, eu sei, me desculpa. — Andrew assente, apertando seus lábios juntos. — No dia da sua morte, Marco me deu uma carta, escrita por ele, ditada por Luíza. Até então eu não sabia do que se tratava e muito menos da sua existência. No mesmo dia, sem saber o que fazer, olhando Sofia na incubadora, respirando por ajuda de aparelhos, eu li a carta, e nela estava pedindo para que eu cuidasse e desse meu nome para ela. Luíza queria que Sofia tivesse uma mãe de verdade e não simplesmente uma tutora. — Digo,

lembrando do pequeno pedaço de papel que há poucos dias tinha relido, ocultando a parte do pai. — Meus pais me apoiaram, desde o princípio, e voltei para casa. Tive a ajuda da minha mãe em tudo, ela que fica com Sofia para eu trabalhar, e daqui uns dias estudar também.

Lembrar disso tudo, e ainda por cima, colocar para fora é difícil.

— Mas, ela se parece muito com você, como pode? — Pergunta, incrédulo.

— Sim, tia Rosane e minha mãe são gêmeas, eu e Luíza nos parecemos muito, Giovana que parece com meu pai. — Sorrio ao ouvir mais uma vez que Sofia se parece comigo. — Não pude entregar a Sofia para ninguém, foi o último pedido da Luíza, eu sei que ela confiava em mim para isso, e não podia e não posso decepcioná-la. Você entende?

— Entendo e te admiro ainda mais. — Limpa minhas lágrimas com o polegar. — Mas você poderia ter me contado, seria muito mais fácil te entender.

— Eu fiquei com medo, Andrew. Primeiro eu não queria envolvê-lo com Sofia para depois você ir embora, depois... bem, depois eu quis contar e tive medo de te perder, por que você estava me fazendo florescer para a vida novamente. Então, eu tentei na quinta e você nunca escutava. Era difícil. — Andrew não diz nada, apenas beija levemente meus lábios, secando minhas lágrimas. — Você não vai acabar tudo comigo pela mentira?

— Meu Deus, Elizabeth, você não tem noção do quão importante é em minha vida, né?

— Me faça sentir isso. — Peço, e é quase uma súplica. — Eu tive tanto medo, Andrew... faça-me esquecer disso tudo. Quando estou com você parece que tudo fica perfeito.

Como uma súplica muito bem atendida, sua mão viaja por minha cintura e sua boca sai tascando beijos e mordidas por toda a extensão do meu rosto. Enlaço minhas pernas em sua cintura e o beijo com força, apagando da

minha mente os episódios que acabei de relatar. O ruim mesmo foi lembrar do que deixei nas entrelinhas, o que não foi totalmente revelado.

— Não faz assim, Liz. Eu sou louco por você, mas se eu fizesse isso, seria como te usar. — Sua voz sai abafada pela pele em meu pescoço.

— Não importa, Drew, eu só quero que você apague isso, pelo menos um pouquinho.

— Para mim importa. Merda, Liz! Eu não quero te ver assim. — Segura meu cabelo e me faz olhar em seus olhos.

— Então me faça mais uma vez sua. — Sinto uma necessidade imensa de saber que sou desejada por ele, que apesar de tudo, mesmo que ele não saiba a pior parte, confia em mim para me tomar para si, e principalmente não sente o asco, que eu mesma, sinto de mim toda vez que me olho no espelho e lembro-me de Clóvis. Chego com minha boca perto de seus lábios. — Por favor!

— Estou sem camisinha. — Diz depois de momentos em silêncios.

— Que homem desprevenido — Sorrio, tentando em vão, tirar meus problemas da cabeça.

— Não costumo andar de camisinhas onde sei que minha namorada não está, ou não deveria estar.

Andrew me beija, é calmo. Eu gosto, apesar de querer a turbulência que me faz ficar sedenta apenas pelo desejo que sinto, mas esse beijo é a prova de que sou importante para ele, me sinto acalentada, um pouco aliviada.

Entrelaço meus dedos em seus cachos, acima de sua nuca, suspirando.

Andrew se afasta, sorrindo.

— Você tem camisinha? — Pergunta

— Não. — Digo com ar inocente, fingindo estar magoada.

Andrew bufa de irritação e para, ficando estático.

— Você não precisa que eu transe com você para saber que é importante para mim, Liz.

Eu sabia disso, ainda sim, eu queria esquecer de tudo.

— Não tem problema.

— Como não? Você há pouco tempo di... — O interrompo com um beijo.

— Já passou. Agora quero seu pau dentro de mim me fazendo gozar, forte e duro.

— Caralho, Liz, você me tenta e atormenta com esse jeitinho falso inocente.

Com um rosnado ele libera, como mágica, sua ereção, deixando-me com água na boca. Coloca-me no chão só para tirar meu short e puxar a minha calcinha para o lado, penetra-me depois, sem preliminares.

— Porra, olha o que você faz comigo! Não está preparada ainda. — Fica quieto dentro de mim. — Nossa, eu amo a sua boceta.

Tampo sua boca, fazendo ele me olhar confuso.

— Meu pai, vamos ter... — Andrew começa a fazer leves movimentos de vai e vem, ainda me encarando. — Oh, meu Deus! Assim, Drew!

Então eu não me lembro de mais nada, respiro, cheia de desejo, o corpo como geleia colada ao Andrew. E é tão bom tudo isso, como se fosse um botão que liga e desliga as péssimas lembranças em questão de segundos.

Não seria pedir demais ter Sofia e Andrew na minha vida, seria?



Olho para o céu escuro e estrelado, perguntando-me se Luíza ficaria magoada caso eu soltasse todo nosso passado como uma bomba, ou se essa parte poderia repercutir em Sofia algum dia. Suspiro, aliviada e apreensiva por ainda manter tantos segredos para mim.

— Nega, você está bem? — Andrew pergunta, afastando meu cabelo do rosto.

Seus olhos estão cerrados, encarando-me em expectativa.

— Hum?

— Você está bem?

Sorrio, pouco confortável. É sempre difícil quando me deparo de frente para as drogas que aconteceram em nossas vidas, até esquecer e manter isso debaixo do tapete novamente, é demorado.

— Sim, estou! Você me deixou muito bem, Sr. Andrew Nunes. — Aliso seu pescoço, sedutora. Andrew continua sério, encarando-me, avaliando todo o meu rosto. — O que foi?

— Você! — Responde simples e direto, o tom de voz baixo. — Tem alguma coisa e não me fala, não se abre.

— Do que você está falando? Claro que eu me abri.

— Não, você não contou tudo, Liz e agora está toda avoada, não ouviu nada do que eu disse na última meia hora.

— Claro que escutei, você estava falando da foto que viu da Nathalia no *facebook*.

Andrew me olha confuso, o cenho franzido.

— Não, estava falando do aniversário da minha mãe, logo depois do carnaval. — Engulo em seco, pressentindo algo ruim. — Me fala, o que está acontecendo?

— Não tem nada. — Falo nervosa, minhas mãos inquietas.

— Não minta, por favor! Não depois de tudo que aconteceu.

Sinto as lágrimas arderem meus olhos.

— Andrew, não... — Meu rosto se molha com as lágrimas, mas dessa vez, Andrew não as enxuga, só fica me encarando, sério.

— Liz... — Adverte.

Eu não consigo mentir, não aguento mais toda essa pressão dentro de mim mais.

— Tá, digamos que tenha algo, e que eu não possa contar... — respiro, ofegante. — que o assunto não seja só meu. É pecado esconder, querer esquecer?

— O que você fez? — Suas mãos fechadas em punho alertam-me que não estamos mais no clima descontraído. Ou que ele não está mais, eu não consegui me livrar das lembranças até agora.

Apenas nego com a cabeça, frisando mais uma vez que não posso falar. Mordo meu lábio para valer.

— Você não vai falar? É isso? — Pergunta com a voz afetada. Afirmo com a cabeça e abaixo a cabeça. — Você vai deixar o seu passado, seja o que for, nos interferir assim? Elizabeth, não tem como construir um relacionamento com base nas mentiras.

— Não é mentira. — Balanço minha cabeça. — Não sou eu que estou deixando, você que não confia em mim para entender o que não posso falar. Eu não estou mentindo para você. — Digo aos prantos.

— Como eu confiaria em você, se o que peço, você não me dá? Você me disse um dia que não queria chifres, se referia a traição, mas sou eu quem está no escuro, isso é traição. — Pega-me pelos ombros e me faz encara-lo. — Não tenho lados obscuros escondidos, Elizabeth. Eu não quero isso entre a gente, por favor não me faça ir embora por falta de confiança, não me afaste de você assim.

.
— *Pelo amor de Deus, Liza, promete que só contará alguma coisa se algum dia a Sofia estiver ameaçada. Eu não quero que ela pense em mim assim. — Luíza passa a mão na grande barriga. — Clóvis fez coisa demais comigo, Liza. Eu amo demais a minha filha, e não queria ela envolvida nisso. Então, por favor, promete para mim, não conte para ninguém.*

— *Eu prometo, Lu!*

— Drew, por favor... não. — Digo mais uma vez sentindo a horrível sensação de estar o perdendo — Eu não posso contar.

Vejo ele respirar fundo várias vezes, abrir e fechar a boca sem som nenhum para articular as palavras.

— Eu não posso ficar aqui, assim. — Murmura mais para si, do que para mim. Passa a mão no rosto e me fuzila com o olhar. — Você vai acabar com a minha sanidade mental. — esbraveja falando um pouco mais alto, me assustando.

Passa por mim, caminhando com passos decididos para baixo, indo de encontro ao portão. Corro para alcança-lo.

— Andrew, por favor, me entenda. — Ando mais rápido, o ultrapassando e ficando de frente para ele. — Por favor! Muita coisa viria com isso, já passou. Deixa pra lá, pelo amor de Deus!

Não consigo enxergar muito, só quando ele para e pega-me pelos pulsos, puxando-me para si e me abraçando forte é que eu entendo, isso não é uma reconciliação, é uma despedida. Quando ele se afasta de mim vejo seus olhos lacrimejarem.

— Não consigo, Elizabeth. Você tem que confiar em mim como eu confio em você. Eu quero saber de cada detalhe seu. Eu quero que sejamos um. Preciso te conhecer por inteira, Nega — Cola sua testa a minha.

— Isso não é uma parte de mim... — Sussurro, sabendo que o que falo é mentira. O que Clóvis fez é uma parte de mim, mesmo contra a minha vontade, e é um pedaço maior do que eu gostaria de contar.

— É sim... — Fala, a voz fraca.

— Não, Drew... — O encaro, as lágrimas ensopando os meus olhos, Andrew começa a se afastar e eu o seguro pelo pulso, forte. — E se eu prometer que vou te contar, só me dê um tempo. — O abraço forte, sentindo todos seus músculos. É uma atitude desesperada, eu nunca teria coragem de contar uma coisa dessas. Ainda mais sabendo que Andrew colocaria o mundo de cabeça para baixo a fim de procurar por Clóvis, e eu preciso proteger Sofia.

Afastamo-nos e eu vejo quando ele começa a balançar a cabeça em concordância, um sinal de esperança queima dentro de mim. Mas esse mesmo fio se parte ao meio com suas próximas palavras:

— Espero que você entenda e confia em mim, — Respira fundo. Seu olhar para baixo, parecendo admirar agora seus sapatos. — Te dou um tempo, mas eu também preciso de um. É muita coisa para um dia e... eu não consigo! — Sua voz está magoada, aflita.

É o fim.

— Você disse que era incapaz de me deixar. — Tento uma última vez.

— E eu sou, Liz. Eu te quero mais que tudo na minha vida, mas eu não

estou sabendo respeitar o seu momento agora, e eu preciso ser maduro para isso, para você.

Afasta-se completamente do meu corpo, ainda virado para mim, dá passos grandes, antes de se virar e eu perder a sua imagem.

A vida tem horas que é engraçada, parece uma comédia, um show no picadeiro para nos sentirmos felizes enquanto estamos vestidos de palhaços. Mas, quando o show acaba, o picadeiro fica vazio e tiramos a pintura do rosto, vemos que o sorriso e as gargalhadas, são só para esconder a tristeza e o trauma. E que por trás disso tudo, da roupa, maquiagem e palhaçada, existe um ser humano, que se esconde por trás de máscaras. Fazendo os outros sorrirem, enquanto apodrecem por dentro.

Essa sou eu, só não sabia que a omissão poderia me custar mais que a sinceridade. Essa que me corrói e me envergonha, ao mesmo tempo não me fazendo arrepender, por estar ao lado de uma pessoa que eu amava, lutando por ela. Eu só não sabia que anos depois isso arruinaria com a única chance que eu tinha de viver meu grande amor.

Continua...

Agradecimentos

Já dizia Augusto Cury, se quiser sobreviver e ser feliz, você precisa treinar, trabalhar e viver em equipe.

Relendo essa história, eu me lembro de cada pessoa que passou por ela e as várias memórias que esses seres humanos me proporcionaram.

A minha palavra hoje é gratidão, e esse sentimento é tão bom! Maravilhoso saber que Deus une vidas e propósitos, aproximando-nos de pessoas sensacionais.

Não irei me prolongar muito, pois ainda temos muito mais de #DrewLiz pela frente. No entanto, preciso ressaltar algumas pessoas especiais que não desistiram de mim ao longo dessa jornada. Primeiramente ao meu marido, André, o primeiro a saber desse casal, a pessoa que sempre acreditou em mim, impulsionando-me sempre. À minha sogra, Luzia, por ser minha parceira de leitura e a minha leitora que mais me cobra, incentivando-me sempre mais. A minha mãe, meu irmão e cunhada, por terem a língua grande, espalhando com orgulho, fazendo com que toda a família soubesse que sim, eu escrevi um livro.

Agradeço as meninas do meu grupo de WhatsApp por cada risada e divertimento. E claro, um agradecimento mais que especial as minhas Betas, Flavinha, Marcinha, Kalline e Thaianá. Meninas, muito obrigada, vocês foram extremamente essenciais nessa jornada, não consigo mensurar o tanto que sou agradecida a vocês. Ressalto o excelente trabalho que Flavinha teve ao diagramar esse livro, e toda sua paciência e disponibilidade.

Por fim, agradeço a Dijeane Andrade, uma escritora maravilhosa que me presenteou com essa capa linda e cativante.

Índice

Sinopse	6
Prólogo	7
Capítulo 1	14
Capítulo 2	23
Capítulo 3	32
Capítulo 4	41
Capítulo 5	55
Capítulo 6	63
Capítulo 7	72
Capítulo 8	84
Capítulo 9	94
Capítulo 10	107
Capítulo 11	117
Capítulo 12	129
Capítulo 13	142
Capítulo 14	153
Capítulo 15	168
Capítulo 16	183
Capítulo 17	199
Capítulo 18	209
Capítulo 19	221
Capítulo 20	232
Capítulo 21	250
Capítulo 22	259
Capítulo 23	268

Capítulo 24	282
Capítulo 25	302
Capítulo 26	326
Capítulo 27	337
Capítulo 28	352
Capítulo 29	364
Capítulo 30	374
Capítulo 31	387
Capítulo 32	397
Capítulo 33	415
Capítulo 34	424
Capítulo 35	433
Capítulo 36	450
Capítulo 37	472
Agradecimientos	494